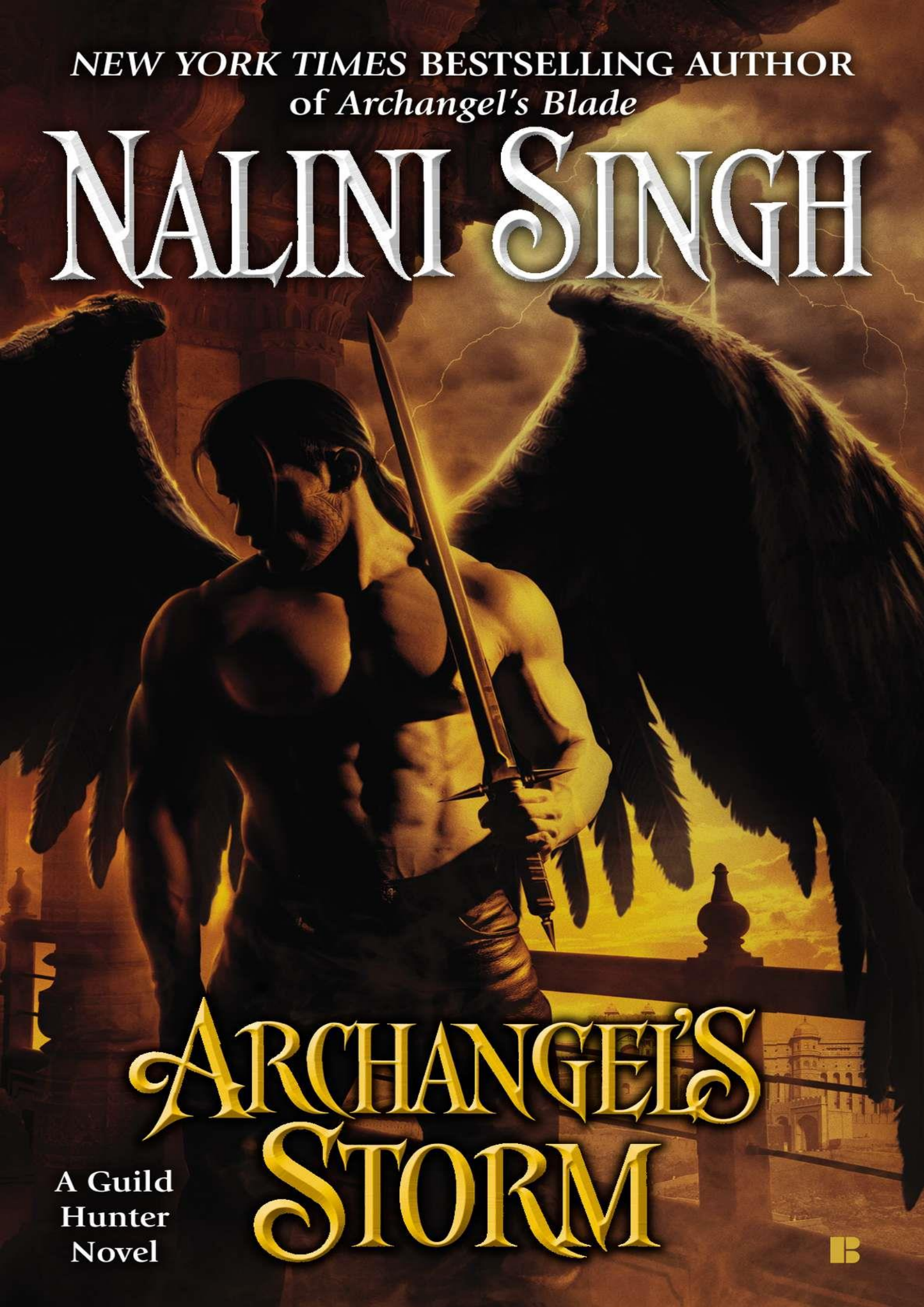


NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
of *Archangel's Blade*

NALINI SINGH



ARCHANGEL'S STORM

A Guild
Hunter
Novel





SILÊNCIO

Jason não sabia quanto tempo ele tinha estado se escondendo no lugar escuro no chão onde sua mãe o tinha colocado, dizendo-lhe para fazer “silêncio”. Ele tinha esperado tanto tempo, não tinha nem se arrastado para fora quando seu estômago doeu com fome, mas ela não tinha retornado como ela tinha prometido, e as asas dele estavam apertadas e doendo do espaço pequeno, seu rosto molhado com lágrimas.

Ela sabia que ele odiava o escuro. Por que ela o colocou no escuro?

A umidade pegajosa que havia pingado através do assoalho o cobriu, o gosto disso grosso e maduro no ar. O cheiro o fez ficar enjoado, e ele sabia que ele não poderia ficar aqui mais tempo, mesmo se sua mãe ficasse desapontada por sua desobediência. Esticando os membros rígidos tanto quanto ele era capaz neste espaço confinado, suas asas ainda espremidas, ele empurrou para cima o alçapão, mas isso não se movia.

Ele não chorou, tinha aprendido a nunca chorar.

— Você não deve fazer nenhum som, Jason. Prometa-me.

Cravando seus pés na terra, ele empurrou e empurrou e empurrou até que uma pequena fresta de luz pouco nítida apareceu na borda da porta, o tapete, tecido à mão, fino o suficiente para não apagar a luz do sol. O que quer que estivesse bloqueando o alçapão era pesado, mas ele foi capaz de enfiar seus dedos sob o bordo da porta e tocar o tapete, que ele tinha ajudado sua mãe a tecer depois que eles tinham coletado as folhas dos arbustos de linho. Parecia áspero contra os nós dos dedos enquanto

empurrava a mão até o pulso, e o alçapão machucou quando caiu naquele pulso, mas ele sabia que seus ossos não quebrariam—sua mãe tinha dito que ele era um forte imortal, que ele já tinha crescido mais em seu poder do que ela tinha em seu centésimo aniversário.

— Tão forte, meu menino. O melhor de nós dois.

Ele não sabia quanto tempo levou para calçar a outra mão sob o bordo do alçapão, para torcer seu corpo em torno do buraco, a pele raspando seus pulsos, até que ele estava segurando a borda e empurrando-a para cima. Ele só sabia que não parou até que ele empurrou com força suficiente para deslizar fora o bloqueio, o tapete deslizando para longe com aquilo. A porta abriu com um baque surdo, como se ela tivesse pousado em alguma coisa macia. Peito arfante e braços doloridos, ele teve que esperar para tentar sair, e mesmo assim, suas mãos escorregaram, lisas com o sangue dos seus pulsos rasgados.

Esfregando elas em suas calças, ele agarrou a borda novamente... e a luz do sol da janela do teto bateu em suas mãos.

Ele congelou, lembrando-se do escuro e viscoso líquido que tinha pingado sobre ele enquanto estava preso no buraco. Encrustado, seco e esquisito, isso tinha se transformado em um tipo de ferrugem em sua pele. Apenas ferrugem, ele tentou pensar, apenas ferrugem, mas ele não podia mais enganar a si mesmo como ele tinha no escuro. Era sangue que cobria suas mãos, seu cabelo, seu rosto, escurecendo o negro de suas asas. Era sangue que tinha atravessado o tapete e as ripas de madeira abaixo, para o especial buraco/esconderijo que sua mãe tinha feito para ele. Era sangue

que entupiu suas narinas com ferro enquanto ele engasgava com respiração irregular.

Era sangue que tinha derramado como água após os gritos ficarem quietos.

— Não importa o que você ouvir, você não deve fazer nenhum barulho. Prometa-me, Jason. Prometa!

Tremendo, ele forçou a si mesmo a parar de olhar para a ferrugem que não era ferrugem, e puxou-se para fora do buraco, fechando o alçapão com mãos cuidadosas—e olhos desviados—pois assim não faria nenhum barulho. E então ele parou encarando a parede. Ele não queria virar e ver o que estava deitado no outro lado, o que ele tinha empurrado de cima do alçapão. Mas a parede estava salpicada com a ferrugem que não era ferrugem, também. Pequenos pedaços disso tinham começado a descamar, cozidos pelo calor do sol entrando pela janela do teto.

Com o estômago torcido e seu coração como um caroço, ele afastou o olhar da parede para o chão, mas ele estava manchado de marrom claro, seus pés tendo feito pequenas marcas na madeira polida. A sujeira dentro do buraco não tinha sido molhada. Não até depois.

Depois dos gritos ficarem quietos.

Ele fechou os olhos, mas ele podia ainda cheirar a ferrugem que não era ferrugem.

E ele sabia que ele tinha que se virar.

Tinha que ver.

CAPÍTULO UM

Parado na grama verde de veludo ainda brilhando com orvalho, Jason viu Dmitri colocando as mãos no rosto da caçadora, que ele tinha acabado de fazer sua esposa, a luz do sol do amanhecer beijando a pele dela, iluminando os olhos que viam apenas o homem na frente dela.

Os terrenos da casa do arcanjo Raphael, Jason pensou, o Hudson correndo passando além das falésias e uma massa de rosas perfumadas em plena floração escalando as paredes da própria casa, tinham visto passar séculos, mas uma cena como essa, eles nunca tinham testemunhado e talvez nunca o fariam novamente. Uma cena em que um dos vampiros mais poderosos do mundo levou uma caçadora da Associação como sua noiva.

Essa Honor amava Dmitri sem dúvida. Não precisava ser um espião para ler a alegria incandescente em cada respiração, sua pele radiante com isso. O que surpreendeu Jason foi a emoção potente que viu nos olhos de um vampiro que tinha sido uma lâmina impiedosa por todos os séculos que Jason o tinha conhecido.

Crueldade vinha facilmente para Dmitri, talvez com demasiada facilidade nos últimos tempos. O vampiro estava perto de um milhar de anos de idade e cansado com isso, o sangue e a morte já não são o suficiente para levá-lo a quebrar o passo, muito menos choque. Jason tinha visto Dmitri empunhar a cimitarra no campo de batalha para cortar

as cabeças dos invasores, glória no spray de seu sangue morrendo, e ele tinha visto Dmitri seduzir as mulheres com elegância sensual e um coração frio, simplesmente para se divertir.

No entanto, o homem que tocou Honor, que reivindicou os lábios em um beijo de posse, tinha um carinho, que era tão perigoso como era gentil. E Jason compreendeu que Dmitri seria uma arma brutal contra qualquer um que ousasse prejudicar a sua esposa, que a escuridão nele não tinha sido temperada, mas apenas amarrada.

— Ele não pode lidar com o Cadre se ele está amarrado, — Disse ele para a mulher que estava ao lado dele, uma caçadora com asas de meia-noite e de madrugada. Penas de um rico, seda azul fluíam a partir do preto puro na curva interna de suas asas, que seguiam em um índigo mais suave e as sombras efêmeras visíveis nos céus quando o dia clareava, antes de se tornar um brilhante ouro branco nas primárias.

Elena era a consorte de Raphael, e Raphael era soberano de Jason. Talvez fosse por isso que ele sentia um tipo inesperado de proximidade com ela. Ou pode ser porque ela era uma estranha na terra de imortais, em busca de um caminho que iria levá-la para os séculos vindouros, como ele já foi. Ou talvez tenha sido porque, sem o conhecimento de Elena, eles estavam ligados por um laço muito mais sombrio, um laço que falava das mães e de sangue.

Ferro líquido rico misturando em seu cabelo, encharcando sua túnica, pegajoso em seus braços.

Elena levantou a cabeça, a sacudiu, o surpreendente quase branco de seu cabelo preso para trás em um coque elegante, o corpo vestido com

um vestido simples até os tornozelos de um azul à sombra de um lago primitivo de alta montanha. Sua única ornamentação veio na forma dos pequenos aros de âmbar que ela sempre usava como um sinal externo de seu compromisso com Raphael. — Você não vê, Jason? — Ela disse enquanto os noivos quebraram um beijo que tinha mais do que um suspiro ondulando pelo ar fresco da manhã. — Ele é só esse Dmitri para Honor. — Ela se juntou aos aplausos e torcidas quando Honor e Dmitri se viraram para os convidados, simpatizantes avançando para felicitá-los.

Tendo falado com Dmitri antes da cerimônia, Jason esperou que a multidão diminuísse. Elena, também, ficou em seu lugar, dando aos outros a chance de falar com o casal recém-casado. Enquanto ele estava com Dmitri antes da cerimônia —ao lado de Raphael, Illium, e Venom— Elena tinha estado com Honor, o arcanjo e sua consorte tinham transformado a suíte em sua casa para a festa da noiva. Essa festa foi composta por caçadores, todos, certamente, com uma arma ou duas escondidas sob as roupas elegantes que usavam para o casamento.

Azul brilhou nas bordas de sua visão, e ele se virou para ver Illium abrir as asas para uma caçadora que havia pedido. Vestido com o mesmo preto formal usado pelo noivo, bem como Raphael e os outros dos Sete aqui hoje, ele tinha um sorriso coquete em seu rosto. O sorriso era real, tanto quanto foi, mas então, ele não foi longe. Jason tinha visto Illium amar até que seu coração se partiu, e ele vira o anjo chorar até que não havia luz nos olhos de ouro derretido.

— Eu entendo, — Disse a Elena, quando ela olhou para ele, lembrando mais uma vez da capacidade que outros tinham para infinitas

nuances de emoção. Jason tinha assistido os mortais e imortais por séculos, foi capaz de reconhecer até as mudanças mais sutis em seu equilíbrio emocional, pois nenhum homem poderia ser um espião sem essa capacidade. No entanto, por meio de todo esse tempo, ele nunca tinha sido capaz de sentir como eles faziam. Era como se a vida roçasse em toda a sua superfície, deixando seu coração e sua alma intacta.

“— Você é o espião perfeito. Um inteligente, talentoso fantasma não afetado por qualquer coisa que vê.”

Foi Lijuan que tinha dito essas palavras a ele, 400 anos atrás. O mais antigo dos arcanjos também lhe fez uma oferta —riquezas e mulheres treinadas em artes sensuais, homens, se isso era o que ele desejava— se ele mudasse a sua fidelidade, colocar-se a seu serviço. Exceto que Jason já tinha ganhado e criado riqueza suficiente para cem vidas imortais. Quanto ao outro, quando Jason queria uma mulher, ele tinha uma mulher. Ele não tinha necessidade que alguém atuasse como seu cafetão.

As asas de Elena brilhavam levemente sobre as suas, conforme ela esticou um pouco, e ele não se afastou para quebrar o contato fugaz. De muitas maneiras, ele era o oposto de Aodhan, o anjo tão quebrado que ele não poderia suportar o mais leve toque. Jason, por outro lado, às vezes só se sentia real e não o fantasma, como Lijuan tinha nomeado-lhe, se ele tinha a pressão da pele do outro, outra asa contra a sua própria. Era como se todos esses anos, *décadas*, quando não havia sentido o toque de outro ser sensível, havia criado uma sede por isso que nunca poderia ser amenizada.

Um bêbado por sensações, isso era o que ele poderia ter se tornado, mas, o efeito daqueles anos de dolorosa solidão infinita havia deixado com outras cicatrizes, cicatrizes que o levaram a abraçar as próprias sombras que ele odiava quando era criança, cicatrizes que significavam que dispensava a confiança com uma mão cuidadosa. Independentemente de sua necessidade, Jason tinha permitido muito poucas pessoas tocá-lo do lado de fora do quarto; o toque de um amigo era uma coisa muito diferente da carícia de uma amante tomada na calada da noite e deixada para trás quando amanhecia.

— Foi um casamento lindo, não foi? — Elena disse, seus olhos suaves na maneira como as mulheres muitas vezes estavam em tais coisas.

— Você quer um? — O casamento era pensado como uma coisa mortal, mas, como mostrou-se hoje, alguns imortais continuavam a abraçá-lo —Dmitri tinha sido muito insistente na cerimônia.

Risos chocados de Elena. — Raphael e eu nos casamos em cima dos destroços de Nova York, quando ele caiu comigo em seus braços.

Raphael também, pensou Jason, era um homem diferente com sua consorte, esta mulher mortal que se tornou um anjo. Tal anjo fraco em termos de poder, sua imortalidade uma chama bruxuleante, e ainda assim ela tinha uma força que falava com o sobrevivente nele. Então ele lhe ensinou como permanecer invisível no céu, olhou ela empurrar seu corpo ao extremo impiedoso, em um esforço para alcançar uma decolagem vertical, logo após ela se transformar, e ouvir ameaças à sua vida.

Elena era a maior fraqueza de Raphael.

Uma pequena risada, uma menina com olhos travessos correndo para Elena balançando as pernas, cachos de bronze preto, capturados nas laterais de sua cabeça com fitas de laranja verão. Sorrindo em delírio, Elena inclinou-se para pegar a criança nos braços. — Olá, Zoe, Deusa Guerreira em Treinamento. — Um beijo na bochecha gordinha, o vestido de Zoe uma confecção de rendas sobre o braço de Elena. — Você escapou da sua mãe?

Jason encontrou o olhar direto da criança quando ela balançou a cabeça, viu que ela segurava uma pena prata-afiada de um distinto azul com cuidado em um punho. A filha da Diretora da Associação olhou para as suas asas por um instante antes de sussurrar algo no ouvido de Elena. Jason ouviu o que ela disse, não entendendo nada disso, sua linguagem de crianças muito pequenas.

Claro que não na mesma desvantagem, Elena olhou para ele, os olhos cinza-prata brilhando de tanto rir. — A diabinha está cobiçando mais de suas penas para sua coleção, Jason. Eu teria cuidado. — Ela estava distraída um segundo mais tarde por um homem alto, com longos cabelos negros amarrados perfeitamente na nuca de seu pescoço, suas maçãs do rosto afiadas contra a pele de cobre e ouro.

Ransom Winterwolf.

Caçador.

Era estranho ver tantos da Associação no terreno da casa de Raphael. Localizado no Enclave Angel, do outro lado do rio a partir do vidro e metal reluzente de Manhattan, era sem dúvida elegante, mas Jason sabia que o Senhor tinha oferecido a Dmitri locais muito mais

impressionantes nos quais fazer Honor sua noiva. No entanto, o líder dos sete tinha sido inflexível.

— Amanhecer, — Ele disse quase três horas antes do nascer do sol.
— Casaremos-nos ao amanhecer.

Nessas três horas, Elena e a Diretora da Associação conseguiram alertar a todos os caçadores na área de Nova York, que não estavam em missão e estavam dentro da distância de viagem, enquanto Jason, Illium, e Venom ficaram pelo resto dos Sete. Naasir, Galen, e Aodhan tinham sido avisados, todos os três estiveram falando com Dmitri antes do casamento.

Unidos em sua lealdade para com Raphael, —e uns aos outros,— os Sete forjaram laços que eram inquebráveis, mas mesmo se tivesse havido mais tempo, era impossível para todos eles alguma vez estarem em um lugar ao mesmo tempo. Para manter o equilíbrio de poder no mundo, Raphael precisava manter uma presença no Refúgio e em Nova York, e agora, a cidade perdida de Amanat, que abriga a Anciã que era a mãe de Raphael.

Os três deles estando aqui para testemunhar o casamento de Dmitri, foi um presente inesperado. Havia outros convidados, é claro, o pessoal orgulhoso que correu para casa de Rafael, um número de homens e mulheres que trabalhavam diretamente sob Dmitri na Torre, e cuja lealdade pertencia tanto para o vampiro como para Raphael, dois policiais mortais que eram considerados parte da família da Associação. O homem bem respeitado que tinha oficializado a cerimônia pertencia a essa família, também, depois de ter dirigido a Associação antes de passar o manto.

O próprio Raphael estivera ao lado de Dmitri durante a cerimônia, a amizade entre os dois tão profunda e antiga, que o arcanjo havia desempenhado o papel de padrinho neste dia. Jason não sabia de qualquer outra dessas amizades entre aqueles que serviram o Cadre dos Dez, os arcanjos que governavam o mundo, mas ele sabia que esta tinha suportado séculos, através de raiva e guerra e até mesmo uma pequena deserção por Dmitri para o território de Neha. Isso não durou muito tempo, e agora os lábios de Dmitri curvaram em algo que Raphael disse.

Enquanto o vampiro estava vestido com um terno preto sobre preto nítido, a noiva usava um vestido de verde profundo, vibrante, que acariciava e abraçava suas curvas antes de ondular em uma cachoeira líquida para a grama carregada de orvalho, o tecido habilmente organizado no quadril esquerdo dela para dar a ilusão de ondas. Quando seu olhar pousou em Jason, ela sorriu e veio em sua direção, parando na fronteira do espaço invisível que o separava do mundo, com uma mão segurando o buquê de flores silvestres que Elena tinha criado usando as flores em sua estufa.

— Obrigada, — Ela disse, sua felicidade tão luminosa, que ofuscou os diamantes no pescoço, diamantes que Jason tinha visto Dmitri comprar como pedras brutas três séculos atrás.

Tinha levado o vampiro mais cem anos para obtê-los finamente cortados e colocados em um colar de rara beleza, até as pedras pareciam gotas de estrelas de fogo capturadas.

— A quem você dará este presente? — Jason perguntou na época.

A resposta de Dmitri tinha sido um toque sarcástico de sua boca, a dureza em seus olhos parecida com as pedras que ele segurava. — Uma mulher cujo espírito deslumbra mais brilhante do que as pedras.

O colar não tinha adornado nada além da pele cor mel do pescoço, que agora rodeava.

— Por esse sonho incrível de vestido, — Honor continuou, acariciando a mão para baixo do tecido. — Eu não sei como você achou tão cedo da manhã. Ele se encaixa como se ele fosse feito para mim.

— Agradecimentos não são necessários. — Tanto da vida que ele passou nos bastidores, — muitas vezes fora de escolha, às vezes, porque ele não sabia como fazer parte, — mas ele precisava ser uma parte deste dia, quando um homem que ele respeitava, e que estava tão perto de um amigo como ele era capaz de ter, reivindicou essa mulher para si próprio.

— Jason pode encontrar qualquer coisa, — Dmitri disse, caminhando para deslizar o braço em volta da cintura de Honor. — Os ventos falam com ele, lhe dizem para onde ir.

Honor riu, rouca e quente, e então ela estava sendo abraçada por Elena, as asas da caçadora iridescente na luz branca da manhã. Pisando um pouco para a direita, Jason encontrou o olhar de Dmitri. O vampiro deu de ombros, as palavras não ditas, mas não desconhecidas.

Ninguém nunca vai acreditar.

Não, pensou Jason, ninguém o faria. Mesmo quando ele pensou que era louco quando ele era um menino à beira da idade adulta. Tinha passado lendo os livros de história de Jessamy uma vez que ele chegou ao reduto angelical que era o Refúgio para entender que ele tinha herdado o

"ouvido" de sua mãe, a sua capacidade de sentir as coisas acontecendo a centenas de quilômetros de distância, através de oceanos e além das montanhas. Era como ela sempre tinha histórias para contar-lhe sobre as pessoas no Refúgio, embora eles vivessem em um atol isolado cercado pelo azul cintilante do Pacífico.

“Eu vou escrever esta história para você, Jason. Você deve praticar sua leitura.”

Ele tinha. Mais e mais, até que o pergaminho se desintegrou, ele tinha lido essas histórias e os outros livros da casa. Então ele copiou as palavras em madeira, em linho, na areia, forçando-se a lembrar que ele era uma pessoa, que ele deve saber ler. Tinha funcionado... por um tempo.

— Estou feliz por você, Dmitri, — Disse ele, agora, permitindo que os fantasmas do passado fossem para o fundo. — Este é o meu presente para você e sua noiva.

Conforme Dmitri olhou para o pequeno cartão que Jason passou-lhe, a madrinha de Honor —uma caçadora de pernas longas que tinha presentes originais feitos por ela— veio se juntar a Elena e Honor, e as mulheres riram e começaram a falar ao mesmo tempo.

— Um lugar seguro, — Jason disse quando Dmitri olhou para cima após ler o endereço no cartão, o sol brilhando fora da banda simples de ouro que ele usava no dedo anelar da mão esquerda. — Onde ninguém vai encontrá-lo.

Compreensão sussurrou através das linhas sensuais do rosto de Dmitri. Movendo-se a uma pequena distância das mulheres, ele disse: —

Eu não deveria estar surpreso com o que você sabe, e ainda assim estou.

— Ele deslizou o cartão fora. — Quão certo você está da segurança?

— A casa é minha, e ninguém a encontrou em 200 anos. — Escondida nas florestas densas de uma montanha de outra forma desabitada, só poderia ser alcançado através de uma rota muito específica que ele agora compartilhou com Dmitri, de mente para mente. *Mesmo a entrada aérea é impossível a menos que o anjo em questão saiba como encontrar uma determinada pequena clareira.* Ele deu a Dmitri as coordenadas. *Sem isso, graves prejuízos para as asas, como resultado do espesso dossel —e as salvaguardas escondidas dentro— é uma possibilidade real.*

Os olhos de Dmitri brilharam. *Bom.* Suas próximas palavras foram ditas em voz alta. — Eu não sabia que você tinha outra casa neste país.

— Eu não tenho. — Ele tinha casas que ele usava quando necessário, mas casa era um conceito que não tinha qualquer significado para ele, embora Dmitri provavelmente assumisse que ele considerava seu apartamento na Torre do Arcanjo de Nova York casa. — Vão estar seguros lá, e em privado. — A transformação de Honore de humano para vampiro levaria tempo, e enquanto Jason sabia Dmitri garantiria que ela navegasse em um sono profundo, a salvo de qualquer sofrimento, ele também sabia que o outro o homem não iria deixá-la de lado durante o processo. — Não há necessidade de ter uma unidade de guarda.

— Eu não confiaria nessas palavras se viessem da boca de ninguém, além da sua, — Dmitri disse, com o rosto inclinado em direção a

Honor. — Eu não sei quando vamos usar o seu presente. Eu tenho a promessa dela... mas eu não vou apressá-la sobre isso.

— Você quer.

— Sim. — Crueldade nua e crua. — Mas você vê, Jason, parece que tenho uma fraqueza fatal quando se trata de Honor, mesmo que ela mudasse de idéia e decidisse permanecer mortal, eu não posso forçá-la e ainda viver comigo mesmo.

Jason não disse nada enquanto Dmitri caminhou de volta para sua esposa, que olhou para cima para oferecer-lhe um sorriso que Jason já a tinha visto compartilhar com nenhum outro. Seus amigos se afastaram para dar ao marido e mulher um momento de privacidade, mas todos continuaram a ficar no verde luxuriante do gramado, o canto dos pássaros um acompanhamento delicado para o murmúrio de conversa. Champanhe foi tomado, saudações trocadas, amizades renovadas no brilho da alegria que saía de Honor e Dmitri.

Ao contrário dos outros, Jason se sentiu exposto aqui na luz do sol, o preto descoberto de suas asas um alvo, mas ele não cedeu à compulsão para voar acima da camada de nuvens, onde ninguém podia vê-lo. Um minuto depois, quando os ventos começaram a sussurrar, ele ouviu.

Uma única palavra. Um nome.

Eris.

O único Eris significativo que Jason conhecia era o marido de Neha, a arcanjo de três mil anos de idade, o único membro do Cadre, que tinha escolhido seguir a cerimônia mortal de união. Eris também era seu

consorte, porém ele não tinha sido visto em público há cerca de trezentos anos. Muitos acreditavam estar morto, no entanto, Jason sabia que o homem vivia, preso em um palácio dentro do forte espalhado de Neha. Exceto quando ele tinha tentado fugir no início de sua prisão, ele não tinha sido fisicamente prejudicado.

Neha amava muito Eris para machucá-lo.

Era também por isso que ela odiava-o tão violentamente por a sua traição.

Eris.

Deslizando nas sombras das árvores que afiavam a propriedade de Raphael, uma pausa bem-vinda da luz, Jason pegou seu telefone celular. Nos séculos anteriores, mesmo com suas habilidades mentais consideráveis, tinha levado dias para se comunicar com os seus homens e mulheres, semanas para reunir uma única peça de informação. Tecnologia tornou tudo muito mais simples, —ao contrário de alguns anjos de idade, e apesar de sua arma escolhida permanecer uma espada, Jason não abominava o mundo moderno.

Agora ele viu que ele tinha um número de chamadas não atendidas que deve ter vindo durante a cerimônia, enquanto o seu telefone tinha estado no modo silencioso. Todos eram de Samira —ela era uma serva com liberdade para trabalhar em aposentos privados de Neha e tecnicamente sua espiã de maior patente na corte do outro Arcanjo, embora Jason tivesse suas dúvidas sobre sua eficácia continuada. — Samira, — Ele disse quando a chamada foi atendida. — O que aconteceu?

— Eris está morto. — Um sussurro abafado. — Assassinado dentro de seu palácio.

— Quando?

— Eu não sei, mas ele foi encontrado uma hora atrás. Neha não deixou o corpo. Mahiya está ao seu lado.

Jason nunca tinha falado com Mahiya, mas tinha feito uma investigação sutil quando Neha a adotou pela primeira vez pouco mais de três séculos atrás, ele sabia que a Princesa era da linhagem de Neha. Essa relação era conhecimento aceito, mas fatos por trás dela haviam sido enterrados. Muitos na própria corte da Neha optaram por não se lembrar, para não ver a verdade; que Mahiya tinha nascido de Nivriti, irmã de Neha, e morta enquanto sua filha nascia.

Nenhum terrível segredo nisso... exceto se você sabia o nome do pai de Mahiya.

Eris.

CAPÍTULO DOIS

Embora Mahiya fosse fruto do relacionamento proibido de Eris e Nivriti, ela era, segundo todas as aparências exteriores, tratada como uma princesa amada por sua tia, o título uma cortesia para esclarecer seu status como parente de Neha. — Há mais alguma coisa?

A respiração de Samira ficou silenciosa por uns minutos, e Jason esperou sem interrupções ou demandas, sabendo que ela estava preocupada em ser ouvida.

— Neha está meio insana, — ela disse por último. — Eu estou preocupada que ela libertará seu poder.

Conhecendo tanto quanto ele o fazia a profundidade das emoções da arcanjo sobre seu marido —ela nem tinha sido capaz de perdoar a infidelidade, nem deixá-lo livre depois de séculos de confinamento— Jason compartilhava a sua preocupação. E Neha era um tipo de inimigo poderoso. Se ela desse voz a sua agonia, ela poderia assolar cidades, e era quase certo que sua raiva se direcionaria àqueles que ela responsabilizava por outra terrível dor —a execução de sua filha, Anoushka.

Raphael tinha dado o golpe final que reduziu a filha de Neha a poeira. — Diga-me o instante que ela começar a mover-se.

Levantando-se, ele olhou para fora para o gramado para ver a festa de casamento e convidados entrando sem dúvida para o requintado café da manhã preparado pela orgulhosa equipe de empregados, sob a

orientação digna do mordomo Montgomery, as asas de Raphael brilhavam a luz do sol, os filamentos de ouro impressionantes contra o branco. *Sire.*

Raphael não parou, sua expressão sem deixar nada transparecer. *O que é, Jason?*

Eris está morto. Assassinado. Ele sabia que Raphael tinha visto Eris na corte de Neha, conquistando-a, Raphael entendeu o turbilhão de emoções que tinha unido os dois juntos.

A resposta do arcanjo foi rápida. *Encontre-me na sala de estudos.*

Dois minutos depois, quando Jason deslizou dentro da sala de estudos através das portas francesas que se abriam para um gramado, ele fez isso com uma descrição que significava que ninguém o veria, embora o sol estivesse alto no horizonte com cada respirar. Isso era como devia ser —era seu trabalho ser invisível, inaudível, uma sombra entre as sombras. Depois de seis séculos, seu status como espião mestre de Raphael não era segredo quando se tratava dos mais velhos imortais, no entanto, esse conhecimento adquirido era nada e tinha ainda menos impacto nas atividades de Jason. Enquanto as pessoas focassem nele, seus agentes calmamente encontravam lugar nas cortes e torres através do mundo.

Raphael entrou na sala naquele momento, fechando a porta atrás dele. — Neha já estava à beira da loucura antes da execução de Anoushka. — O tom do arcanjo foi de implacável honestidade. — Isso pode muito bem empurrá-la além.

Jason tinha visto outros arcanjos perderem o controle total, tinha caminhado através das cidades devastadas cheias de cadáveres apodrecendo, observando países inteiros caírem na idade das trevas em

que toda a esperança estava extinta, os olhos das crianças carregados com desespero. Mesmo que Neha escolhesse um alvo fora do território de Raphael, o mundo não podia sofrer tal devastação logo após a destruição de Pequim sem quebrar —e independentemente, o resultado da guerra angélica iria engolir a todos eles.

Seu telefone tocou discretamente naquele instante. Atendendo-o, ele ouviu Samira dizer, — Ela está deixando o corpo—seus olhos são de loucura.

— Leve-a para o quarto onde ela tem sua suíte.

— Jason, ela não verá a razão.

— Você deve encontrar uma forma. — Cada um de seus agentes estava dividindo a inteligência, capaz de pensar por si próprios independentemente. — Em seguida, saia da fortaleza e do território de Neha.

Samira tomou fôlego. — Eu devo ser capaz de fazer isso se eu esconder a verdade e disser que o Cadre deseja falar com ela.

— Não demore, Samira. — Neste humor, Neha *a mataria*.

— Eu partirei logo que as palavras forem ditas.

Desligando, ele olhou para Raphael. — Se nós fizermos a ligação agora, nós temos uma chance de agarrá-la antes que ela já não possa mais ver ou ouvir através da raiva.

— Eu posso distraí-la, — Raphael respondeu, — mas isso poderia envolver sua presença no meu território.

— Eu irei. — Embora o risco de Samira fosse agora muito alto, Jason era bem mais forte, ele sabia que tinha obtido certo respeito de Neha.

Raphael assentiu e esperou Jason sair de vista antes de realizar a chamada na tela grande, num dos cantos da sala de estudo, até Raphael, também, compreendia o valor da tecnologia. A resposta levou um tempo longo para vir, Jason pensou que Samira devia ter falhado na sua tarefa. Mas a tela desligada finalmente mostrou Neha como ele nunca tinha visto ela.

A Arcanjo da Índia era sempre elegante, sempre graciosa.

Agora, seu cabelo preto pendurava-se emaranhado e enrolava-se ao redor do rosto, como se ela tivesse estado a puxá-lo; estrias de sangue cortavam através de sua pele e embebida dentro do amarelo calêndula de seu sari. — Raphael, — ela disse, sua voz era letal de tão calma. — Você circula como um abutre mesmo quando a força vital de Eris mancha as minhas mãos.

A resposta de Raphael foi gentil. — Eu nunca fui disso, Neha.

Um leve sorriso que de réptil que deu a Neha seu nome como A Rainha das Cobras. — Não, talvez não. Então você oferece sua compaixão? — Uma declaração quase entediada, seus cílios abaixaram para encobrir a raiva selvagem que fervia em seu interior.

— Eu ofereço minha ajuda.

Neha ergueu uma suntuosa sobrancelha. — A menos que você tenha mantido segredos, eu penso que trazer Eris de volta a vida é além de suas capacidades. Lijuan mesma não podia conseguir isso.

Jason se perguntou se Neha tinha considerado uma vez seu marido no horror de ser um dos “renascidos” de Neha, um trôpego, monstro sem raciocínio alimentado de carne humana, e não podia imediatamente desconsiderar a ideia. Isso somente aumentava a urgência da situação, porque se Neha e Lijuan unissem forças, o mundo se afogaria em sangue e gritos de terror.

— Não, — Raphael disse em resposta a provocação de Neha. — Eris foi assassinado dentro de sua fortaleza, assim, você não pode confiar em ninguém de dentro. Eu tenho alguém com a habilidade de descobrir o assassino para você.

A pausa foi mais longa dessa vez, a insanidade nos olhos de Neha substituída em graus lentos pela razão dura e fria. — Aquela sua sombra negra? O filhote resgatado?

Jason não se sentiu insultado, embora a última descrição fosse imprecisa. Ninguém o tinha resgatado.

A resposta de Raphael, também, foi severa, o impecável azul de seus olhos calmo como um lago glacial. — A habilidade de Jason é indiscutível.

— Ele também é seu espião. — Levantando uma mão sangrenta, ela olhou-o, sua voz alterada sem aviso prévio para um abalado sussurro. — Eris sangrou muito — eu não sabia que ele tinha tanto nele.

— Eu entristeço-me por você, Neha. Ele era seu marido e seu consorte. — Era uma declaração solene, de um arcanjo para outro.

— Sim. — A loucura retornou, girando e arranhando. — Ele era também pai da criança que você ajudou a matar, — ela sibilou, seus olhos

mudando de uma maneira que foi muito rápida para Jason ver verdadeiramente antes que eles retornassem ao normal, mas isso colocou ele na mente de suas serpentes uma vez mais.

Raphael não recuou diante do ataque venenoso, não lembrou Neha que Anoushka tinha assinado a sentença de morte quando ela prejudicou uma criança em busca por poder. — Você deseja criar violência, isso está muito claro, — ele disse, — mas ao invés de atacar indiscriminadamente, não seria mais satisfatório torturar o único responsável?

Neha afastou-se da câmera para pegar o que parecia ser uma píton juvenil, ajustando ela ao redor de seu pescoço. Acariciando a criatura como se fosse um gato, ela sentou-se na cadeira de madeira clara esculpida com infinita paciência, polida e envernizada até brilhar como uma jóia. — Você me acha louca, — ela disse quando a cobra levantou sua cabeça, testando o ar com sua língua.

— Eu acho que você está de luto. E eu acho que isso foi um ato covarde.

Um piscar de olhos preguiçosos, dedos pausados no corpo elegante da píton. — Você acha?

— Eris não era poderoso. Bonito de uma forma que os homens raramente são, mas com pouca força pessoal. Isso foi feito por magoa e ódio a você.

— Meu pobre Eris. — Outra carícia prolongada. — Você está certo. Eu não posso confiar em ninguém dentro da fortaleza até eu saber a identidade do assassino... mas se seu espião mestre entrar, ele deve ligar-se a mim.

— Isso, — Raphael disse com uma gentileza que abrandava a recusa, — Eu não posso permitir, nem mesmo por você. Ele é um dos meus Sete.

— Você o protegeria ao custo de milhares de vidas? — Frio glacial e racional e manipulativo, ela era a Arcanjo da Índia naquele momento.

— Lealdade não é tão facilmente descartada como um casaco.

Por alguma razão, isso fez os lábios de Neha curvarem-se no que pareceu um quase sorriso ingênuo. — Tão ligado aos seus homens. Eu nunca teria sido capaz de culpar sua fidelidade. — Seu sorriso mudou, tornando-se impenetrável. — Muito bem então, deve ser Mahiya.

Desta vez, foi Raphael que pausou.

A filha de Eris e Nivriti, Jason lembrou o arcanjo, mas isso não era um tópico que eles tinham tido muitos motivos para discutir. *Ela está agora com pouco mais de trezentos anos.*

— Você pensa em comparar um anjo tão jovem com Jason? — Raphael disse.

— Não, na verdade. Mahiya é um bibelô na corte, nada mais. — A arcanjo permitiu que a píton tocasse levemente sua língua no sangue em seus dedos. — Mas como eu tenho certeza que o filhote informou a você, sua linhagem é de minha família. Um voto de sangue para ela será suficiente.

Raphael segurou o olhar de Neha. — Eu falarei com ele.

Neha inclinou sua cabeça em aquiescência real antes de encerrar a chamada.

Voltando-se para Jason, suas asas dobradas perfeitamente em suas costas, Raphael disse, — Ela está estável por enquanto, mas é um alívio temporário. Quanto mais excitada no assassinato, mais perigosa ela se tornará.

— Eu estou disposto a acatar o voto de sangue. — Era um antigo costume, um praticado raramente pelo menos na espécie angélica mais velha —com um voto de sangue como juramento para Mahiya, Jason se tornaria familiar e assim obrigava-se a proteger aqueles interesses familiares. A razão pela qual o costume tinha caído em desuso era que isso patinava muito perto de cruzar a linha de uma intimidade forçada—no passado mais distante, o voto de sangue tinha sido usado para selar os mais privados relacionamentos.

No entanto, como todas as leis angélicas e costumes, o voto de sangue era uma criação muito mais sutil do que aparentava ao primeiro olhar. Embora o vínculo cerimonial não parasse ninguém com intenções traiçoeiras, ao fazer o convite, Neha reconheceu a honra de Raphael e seus Sete. Se Jason depois usasse seu acesso a sua corte para buscar e explorar quaisquer eventuais falhas em sua defesa, seria considerada uma declaração de guerra. E uma vez que se espalhasse o conhecimento de sua infidelidade, Jason perderia cada pedacinho de respeito que ele tinha ganhado do mais poderoso dos imortais.

Isso não era uma coisa pequena, especialmente para um espião mestre. Muitas de suas informações vinham a ele via daqueles imortais. Pior ainda, seu povo estaria muito mais em perigo —embora eles fossem os melhores, era inevitável que alguns fossem descobertos durante o

exercício de suas funções. Onde uma vez eles poderiam ter sido perdoados pelo poder dos anjos mais velhos em respeito a Jason, agora seriam executados como um sinal para aqueles muitos anjos descontentes com a quebra do voto de sangue.

As asas de Raphael farfalharam quando ele as reajustava, o único sinal de sua surpresa pela concordância de Jason com o arcaico costume. — Você não precisa fazer, — o arcanjo disse. — O Cadre deve ser capaz de controlar ela agora que eu tive tempo suficiente para avisar os outros. E um voto de sangue colocaria você em risco —Neha deve concluir que você o quebraria, podendo pedir por uma execução. — Ele balançou sua cabeça. — Você sabe que ela concordou muito prontamente com sua presença em seu território. Ela quer você em seu poder, planeja usar você por vingança contra mim.

— Sim. — Jason tinha visto o cálculo no olhar de Neha, sabendo que a arcanjo da Índia não entendia o que os Sete de Raphael significavam pra ele —se Neha não pudesse alcançar Elena, não poderia machucar o coração de Raphael, ela era plenamente capaz de ir atrás da próxima melhor coisa. — Mas, — ele adicionou, — embora Neha possa ser impulsionada pela necessidade de vingança, ela também é uma criatura orgulhosa. Para ela quebrar a promessa de passagem segura subtendida pelo voto de sangue mancharia sua própria honra —e apesar do que ela diz, essa sua honra a preocupa. — Isso era tudo que restava.

— Você está disposto a arriscar sua vida nisso?

O olhar de Raphael encontrou o seu. — Será um jogo perigoso de paciência e poder.

— Em suma. — Jason já tinha suas idéias sobre a morte de Eris. — Nós declararemos que o voto deve ser considerado cumprido no instante em que eu descobrir o assassino. — Neha esperaria a condição. — Não há nada nos costumes que impeça de continuar com minhas outras funções, desde que eu não traia Neha enquanto durar.

Olhos insondáveis, Raphael disse, — Continua sendo um mal negócio...a menos que você queira entrar na corte de Neha por razão sua.

— Há alguma coisa acontecendo dentro, — ele reconheceu. — Samira foi incapaz de chegar perto disso —eu estou quase certo que Neha sabe que ela é uma das minhas. — Permitia-se um certo nível de espionagem, principalmente para que eles pudessem semear informação falsa, era uma diversão incrível para alguns dos arcanjos.

— O voto, — ele continuou, — me colocará fundo dentro do forte, e enquanto eu desejar somente observar sem interferir nos outros assuntos, eu não arriscarei uma brecha no voto. — Ele não seria capaz de usar algo do que ele descobrisse, não a menos que ele pudesse verificar a mesma informação por meio de outra fonte, mas pelo menos confirmaria que ele estava no caminho certo.

— Uma linha tênue.

— Eu posso caminhá-la.

As próximas palavras de Raphael foram pragmáticas. — Ela não dará a você total liberdade. Essa Mahiya será capaz de ser sua sombra.

— Pouco importa. — Jason era hábil em desaparecer em meio de uma multidão, para permanecer invisível até mesmo quando ele estava diretamente em frente da pessoa. — Ela é relativamente jovem, e por meu

conhecimento, nunca foi além dos portões do palácio de Neha. — Certamente educada nas artes de intrigas da corte, há uma alta chance que ela não seja um “bibelô” —mas ela não poderia esperar unir-se a um homem que tinha passado sua vida aprendendo como tornar-se similar a escuridão, até ela se tornar seu lugar natural.

— Eu nunca tive suas mãos amarradas, — Raphael disse, — e eu não farei isso agora. É sua escolha. — Ele franziu a testa. — Quanto a Mahiya—eu lembro que você tinha dúvidas sobre os rumores de sua paternidade desde que os rumores da infidelidade de Eris nunca foram provados. Nivriti foi também aparentemente executada por outros crimes nos meses antes que a criança recém-nascida aparecesse na corte de Neha. Por que você está agora certo que ela é de Eris?

— Ela mostra sua linhagem em seu rosto. — Eram os olhos altamente distintos de Mahiya que revelavam o segredo de sua filiação a alguém não cegado pelo medo da ira de um arcanjo. — Eu também ouvi bastantes fragmentos de meus espiões por séculos para confirmar a evidência de minha observação.

Raphael maneou sua cabeça pensativo. — Neha tem uma reputação de não prejudicar crianças, mortais ou imortais, então eu posso vê-la adotando a criança mesmo nessas circunstâncias. — Olhando para cima, ele disse, — Eu deixo a escolha para você, Jason. E quem sabe? Talvez essa Mahiya prove ser sua ruína —eles dizem que a intimidade do voto de sangue é de fato poderosa.

Jason nada disse, mas ambos sabiam ser uma coisa impossível. Jason nunca tinha amado ninguém depois que ele cavou uma cova

embaixo do sol tropical, não mais entendeu a emoção; o garoto que ele uma vez tinha sido era uma miragem distante em sua mente. O mais perto que ele chegou foi em sua lealdade para Raphael, mas ele sabia de observar Dmitri com sua esposa, Raphael com Elena, Galen com Jessamy, há muito tempo, Illium com sua mortal, que isso não era a mesma coisa em tudo. — Eu sairei dentro de uma hora.

— Lembre-se, — Raphael disse em um calmo tom que podia cortar o ar como uma lâmina, — ela não é somente a Rainha das Cobras, mas a Rainha dos Venenos.

E Jason estava prestes a entrar em seu covil.

CAPÍTULO TRÊS

Ela usa meu anel.

Dmitri assistiu o rosto de Honor se iluminar conforme ela riu de algo que sua inteligente amiga Ashwini sussurrou para ela. Com seu humor malicioso e olhos que viram demais, a outra caçadora tinha sido uma boa amiga para Honor, e assim Dmitri teria sido inclinado a gostar dela, mesmo se ela não tivesse lhe fornecido uma fonte de diversão, o jogo de gato e rato que ela e Janvier tinham jogado por mais de dois anos era tão inexplicável como era fascinante.

Os olhos de Honor voltaram-se em sua direção, seu rosto segurando uma pergunta não formulada.

— Eu estou olhando para minha esposa, — Ele murmurou apenas para seus ouvidos, correndo os dedos sobre sua nuca quando ele disse a si mesmo que ele realmente devia se comportar, uma vez que estavam em público. — Minha linda esposa, quem eu gostaria de tirar fora do vestido e a colocar nua no meu colo para que eu possa fazer coisas devassas ao seu corpo sexy. — Ele nunca tinha sido muito bom em se comportar.

Um arrepio leve. — Você não deveria sair para atormentar as mulheres.

Sorrindo com a lenta deliberação que trouxe calor sonolento para aqueles olhos de verde assombro, ele se inclinou para perto, suas palavras

um ronronar contra o lóbulo de sua orelha. — Eu só pretendo atormentar uma mulher para o resto da eternidade.

Seu pulso batia na garganta, o chamado de seu sangue um canto de sereia erótico. Ele respirou fundo, inspirando seu perfume, mas ele não estava disposto a correr. Não hoje. — Devo dizer-lhe o que eu pretendo fazer com você para o seu presente de noite de núpcias? — Ele envolveu-a em gavinhas de chocolate e uma promessa sensual rica e decadente.

— Não. — Foi uma negativa risonha, sua voz rouca o emaranhando em cadeias que ele não tinha nenhuma intenção de quebrar. — Ou eu vou te dizer o que estou vestindo sob o vestido.

Sentiu como se estivesse alongando-se de prazer, como se ele fosse um grande gato que tinha sido afagado, seu riso tão precioso para ele como a mais rara das pedras preciosas. Pronto a responder, ele pegou algo com o canto do olho, deslocou-se para ver Jason entrar na sala. — Eu acho que Jason chegou para dizer seu adeus.

Ele levantou-se sobre seus pés. — Você está indo embora? — Disse ele em voz alta, enquanto o anjo de asas negras parou na mesa. *O que aconteceu?*

— Sim, receio que não possa ficar mais tempo. — *Eris está morto. Eu devo ir ao território de Neha.*

Quando Jason ergueu o braço, Dmitri apertou-o do jeito que os guerreiros que eles tinham sido no campo de batalha juntos. — Eu te vejo quando você voltar. — *Vou permanecer em contato.*

A mão de Jason apertou seu braço antes de cair fora. — Aproveite o seu tempo fora. — *Eu tenho tudo sob controle, e você tem uma esposa que*

não vai ficar satisfeita com um marido amarrado para sempre a seu trabalho.

Dmitri olhou para Honor, seus lábios se moldaram em um leve sorriso. *Minha esposa é uma caçadora e muito mais propensa a se juntar a mim no trajeto para o seu resgate, caso haja necessidade.* Fazendo uma pausa, ele acrescentou uma mensagem pessoal para Neha, pois antes de Anoushka, ela havia sido uma grande senhora, um arcanjo que ele não tinha vergonha de uma vez ter servido.

Eu vou garantir que ela receba. Jason inclinou a cabeça para Honor. — Eu me despeço.

— Estou tão feliz que você foi capaz de participar. — O sorriso de Honor deslumbrado. — Eu vou te ver novamente quando voltar à cidade.

Jason saiu em um movimento circular de asas pretas segundos depois, e Dmitri retomou o seu lugar perto de sua esposa... que se inclinou para ele, não muito tempo depois, sua voz um sussurro abafado no momento em que ela perguntou, — Você vai me dizer o que está acontecendo?

O braço ao redor dela, ele esfregou o polegar sobre o arco sensível de sua clavícula. — Quando estivermos sozinhos, — Ele murmurou, o corpo endurecendo com a idéia do seu corpo quente e nu em seus braços, em sua cama. — Venha para um passeio.

Honor lhe deu um olhar estreitando os olhos. — Então você pode me falar na sua Ferrari?

— Eu gosto do que você faz para mim na minha Ferrari. — Sensual e quente feminina, ela o fez seu escravo o dia que ela o tinha levado com tanta confiança exuberante.

Um lento, lento sorriso da mulher que lhe pertencia de corpo e alma. — Talvez devêssemos fazer um desvio no caminho de volta para a Torre, após a recepção.

Ele sabia que seus olhos estavam brilhando, mas ele não se importava. Inclinando-se para frente, ele capturou seus lábios em um beijo que fez as pessoas ao seu redor aplaudirem. — Um longo desvio. — Foi uma promessa.

CAPÍTULO QUATRO

Mais de quatorze horas depois de vôo intenso, Jason usou as nuvens da noite em sua vantagem enquanto ele circulou a pedra e mármore da magnífica fortaleza no cume de uma alta colina. Era conhecido simplesmente como Forte do Arcanjo, pois era onde Neha fez sua casa. Banhado pela luz da lua cheia que ainda não tinha começado a diminuir, embora o amanhecer estivesse a apenas algumas horas de distância, suas muralhas não brilhavam o ouro âmbar que estavam sob os raios do sol, mas um pálido, prata assombrado.

Depois de ter escondido a sua pequena bolsa para posterior recuperação, ele tinha voado mais cedo em direção ao espelho escuro de um lago, na base do forte, feito uma varredura sobre além da cidade adormecida. Do ponto de vista inferior, o forte tinha parecido uma miragem, uma fantasia imaginada.

Um trono adequado para o arcanjo que era a rainha desta terra.

Alargando as asas de ébano que absorviam a luz da lua como elas absorveram a luz solar, ele chegou em silêncio, pousou invisível nas sombras por um dos grandes portões que protegiam a fortaleza, um portão grande o suficiente para dominar uma unidade de cavalaria inteira. Cada porta estava escondida da anterior e da seguinte por ângulos em que o forte tinha sido construído, cortando a linha de mira e não proporcionando retas na qual pudesse aumentar a velocidade para ser

usado para bater o próximo portão. Como uma medida defensiva contra um ataque montado, ele era magnífico.

Inimigos que voassem necessitariam de novas medidas de segurança, incluindo o esquadrão de anjos no céu e os vampiros armados com armas terra-ar nas muralhas. Nenhum deles tinha visto Jason. Isso não era dizer que eles eram inúteis —era o guarda esporádico que nunca viu um homem que tinha sido projetado para se misturar com a noite. Jason estava bastante certo de que ele tinha evitado a detecção pelo sistema de vigilância por satélite, também, sua capacidade de transformar-se em uma sombra indistinta, igualmente insignificante para o homem e máquina.

Ao invés de caminhar até o portão, ele observou em silêncio imóvel até que ele pudesse prever a rota e os turnos dos guardas vampíricos, então —aproveitando um ponto cego fugaz— voou para cima e sobre o portão para pousar na beira dos jardins geometricamente modelados no pátio do terceiro nível.

A fonte no centro brilhava à luz da lua que iluminava o pátio com um brilho luminoso. O palácio privado de Neha, ele sabia, estava à esquerda de sua posição de pouso, suas paredes de mármore incrustadas com temas antigos criados a partir de pedras semipreciosas. Mas essa não era a sua característica mais impressionante —milhares de diamantes haviam sido incorporados nas paredes, interligados no projeto, até que o palácio pudesse brilhar tão forte como a pedra em si... ou brilhar como um coração ardente que despertou admiração em jovens e idosos.

“De todos os edifícios que já vi em minha vida, é o Hira Mahal que rouba o fôlego.”

Tinha sido Titus, que havia dito essas palavras, e o arcanjo guerreiro não era um homem dado a poesia. Jason podia entender o desejo, para a Hira Mahal ou o Palácio Diamante— também muitas vezes referido como o Palácio das Jóias— era uma obra de arte diferente de qualquer outra. Agora, levantando-se da baixa posição agachada, ele mais uma vez cronometrou seus movimentos para evitar os guardas e alcançou a porta reluzente do palácio sem ser visto.

O guarda que abriu em resposta à sua batida assobiou em surpresa e foi para uma arma.

— Suponho que é o espião, — Disse uma voz feminina de dentro, a língua o principal dialeto da região. — Entre, Jason.

Mantendo o guarda em sua linha de visão, Jason entrou na ilusão reluzente do palácio para ver a Rainha dos Venenos, das Cobras. Ao contrário de quando ela tinha falado com Raphael, Neha agora era a imagem da graça onde ela estava sentada em uma cadeira parecida a um trono, seu corpo vestido com um sári de pálido verde em vez do branco resoluto de luto. Ela, assim como o resto do quarto, brilhava com a luz de velas quicando a cascata interminável de gemas facetadas.

— Lady Neha. — Ele desceu em uma curva respeitosa que, todavia, deixou claro que ele não era bajulador e nunca seria. Tinha aprendido o movimento elegante de Illium, e foi útil na rara ocasião quando ele teve que fazer uma aparição pública na frente de um dos Cadre.

— Você me surpreende.

Saudação completa, ele encontrou o marrom penetrante do seu olhar, consciente da fina cobra em tons de esmeralda que ela usava como uma pulseira viva. — Você esperava um selvagem? — Ele perguntou no mesmo dialeto, tendo há muito tempo aprendido as línguas dominantes do mundo —incluindo variações utilizadas nos territórios do Cadre. Segredos, afinal, não tinham uma língua.

Lábios retratavam um aspecto sereno e curvado. — Você me deu essa impressão. — Levantando-se de sua cadeira fortemente esculpida em mármore preto, as esculturas embutidas em ouro, ela desceu os três passos para um chão coberto por um tapete de seda feito a mão à sombra de safiras sob a luz solar.

Quando ele não lhe ofereceu o braço, ela levantou uma sobrancelha imperiosa.

— Eu preciso dos dois braços livres para lutar.

A risada de Neha era delicada... escondendo uma nota estridente abaixo. — Tão, honesto, mas, então é uma mentira inteligente, não é? Um espião nunca pode dar tudo.

Jason não disse nada, não tendo nenhum interesse em jogar este jogo em particular.

— Venha, — Ela disse com um sorriso brilhante que sustentava a apreciação de um imortal que raramente perdia uma batalha de inteligência e que só tinha atirado sua primeira saraivada, — é hora de conhecer aquela a quem você vai jurar lealdade no sangue. Tudo está pronto para a cerimônia.

Jason expôs sua única condição enquanto caminhavam. Para sua surpresa, Neha não só não fez nenhuma objeção à sua estipulação quanto à duração do voto, ela o acolheu.

— Você é uma criatura muito perigosa para Mahiya. — Uma escuridão ilegível no tom de voz da arcanjo. — A pobre criança provavelmente vai morrer de susto, a menos que ela saiba que logo estará livre das correntes que ligam ela a você. — Ela não prestou atenção a uma grande coruja voando silenciosa como um fantasma um pouco além da passagem ao ar livre, onde eles caminharam. — Mahiya não é capaz de lidar com tal carga por muito tempo.

Mais uma vez, Jason manteve seu silêncio. A princesa nunca lhe pareceu tão fraca, mas ele só tinha pegado os vislumbres mais fugazes dela, pois ela não era nenhum poder na corte, não estava no centro de nenhuma intriga, e, portanto, de pouco interesse para um espião. No entanto, ele sabia que tudo poderia ser um subterfúgio inteligente, e Mahiya uma lâmina bem escondida. Fazia pouco sentido responsabilizar uma frágil "bibelô", de vigiar os movimentos de um espião inimigo.

Por outro lado, Mahiya poderia ter sido a única opção disponível, a única descendente direta conhecida da mesma linhagem antiga como Neha que estava viva e não ligada a um amante.

Mesmo quando ele passou por cima de tudo que sabia sobre a princesa, ele pegou nos guardas uniformizados e armados escondidos atrás das caneladas colunas de pedra vermelha; a forma moderna de iluminação que havia sido integrada ao aparecer a parte transparente da secular estrutura; a beleza ágil das damas de companhia fora para um

passeio à noite que se curvavam conforme Neha o levava não para os jardins, mas para um nível acima e para o pátio do quarto nível.

Como o palácio requintado ao mais alto nível era usado apenas para convidados da casa do calibre do Cadre, e outra deixada vazia, além da rotação do relógio, esta era efetivamente a parte mais remota da fortaleza, as paredes caindo acentuadamente em ambos os lados. No entanto, as partes dela eram mais novas do que o resto da estrutura, este nível, tendo sido alterado desde a sua concepção original a cerca de 300 anos atrás.

Um pavilhão, colunas delicadas segurando o telhado, colocado no centro do pátio. Isso ficou inalterado, mas os jardins tinham sido adicionados em torno dele na forma de uma única flor estilizada, cada uma das "pétalas" plantadas com diferentes flores. Uma fonte criou uma música suave em algum lugar, mas ele não podia vê-la imediatamente, então ele percebeu que a água estava descendo em cascata aos lados levantados do pavilhão para correr em canais finos que mantinham os jardins saudáveis, apesar do clima de deserto nesta parte do território de Neha.

Onde uma vez todo o pátio tinha sido cercado por apartamentos interconectados, havia agora dois palácios separados —um no lado que dava para o terreno irregular das montanhas e um que dava para a cidade. Os dois lados restantes pareciam ter sido parte da arquitetura mais antiga. No entanto, ambos os conjuntos de edifícios agora estavam além dos palácios, os apartamentos não mais interligados.

A seção inteira estava sob forte vigilância.

Esses guardas não se curvaram no momento em que Neha passou, sua atenção absoluta em sua tarefa. O sári sussurrando ao vento enquanto ela caminhava, Neha manteve suas asas escrupulosamente longe da pedra limpa do caminho que levava ao pavilhão iluminado, os lados contrários das cortinas abriram com sedas transparentes atualmente amarradas para trás das colunas que lembraram a Jason de vasos alongados, os arcos acima finamente recortados. Uma mulher estava no centro do pavilhão, e ela usava um sári, que pode ter sido rosa pálido, mas parecia um creme branco na luz suave —como se ela chorasse quando Neha não tinha.

Jason já sabia que o rosto dela era pequeno e pontudo, o seu corpo suavemente curvo e com uma altura que mal alcança seu peito, seus olhos um suave marrom amarelo-acastanhado tão vívido contra sua pele cor de mel e cabelos negros que eles eram a primeira coisa que qualquer um notaria nela. Os olhos de um lince ou um puma. Os olhos de Eris eram azuis, mas o pai de Eris possuía as mesmas íris distintas que marcaram a Princesa Mahiya como ilegítima.

No entanto, ninguém no mundo tinha as asas de Mahiya —de um esmeralda profundo e vívido cobalto e, com toques de rico preto, o spray selvagem semelhante ao leque de um pavão. Só que, de alguma forma, Mahiya conseguiu permanecer longe dos holofotes, até que ninguém mencionava a princesa com asas para rivalizar com um pássaro famoso por sua beleza quando falavam das asas mais impressionantes do mundo.

Ela entrou em uma reverência graciosa conforme Neha se aproximou, inclinando o pescoço para revelar a nudez vulnerável de sua

nuca, o cabelo repartido ao centro e se reunira em um coque simples na parte de trás de sua cabeça. — Minha senhora.

— Tente não assustá-la muito, Jason, — Neha murmurou, os filamentos finos de cobalto nas primárias de suas contrárias asas brancas de neve sussurrando de seu laço de sangue. — Ela é bastante... útil de vez em quando.

Jason balançou a cabeça em saudação na direção da mulher que causou o tom de navalhas cortantes na voz de Neha, recebendo uma reverência tão elegante, embora não tão profunda como a que ela tinha dado ao arcanjo. No entanto, ela manteve seu silêncio enquanto Neha levantou um dedo e um vampiro turbante vestindo o uniforme de guarda apareceu por trás de uma das colunas, uma bandeja forrada de veludo em seus braços. O tecido vermelho era o lar de uma faca cerimonial, seu punho incorporado com safiras amarelas.

Neha pegou com os dedos longos claramente à vontade com a lâmina. — Está na hora.

A cerimônia era antiga, as palavras que Neha lhe pediu para falar para Mahiya e Mahiya a ele, inalteradas por milênios. Despojado de suas vestes rituais, o núcleo do que era uma promessa de fidelidade que não contestava o seu juramento mais profundo para Raphael, ainda que o amarrasse a manter a fé com Mahiya e seu sangue para a duração da sua tarefa.

— Eu mantenho sua promessa, — Mahiya disse, falando as palavras de encerramento para esta parte do rito. — Até o nome do traidor ser conhecido. Está feito.

Neha sorriu para o silêncio espesso após Mahiya ter aceitado o acordo. — Seu pescoço, Jason.

— Acho que não. — Disse ele, sem pestanejar, e virou o braço para revelar seu pulso. — Sangue é sangue.

— Você não confia em mim? — A questão sedosa que pingava ameaça.

— Eu não confio a ninguém o meu pescoço. — Ele era poderoso o suficiente que ele provavelmente iria sobreviver a uma decapitação, mas isso não quer dizer que ele queria arriscar.

A cabeça caindo de suas mãos, manchada de sangue bateu no chão. — Sinto muito...

Quando os olhos de Neha permaneceram gelados, ele esperava que ela sangrasse-o muito mais do que o necessário, mas ela fez apenas o mais raso corte em seu punho, logo acima de seu pulso. Conforme uma gota de sangue brotou em sua pele, ela ordenou a Mahiya angular seu pescoço e fez outro corte acima do ritmo da pulsação do outro anjo.

Este último ato foi o final, e para muitos, o motivo repugnante porque não eram mais a favor da cerimônia. — Princesa Mahiya, — Disse ele, caminhando perto o suficiente para ver a linha tensa de sua mandíbula, sua espinha dorsal rígida como os tendões em seu pescoço.

Um ligeiro aceno de cabeça, a permissão para ele selar o voto com o mais básico dos atos.

Mergulhando a cabeça, ele passou a língua sobre a gota vermelho rubi que estremeceu contra sua pele escura, o ferro quente disso, metálico contra sua língua. Ele deu um passo para trás, ergueu o punho.

Mahiya colocou as duas mãos em seu pulso e levou-a aos lábios. O toque de seus lábios em sua pele, acendeu como asas de borboleta. Erguendo a cabeça, ela disse: — O voto de sangue está selado, — Sua expressão ilegível em sua própria falta de emoção profunda. Exceto por essa única traição de desgosto durante a vedação do voto, era como se eles estivessem em uma festa, a troca de gentilezas, o efeito foi tão curiosamente superficial.

Talvez isso era tudo o que havia para a princesa, mas todos os instintos de Jason sussurraram o contrário.

Ele se virou para Neha, nunca perdendo a consciência enigmática de Mahiya. — Eris?

Batendo palmas, ela riu. — Oh, que bela coisa a dizer logo após um ato primitivo de sangue. — Um lembrete que, em tempos perdidos para as brumas da história, tais votos haviam sido feitos entre os amantes, o sangue que trocaram um beijo erótico. — Você realmente é frio, Jason.

Ele havia sido chamado disso muitas vezes em sua vida, e foi um fato que ele não contestou, porém dentro dele queimou um caldeirão de fogo negro. — É por isso que estou aqui.

— Claro. Venha.

Quando Mahiya passou a andar atrás dele, Jason balançou a cabeça. — Eu não vou deixar você nas minhas costas. — Ela era uma desconhecida, seu nível de ameaça ainda um mistério. — Caminhe à frente ou ao meu lado.

Um flash do surpreendente marrom amarelo-acastanhado, mas ela caiu em passo ao seu lado... um fino, fino zumbido de tensão sobre os

ombros. Foi tão sutilmente camuflado, que mesmo Jason não poderia ter pegado ele, se ele já não estivesse em estado de alerta para qualquer sinal da mulher por trás da máscara. Mahiya, ao que parece, não gostava de ter alguém em suas costas também. Incomum para um "bibelô", ainda mais para uma princesa que deveria ter sido usada para a comitiva.

Neha não disse mais nada até chegarem ao palácio, com vista para a cidade, suas portas largas guardadas por dois anjos armados com espadas e armas de ambos. — Trate esta investigação com o respeito que merece o meu consorte.

Compreendendo que a arcanjo não tinha intenção de acompanhá-los, Jason esperou por ela ir embora antes que ele entrasse no palácio pela porta que os guardas abriram, seus olhos planos com desconfiança. O cheiro de putrefação o acertou no instante em que ele entrou, e ele sabia de imediato que Eris ainda estava dentro, apesar do tempo que tinha tomado Jason para alcançar o forte.

O amor de Neha para Eris tinha sido de tal forma que ela nunca iria oferecer seu corpo violado como um espetáculo, de modo que esta deve ter sido uma escolha racional para preservar a cena. Ele não esperava isso dela depois da loucura que ele tinha visto em seus olhos quando ela falou com Raphael, e ele viu —Neha era forte, e não simplesmente no poder, mas na mente, independentemente de suas perdas recentes. Ele não iria esquecer isso de novo.

Segurando suas asas com força em suas costas, a fim de evitar qualquer contato fortuito com objetos no interior do palácio, ele disse, — Onde está Eris? — Ele poderia ter seguido o cheiro de decadência do corpo

com bastante facilidade, mas ele precisava abrir uma linha de comunicação com a mulher que ficou em silêncio ao seu lado.

Mahiya era um mistério, e Jason não gostava de mistérios.

Ele iria solucioná-la.

CAPÍTULO CINCO

— Neste caminho, — Mahiya começou a falar cada célula de seu corpo consciente do anjo de asas negras, vestido de preto que acompanhava o ritmo ao seu lado... um anjo que a fascinava. Do mesmo modo que uma criança podia ser fascinada pelo brilho de uma lâmina, esperando para correr a ponta de seus dedos sobre o metal para ver se ele era realmente tão afiada.

Tal fascínio sempre terminava em sangue.

No entanto, ela não podia sufocar sua reação, pois ele era diferente de qualquer um que ela já tinha encontrado antes. Se este último não fosse suficientemente intrigante, ele ostentava uma tatuagem tribal intrincada no lado de seu rosto, a tinta de um rico preto contra o calor do marrom de sua pele, as aspirais curvas dela contavam uma estória que ela queria entender, mas sabia instintivamente que ele não compartilharia.

O seu rosto uma mistura de culturas, o Pacífico e Europeu emaranhados para criar uma beleza masculina que era tão dura quanto persuasiva.

O espião mestre de Raphael.

Era assim que Neha o chamava. Como uma descrição, era sucinta, porém escondida tanto quanto divulgada. Ele estava tão silencioso que ela não tinha sido capaz de vê-lo pelo canto de seu olho, ela pensou estar

sozinha —um homem talentoso em se tornar uma sombra, era Jason, capaz de navegar pelos segredos escuros do Cadre invisível e indetectável.

No entanto, ele não era nada simples como um espião que via e reportava. Ele era um dos Sete de Raphael, que mantinha unido um conjunto de anjos e vampiros. Mahiya pouco entendia. Tudo que ela sabia era que sete homens incrivelmente fortes tinham *escolhido* submeter seus próprios serviços para um arcanjo —e que sua lealdade se refletia no próprio Raphael.

“Jason é tal poder”.

Neha tinha murmurado aquelas palavras antes de Jason concordar em vir para o forte, concordado em jurar um voto de sangue para Mahiya. Não foi apenas uma coisa que o Arcanjo tenha dito, seus lábios curvaram em um sorriso que derrubava veneno.

“A Torre de Raphael será incapacitada quando o espião mestre mudar sua aliança. E ele irá... pois eu posso oferecer a Jason algo que Raphael nunca será capaz de igualar.”

Mahiya não se preocupou acerca do jogo de vingança jogado por Neha. Ela preocupava-se somente sobre o frio, prático contrato que subjacente a cerimônia do voto que Jason tinha falado, seus ossos cheios de uma determinação para completar esse negócio sem derrubar a máscara de inofensiva graça que era sua mais poderosa arma. Ninguém a considerava uma ameaça. Nem iria esse espião mestre.

Alcançando as cortinas de gaze de âmbar e dourado que flutuavam no arco que conduzia para o alto núcleo central do palácio, ela levou um tempo para uni-los para os lados antes de ondular sua mão para dentro.

Jason permaneceu no lugar.

“Eu não terei você em minhas costas”.

Ignorando o formigamento em sua nuca que a avisava do perigo letal, ela o procedeu na câmara o eco central subindo aquele caminho até o telhado. Seu estômago ameaçando se revoltar contra o fedor, mas ela levou o vômito reflexivo sob controle através de uma firme determinação e prática —Neha tinha deixado Mahiya no palácio para “manter a companhia de Eris” por horas após seu assassinato.

“Ele era seu pai, depois de tudo. Eu dou a você tempo para se despedir”.

Pela primeira vez, Mahiya não pensou que tinha sido uma crueldade consciente —Neha mesmo tinha retornado para sentar com o corpo até uma hora antes da chegada de Jason, seus dedos acariciando o cabelo de Eris, mogno profundo listrado com luz como resultado de todo o tempo que Neha tinha recentemente lhe permitido passar o tempo sob a luz do sol escaldante no pátio.

“Ele é uma criatura do sol, nasceu numa falésia com vista para o Mediterrâneo”.

No entanto, essa sala sem janelas, com pouco sol, com seu piso de mármore sobreposto pelo espesso tapete com redemoinhos de ouro e âmbar tinha sido o lugar onde Eris passou a maioria do tempo. O lustre sobre sua cabeça era uma obra-prima que brilhava luz através de toda extensão, fazendo o coral nas paredes brilhar com fogo interno... e o sangue cristalizado no chão brilhava com uma beleza de revirar o estômago.

O sangue tinha escorrido no grande divã onde Eris tinha tantas vezes zombeteiramente “mantido a corte” quando Mahiya vinha a ele com uma mensagem. Uma taça de vinho tinto derramada como uma mancha feia sobre as espirais coloridos do carpete, enquanto um prato de frutas – exóticos pêssegos e escuras cerejas de terras distantes do frio e gelo, figos e damascos das próprias plantações de Neha— comidas pela metade.

Moscas zumbiam sobre o prato de prata, mas eles não estavam verdadeiramente interessados.

Não, sua atenção foi tomada pela carcaça podre do homem que deitava quebrado meio dentro, meio fora do divã, suas asas espalhadas fora em uma exibição dramática do final e sua bochecha rompida aberta para expor a cavidade do corpo oco. Enquanto o sangue do outro lado de seu corpo tinha cristalizado em uma frágil substância semelhante a uma pedra de sal rosa, dentro daquele oco, que tinha endurecido no mesmo escuro, vermelho escuro como as cerejas, evidência do fato que seu corpo tinha tentado curar-se e falhado.

Rubis da morte.

A idéia de usar jóias criadas a partir do sangue de um anjo morto revoltava Mahiya, mas tinha sido uma prática aceitável em tempos passados, as gemas usadas como um memento mori¹ pelos amantes daqueles anjos que morreram em circunstâncias que levavam a criação de rubis da morte. Isso era apropriado para Eris que devia ser bonito desta maneira mesmo na morte — pois em vida ele tinha sido um homem que

¹ **Memento mori** é uma expressão latina que significa algo como "Lembre-se de que você é mortal", "lembre-se de que você vai morrer", ou traduzido ao pé-da-letra, "lembre-se da morte". Este tipo de pensamento é muito utilizado dentro da literatura, principalmente na literatura barroca.

era a encarnação da perfeição física, sua pele dourada brilhante, seus olhos lápis azul-lazúli.

Jason não exibia nenhum desgosto com a visão do corpo mutilado de Eris, sua respiração mesmo quando ele examinava o que sobrou de seu “pai”.

“Se eu tivesse a chance de estrangulá-la em seu berço, eu teria feito num piscar de olhos. Sem você, ela perdoaria minhas transgressões há um tempo atrás” Um copo de vinho despedaçado no mármore. *“Seja cuidadosa quando você dormir, garota. Eu tenho amigos que ainda podem quebrar o seu pescoço para mim”.*

Isso era uma memória vívida do homem que tinha contribuído com sua semente para a criação dela.

Ignorando as moscas que zumbiam ao redor do que restou do homem que tinha sido uma vez a celebridade da corte da antiga Grécia até a Cidade Proibida, Jason inclinou-se perto, assegurando-se de que sua primeira impressão, de que o coração de Eris tinha sido removido, como todos os seus outros órgãos internos, estava certa. Ele podia ver uma pilha de material indeterminado em decomposição para a direita, calculou que eles deviam ser os pedaços pequenos que restaram dos órgãos.

Que sua cabeça ainda estivesse presa em seu pescoço era uma surpresa —embora Eris fosse universalmente considerado muito fraco para ter sido consorte de um arcanjo, aquela fraqueza provinha de seu caráter, ao invés da força bruta contida dentro de seu corpo. Ele estava mais velho e forte o suficiente para ter mantido seu cérebro intacto.

Jason examinou o que parecia ser sangue seco sob uma das narinas de Eris, a cor perto do preto, a substância coagulada em vez de cristalina. — Era uma longa agulha encontrada com seu corpo?

Mahiya balançou sua cabeça, sua expressão desprovida de tristeza e angústia que ele devia ter esperado de uma mulher que estava em pé ao lado do corpo de seu pai morto. — Nada foi tirado de seu palácio desde que Neha descobriu seu corpo. — Uma pausa. — Você deseja que eu procure nesta sala?

— Sim. — Curvando-se enquanto ela começava a fazer então, ele colocou sua mão sobre a cabeça de Eris e levantou, batendo o osso com os nós dos dedos de sua mão livre.

Mahiya pausou sua busca. — Isso soa...oco.

— Seu cérebro foi removido.

O sári mantido cuidadosamente fora do tapete com sangue opaco, a princesa retornou sem a agulha de sua busca e falou palavras que ele com toda certeza não tinha esperado ouvir de uma mulher vestida no mais suave rosa, cada movimento falando da feminilidade elegante. — Como? — Curiosidade decidida escapou através de sua fachada de polidez distante. — Sua cabeça não foi molestada.

O interesse de Jason em Mahiya cresceu mais profundo, mais intenso. — Uma agulha curva empurrada dentro do cérebro através do nariz, — ele disse, descrevendo um método usado pelas pessoas do antigo Egito como parte de um processo de mumificação. — Aquela agulha é então movida ao redor até que o cérebro esteja em um estágio que possa ser extraído pelo mesmo percurso.

Pela espessa área de material seco diretamente abaixo da cabeça, o cérebro poderia muito bem ter sido transformado em sopa, e escorrido fora pelo nariz de Eris antes de o colocarem de costas e como ele estava agora.

Um pequeno silêncio, e ele se perguntou se ele calculou mal a força interna desta princesa educada no local de intensas atividades intelectuais e emocionais que era a fortaleza, mas que o observava por aqueles olhos brilhantes como um gato com uma inteligência férrea que se encaixava em sua silenciosa concordância das demandas de Neha, nem pela forma que ela seguia seus próprios comandos sem argumentar.

Então ela falou, e ele sabia que seus instintos não o tinham guiado errado. Mahiya podia não ser uma oponente forte o bastante para preocupá-lo, mas ela não era uma princesa mimada que ele podia ignorar. — Então — um olhar pensativo — quem fez isso veio bem preparado, não apenas com uma lâmina que ele ou ela usou para retalhar Eris, mas um gancho, talvez outras ferramentas também.

— Incluindo um garrote. — Jason apontou a marca de carne necrosada de Eris, sua pele dourada do sol agora uma casa de criaturas que se alimentavam de morte. — Esse deve ter sido o primeiro ataque. — O bastante para desequilibrar um anjo, dando tempo para um assassino infligir lesões debilitantes. Porque embora os seres humanos denominassem a espécie angélica como imortal, havia talvez uma imortal verdadeira no mundo —Lijuan. O resto deles era simplesmente mais difícil de matar.

— Ele foi amarrado, — Mahiya disse, indicando as marcas ainda visíveis nos pulsos de Eris, a decadência de sua morte expondo os ossos. — Pois a pele decaiu tão rápido.

— Significa que as amarras teriam cortado até os ossos. — Isso também explicava os respingos de sangue cristalizado abaixo do local onde amarraram seus pulsos. — Ele era poderoso o bastante para ter rompido uma corda comum —isso devia ter sido feito com um metal de algum tipo.

— Ou talvez o assassino usasse garrotes extras como laços? — Mahiya ofereceu, em uma repentina hesitação para ela.

Jason perguntava-se exatamente que tipo de vida a princesa tinha vivido que ela tinha desenvolvido o mesmo intuitivo salto escuro que ele também tinha enquanto ele terminava de falar. — Sim. Neha poderia ter desatado ele, conseguindo esconder as evidências? — O ato de uma mulher que não queria seu amante encontrado amarrado e impotente.

Mas Mahiya balançou sua cabeça. — Não, ela entrou na sala só meio minuto atrás de mim.

O que significava que Eris tinha sido deixado desse modo de propósito —exibido como um troféu, ou um aviso. Mas quem se atreveria a tal jogo com Neha? Outro do Cadre? Era algo a considerar. Como era o fato de que Eris não tinha simplesmente sido assassinado; ele tinha sido torturado. Novamente, seu sofrimento podia ter sido com a intenção de ferir Neha, mas parecia algo profundamente pessoal acerca disso.

Tudo era contato próximo, do estrangulamento para a maneira que os outros órgãos do homem tinham sido removidos —por uma pequena

faca cega, se Jason estivesse lendo as marcas nos ossos corretamente. Ele foi estripado —certamente o cérebro tinha sido deixado por último, então havia alta chance de que Eris tinha permanecido consciente enquanto o assassino cortava fora os pedaços de seu corpo. Ele teria se afogado em dor e terror... o que explicava a carne viva ao redor de sua boca, o corte em sua língua e lábios.

A mordação de algum tipo para impedir seus gritos.

Erguendo-se, ele pegou as calças de seda de Eris e o colete bordado com desenhos tradicionais que teriam expostos seu musculoso peito. — Ele vestia isso normalmente?

— Sim —ele nunca estava desarrumado, nunca despenteado, mas ele tinha renunciado a formalidade da corte.

E em vez disso, Jason pensou, escolheu abraçar a sensualidade lânguida que atrairia sua esposa. Uma esposa que nunca tinha perdoado ele em longos trezentos anos. Olhando ao redor da sala, Jason via um chão claro embaixo do recente derramamento de sangue, polidas estátuas, e brilhantes paredes. Claramente, os servos tinham entrado no palácio.

Então, ele recordou, fizeram outros.

Kallistos, o vampiro que tinha tentado matar Dmitri, sabia a localização da casa de Eris nos Estados Unidos, embora fosse um lugar a muito esquecido. Havia boas chances que o vampiro tivesse recebido informações diretamente de Eris, em troca de algum favor ou para colocar juntos discretamente pedaços de informação que Eris tinha deixado escapar. Assim o acesso a esse palácio não era uma coisa impossível.

— Eu vi o bastante. — Ele foi em direção ao arco através do qual eles tinham entrado, esperando assim que Mahiya não seguiria atrás, embora ele tivesse tempo o bastante para avaliar seu nível de ameaça e decidir que ela não representava perigo em suas costas —ela devia mover-se tão silenciosamente como o vento, mas não era quieta o bastante. Mais, ela não tinha pesadas armas em seu corpo, seu sári caía perfeitamente ao redor de sua forma, a curva de sua cintura nua abaixo do pano.

Seu caminhar era muito fluído para ela ter uma faca em uma bainha na coxa, e seus braceletes muito finos para esconder um garrote. No entanto... os pinos em seus cabelos eram muitíssimo afiados. Usados de forma certa, eles poderiam cegar um homem, cortar sua carótida, até mesmo parar seu coração. Eles eram armas de uma mulher que não era uma lutadora treinada, mas que não tinha a intenção de ser uma vítima esperando os acontecimentos.

Jason sentiu uma onda de fascínio inesperado despertar nele.
Quais os outros segredos você esconde, princesa?

Escadas grandes o bastante para parecerem como asas o saudando a direita da porta de entrada, a lua desaparecendo ao entrar nos altos passos coloridos do vermelho, amarelo, e azul dos vitrais das janelas que eram talvez dois palmos do outro lado, porém pelo menos três pés mais longos. Subindo, ele ignorou o corredor que levava aos quartos neste andar, e virou à direita ao invés —indo através do par de portas que ficavam ao lado de outra longa janela de vitrais.

Eles abriam-se para um amplo terraço fechado em todos os lados por pedras esculpidas delicadamente em filigranas que teriam permitido

Eris olhar dentro do pátio, mas teriam escondido dele a visão daqueles abaixo. Requentado em sua obra, não era uma desconhecida forma de arquitetura antiga, embora na maioria dos casos, tenha sido usada pelos homens para esconder suas amantes e concubinas da visão daquelas a quem eles poderiam cobiçar.

Entrando na pedra filigrana, ele encontrou a si mesmo olhando sobre a cidade além do lado ao pé da fortaleza —a queda acentuada que conduzia ao que teria sido uma tranqüila tortura para um ser alado proibido de flutuar nos ventos. — Eu ouvi rumores de que Neha cortou as asas de Eris. — Apesar da violação do resto do corpo de Eris, as asas Jason tinha visto inteiras.

— Eu era muito jovem naquele tempo para me lembrar disso, — Mahiya disse de onde ela estava com uma mão no batente da porta, — mas eu ouvi rumores pelos outros. No entanto, ela não repetiu a punição uma vez que suas asas cresceram de volta... e eu acho que ela sempre lamentou ter feito isso.

Amor, Jason pensou, podia ser a mais debilitante das fraquezas.

“Jason, eu sinto muito que eu assuste você, filho. Eu não pretendia enfurecer-me”

Andando mais para baixo no terraço, ele tocou nas janelas ao longo da parede interior, cada uma criada com dez vermelhos e verdes pedaços de vitrais. Os pedaços individuais eram quadrados de aproximadamente o tamanho de uma palma, o efeito delicado contra a pedra do palácio. O vidro estava ressoando nas portas que estavam abertas para revelar um banheiro que parecia ocupar a maior parte do

segundo andar, suas paredes internas gentilmente curvadas abraçando o núcleo central do palácio.

O magnífico lustre derramava silenciosa luz picante do teto. Seus castiçais de cristais embalavam milhares de velas, muitas das quais queimavam, então a luz era mais nítida, mais brilhante. — Eris não se importava com coisas modernas? — ele perguntou a mulher que tinha entrado no banheiro do corredor.

— Não, ele apenas preferia à luz de velas nos aposentos privados.

O que queria dizer que a sala no andar de baixo servia como sua área de recepção. — Quantos convidados eram permitidos?”

— Dependia do humor de Neha. — Uma resposta que dizia muito sobre a existência de Eris. — Nunca nenhuma mulher além de Neha e eu. Mesmo os servos que trabalhavam no palácio eram todos homens.

Para um homem que tinha sido o favorito das mulheres, isso teria sido semelhante a ter um membro amputado. — Você acha que as regras eram obedecidas?

— Eu acho que Eris não tinha qualquer desejo que pudesse enfurecer mais Neha.

Isso não respondia a questão, e a maneira que Mahiya tinha sutilmente angulado o rosto longe da luz quando ela falou disse a ele que ela sabia mais do que estava dizendo.

O caçador furtivo em Jason ergueu-se completamente desperto.

CAPÍTULO SEIS

— Um leopardo, como se costuma dizer, — Ele murmurou, sua mente trabalhando a questão da verdadeira lealdade de Mahiya, cujos segredos ela mantinha, — não muda suas manchas. — Eris nunca tinha sido bom em autonegação, onde as mulheres e o sexo estavam em causa.

Uma adorada conquista olhando para o rosto do deus dourado que era consorte de Neha, com os olhos dela brilhando de desejo tímido.

Jason tinha testemunhado aquela cena em particular aproximadamente um século e meio depois do casamento de Neha, durante um baile dado pelo arcanjo Uram. Na época, ele colocaria o sorriso de Eris respondendo o convite sensual à vaidade masculina, nunca considerando que o outro o homem pudesse alguma vez realmente *aceitar*, tal convite.

No entanto, Eris precisava ter seu ego afagado o suficiente para que ele tivesse uma criança com a irmã da mulher que ele tinha jurado honrar. Jason não se enganou que Eris tinha amado Nivriti, —o homem tinha sido um narcisista, tinha se preocupado com ninguém, mas a si mesmo. E, apesar de sua transgressão, ele havia sobrevivido. O que havia para parar um homem de tomar outro risco e seduzir uma amante dentro dos muros da prisão de luxo?

— Me diga, — Ele disse, alfinetando Mahiya com o olhar, — Será que Eris tinha uma amante?

Mahiya tinha evitado sua pergunta anterior, tendo percebido tarde demais que ela tinha traído um conhecimento e uma curiosidade para além da mulher que estava destinada a ser. Sua única defesa para o fracasso sem precedentes foi surpresa, —que tinha sido tão surpreendente para falar com alguém que a observava sem julgamento ou piedade, e que não previu uma falta de compreensão, simplesmente porque ela preferiu manter o silêncio... mas é claro que ele não iria. Jason era um homem que guardava as suas palavras, mas ela não tinha a menor dúvida de que sua inteligência era uma perfurante flecha.

Agora, olhando nos olhos de um marrom profundo, impenetrável que despojava até os ossos, ela percebeu que era tarde demais para colocar a máscara de volta.

Jason já a tinha visto.

Havia uma estranha alegria em mostrar a sua verdadeira face. — Eu não tenho nenhuma prova de uma nova infidelidade, — Ela disse, — mas houve momentos recentemente que eu peguei um certo almíscar no ar. — Uma mulher não deve saber essas coisas sobre seu pai, mas apenas a afirmação que Eris teve a paternidade através do sangue que eles compartilhavam.

— Você não contou a Neha. — Não era uma pergunta.

Mahiya segurou aquela lâmina escura de um olhar. — Eu não seria a mensageira que traz essas notícias. — Neha teria atingido, acabado com ela por isso. — Você é bem-vindo para tentar fazê-lo.

Sua resposta para o desafio foi um calmo “Deixe-nos ver se será necessário.”

A alegria em sua corrente sanguínea lentamente se transformou em gelo enquanto o olhava explorar cada centímetro do palácio que tinha sido a casa de Eris. Ela conhecia sua reputação, mas foi só agora, depois de testemunhar a sua profunda, pesquisa meticulosa, que ela percebeu o nível exato da habilidade de Jason, sua dedicação... e entendeu que nenhum de seus planos viria a ser concretizados se ele decidir empenhar suas habilidades a serviço de Neha.

Rangendo os dentes para combater um arrepio, ela percebeu que as areias tinham apenas começado a cair rapidamente através da ampulheta. Os Sete foram feitos para ser uma unidade invencível, imune à sedução de outros no Cadre, mas Neha tinha um brilho nos olhos que dizia que ela mantinha um Ás. Se ela tinha... Mahiya e sua intenção traidora tinham que estar muito longe antes de Jason aceitar a oferta do arcanjo.

Coração batendo forte o suficiente para esmagar contra as costelas, ela fechou a porta sobre esses pensamentos para que eles não a traíssem, e seguiu Jason em uma câmara grande de banho abaixo do nível que continha a área de recepção. Cachos de vapor saíram da água clara. — Isso era para estar desligado, — Disse ela, sentindo as belas mechas de cabelo em sua nuca começar a enrolar a partir da umidade. — Eu vou cuidar disso depois que sair.

Sem responder, Jason começou a caminhar pelas bordas de uma piscina de banho tão grande, que poderia ter facilmente acomodado cinco anjos adultos. Antiga pelo projeto, a câmara tinha sido posta quando o palácio foi construído para a prisão de Eris, e ele fez bom uso dele. Muitas

vezes, quando ela tinha sido enviada por Neha para ver se ele precisava de alguma coisa, tinha sido para encontrá-lo descansando na banheira.

— Neha não cortou sua garganta ainda? — Um suspiro entediado, as asas dele se espalharam quando ele se inclinou contra a borda, braços deitado sobre os azulejos pintados trazidos da Itália pelos correios angelicais. — É uma pena.

A pontada de memória não foi suficiente para distraí-la de pegar a torção sutil da mão de Jason, enquanto ele colocou algo no bolso. — O que é isso?

Nenhuma surpresa ou culpa em seu rosto. — Eu suponho que este é de Eris? — Disse ele, recuperando o objeto.

Caminhando para ficar mais perto dele do que tinha até então, ela examinou o anel grosso de ouro com tanzanita, perigosamente consciente da intensidade penetrante dos olhos do espião. — Sim. — Somente séculos de prática manteve a voz de rachar sob o silêncio, a pressão inexorável. — Não um favorito, então ele pode muito bem ter esquecido aqui.

Jason colocou-o na mão. — Eu não gostaria de ser acusado de roubar.

Mahiya sentiu a cor tingir suas bochechas, as palavras suaves letais. — Minhas desculpas. Eu não quis dizer nada disso. — O que ela tinha para implicar era que ele estava escondendo algo dela. Isso, ela não podia permitir.

“Olhe para ela, Eris. Ela tem os olhos do seu pai—são tão únicos.”

Palavras que Neha tinha falado num murmúrio venenoso quando Eris a irritou um século atrás. Por esse tempo, Mahiya já estava bem

consciente da única razão para sua existência continuada. No entanto, Eris era agora um cadáver que não podia mais ser torturado com a faca serrilhada que era a presença de seu filho ilegítimo, e Nivriti jazia morta em algum túmulo esquecido, sua carne podre empoeirada e os seus ossos branqueados.

A única que restou que ficaria triste pela simples visão de Mahiya... era Neha.

Mahiya tinha que impedir a arcanjo de lembrar isso o maior tempo possível. Ela estava quase pronta para fugir do forte. *Quase*. Mas quase não era bom o suficiente quando um arcanjo que te odiou com um despeito que tinha sobrevivido há três séculos, um despeito de que era uma chama cáustica embebida em veneno. A única finalidade que a ela foi atendida atualmente era em manter vigilância sobre Jason. No instante em que ela falhar nessa tarefa, ela se juntaria a sua mãe abaixo da terra, as larvas deleitando-se em sua carne.

Jason não disse nada a seu pedido de desculpas, passando a caminhar de volta para fora e para cima para a porta principal. Ele não encurtou o passo para acomodá-la, e ela encontrou-se quase correndo para acompanhá-lo, as dobras puras de seu sári queimando para fora na frente dela. Sem fôlego, ela se perguntou se ele tentou humilhá-la perante os guardas. Se ele fez, ele estaria em uma longa espera —os guardas a tinham visto em posições muito mais humilhantes.

O estalo de um chicote.

Fogo nas costas, líquido pegajoso arrastando para baixo da sua carne quebrada.

Jason veio a uma parada súbita na frente das portas ainda fechadas, sua voz quebrando a memória do castigo imposto a ela no pátio interno de Neha, o chicote exercido pelo Mestre da Guarda.

— Meus quartos? — Ele perguntou, sua voz tão pura, ela encontrou-se perguntando, não pela primeira vez, se ele já levantou a voz.

— No palácio através do pátio, — Disse ela, mal conseguindo manter sua asa de deslizar sobre a dele no momento em que ela parou seu próprio impulso em frente.

Jason não era um homem que qualquer mulher iria tocar sem convite.

Agora, estendendo a mão, ele abriu a porta e esperou por ela para sair. Cortesia, ela pensou —ele havia lhe dado às costas antes, a tinha descartado claramente como uma ameaça. Ela era muito prática para se sentir insultada. Se Jason queria machucá-la, ela não podia fazer nada para detê-lo. Centenas de guerreiros, anjos e vampiros, podem viver no forte, mas apenas a formação ofensiva ou defensiva de Mahiya tinha vindo do que ela tinha sido capaz de recolher pelo estudo secreto de suas sessões de treinamento.

E ninguém, nem mesmo uma mulher determinada a proteger-se de qualquer forma que pudesse, poderia aprender a ser um lutador mestre simplesmente observando, em seguida, tentar copiar os movimentos na privacidade do seu quarto ou até no isolamento das montanhas. No entanto, pedir ajuda seria pagar um preço que não podia pedir a ninguém para pagar.

Sua primeira amizade nascente como uma adulta, —200 anos atrás— resultou no anjo em causa tendo os dois braços e as suas asas cortadas por um crime aparentemente não relacionado. Mahiya nunca iria esquecer a forma como o seu sangue tinha revestido a pedra do pátio dos guerreiros, escurecendo o granito para quase preto, mesmo quando seus gritos ecoavam nas paredes do circundante quartel.

Mahiya tinha entendido a lição brutal, nunca tinha novamente tentado construir laços com os do forte, até que muitos acreditaram nela como uma criatura de vaidade. Melhor do que ter seus gritos ecoando em seus ouvidos como que o jovem anjo fez até hoje, embora ele estivesse a muito curado.

“Ninguém nunca vê Jason vindo. Ninguém.”

As palavras ouvidas reverberando em sua mente conforme ela chegou ao pátio, ouviu-o dizer alguma coisa para os dois anjos na porta antes que ele reapareceu ao seu lado. Ela olhou para as suas asas enquanto eles atravessaram para o palácio da montanha, esperando vê-las prateadas pela lua minguante igual os filamentos negros em suas próprias asas, —mas só havia trevas a volta de Jason,— se ela não o conhecia por um anjo, ela teria pensado que o espião era um vampiro.

Piscando, ela olhou, embora fosse uma grosseria. — Como você faz isso?

Ele não lhe pediu para explicar o que ela queria dizer. — Um dom natural afinado pelo tempo.

Consciente de que este predador —fascinante e intrigante enigma— era mais mortal do que qualquer outro que ela enfrentou além de Neha,

ela subiu os degraus do palácio, onde Jason ficaria hospedado. Embora não tenha sido abertamente guardado, só um tolo assumia que não estava sob vigilância constante.

Quando ela entrou pelas portas abertas e virou-se para acolher Jason dentro, ele fez uma pausa. — Você mora aqui.

— Sim. — E o tinha feito desde que ela voltou da escola no Refúgio, mas não estava em casa e nunca estaria.

Logo, ela prometeu a si mesma, logo vou ter uma casa onde eu estarei segura, livre do ódio amargo de Neha e a sombra de um pai que não sabia o significado de fidelidade.

Baixando a cabeça, num gesto aparente de subserviência para que Jason visse muito, ela disse, — Eu vou te mostrar o seu quarto.

Ele seguiu-a para cima e para dentro do quarto amplo, com vista para o pátio. Uma vez, que tinha sido o quarto que tinha compartilhado com Arav, acreditando-se amada. Desesperada pela felicidade, ela não queria ver a verdade até que deu um tapa em seu rosto.

“Você tem sido a mais entretida diversão.” Um riso, condescendente deu um tapinha na sua bochecha em sua expressão confusa. “E bastante agradável. Mas Neha aprovou a minha proposta territorial, e eu receio ter que voltar para as minhas terras e deixar de desfrutar de seus prazeres.”

Aquela dolorosamente jovem, menina ingênua estava muito longe, mas Mahiya recusou-se a permitir que o veneno do ódio de Neha a infectasse, —ela sabia muito bem que Arav só tinha usado ela como ele tinha porque ele tinha adivinhado que a sua dor iria agradar o arcanjo. Essa foi uma mancha contra sua honra e não disse nada da própria

Mahiya. Ela iria amar de novo, e ela *iria* amar com todo o seu coração, vivendo sua vida em um brilho de esperança e alegria.

— Você vai precisar de alguma coisa? — Ela perguntou ao espião, que, o instinto feminino sussurrou, era muito mais perigoso para ela do que Arav jamais tinha sido.

— Não.

Recuando, ela puxou as portas de madeira fechadas e caminhou rapidamente para o seu quarto, situado bem ao lado dele. No entanto, ela sabia que estava atrasada demais e ela estava. No momento em que ela abriu as portas para sua varanda comum, o espião de Raphael havia desaparecido na penumbra cinzenta que foi o primeiro prenúncio de beijo na desvanecida noite.

Deslizando sobre os ventos frescos da hora antes do amanhecer, Jason chegou a um fácil patamar em uma das paredes do fortificado Forte do Guardião. Ele omitia o Forte do Arcanjo e era considerado uma extensão dele, um lugar onde um número considerável dos guardas angelicais de Neha fizeram suas casas. Visto de suas paredes fortes, o Forte do Arcanjo era uma grande dama ainda dormindo, embora a dispersão de luzes acesas nas janelas lhe disse que o lugar nunca realmente fechava os olhos. Como deve ser. A Torre em Nova York, nunca dormia, também.

Ele viu um anjo vir à terra no forte mais baixo naquele instante. Do jeito que ele trouxe-se a uma parada dura com dois bater simples, Jason atrelou o passageiro como um dos guardas guerreiros. Esses guardas não

eram exclusivamente angelicais —Neha tinha sua cota de vampiros em todas as posições, mostrando nenhum viés que poderia ser utilizado como uma vulnerabilidade.

Se o arcanjo tinha vulnerabilidades, eles tinham sido nomeados Anoushka e Eris.

Enfiando a mão no bolso, ele pegou o pequeno objeto que ele tinha secretado longe, mesmo quando ele passou a Mahiya o pesado anel de ouro. Ele havia tomado o anel masculino exatamente para esse fim, mas não tinha realmente esperado que ela pegasse o movimento. Algo mais a acrescentar ao seu arquivo mental da princesa, que o observava com olhos que viram demais para uma mulher que tinha sido enclausurada dentro de paredes do palácio suntuoso toda a sua vida adulta. Agora, ele usou sua visão noturna extraordinária para examinar a descoberta que ele não havia retornado.

CAPÍTULO SETE

O anel de uma mulher era como parecia isto: finos fios de ouro tecidos em torno de uma opala no centro. Completamente fora da qualidade feminina do desenho, o anel era tão pequeno para ter se encaixado até mesmo no dedo mindinho da mão de Eris. E, Neha era conhecida por não gostar de opalas, considerando elas um mau agouro, por isso não podia ser dela.

O dedo anelar de Mahiya... sim, ele se encaixaria. Entretanto, ele tinha o sentimento trivial de que opalas não eram as pedras escolhidas da princesa. Claramente, ele tinha visto algo que sua mente consciente não podia articular, mas isso deu a ele a certeza que Mahiya devia ser livre para exercer sua vontade, ela usava brilhantes jóias alegres como citrino e peridoto, turquesa e diamantes canários.

“Ametista. É assim como você chama isso?”

“Quase. Aqui, ouça-me dizer isso novamente. Ametista”.

Abaixando os cílios, e subindo novamente pelo fragmento de memória, ele concentrou-se no pedaço de jóia mais uma vez. Era o tipo calmo, belo anel para uma mulher que devia usar constantemente, um item diário, talvez alguma coisa com valor sentimental. Modesto, mas com uma cor fina para opala e um toque de um desenho que falava de um joalheiro mestre que Jason conheceu em Jaipur, era improvável pertencer

a uma serva, ainda que empregadas fossem permitidas no interior do Palácio de Eris.

E, levando em consideração as inclinações de Eris, uma inocente explicação para a presença do anel era tão improvável quanto ser impossível. Entretanto, se outra mulher —uma amante— tinha de fato sido permitida no interior das luxuosas paredes da prisão de Eris, não poderia ter sido feito sem a boa vontade e silêncio de pelo menos um par de guardas.

“Uma lábia, ele jamais teve isso”.

Acumular riquezas era um dom do charme de Eris, adicionado talvez a uma certa história com os guardas, muitos na unidade de elite tinham servido séculos, e isso pode ter sido o suficiente para induzi-los a esquecer a quem eles serviam. Neha tinha sempre coberto seu amante nas mais caras peles e sedas, as mais deslumbrantes jóias —se ele tivesse “perdido” uma peça ou duas, a arcanjo não teria nem ao menos notado, muito menos se preocupado.

Mesmo sem o incentivo do dinheiro, aqueles deviam ser homens que tinham sentido simpatia pelo marido que estava desaparecido. Na maioria das uniões angélicas, isso teria significado fim do relacionamento, não uma vida de confinamento, o céu para sempre fora do alcance. Sim, Jason podia ver como os guardas podiam ter sido persuadidos ao olhar para outro lado enquanto Eris se entretinha.

Quanto ao contato inicial, um servo leal poderia ter levado a mensagem depois que Eris pegasse um vislumbre do objeto de sua

atenção através da renda de pedras na varanda menor que dava para o pátio.

Tendo memorizado o padrão do anel e constatado que ele não carregava nenhuma gravação no interior, ele deslizou para longe. Ele ainda não tinha informação o bastante para descobrir o nome da mulher que tinha o usado, mas ele sabia onde procurar. Não dentro da corte... ou não no centro interno da corte. Ela tinha de estar nos limites, uma bela mulher que achava que ela não tinha recebido seu pagamento. Alguém que tinha tanto que estar lisonjeada pela atenção de Eris e cheia de muito orgulho que procurou trair um arcanjo.

Afinal, ela tinha sido audaciosa o bastante para usar uma opala na corte de Neha.

Era um jogo que ninguém com idade e inteligência afiadas ousaria jogar, então ela tinha que ser jovem e impressionável o bastante para se apaixonar pelas bajulações de Eris. Pois despir o véu de sua identidade fora significaria entrar no campo de batalhas da corte, que Jason não tinha a intenção de fazer. Foram os olhos de gato de Mahiya —brilhantes e silenciosos quanto um caçador de lobos cantando a meia-noite, que tinham a habilidade necessária para navegar nesse terreno particular.

“Ou talvez o assassino usasse garrotes extras como cordas?”

Não fascinava muito Jason que depois de uma vida inteira passando o tempo a desenterrar segredos e ouvir as mais escuras verdades, mas ele encontrou a si mesmo voltando de novo e de novo para a problemática Princesa Mahiya, uma mulher que não se encaixava em

seu ambiente e que tinha segredos em seus olhos mais velhos do que eles deviam ter.

Pouco importava. Ela tinha uma curiosidade intelectual, uma que perderia o seu brilho uma vez que ele conhecesse cada faceta dela. Disso ele estava certo. Nada e ninguém tinha conseguido chegar sob sua pele desde o dia que ele cavou um profundo buraco debaixo da sombra emoldurada pelas felizes flores de hibisco amarelo, as gaivotas grasnando e voando no alto.

Esticando suas asas com aquela verdade em mente, ele voou da Fortaleza Guardião e ao longo das altas linhas montanhosas antes de voar de modo mais alto dentro dos escuros céus acinzentados, as nuvens já pesadas o bastante para escondê-lo da detecção. Era aqui, muito acima da terra, que ele sentia-se mais em casa do que em qualquer outro lugar do mundo.

“Mais lento, Jason!” Uma mão segurou firmemente em seu tornozelo quando ele emaranhou suas asas e ameaçou cair.

“Pai!”

“Eu peguei você, filho. Espalhe suas asas lentamente... sim, desse modo”.

Segurando seu outro tornozelo, seu pai puxou-o dentro do céu. “Eu vou liberá-lo de novo. Pronto?”

Tomando uma profunda respiração, Jason disse, “Sim”, e sentiu seu estômago retorcer quando seu pai abriu seus dedos.

Ele estava voando!

Só que dessa vez, o invés de voar contra o vento, ele se virou para ele, permitindo-o varrer sobre ele aspirais de água que cercavam sua casa, um brilhante azul esverdeado tão claro que ele podia ver em disparada listras laranja e vermelhas de um peixe nadando através do recife de coral.

Sobre ele, ele ouviu uma exclamação de encantamento de seu pai, e ele sorriu.

Não era por isso que Jason não podia voar. Ele apenas nunca tinha necessidade de praticar mais técnicas avançadas, para ir mais longe do que o telhado de sua casa ou sobre outras árvores. No entanto, se ele quisesse acompanhar seu pai para a pequena desabitada ilha que ele apenas podia ver a distância —onde seu pai colhia os frutos que sua mãe particularmente gostava— ele teria que aprender a pegar as correntes e conservar sua energia.

“Pai!” Foi um grito de encantamento dessa vez. “Eu consegui! Você consegue me ver!”

“Eu sabia que você conseguiria, filho!” Seu pai voou em sua frente em asas de negro puro, exceto pelo profundo marrom do topo de suas primárias penas, angulando contra o vento por um segundo antes de deslizar em uma outra corrente ascendente e circular de volta para o atol.

O copiando, Jason descobriu que não era de todo difícil se ele fizesse o que seu pai tinha ensinado a ele e pensou primeiro.

“Fuga eficiente é tanto sobre escolhas inteligentes quanto força bruta”.

Agora Jason tomou uma decisão consciente para mudar seu ângulo quando ele percebeu que o tamanho maior de seu pai lhe daria uma

vantagem... e funcionou! Até ele sentiu-se como estava sendo carregado nos ventos. Ele não podia esperar para mostrar a sua mãe, e quando ele viu o púrpura pálido de sua túnica a distância enquanto ela voava para se unir a eles, ele empurrou-se ainda mais rápido, suas asas de azul escuro brilhante na luz do sol. Seu pai disse que Jason era para ser um caçador da noite, como ele tinha sido em sua juventude, antes que ele decidisse seguir sua paixão pela música e os instrumentos que criou.

Jason se perguntava quando ele seria autorizado a voar sozinho durante a noite. Ele pensava que ele poderia gostar de perseguir as estrelas, mas ficaria sozinho depois de um tempo. Frio e solitário

CAPÍTULO OITO

Em pé na varanda sem corrimão fora de seu escritório na Torre, Raphael considerou o relatório que ele tinha acabado de ter de Naasir. O vampiro estava atualmente sediado na cidade outrora perdida de Amanat, ressurgida para uma nova vida em uma região montanhosa do Japão, uma cidade controlada pela mãe de Rafael, um arcanjo tão velho, que ela era uma verdadeira Anciã.

O despertar de Amanat reuniu velocidade, ele disse à mulher com o cabelo tão pálido que era de ouro branco, os fios capturam a luz dos arranha-céus ao redor enquanto ela voava em zigue-zague a uma curta distância da Torre.

Nós esperávamos tanto. Elena caiu para a esquerda. *Me dê um segundo. Ransom pediu-me para ajudá-lo a rastrear uma van incômoda—peguei!*

Sua visão aguçada como uma ave de rapina, ele observou enquanto ela falava em um telefone celular, pegou a onda de sua exultação quando o caçador no chão fez a captura. Consortes angelicais eram uma raça rara. Além de Elena, apenas Hannah de Elijah poderia realmente levar esse título. Mesmo antes da morte de Eris e apesar de ter sido educado se referir a ele como tal, a posição ocupada pelo marido de Neha não era nada semelhante ao de uma das mulheres. Isso não era para dizer que Hannah e Elena foram cortadas do mesmo tecido. Não, elas

estavam tão distantes em seus temperamentos e pontos de vista sobre o mundo, como fogo e gelo.

Das duas, era a consorte de Raphael, que era considerada uma criatura peculiar, de fato.

— Por que ela continua a trabalhar para a Associação? — Favashi havia perguntado a última vez que se encontraram, perplexidade genuína em seu tom. — Será que ela não entende a honra de sua posição?

Favashi acredita que você deve desistir de sua propensão por perseguir vampiros e sentar-se ao meu lado como uma consorte adequada.

Sem ofensa à Favashi —que parece bastante decente em comparação com Lijuan a fabricante de zumbi— mas ela não sabe nada sobre a forma como trabalhamos.

Os lábios de Raphael curvaram. — Sim. — Ele pegou sua consorte pela cintura quando ela veio para o pouso de alta velocidade. — Você certamente “quebraria sua cabeça”, como você colocou, nessa velocidade.

— Eu só voei tão rápido, porque eu sabia que você ia me pegar.

Ele era um ser de imenso poder, tinha vivido um milênio e meio, e ainda assim ela teve a capacidade de atordoá-lo com essas palavras simples, a confiança dela uma jóia multifacetada e brilhante. Erguendo a mão, ele correu sobre o arco de sua asa esquerda, a área extremamente sensível. O tremor dela era delicado, o cinza pálido de seus olhos indo esfumado, o aro desenvolvendo em prata pura em torno de suas íris vivas durante a noite.

— Então, — Disse ela, inclinando-se para ele com um suspiro de prazer até os ossos, — o que você acha que sua mãe vai fazer a seguir?

— Eu ainda não sei. — Caliane era um coringa que ninguém esperava ter que lidar —muito menos o filho que ela tinha deixado sangrando e quebrado em um campo longe da civilização. — Quando ela acordou, não tinha inclinação para governar outra coisa senão Amanat, mas ela está curando a sua força, e há um lugar vago no Cadre.

O Cadre dos Dez havia sido assim chamado por tanto tempo quanto a raça angélica tinha escrito a história. Mesmo quando havia uma ausência de cem ou duzentos anos enquanto um novo arcanjo chegava ao poder, e apenas nove governaram, o nome não mudou. Tais lacunas eram normais na vida de um imortal. A cadeira vazia desta vez tinha sido assim há menos de um fragmento de um segundo, a execução de Uram ainda não passou de dois anos.

— O retorno de Caliane ameaça desequilibrar a estrutura de poder do mundo. — Embora houvesse momentos quando os números angélicos tinham caído tão baixo quanto sete, eles nunca tinham ido acima de dez, um equilíbrio natural que garantiu grandes zonas amortecedoras suficientes entre os maiores predadores do planeta. — Há aquele que está na iminência de ascender ao status de arcanjo—

— Por iminência você quer dizer... — Perguntou Elena, e ele se lembrou da mortalidade tão perigosamente perto de sua pele, imortalidade era um dom que tinha tempo para crescer, para resolver.

— Uma década, um século. — Ele inclinou o rosto dela para verificar uma contusão que tinha sofrido durante a sua sessão de boxe antes. — É imprevisível, a este nível de poder.

— Então nós temos tempo para descobrir uma solução. — Deslizando os braços ao redor de seu corpo, ela voltou seu olhar em direção a sua amada Manhattan. — E é verdade, não é como se alguém pudesse parar Caliane se quisesse governar de novo.

Não. Sua mãe era muito poderosa. Ela também tinha estado louca quando ela decidiu seu Sono secular. Agora, ela lhe disse que estava sã, e suas ações parecem confirmar isso, mas Raphael sabia que a loucura nos antigos pode ser uma coisa insidiosa. Lijuan era o exemplo perfeito.

Jason está preocupado que Lijuan possa estar criando mais renascidos. O relatório veio uma hora atrás, seu espião continua a controlar sua rede de informantes, mesmo quando ele caçava o assassino de Eris.

— O quê! — Elena balançou a cabeça. — Isso não faz sentido—essas criaturas são tão contagiantes que se tornaram uma praga em suas terras, bem como as terras de outras pessoas no Cadre, e ela viu como eles poderiam se voltar contra ela. — *Mesmo que ela não fosse aquela insana.*

Eu não sei se concordo. — Ela é velha, e os velhos nem sempre pensam como deveriam.

Elena levou tempo para responder, o olhar de rastreando uma pequena tropa de anjos chegando para pousar na varanda abaixo. — Ela poderia ter descoberto uma maneira de controlar a taxa de infecção, alguma maneira de ter certeza da sua lealdade.

— Se ela tem, ela vai ser imparável. — A última vez que Lijuan ressuscitou, o resto do Cadre se uniu para executá-la, apenas para,

inadvertidamente, ajudá-la na sua estranha evolução, agora, ela já não estava completamente corporal. — Eu tenho que encontrar uma maneira de fortalecer a minha nova habilidade. — A vida pura disso, nascido de seu vínculo com sua consorte com o coração mortal, era hostil à morte que era o toque de Lijuan.

— Pena que não temos mais o elemento de surpresa.

Passando a mão em baixo da trança de seda de seu cabelo, ele sorriu. — Você sempre vai proporcionar surpresas, Elena. Você é a minha arma secreta.

Ela riu, os olhos dançando. — Será que Jason não disse nada sobre Neha quando entrou em contato com você?

— O voto de sangue significa que ele não pode falar do que acontece no forte, a menos que a informação se torne pública. — *É uma questão de honra.*

Eu entendo. — Eu só espero que ele esteja seguro. — Preocupação era uma sombra em todo o ouro escuro de sua pele. — A forma como Neha parecia a última vez que a vi.... — Um tremor violento.

— Jason é um sobrevivente. — Raphael não sabia tudo o que havia acontecido com Jason enquanto uma criança, mas ele uniu peças suficientes para compreender que o outro anjo tinha vivido coisas que nenhuma criança deveria ter experimentado.

Elena olhou para cima, como se tivesse ouvido algo que não estava ciente de denunciar. — Você ainda está preocupado com ele.

— Ao contrário de Dmitri, — Disse ele, soltando-a para caminhar até a beira da varanda, com a mente cheia de imagens de um jovem anjo

com asas de um preto exuberante, que mal havia falado com Raphael quando o conheceu, — Jason nunca esteve em perigo de tornar-se cansado.

Tendo vindo para ficar ao lado dele, sua asa escovando a sua em uma intimidade que ele não aceitaria de nenhuma outra, Elena disse: — Você acha que isso está mudando?

— Pelo contrário. A razão que Dmitri tornou-se tão cansado era que ele provou todo pecado, afogou-se na sensação. — O círculo infinito de prazer e dor tinha sido um esforço para escapar de uma perda que tinha brutalizado o outro homem, mas o resultado final foi uma espécie de emocional dormência que Raphael tinha pensado que nada poderia quebrar, muito menos uma mortal com um espírito fraturado.

— Jason pelo contrário, — Ele continuou, — mergulha em nada. — Raphael o tinha conhecido há muito tempo para não perceber que mesmo as amantes de Jason levavam nada dele além do toque de sua pele.

Elena soltou uma respiração tranqüila. — Ele é assim o tempo todo, não é? Parte do mundo... mas distante. Uma sombra, que nunca se torna muito envolvida.

Raphael não tinha necessidade de concordar com a voz, porque era a verdade. Seu espião pode não estar cansado, mas ele estava entorpecido em um sentido muito mais profundo. — Para sobreviver à eternidade, — Ele murmurou, — Jason precisa encontrar alguma razão de existir além do dever e lealdade.

Ele segurou o rosto da mulher que era a sua própria razão de ser, que fez a imortalidade parecer ser uma promessa iridescente, em vez de

uma estrada sem fim. — Essas coisas são poderosas e não devem ser menosprezadas... mas eles não são o suficiente para derreter um coração que tem sido envolto em gelo por quase 700 anos.

CAPÍTULO NOVE

Jason olhou através da janela do palácio que era sua residência por um longo tempo, sua atenção na parede que envolvia o jardim dentro da montanha do palácio de Mahiya. Era um lugar que ele tinha cruzado o centro da casa para ver, e a princesa não tinha feito nenhum esforço para chamar atenção para ele quando ela tinha mostrado a ele sua suíte. Ele podia ver por que.

Ao contrário do pátio estruturado atrás dele, essa área oculta, escondida entre o palácio e a alta parede defensiva que protegia a fortaleza, parecia ter sido criada como um jardim há muito tempo, completo com canais de irrigação que mantinham as exuberantes plantas florescendo selvagememente apesar do sol do deserto, então esquecido, permitindo correr soltas.

As requintadas telhas visíveis nos sinuosos caminhos entre as camas no jardim dizendo a ele que tinham sido projetadas por alguém que esperava ter gasto uma grande parte do tempo dentro de seus arredores... ou talvez esperado que alguém também fizesse isso, alguém sobre quem ele se preocupava o suficiente para criar uma paraíso escondido.

Eris.

Sua mente fez a conexão que tinha estado buscando —as telhas ecoavam aqueles que tinham visto os passos nos palácios de Eris. Então talvez esse palácio tenha originalmente sido o significado da prisão de

Eris, o jardim sua área privada. Exceto que Eris tinha tentado usar seu tempo ao ar livre para escapar, muito possível a partir deste jardim, assim mesmo perdendo o mínimo de liberdade.

Ele fez uma nota mental para seguir sua teoria com a mulher que andava a caminho do selvagem jardim agora. Ela olhou para cima naquele momento, embora ele estivesse envolto em sombras, uma tensão fraca invadiu sua espinha embaixo do gelo verde de sua túnica.

A bainha da roupa ajustada alcançava na altura acima do joelho, a divisória ao meio da coxa em ambos os lados permitindo liberdade de movimentos, mas permanecendo modesto, quando a túnica era usada sobre calças afuniladas de um fino algodão que agarrava suas pernas. Azul escuro, as calças repetiam a espessa borda azul nas extremidades de suas mangas até seus cotovelos e ao longo da parte inferior da túnica.

Embora estilos variados, as calças às vezes frouxas e às vezes apertadas; as túnicas de gola alta ou cavadas, flutuavam em uma saia cheia ou cortadas perto do corpo; e mais frequentemente usadas com um longo, lenço transparente, era o traje que ele tinha visto muitas vezes nesta terra, tão comum em trabalhadores e serventes quanto era nos cortesões. A diferença estava nos tecidos, no corte e na profundidade dos ornamentos. Não era incomum ver uma das borboletas da corte numa peça de contas na mão com pequenas pérolas ou onde o bordado tinha sido criado usando fios finos de puro ouro e prata.

Mahiya usava uma seda leve, mas embora a túnica seguisse o formato de seu corpo, não possuía nenhum brilho, nenhum bordado. O pescoço tinha uma superficial cavidade arredondada que oferecia um

vislumbre de seus ombros nus, sua pele dourada brilhava a luz do sol da manhã, seu cabelo reluzindo com fios de vermelho oculto onde ficavam pendurados na simples, trança perdida que alcançava o centro de suas costas.

Armaduras, ele pensou, Mahiya usava roupas formais como armaduras, e ele a achava despojada nisso. Tomando vantagem, ele tinha certeza que ele estava esperando por ela no piso abaixo quando ela entrou novamente no palácio.

— Você tomou café da manhã? — ele perguntou, capturado pela forma que um raio iluminou o amarelo queimado castanho de seus olhos até mais surpreendentes com intensidade.

— Não. — Ela não mostrou nenhuma surpresa ou hesitação em sua presença, como se ela tivesse percebido seu propósito e usasse o tempo entre sua visão dela e seu encontro para vestir sua armadura emocional, se nem a roupa que tinha a mesma função. — Ninguém deve deixar um convidado para comer sozinho... meu senhor.

Muitas palavras que nada significavam. — Meu nome é Jason, — ele disse. — Eu nunca fui um senhor nem eu desejo ser um em qualquer sentido.

Um piscar de olhos. — Eu não posso usar o seu nome.

Jason considerou os costumes culturais da terra onde ele estava, mergulhar neles em um curto período de tempo por sua associação com Mahiya, seu status de princesa, assim como as regras não mencionadas da corte de Neha, e entendia que para ela usar seu nome em público violaria um obstáculo, levando outros a acreditar que o ritual do voto de

sangue era um relacionamento mais íntimo. — Em privado, então, eu sou Jason.

Um inclinar de cabeça, seguido por uma graciosa ondulação de sua mão para conduzi-lo a uma sala ensolarada com vista para o pátio. A madeira polida da mesa com um tamanho para acomodar seis pessoas, já estava posta com o café da manhã —os lugares postos um de frente pro outro.

— Não ha serventes neste lugar exceto por aquelas que vem uma vez por semana para limpar, — ela disse, pegando o bule de prata elegante para servi-lo uma xícara depois que ambos estavam sentados. — No entanto, eu posso ter-lhe alguém atribuído, caso você deseje isso.

— Não. — Ele tomou um gole de chá rico com leite e especiarias, e devolveu a xícara para a mesa, pretendendo pegar para si mesmo um copo de água pura.

Os olhos de Mahiya desviaram de onde ela estava vindo colocar a comida no prato. — Não está do seu gosto? — Antes que ele pudesse responder, ela levantou e desapareceu através de uma pequena porta, para voltar com outro bule apenas minutos depois. — Talvez você prefira esse.

O sabor puro do sutil chá preto tocou sua boca quando ele ergueu sua xícara para seus lábios, as folhas sem dúvida provinham das plantações do território de Neha. — Obrigado. — Ele não disse a Mahiya para não servi-lo, porque isso diria a ele algo mais sobre ela ao largar o prato que ela tinha feito para fazer um outro —um muito mais adequado a

seu gosto, ela decidiu baseado em nada além de sua preferência quando ela trouxe o chá.

Uma mulher esperta com muitas facetas... que preferia passar uma outra impressão por fora.

Servindo um para si mesma após ter passado seu prato, ela disse, — Você acorda cedo. — Um olhar penetrante. — Ou você não dorme. Talvez, você, voe todas as horas antes do amanhecer?

— Eu não sou mortal. — Anjos não eram imunes para precisar dormir, mas os mais velhos faziam, a menos que eles necessitam. Jason dormia talvez duas noites por mês, e isso era o suficiente para manter sua força. — No entanto, você precisa dormir mais do que você tem estado conseguindo. — Marcas fracas marcavam a pele embaixo de seus olhos, machucados que não poderiam ser justificados por uma única noite sem dormir.

Um olhar genuinamente assustado antes de seus cílios velarem sua expressão. — Eu acordo quando você acorda, meu senhor.

— Jason.

— Jason.

Não era uma vitória, ele pensou, a capitulação tão sem sentido quanto qualquer outra bela palavra que ela disse a ele. Esta não era a mulher que tinha falado de garrotes e oferecido para procurar no quarto por uma agulha ganchada, escudos de educação cortês tinham subido para esconder a verdade nela em horas desde que ele tinha voado para desaparecer na noite. — Diga me, — ele disse, decidindo não usar força bruta para atravessar aqueles escudos, mas sim uma sedução sutil para a

natureza inquisitiva que ela tinha mostrado mais cedo, — sobre os guardas de Eris.

Largando sua xícara, ela começou a falar, seu tom, um que dizia que ela tinha esperado a pergunta —que significava que ela tinha também calculado a razão que ele devia necessitar de informações. Acontece que havia doze guardas no total, uma unidade cuja única tarefa era proteger Eris para mantê-lo em seu palácio. — A unidade é composta de anjos altamente treinados, nenhum vampiro.

Uma guarda alada fazia sentido para um prisioneiro capaz de alçar vôo. — Quem você acredita que matou Eris?

Outro lampejo de surpresa. Esta, que ela não fez nenhuma tentativa para esconder, e ele entendeu algo também sobre a princesa —ela não estava acostumada a ter sua opinião solicitada, muito menos ouvida com o respeito que sem dúvida merecia. Que ninguém via mais do que uma pessoa que os outros julgavam como se inferior a seus comentários. Foi por isso que Jason colocou muitos de seus espiões entre os servos.

No entanto, Mahiya não era uma serva, e ele não a conhecia bem o bastante para julgar se ela jogava um jogo muito inteligente com ele ou não, sua “verdadeira” face tão falsa quanto a fachada óbvia. Somente uma coisa estava certa: a Princesa Mahiya, com uma lâmina em pinos ainda agora escondida em seu cabelo, tinha apenas se tornado ainda mais uma criatura fascinante para a mente do espião mestre.

— Não é minha função dizer — foi um sorriso de resposta para sua pergunta agora, a auto depreciação em seu tom tão natural, mas teria aceitado aquele rosto valoroso. — Eu não tenho nada de sua experiência.

Jason estava acostumado a esperar horas, dias, semanas se fosse preciso para descobrir uma única verdade. — Eu verei o resto da fortaleza, — ele disse, permitindo a ela acreditar que ele aceitou a sua não resposta cuidadosamente calculada.

— É claro. — O café da manhã terminou, ela rapidamente limpou a mesa, então o conduziu ao lado de fora. — A fortaleza é muito grande para caminhar —eu posso dar a você uma visão geral enquanto nós voamos, então—

— Não, mostre-me diretamente a área utilizada pela corte formal. — Ele não faria de si mesmo um alvo contra o doloroso azul do céu. Neha não tinha razão para atirar nele, mas Neha era também um arcanjo. O único do Cadre que Jason confiava era Raphael.

Mahiya hesitou. — Se você me der um momento, eu devo retornar aos meus aposentos. Minha senhora ficará descontente se me ver assim na corte principal.

Quando Jason assentiu, Mahiya sabia que ela estava presa. Ela teria deixado o espião mestre por si mesmo enquanto ela trocava-se, dando a ele uma chance para livrar-se dela mais uma vez —mas ir como ela estava, não era uma opção. Neha consideraria um insulto, e atrair a atenção de um arcanjo seria uma jogada muito estúpida da parte dela neste estágio do plano, não importa o que custasse a ela, ela devia engolir

seu orgulho, morder sua língua, curvar sua cabeça, o que fosse preciso para sobreviver apenas mais algum tempo.

Agradecendo Jason por sua paciência, ela caminhou para o andar de cima e rapidamente desfez a pequena linha de ganchos em seu tornozelo que prendia o afilado algodão de suas calças. Muitos da geração mais jovem na cidade preferiam usar jeans apertado abaixo das túnicas, mas Neha era um arcanjo das antigas, preferia uma adesão à tradição antiga dentro da fortaleza.

Os botões que fechavam as asas em fendas lhe deram um momento de frustração quando eles recusaram-se a fechar, mas ela conseguiu que eles o fizessem e encolheu os ombros na túnica para o chão. Feito isso, ela não pegou o sári, mas outro conjunto de túnica. Jason era capaz de tomar o céu em algum ponto, e tanto quanto Mahiya apreciasse a graça que um sári concedia a uma mulher, não fazia o desgastante vôo mais adequado.

De um suave tecido amarelo pesadamente bordado com flores brancas fixadas com pequenos espelhos em seus centros, a túnica era formal sem violar a etiqueta do luto forçado desde a morte de Anoushka. A fina calça de algodão que abraçava suas pernas era um branco contrastante, como era a echarpe longa que cruzava longitudinalmente e colocada sobre o braço esquerdo, presa a túnica com um broxe de jóia disponibilizada a ela para usar, mas que pertencia ao tesouro da Fortaleza.

Seu cabelo foi bastante fácil —ela puxou-o para trás em um elegante coque na nuca, ancorado com as lâminas de pinos de alta

qualidade que ela tinha conseguido comprar de um viajante ambulante do lado de fora, ninguém que era sábio, trocaria um sári ricamente adornado em escambo. O funileiro acreditou que ele tinha conseguido a melhor de suas barganhas, mas os pinos tinham dado a Mahiya um senso de impagável segurança na escuridão, uma lembrança constante que ela não era uma quebrada, criatura esmagada, mas uma mulher disposta a lutar por seu direito de viver, de existir.

Seu rosto, ela deixou intocável. Seus olhos já atraíam muito atenção —ela não queria mais.

“Esses belos olhos que você tem”.

Uma criança meio crescida, Mahiya não sabia o porquê as palavras a deixavam doente de seu estômago. “Obrigada”.

Um lento sorriso da arcanjo que tinha lhe sido dito ser sua tia. — Eles são os olhos de seu avô. A linhagem parece produzir sempre crias com as características dos pais.

Ignorando o frio da memória, ela deslizou seus pés dentro dos chinelos planos, seus dedos dos pés encaixando perfeitamente dentro do couro cravejado de cristais, a pulseira ao redor de seu tornozelo similarmente adereçada. Ninguém jamais poderia dizer que Neha não deu a criança que ela tinha “adotado” muito luxo.

Em menos de sete minutos depois ela tinha descido as escadas, ela correu de volta para baixo —encontrando Jason em pé de frente ao pavilhão do pátio, suas mãos atrás de suas costas e sua atenção no palácio que tinha sido a prisão de Eris. Alívio foi liberado na respiração que ela não tinha percebido segurar.

Ele não se encaixava aqui, ela pensou, capturada pelo belo olhar masculino dele enquanto caminhava para o pavilhão. Ele era uma coisa muito indomável para uma elegância polida e regras educadas do reinado de Neha. Da selvageria da tatuagem que cobria o lado esquerdo de seu rosto, até o implacável negro de suas asas e as linhas claras de suas roupas —calças pretas simples, uma camisa da mesma sombra escura, botas pretas, nenhuma jóia— tudo sobre Jason gritava que ele era um homem, um anjo, que fazia a sua própria maneira, forjando seu próprio caminho.

Ele devia oferecer a Neha seu respeito, mas ele nunca a adoraria como uma deusa, Mahiya pensou, seus olhos indo para seu cabelo em sua trança elegante na nuca... que foi quando ela percebeu que ele usava uma espada em sua bainha preta na linha central de sua espinha, as tiras fundidas com o preto de sua camisa. — Neha não permite armas em sua corte formal exceto para os guardas.

Os olhos de Jason travaram com os delas, e embora soubesse que isso era uma ilusão, sentiu como se ele fosse despi-la até a alma, vendo coisas que ela nunca tinha compartilhado com outro ser vivo. — Neha, — ele disse, — entende como eu trabalho.

Mahiya duvidava muito que alguém entendia o espião mestre verdadeiramente, mas ela deu um pequeno aceno de cabeça, aproveitando a oportunidade para encerrar o perturbador contato visual. — Vamos?

Jason nada disse enquanto eles deixavam o pátio, seu silêncio tão profundo que ela sabia que devia ser uma parte dele, não algo criado para perturbá-la. Estranho o suficiente, ela não achou o silêncio ao menos

perturbador —o silêncio de Jason era uma coisa honesta, ao contrário das mentiras que saíam de muitas outras bocas. — Nós encontraremos minha senhora na câmara de audiência pública.

Neha estava disponível neste dia para aqueles de sua terra que falariam diretamente com ela, uma rainha paradoxalmente justa se o componente fosse um aristocrata ou fazendeiro. — É cedo o bastante que nós devemos ser capazes de vê-la sem obstáculos, — ela adicionou enquanto eles caminhavam através de um intrincamento pintado no portão grande o bastante para vários elefantes atravessarem lado a lado.

A fortaleza estava viva e acordada, e Mahiya assentiu para qualquer membro do povo. As mulheres todas vestindo suaves tons de vermelho, amarelo, e azul normalmente favorito nesta região, mas estilos dramaticamente variados. Um número usava vestidos de dia, vários vampiros em ternos arrumados que diziam que eles tinham negócios do lado de fora da fortaleza, enquanto outros ainda usavam simples sáris de trabalho. Então havia aqueles que vestiam uniformes da guarda, completo com armas —Neha não discriminava quando se tratava de destreza e habilidade.

Todo mundo olhava para Jason para uma apresentação, mas Mahiya ignorou os pedidos não ditos e continuou em seu caminho, bem consciente que ele não era um homem que jogaria jogos políticos da corte. Ela estava feliz por sair da via quando eles alcançaram a audiência pública no salão, que era atualmente um grande pavilhão de pedra nos três lados. Seis linhas de sete colunas marchavam pelo chão, segurando acima o teto curvado, e abaixo, um grande terraço.

Neha geralmente dirigia-se aos seus súditos do alto trono já colocado no lugar, mas estava vazio no momento. Ao invés de pedir ao guarda em pé de frente a porta que Mahiya sabia abrir para uma escada que conduzia para o terraço acima, ela saiu e voou para cima, suas asas doendo com a tensão da decolagem vertical. Jason, é claro, não tinha tal problema e voou para o terraço antes dela.

Seus instintos provaram-se certos —Neha estava na borda onde a parede da estrutura original tinha sido removida para fornecer uma visão ininterrupta. Seus olhos onde estavam as montanhas, as colinas de marrom dourado na luz da manhã cedo, a escassa vegetação.

— Sua pira funerária arderá amanhã, — ela disse quando Mahiya a alcançou. — Você não usará branco. Ninguém usará branco.

Não era nenhuma perda para Mahiya não usar a cor do luto —Eris tinha sido menos pai para ela do que um gato para seus gatinhos. Quanto às próprias motivações de Neha, a arcanjo sozinha sabia, mas Mahiya tinha estado ao lado do corpo esquartejado de Eris, ouvido seus perturbantes lamentos. Não importava o que ela tentasse representar em seu orgulho, o mesmo orgulho que significava que Eris passou três séculos como um prisioneiro, Neha lamentava.

— Minha senhora, — ela disse, uma simpatia dentro dela que ela não tentava esmagar para fora de sua existência. Sua habilidade continua para sentir a dor sofrida pelo outro ser —especialmente quando aquele ser era a arcanjo que viu nela apenas uma interminável vingança—era uma parte de quem ela era, uma ternura de coração que ela tinha nutrido com

devotada força mesmo quando teria sido mais fácil ter adquirido uma carapaça de dureza que nada podia penetrar.

Neha voltou seu rosto para Jason, descartando Mahiya como se fosse um inseto. — O que você descobriu, Espião Mestre?

CAPÍTULO DEZ

— ❶ Palácio de Eris poderia ter sido bem guardado, — Jason disse, — mas não era inexpugnável.

Os lábios de Neha se curvaram em um sorriso sem graça. — Somente aqueles sem cuidado por suas vidas teriam quebrado as regras. Você me diz que havia mais de um?

— Eu não posso te dizer nada ainda. — Jason segurou o olhar de Neha de uma forma que Mahiya não tinha visto ninguém na corte ousar, nem mesmo os assessores de maior confiança da Arcanjo.

Seu estômago se esticou ante o risco que ele estava tomando. Embora ele fosse um estranho sem direito a sua lealdade, Mahiya descobriu que ela não queria Jason ensangüentado. Seria uma profanação de uma bela criatura selvagem que nunca deveria ser enjaulada ou quebrada.

No entanto, Neha riu, um brilho apreciativo no olhar. — Todos os sete de vocês, tão arrogantes.

Sentindo que estava faltando alguma coisa importante, mas incapaz de descobrir o que, Mahiya caiu em passo atrás de Neha e Jason enquanto caminhavam. As quase totalmente asas brancas de gelo de Neha eram um contraste gritante com o preto de Jason, como era o coral cintilante simples da arcanjo, mas requintado vestido de corte.

— Como está Dmitri? — Neha agora perguntou, a borda em sua vozafiada como um bisturi.

A resposta de Jason foi inesperada. — Você ainda não o perdoou por retornar ao Raphael?

Neha riu de novo, a lâmina transmutada brilhando em primeira diversão verdadeira dela que Mahiya tinha ouvido falar desde a execução de Anoushka. — Eu pensei que os dois filhotes selvagens mereciam um ao outro, e eu estava certa, não estava? — Sem esperar por uma resposta, ela acrescentou: — Ele deveria, no entanto, ter me convidado para o casamento dele, — as palavras segurando uma polidez perigosa.

— Sim, ele deveria, mas um vampiro de sua corte fez a tentativa de matá-lo poucos dias atrás.

Neha levantou a cabeça, seu sorriso tão frio quanto o sangue da cobra enrolada em uma cesta em um canto do terraço. — Será que ele acredita que eu iria me esconder atrás de alguém como Kallistos?

— O fato é que, — Jason disse, — Dmitri sempre gostou de você mais do que a maioria do resto do Cadre, mas, e independentemente da breve trégua nascida da minha presença aqui, você e Raphael não são os melhores amigos no momento.

— Jogando política, Jason?

— Sou muito bom nisso.

Um pequeno silêncio. — É claro que você é. — A raiva foi substituída pela gelada aprovação. — Um espião que não conseguisse entender as nuances seria inútil.

Jason não disse nada em resposta a essa verdade auto-evidente. O que ele disse foi: — Quando Dmitri descobriu por que eu vim para o seu território, ele me pediu para transmitir a sua simpatia. Ele diz que vai sempre lembrar Eris como um espadachim que era um oponente de treino bem-vindo.

Mahiya tinha visto Eris dançar com uma lâmina dentro dos limites de seu palácio, a graça disso deslumbrante. Uma vez, ela tinha visto Neha e Eris juntos no pátio, as suas espadas e corpos movendo-se com uma harmonia que, para um único momento —tornou dolorosamente claro como os dois poderiam ter se apaixonado.

— Eu tinha esquecido, — Neha murmurou, — que Dmitri e Eris tinham isso em comum. Dois homens tão diferentes conectados pela lâmina.

— Ele também me encarregou de perguntar se você gostaria de receber ele e sua noiva, uma vez que você está recebendo os hóspedes outra vez.

— Se ele falou tão lindamente, eu ficaria muito surpreendida, — disse Neha, mas Mahiya poderia dizer que ela estava satisfeita com o pedido, para o líder dos Sete era concebido ser um cínico bastardo, de coração duro, que não confiava em ninguém. No entanto, ele respeitava a honra de Neha suficiente para trazer em seu território, a mulher que ele tinha feito a sua esposa.

— Diga a ele, — a arcanjo disse, — que eu não vou estar descontente se ele e sua esposa devem prestar suas homenagens. Minha briga é com Raphael, não Dmitri.

Jason assentiu. — Vou passar a mensagem. Eu a mantenho de seu povo?

— Não. — Neha balançou a cabeça e deu um passo um comprimento de asa de distância. — Eu já adiei a audiência pública. Você vai me acompanhar para o Guardian onde pretendo permanecer durante a noite com Eris.

Asas alargaram, ela executou uma decolagem vertical impecável, Jason subindo ao seu lado. Mahiya foi mais lenta, viu-se a ficar para trás, mas ela não fez nenhum esforço para recuperar o atraso, seu estômago cambaleando com o pensamento de estar no The Guardian. Em vez disso, deixou seus olhos permanecerem na agitação suave da cidade abaixo. Tinha outro nome uma vez, mas depois de tantos séculos na sombra do Forte Arcanjo, tornou-se a Cidade do Arcanjo.

Não surpreendentemente, a cidade reflete o gosto de Neha. Embora a retirada das residências de vampiros poderosos ou anjos que viviam fora do forte —os edifícios eram em sua maioria pequenos e nivelados, eram estruturas graciosas de pedra que tinham resistido a marcha do tempo. Como qualquer cidade Arcanjo tinha vielas estreitas, bem como vias mais largas, mas nada estava quebrado ou feio, sujo ou abandonado, a água corrente do lago limpa e tão fresca que era potável.

Do outro lado de Mahiya, abraçando uma natural faixa de colinas esparramou o forte, e também tinha o selo de sua amante. Forte do Guardiã era modesto em comparação. Ele também estava ligado ao forte principal por passagens subterrâneas que homens aparentemente morreram para manter em segredo —Mahiya só sabia sobre eles, porque

Eris tinha deixado escapar alguma coisa em uma das raras ocasiões em que ele afogou sua raiva em uma garrafa.

“— Em vez de tentar vôo, eu deveria ter esperado a minha oportunidade e usado os túneis!

— Túneis?

— Para o Guardian, sua estúpida!”

Eris se recusou a dizer mais alguma coisa sobre o assunto, mas ela conseguiu Vanhi para confirmar a existência dos túneis. No entanto, o vampiro, com os seus caminhos maternos, soube de uma única entrada, no interior do Palácio de Jewels, um local que poderia muito bem estar na lua.

Em frente de Mahiya, Neha e Jason circularam o maior forte, e ela foi atingida pela extensão das asas de Jason, pela eficiência limpa de sua técnica de vôo, não é um movimento desperdiçado. Ele não era um homem que ela alguma vez quiereria atrás dela no céu —fugir seria impossível.

Colocando uma explosão de velocidade, ela veio abaixo deles para pousar no pátio privado de Neha dentro do forte frio que fez uma gota de suor rolar-lhe a espinha, mesmo agora. No entanto, esse não era o motivo de sua descendência: Não faria por ela para subir mais alto do que o arcanjo —a lição que ela aprendeu no dia fatídico de cem anos depois de seu nascimento, quando ela cruzou a linha oficialmente na idade adulta e perdeu a proteção conferida pela falta de vontade de Neha para prejudicar os jovens.

A lição tinha sido uma brutal, o Mestre da Guarda instruído para tirá-la de volta de pele. Mahiya á muito tempo entendeu que ela viveu no sofrimento de Neha, tendo aprendido a verdade de uma babá que achava que ela deveria saber o seu lugar no esquema das coisas, o dom do conhecimento a bondade áspera.

“- Nunca se esqueça de que nada que você faça nunca vai agradá-la. Para ela, você não é uma criança a ser protegida, mas um lembrete constante de uma traição que humilhou um arcanjo. Concentre-se em sobreviver.”

Enquanto ela pendurava no tronco, o sangue escorrendo pelas costas, Mahiya tinha entendido outra coisa. Neha queria quebrá-la, até que ela fosse um aviso vivo do preço da deslealdade. Pessoas suficientes conheciam o segredo tácito da herança de Mahiya que o aviso seria compreendido.

Eu vou sobreviver e eu vou sobreviver inteira.

O voto era um que ela tinha feito, mesmo quando o chicote caiu de novo e de novo. E foi um que ela tinha guardado, se recusando a deixar Neha curvá-la em um espelho feio do próprio ódio de Neha. Permitir a arcanjo a acreditar que ela tinha conseguido intimidar Mahiya foi uma jogada estratégica no tabuleiro que lhe custou nada, além do orgulho... e orgulho era uma ferramenta inútil na luta pela sua própria existência.

Jason pousou atrás de Neha, mas isso era de se esperar, ele estava claramente atuando como seu guarda neste momento. Ele ignorou a presença de Mahiya, cedendo a ela não mais do que um piscar de olhos.

Algo borbulhou em seu estômago, e ela se conhecia pelo tipo mais patético de tola. O que ela esperava? Que ele continuasse a tratá-la com aquele inexplicável, respeito sedutor depois que ficou claro exatamente como ela pouco importava para Neha?

— Jason. — Neha inclinou a cabeça em reconhecimento real antes de entrar no palácio que ela usava como Guardian, pronto para começar sua vigília pelo corpo sem vida de Eris.

Engolindo a raiva dentro dela que poderia arruinar tudo, Mahiya disse, — Você gostaria de voltar ao Forte do Arcanjo?

Um aceno de cabeça, e ele se levantou de novo, em uma explosão de velocidade incrível.

Seu coração saltou em sua garganta. *Ele era mais rápido do que Neha.* Sua própria ascensão parecia infantil e dolorosa em comparação, mas ela ficou no ar e fez seu caminho para o forte pelos céus azuis cristalinos, enquanto Jason foi tão alto que ele não era nem um ponto na distância, reaparecendo no último minuto lançando-se para baixo para uma aterrissagem limpa na frente do palácio —dela—deles. A área parecia deserta, os guardas saíram após a remoção do corpo de Eris.

Jason dobrou suas asas, esperou que ela fizesse o mesmo. Então ele se virou para ela. — Você não, — disse ele em um tom calmo e medido, — tem respeito o suficiente por si mesma para não permitir que Neha a trate como algo raspado no fundo do seu sapato?

O choque do golpe inesperado foi tão absoluto, sentiu como se tivesse perfurado o punho em suas costelas, amassando-lhe os ossos por dentro, onde arrancou e rasgou e a fez sangrar.

Jason percebeu que tinha cometido um erro no instante depois que ele falou, o rosto de Mahiya empalideceu para um tom doentio, sua respiração irregular. Tinha sido um longo tempo desde que ele tinha falado sem pensar, e ele sabia que tinha permitido que sua raiva contra a aceitação do tratamento dado a ela por Neha colorisse o seu pensamento de Mahiya.

Deslocando uma fração mais perto, ele abriu as asas como se as esticando. — Estamos sendo vigiados. — Ele fez o seu tom de um chicote. — *Não quebre.*

Ela piscou para a ordem dura, e, em seguida, foi como se uma haste de aço tinha sido empurrada por sua espinha, os olhos amarelos acastanhados selvagens com fúria. — Um teste, espião? Se assim for, eu falhei.

Então, finalmente, eu a vejo novamente, Mahiya. — Eu poderia ter falado com mais cuidado, mas isso não mudaria o âmago da minha pergunta.

Sua fúria agora rigidamente controlada, ela não entrou na privacidade do palácio, mas através dos caminhos delineados do jardim do pátio, a área brilhante com flores exuberantes que zombaram do clima do deserto, a água escorrendo pelas laterais do pavilhão oferecendo um arrefecimento de ar. — Eu estou fadada a agradecer por me chamar de covarde?

— Não, — ele disse, sua própria raiva muito mais temperada, mas não menos perigosa. — Mas você deve saber que a fraqueza, real ou

fingida, só incita predadores. — E os arcanjos eram os predadores alfa do planeta. — Neha apreciava aqueles que a enfrentam, você tem a força para fazê-lo. — Ela não era mais fraca do que ele era estúpido. — Você não tem razão para se fingir de morta.

Uma lavagem de vermelho escuro sobre suas maçãs do rosto, as mãos em punho. — Não pense em mim ou em minha vida com base na intimidade forçada de um dia, meu senhor. — Afastando-se do jardim com essas palavras frias, ela levou-o através de uma porta de entrada para as salas de frio no interior do forte, indo para baixo até que ele pensou que eles deviam estar no nível que abrigou o Palácio de Jóias.

Eles não trocaram mais nenhuma palavra até que ela parou em um conjunto de portas decoradas com o tema familiar de vasos finos, as esculturas em baixo-relevo com ágata e o que parecia ser turmalina verde. As portas estavam entre abertas, mas o ângulo significava que ele e Mahiya estavam ainda escondidos da vista das pessoas dentro. Ele se aproveitou disso para estudar o espaço e seus habitantes.

Espaçoso e relativamente livre de móveis, o quarto abriu para uma ampla varanda, a luz solar inclinada lá, bem como através dos pequenos espaços da janela para a direita. A iluminação era brilhante, mas não forte, dourando os anjos e vampiros que estavam conversando e rindo em pares ou em pequenos grupos, todos vestidos com tecidos ricos que brilhavam e reluziam, diamantes, como gotas de gelo em seu cabelo e suas orelhas.

— Cortesãos, — Mahiya disse, seu tom frio. — A refeição matinal privada, onde eles podem mostrar sua elegância, sem ofensa para Neha. Eu posso fazer as apresentações.

Recusando-se a oferta com um balançar de cabeça, ele caminhou alguns metros para a direita a uma porta que, como ele esperava, levou diretamente a uma varanda que acompanhava a sala de cortesãos. Ainda melhor para o seu propósito, era um pequeno, não conectado à varanda mais ampla que ele tinha observado no final da sala. Saindo, ele encostou-se na pedra aquecida pelo sol ao lado janela da grade e se estabeleceu em ouvir, obscuramente consciente da presença silenciosa de Mahiya ao seu lado.

Como ela tinha estado em silêncio na presença de Neha.

Sua raiva renovada em seu comportamento era visceral, uma coisa borbulhando crua. Depois de quase 700 anos de vida com memórias que nunca se tinham desvanecido, ele sabia a causa de sua resposta turbulenta, sabia que sua fúria era alimentada pela memória de outra mulher que não tinha lutado contra a violência exercida para ela.

“- Ele não pode evitar, Jason. A terrível escuridão tomou conta de seu coração... mas podemos trazê-lo de volta. Nós apenas temos que amá-lo.”

O tratamento de Neha a Mahiya não era nada tão óbvio como um golpe físico, mas era como uma arma eficaz em apagar sua personalidade.

— ...rumores de que ele tinha uma amante.

Reprimindo sua raiva, Jason focou nas vozes.

— Ridículo. Quem faria uma execução para algo tão espalhafatoso quanto o sexo?

— Komal poderia. Você sabe como brava, ela tem sido desde que Neha baniu esse vampiro com quem tinha a intenção de dormir.

— Komal é uma menina boba, mas ela não é suicida.

Jason ouviu por quase uma hora, mas não ouviu nada tão explosivo quanto a breve conversa. — Quem é Komal? — ele perguntou a Mahiya uma vez que eles estavam bem longe do quarto.

— Uma vampira que tem sido parte do átrio interior, por meio século. Sua beleza é considerável, e ela é perita em usá-la para manipular os homens. Eu acho que ela não chega a compreender que Neha não é tão suscetível. — Um olhar que não era tão cauteloso como ele tinha vindo a esperar dela, o gelo ainda presente nas profundezas marrom acastanhada. — Vou levá-lo a ela se quiser.

— Sim. — Jason sentiu sua própria centelha raiva latente em resposta, sabia que ela sentia quando ela afastou a cabeça e caminhou pelo corredor, seu comportamento recatado esquecido. Embora ela não pudesse ter querido fazer isso, o show de temperamento acalmou o seu próprio.

— Lá está ela. — Mahiya indicou uma mulher que caminhava por um dos corredores abertos que davam para a paisagem urbana.

Komal provou ser exatamente como descrita, um convite sensual com seu cabelo negro e lábios vermelhos, pele mel dourada e curvas perigosas. A mulher a quem o vampirismo havia concedido seu beijo exótico, e aquele que foi estragado na medida em que ela fez beicinho

quando Jason não imediatamente caiu a seus pés. — Nós dois sabemos que o rato não vai satisfazê-lo, — ela ronronou com doçura venenosa. — Eu prometo mostrar-lhe os prazeres que você nunca provou.

Jason olhou para a mão que ela tinha levantado como se fosse tocá-lo até que ela empalideceu, deixou-a cair, antes de mudar o seu olhar para olhos castanhos exuberantes que, não tinha nenhuma dúvida, levou muitos homens para o inferno. — Você foi feliz em obrigar Eris, também?

CAPÍTULO ONZE

Absoluto puro pânico. — Quem começou esse boato? — Era um sibilar sussurrado enquanto ela olhava ao redor por alguém que pudesse ouvir. — Neha me executará se isso chegar aos seus ouvidos. Deus, ela provavelmente me torturará em primeiro lugar, me mantendo viva por anos.

Jason não disse nada, observando ela voltar-se para Mahiya, suas presas brilhando. — Diga-me, ou eu terei que chicoteá-la novamente.

— Se eu fosse você, Komal, — Mahiya disse em um tom frio como aviso, — Eu esqueceria sobre criar problemas e sairia de vista por enquanto.

Empalidecendo ainda mais, a vampira virou-se e correu para dentro, sua figura abraçando o vestido que se arrastava ao longo da pedra usada nesta parte do forte. Jason deixou ela ir, certo que ela nem tinha sido, nem tinha qualquer conhecimento da amante ilícita de Eris. Sua resposta abalada pela acusação e a sórdida natureza de lado, Komal não era esperta o bastante para ter descoberto tal intriga. Ela teria se vangloriado para alguém, sendo capturada há muito tempo atrás.

— Por que você foi chicoteada? — ele perguntou a mais complexa e inteligente mulher ao seu lado.

Sem percalço no andar de Mahiya. — Qual vez?”

Suas unhas cavaram dentro de sua palma. — A última vez.

— Eu fui desrespeitosa com um nobre de alto nível.

— Ele era merecedor de respeito?

Surpresa com a pergunta deste homem que não seguia qualquer das regras de comportamento aceitável e que incitava a raiva nela que a fazia esquecer-se de si mesma em um nível perigoso, — Não. — Não fazia sentido mentir para ele agora.

— Então as chicotadas valeram a pena.

Era uma sensação estranha, estar totalmente liberta da necessidade de esconder seus verdadeiros pensamentos. Como se ela estivesse bêbada. — Não, — ela disse, sua fúria ainda fria o bastante para aquecer, — porque depois que eu estava derrotada e fraca, ele recebeu o que ele queria. — Mahiya tinha prostrado a si mesma aos seus pés, pedido perdão pela insignificância que ela tinha feito dele. Somente sua recusa obstinada em tornar-se qualquer coisa que Neha mantinha cozinhando em amargura e ódio que tinha procurado florescer nela aquele dia. — Eu aprendi a escolher minhas batalhas.

Os olhos de Jason, tão escuros —como o mais fino chocolate, rico e decadente— permaneceram nela por um longo, interminável momento antes de ela dar um pequeno aceno de cabeça. — Enquanto você continuar a lutar.

A raiva cresceu de repente através de duas veias mais uma vez, até que tomou tudo, que ela teve que morder uma resposta civilizada exteriormente. — Sim, meu Senhor.

Uma pausa imóvel que lembrava a ela que ela estava insultando um homem tão letal, ele encontrou os olhos de um arcanjo sem

pestanejar, então ele disse, — Eu peço desculpas. Eu não sei nada das batalhas que você já lutou ou as escolhas que você teve que fazer para sobreviver.

Nenhum homem jamais se desculpou com ela, e ouvir isso deste homem a chocou o suficiente que ela não disse uma palavra enquanto ele virava e começava a andar o caminho para a fortaleza, conduzindo ao invés de ser conduzido. Ela sabia que ele ouvia mais do que ela dizia, via mais do que ela via, embora ela andasse ao seu lado.

Ele estava além de fascinante.

Perigoso e imprevisível e assustadoramente inteligente. Uma ameaça. E ainda assim ela queria correr seus dedos sobre a lâmina dele mesmo se sangrasse, queria dançar muito próxima da chama, queria agarrar o risco que poderia destruí-la.

Seu olhar foi para o breu negro de suas asas, seus dedos doloridos para explorar, como sua silenciosa admissão do quanto ele puxava aberta a porta que ela não tinha estado consciente de bloquear. Exceto —

Seus olhos patinavam acima dele, embora ela soubesse que ele estava *bem* ali.

Estalando de volta completamente alerta, ela percebeu que a maioria da guarda não notou sua presença, embora eles todos a saudassem com curtos acenos. Observando ele com um foco que causava uma maçante dor de cabeça latejante atrás de seus olhos, ela viu o contorno dele, mas um instante mais tarde, ele caminhou dentro das sombras criadas pelo pulverizador de flores na parte superior de uma parede e foi embora.

Sem pensar, ela estendeu a mão, seus dedos roçaram na beira de suas asas, as penas sedosas e quentes embaixo das pontas de seus dedos.

Ele congelou, cada músculo tenso.

O calor inundou suas bochechas, e ela derrubou sua mão quando ela percebeu a completa natureza inaceitável de seu comportamento. — Eu sinto muito... mas eu não podia ver você.

— Eu sou muito bom em permanecer invisível. — Sua voz não tinha nenhum tom de desagrado que ela poderia ter esperado depois de testemunhar o modo que ele tinha advertido Komal por colocar um dedo sobre ele. — Eu tive centenas de anos de prática.

Ela não acreditou nele, mas não precisava de um intelecto de gênio para perceber que o espião mestre não contaria seus segredos a ela. — De novo, eu me desculpo. — Seus dedos continuavam a formigar pelo contato passageiro. — Eu não tinha o direito.

— Na verdade, você tinha, — ele disse para sua surpresa, sua tatuagem uma tentação tátil a luz do sol. — Eu jurei um voto de sangue a você. Pele e penas são a mais próximas da superfície do que sangue.

— Eu nunca tiraria vantagem do voto de tal forma. — Fechando suas mãos em punho em resistência contra a compulsão de cometer uma violação ainda pior ao traçar a selvagem beleza de sua face marcada, ela voltou seu olhar para longe e continuou a andar. Sua pele queimou em seguida o gelo frio, de seu coração titubeou... e ela percebeu que apesar de seu profundo fascínio pelo espião mestre de Raphael, ela estava com medo.

Jason, com sua calma voz e observadores olhos, era infinitamente mais perigoso para ela do que Neha tinha uma vez sido. Ele *ouvia* quando ela falava, já tinha aprendido coisas sobre ela que ninguém conhecia. Tal homem não iria usar sua força física para dominá-la, nem mentiras para enganá-la. Ele tinha acabado de conhecê-la tão bem que ela contribuiria para sua ruína.

O suor umedeceu suas palmas, ela percebeu muito tarde que eles estavam dirigindo-se para uma parte do complexo que Neha não queria ele sob qualquer circunstância. — Nós não podemos ir mais nesta direção.

— Por que?

— Esta é a área de uso privado de Neha, fora dos limites, exceto pelo seus convidados.

— Muito bem. — Espalhando suas asas com aquela rápida concordância, ele fez uma decolagem vertical tão rápida que ela não tinha esperança de agarrá-lo.

Convencido...e mortal.

Era uma verdade que ela não poderia permitir a si mesma esquecer, não importava a tentação de tocar a lâmina. Muito estava em risco —sua existência inteira, sua própria vida. Jason era um sonho que ela teria que poupar para outra vida... mas primeiro, ela tinha que deixá-lo fora nesta vida presente.

Perdendo-se acima das suaves nuvens brancas que surgiam através do céu, ela voltou seu olhar para o caminho de pedras vermelhas e para o pequeno palácio que ela advertiu Jason para não entrar. Neha estava isolada no Guardian, não voltaria até de manhã. Jason tinha

deixado Mahiya sozinha. Ela não teria melhor chance de pegar o anel de bronze.

A gota de suor desceu em sua espinha uma bolha refrigerada, ela caminhou em frente.

Ninguém da guarda tentou pará-la —Neha frequentemente chamava ela quando ela queria alguma coisa feita. Mas então, Mahiya apenas entrava na porta da frente. Hoje, tomando a vantagem do fato que nenhum guarda estava autorizado a entrar, ela continuou a descer o corredor em direção a sala bem no centro do palácio, uma sala dentro da qual ela podia sentir coisas que faziam a parte posterior de seu cérebro agitar-se em advertência, concordando com ela para *correr!*

Mahiya torceu o desejo primal sob controle. Isso não era a sua primeira incursão dentro da seção proibida. A última vez que tinha estado nas profundezas da noite, enquanto Neha estava realmente dentro da sala no centro. Tinha levado a um aperto nas entranhas de coragem e firme determinação, seu coração pulsando em sua boca com cada respiração irregular. O que ela tinha visto aquela noite tinha sido perturbador, mas a descoberta não tinha sido o bastante para completar seu plano.

Hoje, as paredes de mármore liso não estavam incrustadas com gelo, sua respiração não embaçava o ar, e seus ossos não machucavam com a dor do frio extremo. Tocando seus dedos no mármore, ela andou rapidamente e silenciosamente para baixo ao longo do corredor final, a porta da sala à vista. Não tinha sido capaz de agarrar a maçaneta.

Agora, a maçaneta brilhava antiga. Mahiya foi colocar sua mão nela, hesitante no último instante. Isso era tão mais fácil. Forçando

paciente, ela escondeu-se numa pequena alcova enquanto ela considerava a situação por cada ângulo —para descobrir o que Neha estava fazendo, ela tinha entrado na sala, mas permanecer dentro podia muito bem significar sua morte. Porque Neha era uma arcanjo, com habilidades tanto secretas quanto evidentes.

Sua mais evidente era o modo que ela podia controlar e manipular criaturas répteis de todo tipo. Como a cobra dourada que vinha ao redor da maçaneta. O coração de Mahiya bateu contra as suas costelas quando a criatura sacudiu fora sua língua vermelha e ela percebeu que o que ela tinha feito um projeto de ornamento era um ser vivo.

Um ser vivo venenoso.

Pois uma de suas habilidades mais secretas era o fato de que Neha podia criar glândulas de veneno em espécies não venenosas. Tocar aquela maçaneta significaria uma mordida que deixaria Mahiya paralisada e indefesa por horas.

No entanto, isso era pouco provável ser o único recurso de segurança, porque enquanto Neha era um anjo velho, ela não era de modo algum cega para os benefícios da tecnologia moderna. Agora que Mahiya estava pensando adequadamente ao invés de ser levada a agir pelo conhecimento de como rapidamente seu tempo estava esgotando-se, ela percebeu que a porta já estava destrancada, Neha teria configurado ela com um alarme silencioso que alertaria ela para qualquer transgressor.

Uma vez dentro, um intruso encontraria a sala vazia... ou ela mesma rodeada por centenas de cobras irritadas sibilando raivosas por serem perturbadas?

Uma sugestão de barulho, um sussurro.

Congelando, ela esperou quem quer que fosse —uma serva?—tinha acabado de entrar tomando cuidado para algo na frente da sala.

— Então, — disse uma temperada voz familiar que saiu da alcova, — você procura desenterrar os segredos de Neha.

Um raio de terror batendo em sua corrente sanguínea, ela mudou a luz para a face de Jason. — Eu vim pegar algo que eu esqueci, — ela disse, em seguida considerando suas mãos vazias. — Eu não o encontrei.

Olhos quase negros a observavam sem piscar. — Você é muito boa mentirosa, mas eu sou ainda melhor em detectá-las. — Voltando sua atenção para a porta fechada guardada pela cobra venenosa, ele olhou-a por vários segundos cuidadosos mudando em seu calcanhares e disse. — Nós precisamos falar em privado.

Não era um convite.

Mahiya não teria achado nada melhor do que recusar a ordem, mas se ele mencionasse isso a Neha, ela estaria morta e nada mais importaria. Frustração, medo e raiva borbulhavam uma mistura cáustica em suas veias, ela o seguiu dentro da luz, piscando contra a luminosidade... achando que ele não estava mais do seu lado.

— Isso não faria Neha saber que eu estava lá, — ele disse vários minutos depois, tendo se juntado a ela numa área mais pública.

— Como você chegou lá? — Mesmo enquanto ela falava, ela lembrou de todos aqueles guardas que não tinham visto ele.

Sua única resposta foi um olhar para suas asas, perguntando, — Você pode fazer outra decolagem vertical?

— Sim. — Ela era lenta, não fraca. — Onde nós estamos indo?

— Siga-me. — Alcançando o céu, ele manteve sua posição até ela unir-se a ele, então deslizou através da cidade, mais longe, até que eles estavam voando sobre as vilas onde crianças excitadas corriam e acenavam para eles, e pilhas de potes de cerâmica azul estavam prontos para serem decorados, enquanto o gado sonolento adormecia nas raras pastagens verdes para alimentado por um riacho quase escondido pelo mato alto.

Eu sentirei falta disso.

Era um pensamento que fazia seu coração doer com tristeza. Essa terra de deserto e cor e oásis escondidos eram tudo que ela sempre conheceu. Ela não podia imaginar viver em um lugar sem dunas de areia rolantes, a visão dos camelos com seu andar balançando tão familiar quanto aquele dos suntuosos elefantes. Animais eram tratados com afeição e cuidado sob as regras que Neha tinha fixado há anos atrás, e muitos perambulavam sobre as terras fixadas ao lado deles, como a cáfila de camelos abaixo, seus pescoços dobrados para pastarem.

Um pastor solitário, sua longa camiseta e a túnica no comprimento do quadril de um amarelado pela luz do sol, olhou para cima, levantando a mão em um aceno. Mahiya acenou de volta, atingida mais uma vez pela multidão de Neha—às vezes violentamente opostos—aspectos. Ela era uma rainha, podia ser cruel, mas ela era também amada por seu povo por sua generosidade e justiça, os anjos de sua corte bem vindos a qualquer lugar que eles fossem.

Caso Mahiya pousasse na vila abaixo, ela seria recebida com carinho, dando chá quente do bule e petiscos frescos do forno. Havia medo na população, é claro, mas não era incapacitante, simplesmente um silencioso conhecimento que os imortais eram fortes e mais perigosos, que era melhor viver pacificamente com eles, para servir quando chamados do que rebelar-se.

No entanto, não era para uma daquelas vilas que Jason a levou, mas para um pequeno campo no deserto. Pousando sob três galhos de uma árvore cujas raízes eram profundas o bastante que cresciam mesmo quando não havia chuva, suas leves e delicadas folhas verdes, ele dobrou suas asas nas costas, observando ela descer. Ela sentia-se sem graça em comparação com sua silenciosa sombra ao descer, suas asas farfalhando, seus pés muito pesados.

— Agora, — Jason disse quando ela pousou, — nós conversaremos.

A vista desolada em frente dela, a terra abandonada ociosa, era, no entanto casa, e lhe dava coragem. — O que você teria a dizer-me?

Jason olhou dentro dos olhos de Mahiya e viu uma determinação de aço. Ela não era uma mulher que quebraria facilmente... e ele não era um homem que despedaçaria o espírito de uma mulher. No entanto, havia outras formas de conseguir o que ele queria —e ele não tinha tempo para joguinhos. — Nós ambos sabemos que eu tenho as cartas aqui.

— Você jurou um voto de sangue para mim, — ela ressaltou, embora sua pele tivesse empalidecido sob as suaves sombras criadas pelas finas folhas das árvores que eles estavam embaixo. — Você não pode fazer-me mal.

— Lembre-se das palavras que nós falamos, — ele disse, esmagando sua primeira resposta por ela recusar-se a render-se. — Eu sou responsável por desenterrar o assassino de Eris e proteger os interesses de sua família enquanto eu faça isso. E parece que você tem intenções traiçoeiras.

Ela apertou sua mandíbula. — O que você dirá a ela?

— Isso depende se podemos ou não chegar a um acordo. — Contanto que ele completasse sua tarefa e descobrisse a identidade do assassino, ele não era obrigado a reportar tudo o que ele descobrisse para Neha.

A mandíbula endurecida, olhos petrificados. — E qual é seu preço, meu senhor?

As duas últimas palavras podiam muito bem ter sido um insulto. — Conte-me sobre aquela sala, — ele disse, seu olhar caindo para os finos lábios com raiva, — sobre o que se passa dentro dela.

— Eu não sei, — ela gritou, — Eu nunca fui capaz de conseguir entrar.

É bem verdade, ele pensou, observando o rosto que estava extremamente expressivo se você gastasse um tempo para aprender os movimentos sutis que traíam ela a cada pensamento. E Jason tinha tomado seu tempo. — Mas você tem visto algumas coisas.

Suas asas farfalharam inquietas, ela soltou uma respiração profunda estremeando. — Gelo. Ele revestia as paredes, cobria a porta. Minha respiração gelou, e eu podia sentir meu sangue começar a congelar.

— Ela sussurrou. — Minhas veias... elas destacaram-se contra minha pele, e quando eu pressionei para baixo, elas estavam duras.

Anjos eram feitos para voar, e como tal, não sentiam frio como os mortais. E o que Mahiya estava descrevendo era um frio tão terrível, era uma impossibilidade nessa particular região. Porém, tanto quanto ele sabia, as habilidades angélicas de Neha não incluíam a capacidade de manipular elementos.

— Neha fica sozinha na sala?

Uma hesitação mínima.

CAPÍTULO DOZE

— **Eu** nunca a vi entrar com qualquer um.

Muito habilmente colocado, mas Jason estava jogando este jogo a séculos mais do que Mahiya. — Você ouviu ela falar com alguém enquanto estava lá dentro?

— Se eu contar tudo a você — ela disse em um tom resoluto, era como granito, — não importará se você trair-me com Neha. O resultado final será o mesmo.

Jason considerou o porquê de uma princesa poder precisar acumular um conhecimento perigoso. — Você precisa de uma moeda de troca, — ele suspeitou. — Pelo que?

— Por que você está fazendo isso? — Um olhar de caçador em seus olhos, as pupilas de um preto vívido contra as íris de gato brilhantes. — Despindo-me nua?

Aquele olhar golpeou a parte dele que ele preferia fingir que não existia, mas ele não recuou, não amoleceu. Ele precisava saber quem Mahiya tinha ouvido naquele quarto com Neha, porque se o que ele suspeitava era verdade, o mundo já podia se afogar em horror tal como ninguém podia imaginar.

A princesa virou-se para longe lhe dando suas costas, suas asas varrendo em graciosos arcos na suja terra, em direto contraste com a rígida firme de sua espinha. — Eu vou morrer logo se eu não encontrar

uma forma de sair. — As palavras eram tão inóspitas quanto a terra que os rodeava. — Neha nunca me deixará voluntariamente livre para viver minha própria vida, e ela não tem mais nenhuma razão para manter-me viva—eu só era útil como um meio de atormentar Eris,

— E como uma substituta para punir, — Jason disse, todas as peças que ele tinha vislumbrado vindo juntas de uma forma feia, todas retorcidas. — Onde você planeja ir?

Ela girou em seus calcanhares, mostrando a ele duas palmas vazias. — Onde eu posso ir? — Raiva rasgando em cada palavra. — Eu quero somente uma vida longe desta prisão de ódio, seja numa cabana, mas somente outro arcanjo pode ficar contra Neha, então *deve* ser um do Cadre.

— Lijuan é a mais próxima.

Terror cego acumulado em sua estrutura, tão cruel e profundo que ele fez o mais raro dos movimentos e estendeu a mão para tocá-la, apertando a parte superior de seu braço. — Mahiya.

— Não Lijuan. — Sua voz era rouca, como se ela estivesse estado gritando.

— Você tentou isso antes, — ele suspeitou, o calor de sua pele persistente em sua palma embora o contato tivesse sido fugaz. — O que aconteceu? — Havia milhares de horrores na corte de Lijuan, uns mil pesadelos provindos na forma de carne e sangue.

Mahiya recostou-se contra a árvore, seu perfil delineado pela luz que pegava os indícios do pôr do sol em seus cabelos. — É difícil ter uma conversa com um homem que vê tudo.

— Você quer dizer que é difícil manipular-me para ver o que você quer que eu veja. — A verdade era, sua força não vinha do quão bem ele podia ouvi-la, mas de sua aceitação do quanto ele podia perder. Mesmo quando ele conhecia alguém por séculos, ele sempre estava consciente que ele tinha capturado exceto um vislumbre da complexa tapeçaria que era sua vida interior.

A mulher em frente dele tinha um intrincado padrão para seu coração e emoções que ele nunca poderia sondar, não tinha a capacidade de entender. Tudo que ele podia fazer era prestar atenção as outras pistas que tinha tomado por certo, colocar aquelas pistas juntas para formar uma pintura de suas emoções. Ele sabia que não era como o resto do mundo era, sabia que sua habilidade para se conectar as pessoas ao redor dele nesse nível era uma necessidade nele.

Isso o perturbava o suficiente que ele falou com Jessamy sobre, uns séculos atrás. Uma gentil professora de jovens anjos que tinha levado um tempo para considerar a questão. — Eu acho, — ela disse um tempo depois, — que você tem a capacidade de sentir a mesma profundidade como qualquer outro imortal. Talvez mais.

— Você tem um coração tão poderoso, isso me preocupa às vezes. E a forma que você mantém suas emoções sob sete chaves... — Um olhar atento. — A tempestade se romperá um dia, disso eu estou certa. Você nunca teve um motivo para correr esse risco ainda, — Ela deu a ele um sorriso triste. — Eu sei algumas coisas sobre evitar a dor, então confie em mim quando eu digo isso.

Jason tinha o maior respeito por Jessamy, sabia que suas palavras não eram mentira. Nascer com uma asa malformada que significava que vôo solo estava fora de alcance, ela sofreu angústias tanto quanto Jason não podia imaginar. Ele nunca descartaria isso, nunca consideraria isso menos importante do que as forças que lhe tinham moldado, mas ele sabia que o modo que eles tinham crescido e se desenvolvido era fundamentalmente diferente.

Como ele não podia imaginar o que era não ser capaz de tocar o céu a vontade, Jessamy não podia imaginar o que era ser sozinho. Totalmente, absolutamente sozinho. Não por uma hora, não por um dia, não por um ano. Por décadas.

Ele até tinha esquecido como falar, como ser uma pessoa.

A solidão infinita tinha murchado algo dentro dele, quando ele ainda era um garoto com asas tão pesadas para seu corpo, e ao contrário de Jessamy, ele acreditava que isso era uma perda permanente. Como o irrevogável fato de que o atol onde ele nasceu, onde sua mãe tinha sido enterrada, tinha ido, esmagado por um grande terremoto que tinha sido causado por uma erupção vulcânica. Era como se seus pais nunca tivessem existido, como se ele sempre tivesse carregado essa solidão dentro dele.

— Obviamente, — Mahiya disse no silêncio, — Eu estou sobrepujada, — tendo utilizado a pausa para pintar sobre a máscara de uma mulher que tinha crescido na corte—onde o veneno era a mais freqüente entrega com um sorriso doce de mel.

— Chega de jogos. — Embora o sobrevivente nele admirasse sua força de vontade, ele não podia se permitir dar a ela uma vantagem. — Tome sua decisão e faça isso rapidamente.

Um fino tremor prateado sobre sua pele, e ele sabia que sob sua teimosia recusava-se a ceder, ela estava com medo. Jason não gostava de incitar medo em uma mulher. Isso trazia muitas memórias que não desapareceriam não importava quantos anos passassem, suas mãos formigavam como se ele tivesse estado batendo em uma porta trancada de um quarto em uma tentativa inútil de sair, para parar o que estava acontecendo além.

— *Não, você está errad—*

— *Não minta! Eu vi a forma que você olha para ele!*

O barulho ecoou através do tempo, tão assombroso quanto ele era, Jason tinha um longo aprendizado sobre dançar com seus demônios. Ele manteve seu silêncio mesmo quando a quietude cresceu irregular como uma mordida afiada do medo de Mahiya, mesmo quando seu instinto rosnava nele para destruir as coisas que ela temia.

— Você precisa me dar alguma coisa em troca. — Linhas se formavam ao redor dos lábios suaves, ombros levantados. — Eu não posso entregar a peça mais valiosa da informação que eu tenho sem ganhar algo equivalentemente valioso em troca.

Foi então que Jason entendeu que a princesa com sua calma graça tinha aprendido a usar o medo para forçar a si mesma melhor do que permitir que isso a esmagasse. Algo desconhecido, escondido em parte dele sentia uma alegria abrasadora, a emoção crua e inesperada e tão

extrema, ele tinha usado esforço consciente para arrancar seu controle. Ainda assim, queimava, as chamas de meia-noite em suas veias.

— Se sua informação é boa, — ele disse, pensando através da sua violenta resposta ao julgar que ela estava disposta a arriscar morrer para manter este pedaço final de informação, — Eu falarei com Raphael.

Um tiro de esperança de luz dourada cruzou seu rosto. — Ele irá—

Jason não barganhava com mentiras ou meias-verdades. — Nenhum arcanjo começará uma guerra por você, — ele disse sem rodeios. — Não importa qual o segredo que você possua.

Mahiya podia sentir a si mesma começando a quebrar de dentro para fora. Com poucas palavras, Jason tinha apenas destruído a única gota preciosa de esperança que ela tinha cultivado através da humilhação e mágoa e uma vida toda de conhecimento que ela viveu em um tempo emprestado. A pior coisa era, ele não traiu nenhuma emoção sobre algo nisto—como se sua vida não significasse nada. E este era o homem que ela queria tocar, queria conhecer?

— Então, — ela disse, rasgando seu caminho fora do abismo na torre construída de raiva, orgulho e uma sensação agonizante de perda por algo que ela nunca tinha possuído, — qual é a utilidade de sua promessa?

— A deserção direta não é a única maneira de conseguir o que você quer. — O tom de Jason era mais duro do que ela tinha jamais ouvido, seus olhos tão escuros que eles eram ébano. — Você cresceu na corte. Pense sobre isso.

Mahiya piscou em sua raiva, suas próprias emoções numa estrada secundária.

— A informação, — Jason demandou antes que ela pudesse desvendar o emaranhado de seus pensamentos.

No final, não foi uma escolha difícil. Porque o duro fato era que Jason estava certo, não importava que ela não tivesse nada para justificar o encarceramento nesta prisão de ouro. Neha era a governante desse território, tinha absolutamente autoridade sobre seus cidadãos. Se ela quisesse torturar Mahiya por uma eternidade, esse era seu direito.

Como Jason tinha apontado, nenhum outro arcanjo interviria e arriscaria incitar uma guerra pelo conhecimento que Mahiya atualmente mantinha. Portanto, devia ser Jason. Pelo menos, ele não mentia para ela. Ao invés disso, ele tinha uma forma de ser tão honesto, arrancando a ilusão e esperança. Então ela jogaria os dados e esperaria que ele mantivesse no final sua parte.

— Lijuan, — ela disse, suas bochechas doendo pela sensação da lembrança do frio que congelava até os ossos no corredor naquela noite. — Ninguém viu ela chegar, e ninguém viu ela sair, mas como ela não é mais totalmente corpórea, isso não significa nada. Eu a ouvi falar com Neha dentro da sala protegida pela cobra viva—e sim, eu estava certa. Sua voz é distinta. — Gritos, era isso o que vivia na voz de Lijuan.

Jason ficou em silêncio por um longo, longo tempo, as curvas rodando e os pontos finos de sua tatuagem em seu rosto gritantes na luz do sol. Quando ele falou, foi para dizer, — Eu preciso que você descubra se

alguma das mulheres na corte—alta ou baixa—está desaparecida. Foque em alguma que não está no centro, mas nos arredores.

Assustada com a mudança abrupta de assunto, ela respondeu instintivamente, — Isso deve ser fácil o bastante para descobrir. A população dentro do forte é rigidamente controlada.

Jason espalhou suas asas, a escuridão derramando-se fora delas, e ela conhecia isso por um sinal de rejeição.

— É isso? — ela perguntou, querendo agarrar ele, o balançando, despedaçando as paredes de obsidiana que mantinham ele afastado do mundo. — Isso é tudo que você tem para dizer? — Tão facilmente, ele tinha destruído depois esquecido ela.

— Por agora. — Ele levantou no ar.

Dentes cerrados, ela empurrou a si mesma numa decolagem vertical, sabendo que a conversa estava acabada. Ela nunca poderia alcançá-lo no céu. Não somente isso, ele era um espião mestre. Se ele quisesse desaparecer, Mahiya era mal equipada para manter-se rastreando ele... e Neha saberia disso. “Um jogo desde o início”. Neha tinha estabelecido que o falhar, significaria a morrer.

CAPÍTULO TREZE

Dmitri firmou um de seus ombros e inclinou-se para beijar despertando a mulher em sua cama, sua pele sedosa e quente. O verde insondável ainda estava nebuloso com o sono, quando seus olhos se abriram. — Já é de manhã? — Dedos enfiando através de seu cabelo, ela reivindicou um profundo beijo que o lembrou que ele pertencia a ela, no caso dele ter esquecido. — Bom dia, marido.

— Bom dia, esposa. — Ele nunca cansaria de dizer isso. — Você está com fome?

A resposta de Honor foi uma risada rouca que envolveu seu coração. — Eu acho que você tem um motivo oculto para essa questão.

Desde que ele já tinha arrastado para baixo o lençol para os montes exuberantes de seus seios, isso era uma questão discutível. Ele a acariciou com movimentos provocantes, no humor para jogar com sua esposa, e quando ela arrancou fora os lençóis em exibida frustração, ele moveu-se para estabelecer-se entre suas pernas.

Onde ele provocou nela algo mais.

Com seus dedos.

Com seu corpo.

Com sua boca.

Honor arqueou embaixo dele um suave suspiro, suas mãos apertando forte suficiente em seu cabelo que isso machucou um pouco.

Era uma dor deliciosa que podia transformar-se em um vício—a dor do seu prazer. Sorrindo, ele esfregou sua mandíbula com a barba por fazer contra a suave pele do interior de sua coxa, alerta até mesmo para o mínimo indicativo de perigo, em seguida rondando uma área feminina que ondulava com tremores de êxtase erótico.

— Abra seus olhos. — Somente quando ela obedeceu a calma ordem, ele empurrou dentro dela. Sempre, *sempre* ele tinha certeza que ela estava com ele em cada etapa do caminho. Porque Honor tinha sido brutalizada, e essas cicatrizes não desapareciam magicamente em uma semana ou um ano. Elas eram uma parte indelével dela, mas não havia necessidade de fazer o dano pior, algo que ele uma vez tinha feito e nunca mais teria sequer a oportunidade—ele teria extirpado fora seu coração primeiro.

— Dmitri. — Um sussurro rouco, seus lábios em seu pescoço, seus dedos em sua nuca, acariciando ele, beijando ele, do jeito que ele gostava.

Não era o mesmo de antes, quando ele tinha estado com Ingrede, e ele não lamentava isso. Não, ele sentia-se como um bastardo sortudo no planeta. Porque como Ingrede tinha amado o Dmitri que ele tinha sido, Honor amava o Dmitri que ele tinha se tornado. Não havia horror ou aversão na escuridão que ele carregava interiormente, nada exceto uma aceitação que dizia a ele que ele estava em casa depois de séculos no mais árido deserto.

— Pare, — ele avisou quando ela usou seu corpo para acariciar seu pênis, músculos internos utilizados para o doloroso efeito do prazer. — Eu não estou pronto para terminar ainda.

— Eu amo esse tom em sua voz. — Mordendo gentilmente sua mandíbula, ela caiu de costas na cama e interligou seus pulsos sobre sua cabeça. — Aqui eu estou. Com qual novo tormento você pretende me torturar?

Ela estava brincando com ele, a mulher atraente, seu corpo um punho derretido que apertava e instigava. Outro dia, ele podia ter planejado um jogo com ela, mas tendo mantido sua esposa acordada até perto do amanhecer, ele estava se sentindo tão satisfeito quanto um gato bem alimentado esta manhã. — Uma longa, lenta cavalgada para você eu acho. — Ele colocou uma mão em seu seio. — Muito lenta.

— Não isso. — De novo, aquela luz brincalhona em seus olhos. — Qualquer coisa exceto.

Beijando o sorriso de seus lábios e sentindo o calor daquela viagem através de suas próprias veias, ele moveu seus lábios em um constante, profundo ritmo que provocava uma nova onda de prazer em Honor. Mesmo enquanto ela gritava, seu corpo travava possessivamente ao redor dele, ele cedeu a sua própria necessidade e penetrou a pulsação em seu pescoço pelo mero sabor.

— Dmitri. — Um suspiro de prazer sensual, e então eles estavam ambos caindo em sensações luxuriantes e lânguidas, membros emaranhados e corações fundidos.

Depois, ele ensaboou o corpo dela no banho e ajudou ela a secar seu cabelo. Não era o tipo de ternura que ele tinha mostrado a qualquer outra mulher, há muito tempo acreditava que ele tinha perdido a capacidade disso —mas isso fez seus ossos zumbirem em satisfação

masculina que ela deixava ele fazer o que ele desejava, sua confiança cega. Beijos em seu peito nu, suas pernas entrelaçadas ao redor de seu jeans único enquanto ela sentava no balcão agrupado em um roupão rosa macio, ela também fez todas as tentativas para distraí-lo, e ele riu, ameaçando puni-la.

— Promessas, promessas.

Dez minutos mais tarde, eles sentaram um em frente ao outro na pequena mesa de café da manhã na vila nos arredores de Toscana que Raphael tinha os presenteado em seu casamento. Com Michaela de acordo com Raphael naquele momento, e ninguém ciente de onde Dmitri e Honor planejavam a lua de mel, era uma localização segura o bastante.

— Dmitri?

Capturando a nota solene em sua voz, ele olhou para cima de onde ele estava examinando as mensagens em seu celular. — O que é? — Os negócios da Torre podiam esperar. Tudo podia esperar. Honor vinha primeiro.

Ela levantou, caminhou ao redor para inclinar-se contra a mesa ao seu lado, seus dedos brincando com os fios de seu cabelo úmido. — Você não trouxe a questão da mudança... para tornar-se um vampiro.

Empurrando de lado parte de seu robe, ele colocou sua mão no calor de sua coxa. — Não há pressa. — Ele tinha uma vez pensado em fazer exatamente isso, empurrá-la dentro da imortalidade antes que ela pudesse mudar de idéia, mas com o amanhecer tinha chegado a percepção que ele não podia mais forçar isso em Honor do que ele poderia feri-la.

— Eu fiz minha escolha. — Seu tom lembrava a ele que ela era uma caçadora, de sangue e afiada.

— Foi uma escolha feita no rescaldo da glória, — ele disse, a emoção daquela noite vívida em sua mente. — Eu jamais tentarei convencê-la disso — ele queria um centena de vidas com ela — mas eu acho que eu tenho apenas o suficiente de um fragmento dos deuses dentro de mim para não coagir você.

Ela sorriu, sua esposa com coração que pertencia a ele, um presente além do preço. — Eu ainda não posso acreditar que você está aqui, que nós estamos aqui. — Deslizando dentro de seu colo, ela deitou sua cabeça contra a pele nua de seu ombro. — Eu mantenho a expectativa de que tudo desapareça.

— Não irá. — Isso era uma promessa que ele derramaria sangue para manter. — Eternidade ou uma simples vida mortal, nós percorreremos o caminho juntos.

CAPÍTULO QUATORZE

Tendo gasto o resto do dia ouvindo invisíveis cortesãos e os soldados, mortais e vampiros, anjos jovens e velhos, Jason usou o manto da noite para esconder a si mesmo enquanto ele voava sobre o forte. Ele estava quase certo da identidade da pessoa que tinha assassinado Eris. Entretanto, ele precisava de mais dois pedaços de informação—Mahiya atualmente estava tentando reunir uma daquelas peças nas trincheiras da corte.

Descendo para pousar na terra perto do requintado jardim onde a beleza se reunia hoje à noite ostensivamente para compartilhar sua tristeza, ele permitiu a piscina de escuridão que tinha escolhido como seu local de pouso infiltrar-se nele. Independentemente do que alguns sussurravam, Jason não podia criar sombras no fino ar, mas ele podia estender e amplificar os tentáculos mais pequenos da escuridão até que ele simplesmente não era registrado na visão da maioria das pessoas, ou se ele o fizesse, era como uma imagem fantasma agarrada fora do campo de visão.

Ele não tinha estado sempre tão em casa com as sombras.

“Como eu posso ser um escudeiro da noite se eu tenho medo de escuro?” Seu lábio inferior tremeu enquanto ele caminhava ao lado de sua mãe, ajudando ela a coletar mariscos na praia no meio da manhã voando para sua casa.

“Todo mundo tem medo do escuro quando eles são jovens.” Puxando ele para uma piscina de pedra rasa, ela mostrou a ele um caranguejo eremita rastejando ao redor com sua casa nas costas. “Você ama a escuridão às vezes—como no vôo noturno que você teve com seu pai”.

“Havia estrelas ainda”. Elas lembravam a ele jóias brilhantes que sua mãe costumava usar quando os visitantes vinham. Ninguém tinha visitado por um longo tempo, provavelmente porque seu pai estava sempre tão zangado. “Não estava realmente escuro”.

O vestido ametista de sua mãe flutuava na brisa. “Você já vê melhor no escuro do que eu vejo, você me ajudou a encontrar meu brinco perdido a duas noites atrás, lembra?”

Jason assentiu. “Não foi difícil”. A pérola negra com o mais brilhante azul tinha um tipo de brilho para ele no escuro.

“Não para você, meu esperto garoto”. Rindo daquele modo que fazia ele rir, também, ela disse, “Um dia, você verá tão bem à noite, isso será como se você caminhasse na luz do dia. Você nunca terá medo do escuro”.

Sua mãe estava certa. Até o momento ele tinha cento e cinquenta anos, sua visão noturna tinha se desenvolvido a um ponto onde ele tinha a visão noturna de um predador. A escuridão era a casa dele, e ele envolveu isso ao seu redor enquanto ele permanecia a observar.

O espaço aberto era iluminado apenas por uma luz brilhante de centenas de velas, muitas envolvidas protetoramente em suportes de vidros coloridos que tornava o mármore da construção ao redor do pátio na cena onírica. Quanto àqueles que estavam dentro—mais risos foram silenciando, os tons menos vibrantes do que a noite podiam estar

esperando na corte da arcanjo, mas esse era o único laço com a morte de Eris.

Ninguém imaginaria que sua pira funerária arderia amanhã.

No entanto, independentemente das muitas pinturas de borboletas que mantinham as taças de champanhe e falavam com gestos elegantes enquanto sutilmente disputavam por uma posição, ele não tinha dificuldade nenhuma em identificar Mahiya. Vestindo um sári de seda azul esverdeado com um fino bordado de ouro, ela movia-se no meio da multidão com a facilidade de alguém em terreno familiar.

Logo em seguida, ela parou, inclinando a cabeça em sua direção, seu olhar tão intenso que ele imaginou que ele podia vislumbrar o brilho castanho tostado ainda daquela distância. Não havia modo que ela pudesse ter visto ele, mas ele estava certo que ela o tinha. Quando ela moveu-se novamente, tinha uma fina tensão sobre seus ombros. Um enigma era Mahiya, com as maneiras da elite da corte e os instintos de um caçador.

Desviando o olhar para varrer a multidão com seu olhar, ele confirmou que Neha permanecia com o corpo de Eris. Jason tinha confirmação de que ela tinha permitido a família de Eris permanecer até o amanhecer na cerimônia do funeral, mas ninguém mais. Alguns sussurravam que a arcanjo estava com ciúmes de seu consorte até na morte, mas Jason acreditava que Neha lamentava profundamente para partilhar sua dor.

Retornando sua atenção para Mahiya, ele viu que ela estava se afastando do grupo. Ele examinou os convidados que permaneciam uma

vez mais antes de fazer eu caminho para o palácio que ele compartilhava com Mahiya, pegando um brilho de seda azul esverdeado sussurrando ao passar na porta.

Entrando atrás dela, ele trancou a porta e fez seu caminho escada acima para encontrar ela em sua varanda comum, seu olhar no pátio iluminado somente por quatro tranqüilas lâmpadas. Ela não olhou quando ele veio para ficar ao lado dela. Um único largo, superficial passo separava sua área da varanda dela, e onde essa tinha colunas sustentando o telhado para cima, a borda abria para o vôo fácil, ela tinha um corrimão, que ela agora agarrava.

— Seu nome era Audrey. — Palavras tranqüilas, nenhum resíduo aparente da mais aparente raiva. — Uma alta, curvilínea vampira loira. Ela tinha sido parte do círculo de Neha por duas décadas, mas não tinha entrado dentro da corte.

— Quanto tempo ela está desaparecida?

— No mesmo dia do assassinato de Eris, embora ninguém mais tenha colocado os dois eventos juntos ainda. Aqueles que tinham notado que Audrey estava ausente acreditavam em um simples caso de horários conflitantes. Ninguém tinha se preocupado em tentar contata-la —ela não era uma das favoritas, e as amizades que ela tinha eram superficiais na melhor das hipóteses. — Mãos agarradas no corrimão, ela continuava a olhar para fora sobre a noite. — Você acredita que ela matou Eris?

Olhe para mim, princesa. — É uma conclusão.

Seus dedos flexionavam no corrimão. — Isso importa? — Era uma questão com tantas nuances, ele sabia que ele pegaria a mais ríspida

borda. — No grande esquema de sua existência, minha vida importa para você em algum nível?

Ele era um homem que costumava manter segredos, mas ele sabia que nesse instante ele tinha que responder isso, ou ele arriscaria perder algo que ele nem sabia que alguma vez tinha estado ciente de procurar. — Sim. Você importa.

Um tremor estremeceu a armadura de Mahiya...e finalmente, ela virou aqueles brilhantes olhos em sua direção. — Então você manterá nosso acordo?

— Sim. — Barganhando ou não, Jason não tinha a intenção de deixá-la a mercê de Neha, mas ele não faria a ela uma promessa até que ele soubesse que eles não seriam interrompidos.

Quando ele deu um passo para a borda no lado da varanda em preparação para levantar vôo, Mahiya disse, — Ela não está em seus aposentos. Eu verifiquei mais cedo.

Jason não estava acostumado a se explicar para ninguém. Mesmo Raphael dava a ele carta branca, mas a declaração de Mahiya mantinha um frágil orgulho que dizia que essa mulher, essa sobrevivente, tinha sido empurrada para a beira. — Bom. — Ele retornou, mantendo seu olhar para mostrar que ele não a estava ignorando. — Eu tenho outra idéia que eu desejo explorar.

Uma pausa, então um pequeno aceno de cabeça, sua voz não mais fria quando ela disse, — Eu esperarei por seu retorno.

Estranho o que aquelas simples palavras fizeram a ele enquanto ele voava para fora da varanda e dentro dos diamantes—ainda estudando o

céu da noite. Lá, ele pairou invisível contra as estrelas e ouviu. Seu dom não precisava de muito para utiliza-lo, mas podia colocar a si mesmo dentro de um cenário mental ideal para ativá-lo. Agora, ele fez exatamente isso, os ventos caprichosos chicoteavam os fios de seu cabelo de sua trança e atravessando as finas linhas de sua camisa contra seu corpo.

Sussurros começaram a filtrar-se através de sua mente poucos minutos depois, umas mil palavras fragmentadas que nada significavam. Paciência, ele permitiu que o rio de estímulos sensoriais flutuasse ao seu redor. Então ele captou um único sussurro que não era uma palavra tanto quanto um sentido. Mudando na direção do evento, ele voou sobre crista e vales de montanhas, seguindo um instinto afiado por uma borda aguçada por quase setecentos anos de vida.

Nada se destacou sobre o vale onde a trilha terminou fria, mas ele desceu sobre a luz do luar, no entanto, cuidadoso ao pousar com uma descrição que era tão natural quanto respirar. Envolto em sombras, a terra não trairia nenhum de seus segredos... até o vento mudar.

Poeira decadente, mas nenhum cheiro de podridão.

Capturando a linha da brisa, ele traçou a volta para uma confusão de pedras secas, algumas de pedacinhos irregulares do mesmo tamanho de pequenos carros. O rochedo escarpado acima dizia a ele suas origens, embora tivesse passado bastante tempo que as gramíneas resistentes se desenvolveram para sobreviver a esse clima severo tinha crescido acerca da altura de seus joelhos ao redor das rochas.

Era, ele pensou, pura sorte que o corpo tivesse caído dentro da fenda quando ele tinha sido derrubado. Ou os restos disso em qualquer

caso. A longa camisa com centenas de pequenos espelhos teria de outra forma sido um farol na luz do sol. Como foi, a camisa feminina estava sombreada pelas rochas, a maioria do corpo preso em uma fenda criada por dois pedaços adjacentes de pedra.

O sangue tinha secado e coagulado pelo tempo que ela tinha ficado aqui sozinha e esquecida, ao longo de seu cabelo loiro seco, mas paradoxalmente brilhante, seu rosto irreconhecível. No entanto, a sombra entre as rochas tinham preservado bastante tecido em seu rosto e corpo que ele podia especular acerca do fato que ela tinha sido severamente machucada. As rochas podiam ser responsáveis pelos danos, mas Jason apostaria que ela tinha sofrido abuso antes da morte. Porque esse assassino, como o de Eris, tinha sido sobre fúria, sobre raiva.

A crueldade disso era tal que mesmo as décadas e o forrageamento² de pequenos animais e pássaros não poderia esconder o fato que ela tinha sido esfaqueada, várias e várias vezes. Onde a estrutura óssea de seu corpo repousava exposto aos elementos, ele podia ver as ranhuras da lâmina que tinha cortado seu corpo, marcas de uma feia violência que durariam muito mais tempo depois que as larvas tivessem limpado o que permaneceu de sua carne.

Audrey não tinha claramente sido a mais forte das vampiras, porque enquanto seu coração se foi — arrancado por uma mão brutal, se sua caixa torácica estilhaçada fosse qualquer indicação — sua cabeça ainda estava ligada ao seu corpo. Aquela cabeça tinha sido esmagada e danificada, a pele de seu pescoço encolhida para a secura de uma múmia

² **Forragear** é a saída do animal a procura de alimento em baixo de folhas gravetos, revirando a terra em busca de alguma fonte de proteína. Sendo que estas fontes de proteínas podem estar também nas plantas ou animais parasitados.

onde não estava desaparecida, pelo que Jason podia ver, o dano tinha sido causado por pássaros e roedores comendo sua carne, não por uma tentativa de decapitação.

Suas mãos eram ossos agora, não havia forma de dizer se ela tinha usado um anel em um dedo particular, mas ele podia tão facilmente inferir que a partir de uma fotografia agora que ele sabia seu nome. Caminhando na área ao redor do corpo, ele não viu nada digno de nota. Isso foi contra toda a sua crença de deixar ela aqui, mas ele não podia arriscar trazer ela ao forte ainda. Enquanto a resposta de Neha fosse imprevisível—as coisas poderiam tornar-se mortais muito rapidamente ao menos que ele fizesse isso exatamente certo.

E Audrey estava longe de ser machucada. Ele tinha que considerar outras vidas agora.

— O que quer que aconteça, eu terei certeza que você chegue em casa, — ele prometeu, antes de mudar de volta para a parte mais aberta do vale e levantar dentro do céu da noite.

As portas da varanda de Mahiya estavam abertas como em um convite, e quando ele entrou, foi para encontrá-la sentada em uma almofada no chão da sala. Ela mudou o sári para uma túnica turquesa que combinava com finas calças de algodão em preto liso, seu cabelo se reunia no seu familiar coque na nuca de seu gracioso pescoço.

Em frente a ela havia uma mesa baixa esculpida em madeira escura e embutida com o mero vislumbre de ouro fino ao redor das bordas, em cima da qual estava um bule de chá ao lado de uma bandeja

de doces e salgados mistos, e duas xícaras. Ele parou, decepção correu através de seu corpo. — Você está esperando alguém.

Uma quente risada de Mahiya — Eu estava esperando você.

Ele não tinha sido pego de surpresa por um longo tempo. — Como você sabia quando eu voltaria? — Aspirais de vapor subiam do fino chá preto que ela tinha começado a derramar.

— Uma boa anfitriã aprende o ritmo de seu convidado. — Ela balançou uma mão delgada sem anéis, mas circulada por duas pulseiras de vidro do mesmo tom da túnica, em direção à almofada plana do outro lado da mesa — Por favor, sente.

Ele se perguntou se ela tentava seduzi-lo, decidindo que era improvável — sua túnica era muito modesta, a alta gola mandarin, suas mangas no comprimento do cotovelo, e seu rosto limpo. Jogado um pouco fora de equilíbrio pelo fato que ela tinha entrado em todos esses problemas, ele empurrou a almofada para o lado e sentou-se diretamente no chão, suas asas deslizaram sobre as almofadas menores com tons de jóias atiradas ao redor, o tecido suave contra a parte inferior de suas asas. — Você deve ter um dom sensitivo de algum tipo para ter antecipado minha chegada com tal precisão.

— O que? Não. — Seu olhar assustado transformou-se com a segunda palavra na honestidade tão triste que ele conhecia que ela teria preferido alegar um dom. — Eu estava procurando nos céus por você. Então você vê, não há nenhum mistério afinal.

Exceto que ela tinha visto ele. Ninguém via Jason quando ele não queria ser visto, e ele não queria ser avistado entrando no forte. O que

significava que Mahiya tinha um dom. — Quando você me avistou? — ele perguntou em tom casual, querendo medir a extensão das habilidades dela. — Quando eu saí das nuvens?

— Assim acredito, te vi no horizonte acabando de passar o Guardian.

Ele tinha estado alto, altíssimo no céu, naquele ponto, o preto contra o preto. O fato de que Mahiya tinha desenvolvido o que parecia ser um aguçado sensor visual em uma idade tão jovem dizia a ele que ela tinha o potencial para aumentar o poder entre a espécie angélica. Ele tinha cometido um erro, ele admitiu, embalado dentro da complacência pela gentileza de sua força, semelhante ao sossego, mas persistente como uma queda d'água contra as pedras ao invés de um tremor violento, esquecendo o fato de que ela tinha nascido de dois imortais poderosos.

— Seu chá.

— Obrigado, — ele disse na mesma língua que ela tinha falado, recebendo um sorriso em retribuição.

Quando ela empurrou o prato de salgadinhos, ele comeu a metade deles antes de parar — ele tinha perdido o jantar, estava mais faminto do que ele tinha percebido. Todo o tempo, Mahiya observou ele com aqueles olhos de gato brilhante, e ele procurou o ódio venenoso que deveria ter a infectado... encontrando somente uma incisiva inteligência e uma doçura de espírito que ela não podia esconder, não importando quão boa ela era em utilizar máscaras.

Fascínio enredado com um orgulho que ele nunca tinha esperado sentir pela Princesa Mahiya, por ela ter tido a vontade de uma leoa para

conseguir manter aquele veneno afastado, embora isso gotejasse em seu dia-dia.

— Você encontrou Audrey?

Jason considerou a pergunta, decidindo confiar nela com a verdade, medindo sua resposta. — Sim.

— Ela está morta, não está? E ela era provavelmente a mulher aquecendo a cama de meu pai.

A velocidade e a precisão de sua conclusão deixaram Jason imóvel. — Você sabe quem matou Eris, — ele disse lentamente, percebendo que ele tinha errado em mais do que uma forma. — Você sempre soube. — Ela era muito mais esperta, muito boa em ouvir o que não era dito, para não ter colocado os pedaços juntos.

No processo de colocar sua xícara de chá na mesa, ela estremeceu, tendo que agir rapidamente para evitar que a fina porcelana de caisse. — O que?

Colocando a sua própria xícara sobre a mesa, ele alcançou o bule e serviu mais chá. — Beba.

Dedos trêmulos, ela não contestou a ordem. Ao mesmo tempo em que ela colocou a xícara de volta para baixo, sua expressão aguda com determinação. — Você primeiro.

CAPÍTULO QUINZE

Jason não viu razão para não consentir quando ambos carregavam o mesmo conhecimento. — Talvez outros possam ter subornado seu caminho para dentro, mas ambos sabemos quem é a única pessoa que poderia ter saído do palácio de Eris ensopado em sangue e que não seria parado por um único guarda. — Guardas que professavam não se lembrarem de um único detalhe incomum daquela noite assassina e aos quais Neha não executara, embora eles tivessem permitido a morte de seu consorte.

Mahiya pegou um doce que era uma combinação de açúcar e leite temperado com cravo e coberto com lascas de amêndoas, comendo-o com grande deliberação. — Sim, — ela disse por último, seu tom de seda áspero, — esse foi meu primeiro pensamento.

— Você mudou de idéia?

— Por que o faria? Sua presença aqui não teria nenhum sentido.

Sim, Jason pensou, o porquê Neha o convidaria para resolver um assassinato que ela mesma tinha cometido e pelo qual ninguém jamais colocaria em sua conta? Isso era um mistério muito mais poderoso do que a razão pela qual Eris foi morto. Se for loucura ou arrogância fatal que tinha levado o anjo acreditar que sua esposa não descobriria seu romance com Audrey. Ou talvez Eris tivesse procurado a morte depois de trezentos anos de prisão.

Jason descartou esse pensamento tão longo quanto ele surgiu. Eris tinha sido tão autocentrado, um homem de tanto ego jamais teria escolhido o suicídio, especialmente por um método tão complicado e nem de um modo que deixasse ele violado e estripado de orgulho e beleza.

Porcelana tilintando em porcelana enquanto Mahiya colocava sua xícara no pires. — Neha subverteria você de Raphael. Talvez essa seja a razão do porquê.

— Não. — Não quando Neha o conheceu logo que ele chegou ao Refúgio. — Ela deve certamente saber que eu nunca servirei uma mulher que fez isso para alguém que ela dizia amar.

O olhar de Mahiya cresceu penetrante, como se ela tivesse ouvido a história que impulsionou sua declaração.

— E ela é muito orgulhosa para mentir e dizer que você quebrou seu voto a fim de ter você executado. O que não nos deixa com nenhuma resposta. — Chegando mais para frente, ela destampou seu chá. — O que você fará?

Ele considerou cada um dos fatos que ele atualmente tinha, ambos juntos e então partes separadas. Não era o assassinato que era o mais importante. Aquilo que Neha e Lijuan estavam envolvidas era problemático, mas as duas eram vizinhas —um relacionamento entre elas não era incompreensível. Sem muitos detalhes, ele permaneceu no escuro quanto à natureza de seus encontros secretos.

E... ele não tinha elaborado ainda como ganhar para Mahiya sua liberdade. — Eu não estou pronto para partir.

Mahiya empurrou para frente as guloseimas novamente. — Você espera que eu minta para ela quando ela perguntar o que você descobriu?

Ele comeu mais dois dos assados recheados com um doce e uma mistura de legumes picantes. — Ela não ouvirá a verdade de você. — Jason falou as impiedosas palavras sabendo que Mahiya já tinha chegado à mesma conclusão. — Pelo contrário, ela usará isso como uma desculpa para matá-la.

Mahiya comeu outro doce, sua expressão serena. — Ela não precisa de uma desculpa.

— Eu não estou tão certo. — Matando Mahiya, Neha teria matado uma criança que ela tinha ajudado a criar, e a espécie angélica reverenciava os laços que uma criança tinha com os seus pais ou guardiões. Para um guardião matar aquela criança... isso quebraria uma tabu muito profundo, era um imperativo racial.

Jason, mais do que ninguém, entendia como tais tabus poderiam ser quebrados, mas fazê-lo vinha com um preço. — Executando você sem justa causa, e enquanto ela está claramente sã, faria dela uma pária entre nossa espécie. — E Neha era uma criatura social, uma que valorizava suas conexões ao redor do mundo.

Sorvendo o chá que devia estar morno agora, Mahiya encontrou seu olhar. — Eu mantereí meu silêncio, mas sua reputação precede você. Como os dias continuam a passar com nenhum resultado de você, ela suspeitará.

Enquanto saia, planejar uma forma de acalmar a desconfiança de Neha não era uma coisa que Jason se preocupava — porque o carmesim do sangue violentamente derramado ainda não tinha parado de fluir.

Choque e tristeza ambos coloriam os olhos de Neha quando ela uniu-se a Jason ao lado do corpo amassado descoberto no terraço da cobertura do outro lado do pátio do Palácio de Jóias. A fraca luz solar caía lavando tudo num suave dourado, o fazia parecer uma pintura macabra. No centro da pintura uma vampira jazia vestida num par de pijamas de seda preta, as alças de sua camisola preta rasgada expondo os seios rígidos, sua pele cinza com a morte.

As pernas estavam torcidas e quebradas, como se ela tivesse caído ou sido jogada das alturas. Entretanto, a posição de seu corpo fazia isso impossível para confirmar se ela tinha começado sua queda do céu ou de uma das pequenas áreas no ar montadas nas torres de defesa ao redor da fortaleza — a mais perto estava a certa distância. Jason falaria com o guarda que tinha estado de plantão na madrugada, mas o instinto dizia que a vítima nunca tinha estado na torre, sua queda providenciada por um anjo.

Apesar de seus seios expostos, o ataque não parecia ter sido sexual. Os danos em suas roupas tinham muito provavelmente ocorrido durante a luta. Ao contrário de Audrey, a cabeça dessa vítima não estava ligada ao seu corpo; tinha rolado para pousar contra uma das barreiras de treliças onde ele tinha visto várias mulheres elegantemente vestidas, inclinadas e rindo ontem enquanto eles olhavam para fora na beira do

pátio abaixo. Hoje, o único som que ele podia ouvir era aquele dos irregulares soluços das mulheres, enquanto na sua linha de visão estavam respingos de sangue vermelho oxidado coagulado onde a cabeça tinha quicado e rolado depois de estar caindo.

Ela estava olhando para ele do outro lado da sala, seus belhos olhos castanhos escuros cobertos com uma membrana de uma brancura que estava errada. O tronco de seu pescoço estava incrustado com sangue onde ela se sentava à mesa do canto, como se colocado ali apenas para esse fim.

Surpresa pelos ecos do horror que ressoavam ao longo do tempo, Jason bloqueou a memória fechada atrás dos escudos que ele tinha construído a vida toda, e continuou a olhar o corpo que estava na frente dele, não muito longe dessa terra.

O peito dessa mulher tinha sido deixado sem ser molestado, seu coração ainda dentro de sua carne, mas em uma coisa, esse corpo e o de Audrey eram idênticos. Embora as lesões por esmagamento pela queda obscurecessem a maioria das contusões, Jason podia dizer que a vítima tinha sido espancada com impiedosa brutalidade depois da morte. Quando ele a virou para baixo para olhar suas costas, ele viu que sua espinha tinha sido arrancada jazendo quebrada contra o sangue incrustado na pele. Ele soltou-a de volta para baixo com mãos gentis, certamente ela tinha estado consciente durante o espancamento, a tortura, paralisada e indefesa como um bebê.

Raiva e violência, a impressão digital do assassino era inconfundível. — Você a reconhece? — ele perguntou a Neha, consciente de que ela tinha acabado de retornar da Fortaleza do Arcanjo depois do

funeral no topo da montanha de Eris. Desde o cabelo pesadamente úmido fragmentado dentro de um coque em sua nuca e sua túnica simples de um azul pálido combinado com calças brancas, ela foi tomar banho depois como era o costume, quando ela recebeu a palavra de sua morte.

— Seu nome era Shabnam. — O tom da arcanjo mantinha um luto cru. — Ela era uma das minhas mais antigas damas de companhia. — Agachando-se ao lado da cabeça da vampira com sua assolada pele, sem se importar que suas asas raspassem o mármore e o sangue que o manchava, ela estendeu a mão e fechou as pálpebras de Shabnam sobre os olhos castanhos entorpecidos pela morte, usando um pontilhar de poder que tornava certo que eles permanecessem assim. — Eu espalhei as cinzas de Eris pelo menos uma hora atrás enquanto sua mãe chorava e agora eu devo informar ao povo de Shabnam de seu assassinato.

Jason ouviu a raiva atrás da tristeza, e isso era outro enigma. — Você me contará sobre ela?

— Ela era uma borboleta, — Neha disse, ficando de pé, seus movimentos pesados, como se ela estivesse pesada com tristeza. — Um belo ornamento cercado de brilho e faíscas. Ela não tinha escuridão no coração ou a sabedoria dos políticos. A única razão que ela estava tão alto na corte era que eu adorava seu senso de inocência. — Um torcer de seus lábios. — De todas as mulheres que me serviam, ela era a mais inofensiva.

Ainda assim ela tinha sido morta com uma crueldade terrível. Jason não era arrogante o bastante para achar que ele podia ler todos os humores de Neha, mas sua tristeza parecia genuína. E enquanto ele podia vê-la assassinando Eris na raiva ciumenta, era uma difícil acreditar que

ela tinha derramado sangue inocente enquanto preparava-se para dizer o seu adeus final ao seu consorte. Mesmo se ela tivesse feito isso em um dolor ou culpa da loucura, ela não tinha necessidade de fingir. Brutal como isso era, Shabnam tinha sido morta para Neha.

— Você acredita ser a mesma pessoa que assassinou Eris? — Neha perguntou, a lâmina fria da raiva da arcanjo um leve halo de luz aceso em suas asas.

— Talvez. — Jason ergueu-se de sua posição agachada ao lado do corpo. — Ou poderia ser uma tentativa de usar o assassinato de Eris para encobrir um crime não relacionado. — Shabnam tinha sido certamente uma mulher deslumbrante em vida. — Ela tinha um amante?

— Sim. Mas Tarun está na Europa em uma tarefa para mim — ele não poderia ter feito isso.

Jason fez uma nota para confirmar o paradeiro de Tarun ele mesmo. Poderia ser verdade, mas o amante era mais frequentemente o único responsável pelo assassinato de uma mulher, mortal ou imortal. Algo escuro não conhecia seus limites. — Qualquer outra pessoa que pudesse guardar rancor por ela?

Neha caminhou para a parte do terraço que descia para um amplo degrau no pátio coberto que, seguia, levando para outro terraço menor. — Ela era uma dama de companhia, Jason. Eu conhecia pouco de sua vida.

É claro.

Ao contrário dos Sete, as damas de companhia estavam lá para entreter, divertir, e fora isso verificar o conforto de Neha, saindo da mente da arcanjo no instante que elas saíam de sua visão. — Posso ter acesso

aos outros que servem você? — Ele também contataria Samira, obtendo suas impressões de Shabnam e Tarun.

— Sim. — Neha flamejou suas asas fora. — Mahiya saberá onde achá-los. — Com isso, ela saiu do terraço, um anjo de graça, poder, e... séculos de sangue que manchava suas mãos com rubi escuro.

Jason encontrou Mahiya no pátio abaixo do terraço, e embora ele não tenha dado a ela nenhuma instrução, ela disse, — A maioria das damas de companhia está ainda agora reunida em seu jardim privado. Eu, no entanto, recomendaria a você falar com elas uma por vez.

— Eu concordo. Entretanto, vendo como elas agem como um grupo pode provar ser útil.

— Por aqui. — Ela virou para esquerda, sua túnica verde menta nítida contra sua pele. — Palavras viajam rápido numa cidade pequena nesta fortaleza, — ela disse, respondendo a pergunta não pedida. — Eu soube sobre a descoberta do corpo de Shabnam talvez cinco minutos depois que o guarda o fez. — Fixando o pino que mantinha sua longa echarpe quase sob seu ombro esquerdo, ela lançou lhe um olhar de avaliação. — Ele disse que você chegou segundos depois. Descendo do céu como uma flecha negra.

— Você acha que eu matei Shabnam? — Ele sabia que era capaz de matar para proteger alguém dos seus. Mas isso, é claro, era uma reflexão acadêmica.

— Não. — Uma resposta muito mais firme do que ele tinha esperado. — No entanto, todo mundo se pergunta como você soube.

Os ventos tinham sussurrado um nome, puxando-o na direção certa, mas isso não era um segredo que ele podia contar a essa princesa que via coisas onde ninguém devia ser capaz de ver... e que fazia ele ter pensamentos impossíveis sobre sempre ser bem vindo em casa como ele esteve na noite passada. — Eu estava voando sobre o forte, vi o guarda correndo em pânico. Não foi difícil descer, e descobrir o porquê.

Mahiya levantou uma única sobrancelha, mas manteve seu silêncio, e minutos depois, eles caminharam em direção a uma única passagem fria dentro da fortaleza para sair a poucos pés de um jardim revestido de uma profunda fragrância de flores. Cinco mulheres ficaram em um laço no canto, flores de outro tipo. Quando Mahiya moveu-se para fora da passagem, Jason parou com ela uma mão no braço sedoso quente dela, a essência dela uma carícia para os sentidos. — Espere.

— A linguagem corporal é interessante, não é? — O comentário silencioso de Mahiya ecoou em seus próprios pensamentos, suas asas coçando nele enquanto ela inclinava-se para ele poder ouvi-la.

Ele não se afastou. — Muito.

A mulher mais alta, uma anja, tinha posicionado a si mesma de modo que ela não enfrentava qualquer uma das outras. Outro anjo, suas asas marrom empoeiradas de um pardal, estava segurando uma sílfide de uma vampira com desespero irrompido de quem não estava certa se suas pernas ainda a suportariam, enquanto um anjo de olhos negros e um vampiro com pele pálida enxugavam seus olhos com o que parecia ser um lenço de renda.

— O pardal, — ele murmurou, — ela realmente entristeceu-se. O resto é um espetáculo de teatro.

— Sim. — Uma única palavra de simpatia. — Shabnam e ela foram ambas empossadas em seus cargos ao mesmo tempo, e em vez de competir pela atenção de Neha, elas tornaram-se amigas que ajudavam uma à outra a navegar na política.

— Por que deveria haver política? Elas ocupavam a mesma posição rarefeita.

Mahiya atirou a ele um olhar carrancudo. — Você está tirando sarro?

Jason nunca tinha sido acusado disso, mesmo pelo irreprimível Illium. — Por mais estranho que isso possa parecer, — ele disse, — Eu nunca tive uma razão para conhecer o trabalho interno de um grupo de damas de companhia. — Ele tinha agentes que eram muito capazes nessa área e que o mantinham informado de qualquer informação necessária de tais setores.

— Uma dama de companhia tem certo acesso a Neha. — Mahiya pareceu ter decidido tomar dele a suas palavras, embora a suspeita em seus olhos não tenha desaparecido totalmente — e por alguma razão, isso fez com que um silencioso divertimento aquecesse seu sangue. — Nenhuma delas seria estúpida o bastante para arriscar suas posições, na realidade pedindo por qualquer coisa, exceto ocasionalmente, se uma senhorita for particularmente favorecida, Neha lhe concederia uma vantagem.

Mesmo uma pequena vantagem de um arcanjo, Jason entendia, podia mudar a balança de poder dado em uma situação. — Elas representam diferentes grupos na corte? — Ele olhou para a mulher com novos olhos, vendo borboletas de ferro, suas asas afiadas com razões de ambição e ganância.

— Não só na corte, mas no território.

Assim, todas elas tinham mestres fantoches em suas costas, puxando as cordas, situando cada uma para o ganho máximo... fazendo o trabalho sujo.

— Lisbeth mantém a maioria do poder no presente. — Ela indicou o anjo de olhos negros. — Ela é muito inteligente. Todas elas são.

Ele assentiu em reconhecimento pelo aviso. — Eu tomei cuidado para nunca subestimar um adversário, mas eu devo ter neste caso. — Como os outros ao redor dela, Lisbeth parecia... frívola. Roupas de um tecido transparente que agarrava o vento e os brilhantes cabelos castanhos faziam uma massa complexa de cachos, jóias penteavam os fios, características pintavam com uma delicadeza artística que destacava sua bela pele de ébano. — Eu vi o bastante.

— Você deseja que eu organize as entrevistas para você com as senhoritas? — Mahiya perguntou uma vez que eles voltaram ao corredor.

— Não. — Ele as encontraria a seu próprio modo quando elas não esperassem ser questionadas. Agora, ele queria fazer um tipo deferente de pergunta. — Você tornou-se cooperativa além do dever previsto.

Um sorriso superficial da corte — um que ele se deu conta que ele desprezava depois de ter vislumbrado o verdadeiro na noite passada

quando ela admitiu observá-lo. — Você, — ela murmurou, — é minha melhor esperança de escapar desse inferno.

Isso o fez pensar o quão longe ela iria.

CAPÍTULO DEZESSEIS

— **Diga-me** quem ganhou com a morte de Shabnam.

Mahiya sentiu uma súbita, vontade frustrada de gritar quando Jason usou a assombrosa clareza de sua voz para falar aquelas palavras. Ela tinha deliberadamente seduzido ele com sua réplica venenosa e doce, querendo incitar uma resposta, para quebrar o gelo obsidiana que o cercava até que ela sentiu como se falasse com um espelho negro.

— Há uma senhorita que queria pegar sua posição? — ele esclareceu quando ela permaneceu em silêncio.

— Há sempre aquelas que esperam. — Ela torceu a estranha loucura sob controle, pois o que importava para ela se Jason preferia viver um passo distante de seu mundo? — Mas Neha escolhia quem ela queria — uma aspirante podia exterminar todo o grupo e fracassar em ganhar um lugar. — Sua echarpe levantada pelo vento quando eles subiram a escada para tomar o caminho para o alto terraço, movendo rapidamente sobre o braço de Jason, seu peito, depois caindo quase a seu lado.

Eu estou com ciúme de um pedaço de tecido. Tolice quando ele nem mesmo me vê. — Desculpa. — Noite passada na sacada, quando essa sombra mortal de homem tinha feito o claro esforço em não machucar seus sentimentos, sua fascinação por ele tinha se alterado para algo além da ternura, e muito mais perigoso. A forma que ele tinha olhado para ela

depois de seu retorno, ela teve esperança... mas claramente, suas ações não tinham nada mais do que uma calma gentileza.

A percepção fez seu coração doer.

— Você não pode amarrar o vento, — ele disse, seu olhar uma profundidade impenetrável que ela não podia entender.

— Não, eu acho que não. — Ela quebrou seu contato visual que era muito, tão forte, tão visceral. — Teria sido melhor que Shabnam desaparecesse se essas ações fossem motivadas politicamente, — ela disse, forçando a si mesma para concentrar-se. — Sua morte podia muito bem fazer Neha simpatizar com sua intimidade e escolher a próxima senhorita de dentro de suas fileiras.

— Talvez elas ganhem um benefício extra? — As asas de Jason estavam tão próximas, ela podia ver os finos filamentos negros que compõem cada pena de meia-noite.

Seus dedos enrolaram-se dentro de suas palmas. — Não. — Embora ela não estivesse nenhuma dúvida que tal coisa fosse possível, a família de Shabnam poderia muito bem ter sacrificado ela com calculado sangue-frio. — Shabnam valia muito mais viva—ela tinha estado com Neha por um longo tempo, tinha sua confiança e simpatia.

— Suas asas estão arrastando.

— O que? Oh. — Bochechas se aqueceram pela lembrança que alguém poderia dar a uma criança, ela levantou suas asas de modo que as bordas não arrastavam no arenito vermelho do terraço.

Em seguida ele falou de novo, e seu embaraço se transformou na mais amarga das emoções. — Você precisa trabalhar no fortalecimento de

suas asas em todos os detalhes. Se o temperamento de Neha se transformar, pode vir uma corrida para esconder-se em um local seguro até que eu possa encontrar uma solução política para sua liberdade.

— Eu tenho cerca de trezentos anos de idade, Jason, — ela disse, usando seu nome por sua própria vontade pela primeira vez, a pequena intimidade enchendo sua mente com outros frágeis momentos que ela tinha sonhado experimentar com o anônimo amante sem rosto, que ela tinha imaginado em suas horas mais escuras. Um com quem ela tinha voado, visto o mundo, construído uma vida, construído uma casa, preenchida com sorrisos e amor e felicidade como ela nunca tinha conhecido.

— Mesmo que eu tenha treinado para resistentes vôos cada dia de minha existência, — ela disse, segurando aquele sonho com cada grama de sua força no rosto da dura realidade, — Eu não poderia viajar longe de Neha, mesmo no mais curto lampejo de tempo. — Neha era um arcanjo que tinha vivido milênios, seu vasto poder. Ela esmagaria Mahiya como um inseto e nem notaria.

— E um esconderijo? — Mahiya balançou sua cabeça. — Eu não deixarei ela me enterrar novamente. Melhor eu morrer lutando por minha liberdade do que me transformar em Eris, morto em uma prisão. — Era um voto feroz. — Eu não permitirei que ela fixe minhas asas na parede como Lijuan faz com as borboletas que ela coleciona.

Jason sentiu uma selvageria escura ganhando vida dentro dele com a apaixonada declaração de Mahiya, mas a resposta que saiu se sua boca era quase friamente calma, as palavras que ele queria falar

escondidas profundamente dentro de si no silêncio que tinha sido sua existência por um longo tempo. — Lijuan gostaria de adicionar-me em sua coleção.

Mahiya tropeçou numa parte perigosa do terraço, teria caído se ele não tivesse disparado uma mão e agarrado a parte superior de seu braço. Ignorando seu agarre, ela olhou para ele. — Ela disse isso na sua cara?

— *Tais asas únicas que você tem, Jason. Uma pena se você tiver que morrer na batalha, aquelas asas de meia noite destruídas. Uma morte em ritmo silencioso nos braços de uma linda mulher madura com sua feminilidade seria bem mais fácil, você não acha?*

— Ela me ofereceu uma morte pacífica. — Ele forçou a si mesmo a liberar Mahiya, sua necessidade pelo toque um emaranhado dentro dele. — Ela tem sido muito mais eloqüente sobre Illium.

— Azul com pontas pratas, sim, suas asas são impressionantes, — Mahiya murmurou. — Eu o vi uma vez quando ele acompanhou Raphael em uma visita.

Jason olhou dentro de olhos brilhantes, mesmo nas sombras de um arco, e teve a súbita percepção, o brilho era uma indicação de poder emergente. Um que ninguém tinha percebido, pois a mudança, como cada aspecto do poder de Mahiya, tinha sido incrementada. — Suas próprias asas são tão únicas.

— Não, elas não são. — O tom de Mahiya era plano. — Minha mãe tinha as mesmas.

Ele não sabia disso, e se asas de tal beleza tinham sido esquecidas, isso significava que tinham queimado a informação. Neha, parecia ter

limpado sua irmã fora de sua existência tão bem quanto para fora de sua vida. Agora ela tentava fazer o mesmo com a criança que carregava asas de safira requintadas e pulverizada de verde esmeralda pavão.

— Você... você viu a Sala da Coleção de Lijuan?

Jason parou, observando Mahiya esfregar as mãos para cima e para baixo em seus braços, como se eles não estivessem na luz do sol espessa como xarope. — Sim, — ele disse, — Eu vi. — A Sala da Coleção era localizada dentro da fortaleza onde Lijuan tinha criado seu primeiro renascido, e mantinha permanentemente gelada para preservar os corpos que pendiam nas paredes, suas asas espalhadas numa magnífica apresentação.

Alguns, Jason conhecia, tinham morrido em circunstâncias onde suas asas tinham permanecido intactas, mas outros... outros tinham simplesmente desaparecido do mundo. — Se você visse a sala, — ele disse, levando um único dedo a tocar a bochecha de Mahiya, — você era sortuda por estar viva.

Ela não se encolheu para longe do toque. Plainando sua mão sobre sua barriga, ela disse, — Eu acho que eu poderia barganhar serviços pelo santuário. Eu convenci a mim mesma que isso seria semelhante a ser uma serviçal, que eu estaria livre para além de minhas funções. — Um arrepio arruinou sua trama. — Eu acho que a única razão para Lijuan devolver-me para Neha ao invés de manter-me como um troféu, foi porque estava profundamente ofendida pelo fato de que eu ousava desobedecer ao arcanjo a quem eu “devia obedecer”.

— Se você fosse um gato, — ele murmurou, sua mente em uma massiva sala de estoque frio atrás da Sala da Coleção, cheia com grandes gavetas o suficiente para manter corpos angélicos — Eu diria que você é agora mais pobre, de pelo menos, cinco de suas sete vidas.

— O que você sabe? — Era um sussurro dançando sobre sua pele.

— Muitas coisas que eu não posso deixar de ver.

As palavras continuavam a circular em sua mente, pesadas com a persistente escuridão que puxava o seu núcleo vulnerável, apesar de sua conclusão de que ele não sentia necessidade em retornar, Mahiya separou-se dele por vários minutos depois. — Eu devia cuidar de Neha, — ela disse. — Eu estou destinada a estar espionando você depois de tudo.

A resposta de Jason não foi tão inesperada quanto o fugaz toque que tinha ancorado ela no aqui e agora quando o pesadelo da fortaleza de Lijuan ameaçou derrubá-la. — Você não é forte o bastante para tal tarefa — quase palavras gentis — e eu honro a força que isso deve ter levado a combater tal amargura, recusar a permitir que seu coração se petrificasse em uma pedra cruel.

Ninguém nunca tinha entendido aquela verdade, entendido a vontade consciente que a tinha levado a permanecer imaculada e intacta. Abalada com a maneira que ele tinha alcançado ela tão profundamente quando ele permanecia tão distante, ela disse, — Eu devo ir, — e se virou para ir embora.

Quando ela olhou sobre seu ombro segundos depois, ele tinha ido, o céu não mostrava sinais do espião mestre que ameaçou arrancar sua alma. — Quem é você, Jason?

O vento manteve-se sem nenhuma resposta para ela.

Baixando seu olhar do céu, ela tomou uma respiração profunda e substituiu a armadura emocional que Jason tinha desmontado com nada além de um toque, umas poucas palavras. Ela não podia ir a Neha vulnerável e exposta.

Dez minutos depois, quando ela localizou a arcanjo, não estava dentro dos limites legais dos confins de seu palácio privado, mas andando nas muralhas, olhando para baixo para a cidade que era dela mesma. Mantendo suas asas perfeitamente em suas costas, suas emoções sob rígido controle, Mahiya observou a arcanjo acenar para os visitantes que andavam ou conduziam-se no íngreme caminho curvado da fortaleza. Neha não permitia veículos modernos no caminho ou dentro da própria fortaleza, mas elefantes, camelos, e cavalos eram considerados aceitáveis meios de transporte.

— Você esqueceu com quem é que você vem falar? — Era uma pergunta sedosa.

— Eu peço desculpas se eu cometi um deslize, minha senhora. — Uma vez, as palavras teriam sido facas afiadas em sua garganta. Agora, elas não eram nada além de ferramentas usadas que ela usava para distrair a arcanjo enquanto ela trabalhava para sair desta prisão.

Silêncio. As asas de Neha varreram espalhando um branco fresco como alguma jóia rara de filamentos azuis que ecoava nas próprias penas

de Mahiya. A conexão familiar mostrou-se de outras formas, também, mas somente alguém que sabia o que era que eles procuravam, e aqueles velhos o bastante para deduzir a verdade também sabiam que nunca falavam disso.

Para todos os outros ainda, Mahiya era uma descendente distante de Neha, a arcanjo tinha a cercado por fora de gentileza depois da morte de seus pais anônimos. A recém nascida tinha aparecido oito meses depois do encarceramento de Eris e a execução assumida de Nivriti tinha distanciado ainda qualquer conexão que devia ter sido feita pela maioria. Poucos poderiam imaginar que Neha tinha sido cruel o bastante para ter mantido a irmã acorrentada durante os meses de sua gravidez, mas Mahiya tinha ouvido a estória dos lábios da própria Neha.

— Um presente em seus trezentos anos. — O arcanjo sorriu causando um arrepio ao longo da espinha de Mahiya. — A história de seu nascimento.

Anjos não morriam facilmente, mas uma anja era mais vulnerável após o parto, especialmente um parto onde seu ventre tinha sido cortado com uma lâmina enferrujada, seu bebê literalmente arrancado fora de suas mãos, seus órgãos internos deixados derramados no chão. Somado a falta de comida e água, e o espaço, escasso ar do topo das distantes montanhas da fortaleza onde sua mãe tinha aparentemente sido mantida, e Nivriti não tinha tido nenhuma chance.

Mesmo assim, poderosa como ela era, devia ter levado anos de agonia para morrer de fome totalmente.

— Você me ofende por existir, — Neha disse por último, e foi quase um comentário ausente. — Conte-me sobre Jason.

Mahiya o fez, e foi a verdade... o que elaalaria disso em qualquer caso. Como se Jason tivesse apontado, ela dificilmente podia acusar Neha de assassinato e esperar viver. — Ele parece estar mantendo o voto, — ela concluiu, — e trabalhando para descobrir a identidade do assassino ou assassinos.

Os olhos de Neha focaram algum aspecto a distância que Mahiya não podia ver, o sári de seda usado agora um champanhe apático delimitado em bronze, as dobras presas com pura precisão em seu ombro por um broche antigo. Sua blusa era um bronze que ecoava a borda, o corte perfeito, as costas intrincadas funcionavam necessariamente para acomodar as asas, feito com tal precisão que o ajuste permanecia impecável.

Ninguém, Mahiya pensou, podia dizer que A Arcanjo da Índia não era a mais elegante das criaturas, mas Mahiya sozinha entendia o profundo vingativo ódio que tinha conduzido Neha por tanto tempo. Não houve surpresa, pelo menos nela, quando Anoushka foi considerada culpada de crimes contra uma criança — a anja tinha observado sua própria mãe criar uma criança com o propósito de vingança depois de tudo. Gentileza por milhares de outras crianças não podia erradicar a mácula de um único ato.

— Você lamentou por seu pai? — Neha perguntou em meio ao silêncio.

— Eu lamentei por quem ele poderia ter sido. — Eris havia prometido, e talvez se ele fosse melhor orientado quando um jovem, quanto um marido, ele devia ter cumprido isso. Isso foi todo o perdão

quanto ela podia dar a ele, porque ela tinha se tornado uma adulta, também, tinha feito suas próprias escolhas.

— Nisso nós estamos de acordo, filha do sangue do meu sangue.

Mahiya ficou imóvel — isso nunca profetizou alguma coisa, exceto mal para ela quando Neha referia-se aos laços que conectavam elas. Entretanto, hoje, a arcanjo simplesmente inclinou o rosto para o calor ardente do sol, permitindo-se ser banhada sobre o marrom dourado de sua pele, imbuída com calor. Naquele momento, Mahiya podia imaginar o porquê seu povo a via como uma deusa benevolente.

— Eu o encontrei pela primeira vez quando eu era um anjo de mil anos. — As palavras eram suaves, seu olhar no passado a muito ido. — Por quatrocentos anos, ele era apenas um adulto em minha mente, e eu o tratava como tal. Irresponsável, eu pensava, mas belo e com tal charme masculino. Nossos caminhos não se cruzaram novamente até que eu tinha me tornado um arcanjo, e Eris uma homem elegante e confiante.

O vento do deserto quente ondulou sobre elas um segundo depois, quebrando o devaneio de Neha. — Você nunca amou, Mahiya?

Sabendo o que estava por vir, ela endureceu sua espinha. — Não.

— Nem mesmo Arav?

Lá estava, o golpe que lembrava a ela de uma humilhação que tinha esmagado seu inocente coração, ameaçado quebrar seu espírito inexperiente. — Eu era uma criança ainda. O que eu sabia do amor? — Entretanto, ela tinha aprendido que belas palavras não eram confiáveis — e que ela tinha uma força que ela nunca tinha antes entendido.

— Minha filha está morta, — Neha disse, em uma aparente *non sequitur*³, — e então meu marido e consorte. Alguns diriam que eu estou sendo punida pelo que eu fiz a você e sua mãe. — Os olhos escuros no rosto de Mahiya. — Você acha que eu estou sendo punida, Mahiya?

Se você acredita assim. Pois seu carma é de sua própria autoria.

— Não é de minha posição pensar tais coisas, minha senhora. — Mahiya usou cada grama de habilidade que ela tinha pegado de seus anos na corte para esconder seus pensamentos, manter sua voz inexpressiva. — Eu sou somente agradecida por sua gentileza em me dar uma casa.

Neha curvou seus lábios, mas o frio de seu olhar permaneceu gélido. — Um belo discurso. Talvez você se prove interessante, afinal de contas. — Um ligeiro movimento de uma mão esguia, e Mahiya sabia que ela tinha sido dispensada.

Caminhando o largo caminho ao longo das muralhas até chegar na escada que conduzia para dentro do imenso pátio principal — construído no tempo em que exércitos eram montados em elefantes — ela fez seu caminho para baixo com a lenta graça, embora ela não quisesse nada mais do que espalhar suas asas e voar nas montanhas. Aquele risco mortal era o único que ela tinha guardado do passado, quando ela não tinha outra esperança.

— Sim. Você importa.

Abraçando as palavras de Jason em seu coração, sua fé em sua integridade um instinto que ela não lutaria, Mahiya cruzou as pedras do

³ *Non sequitur* (expressão latina para "**não se segue**") é uma falácia lógica que acontece quando uma conclusão não se segue das suas premissas. Em um *non sequitur*, a conclusão pode ser verdadeira ou falsa, mas o argumento é falacioso porque há falta de conexão entre a premissa inicial e a conclusão.³ Existem diversas variações de *non sequitur*, e outras falácias lógicas se originam dele, tais como a afirmação do consequente e a negação do antecedente

pátio com passos medidos. Aberto como era, com somente umas poucas miniaturas de árvores em grandes plantadores nas bordas, ela podia sentir centenas de olhos nela — guardas, nobres, serviçais.

Ela os reconheceu e eles a reconheceram, mas não parou por nenhum... até que um alto belo anjo com pele do marrom mais escuro e olhos de fumaça cinza entrou no pátio, suas asas uma coloração castanha de dois tons de marrom mais pálido que sua pele. E ela entendeu porque Neha tinha falado do homem que tinha ensinado a Mahiya sua primeira e mais duradoura lição sobre o amor.

CAPÍTULO DEZESSETE

— Mahiya, meu amor — Arav pareceu que levaria sua mão para a boca, mas ela parou o movimento com uma educada e conveniente pequena reverência, com as mãos juntas em sinal de saudação em sua frente.

— Senhor — disse, em sua mente como um insulto. — Não sabia que visitaria a minha senhora.

— É claro que visito Neha — Um sorriso encantador saiu de seus lábios, desses que uma vez tinha convencido Mahiya de que eram só para ela.

Agora não confiava no sorriso de ninguém... E estava começando a confiar em um homem que não sorria de jeito nenhum. Era algo impossível, mas ai estava. Tinha mais confiança em um espião inimigo do que em qualquer outra pessoa que estava nessa fortaleza. A verdade é que Jason poderia ser obscuro e meio bruto, mas não tinha mentiras em volta de doçura ácida que poderia corroer.

— Ela e eu somos amigos de infância — O olhar de Arav levantou até o lugar onde Neha estava em pé, nas muralhas, com a vista para as cidades — é claro, não tinha te visto, minha amante favorita, desde mais ou menos um ano.

— Já não sou sua amante e não tenho sido por séculos. — Sentia-se contaminada pela lembrança de como havia permitido que tomasse a sua

inocência com um prazer que tinha confundido com atenção. — Te desejo uma boa visita, mas tenho que seguir meu caminho.

Arav bloqueou quando ela passou pelo seu lado. Insistir seria armar uma cena enquanto Mahiya não tinha nenhuma dificuldade em esbofetear Arav se fosse necessário, ceder à tentação enquanto Neha estivesse tão perto poderia ser perigoso.

Porque em uma coisa Arav não estava mentindo: Ele e Neha tinham uma amizade.

Até hoje, não sabia se Arav tinha estado agindo sob ordens quando seduziu Mahiya, descartando-a como se fosse lixo depois, ou se havia sido uma casualidade, o homem superior a ela, aproveitando-se de uma jovem ignorante que não dispunha do favor de seu arcanjo, portanto, não tinha ninguém a quem Arav pudesse temer represálias.

— Eu soube que você divide o quarto com alguém que fez um voto de sangue. — Os olhos de Arav brilharam. — O mascote mudo de Raphael.

Mudo? Era um insulto tão incompreensível para não ter impacto.

Jason não era um falante, mas também não era uma criatura completamente silenciosa, simplesmente optava por não falar até que tivesse algo a dizer.

— Neha — disse, com uma fria cortesia — parece estimá-lo muito.

Os lábios dele se torceram em um reflexo da podridão interna que ela não havia visto até que fosse muito tarde. — Ela está de luto

Ah. — É por isso que está aqui? Para oferecer consolo?

— Esse é o dever de um amigo

— Um amigo que deseja tomar o lugar de Eris

— Sou mais forte do que ele jamais foi. — Arrogância apoiada por fatos. Arav era um dos generais de Neha. — Quando for consorte — disse ele, apertando a mandíbula de Mahiya com o dedo polegar e o indicador antes que ela pudesse se afastar. — Eu pedirei a Neha que seja meu objeto, minha mascote especial.

Idiota. Mahiya se afastou de seu aperto, sem se preocupar se isso poderia chamar a atenção de Neha. Porque se tinha uma coisa que o Arcanjo nunca havia feito, era deixar passar o maltrato das mulheres de sua corte. Qualquer homem que fosse descoberto forçando, golpeando, coagindo a uma mulher era castigado rapidamente, por amputações de partes do corpo, quanto pior era a agressão, maior era a pena, alguns não sobreviviam para se recuperar.

Não importava se a mulher estava de acordo ou não, era rica ou pobre, camponesa ou cortesã. A regra era absoluta e isso era parte do que fazia Neha uma rainha tão amada. Mas Neha, pensou Mahiya imediatamente, com um arrepio frio ao longo da coluna, poderia não ser a única governadora agora... pelo menos no que era conhecido por Mahiya.

“Alguns diriam que estou sendo castigada pelo que fiz para você e a sua mãe.”

Afogando a declaração arrepiante, ofereceu a Arav um sorriso em forma de um bisturi afiado. — Neha valoriza a lealdade em um homem, acima de tudo. Se alguma vez pensar em tocar a outras enquanto estiver com ela, a tortura de Eris e a mutilação parecerão um suave castigo em comparação.

Pálido até que a perda de sangue ficou evidente mesmo na sua pele escura, Arav deu dois rápidos passos, afastando-se dela. Mahiya já havia ido, depois de usar a surpresa momentânea dele para contorná-lo e seguir no caminho dos estábulos, acariciar os cavalos que tanto amava seria uma maneira de se acalmar. Sentiu os olhos de Arav perfurando-a nas suas costas até que desapareceu na esquina, e sabia que o que antes era visto por ele como um pequeno jogo, agora seria visto como algo que ele queria quebrar. Esse dia ela havia feito um inimigo.

Três horas depois da descoberta do corpo de Shabnam, e depois de ter completado outra série de perguntas cruciais, Jason tinha a intenção de interrogar as damas de honra da rainha, mas descobriu que tinha que falar com Neha. — Venom pede permissão para entra em seu território

Os lábios de Neha se transformaram em um entalhe onde ela caminhava ao lado de um grande mural de uma ágil donzela carregando um cântaro sob a cabeça. — Então, o príndigo retorna — disse, a dor e a raiva em sua voz iluminada pelo calor — Está a caminho do Refúgio?

— Ele disse que não ousaria passar sem demonstrar seu respeito.

A risada de Neha ressoou no mármore ao redor. — Ainda assim se atreveu a correr para Raphael quando seu Contrato terminou.

— Eu acho que você ficaria decepcionada se ele não houvesse mostrado determinação o suficiente para forjar o seu próprio caminho. — Apesar de que ela não ficaria feliz ao saber exatamente o poder que adquiriu o vampiro nos anos seguintes.

Sorrindo profundamente, Neha disse — Permito a visita, desde que você concorde e aceite que o juramento que te une também o inclui enquanto você está aqui. Esperamos que tenha trazido um presente para amenizar minha raiva por sua deserção.

O que Venom trouxe não era nada esperado. Nenhuma serpente exótica ou colar em forma de cobra, nenhum pente incrustado de jóias, ou vinho raro.

— Explique isso — Neha disse, impassível, quando viu o macaco mecânico que batia tambores e pratos com uma alegria maníaca enquanto caminhava em círculos sobre o tapete de seda em tons de safiras em frente ao trono de Neha.

Venom desligou o brinquedo. — É um sorriso, minha senhora. — Olhando para cima, de sua posição agachado, permitiu que a luz do sol que entrava pelas janelas, atingisse o impactante verde de seus olhos que não eram humanos, em nenhum sentido, contraindo as fendas devido a luz. — Pensei que precisava disso mais do que jóias. Especialmente nesse dia.

Neha não disse nada durante um longo minuto antes de suspirar e fazer um gesto para ele levantar. — Coloque isso em meu quarto. — Ela disse à criada, que estava discretamente ao lado, e Jason supôs que o perigo havia passado, a aposta de Venom sobre o funeral de Eris estava tendo resultado.

— Diga-me — disse, uma vez que a criada havia se afastado — À respeito do que tem feito na Torre de Raphael.

A pergunta era uma pegadinha, uma que exigia que Venom dividisse sua lealdade, mas o vampiro a respondeu sem mentir e sem trair nenhum segredo. — Aprendendo a ser mais forte, melhor. Agora vou trabalhar com Galen.

— Sim, aquele é um homem que entende de paciência, enquanto você nunca o fez.

— Está em minha natureza. — Venom deu de ombros, e Jason achou que falavam dos impulsos que tinham sido plantados nele pela Rainha das Cobras, dos Venenos.

Um pequeno sorriso curvou os lábios de Neha, o brilho calculado de sua pergunta anterior foi substituído por um afeto divertido. — Quando te espera esse bárbaro mestre das armas?

— Estou adiantado. Se eu puder implorar sua indulgência, gostaria de ficar e falar com uns amigos que não tenho visto há anos.

Os olhos de Neha *mudaram* daquele jeito mercúrio, para o marrom, verde, laranja, em tal velocidade que Jason quase podia acreditar que havia imaginado. — Então, Raphael pensa em implantar um segundo espião em minha corte?

— Você insulta Jason, minha senhora. — charme desarmante — Eu seria um grande elefante desajeitado para sua polida cobra.

Com uma sacudida exasperada de cabeça de Neha, o arcanjo parecia mais indulgente do que Jason havia visto com ninguém além de Eris e Anoushka. — Fique, jogue seus jogos, mas... Venom? Não se esqueça de quem eu sou.

Venom inclinou a mão dela, pressionando os lábios contra as juntas. — Minha senhora, eu nunca esquecerei quem você é, não Criou um idiota.

Mais tarde, quando Venom e Jason se aproximaram da parede de cima de uma das magníficas portas da fortaleza, Jason viu o vampiro suspirar enquanto olhava para a cidade a seus pés, as casas abraçavam a terra em sua maior parte, inclusive a menor, pintada com o tom mais brilhante, persianas roxas, um teto azul. — Você sente falta desse lugar.

— Às vezes — Venom disse, seu cabelo levantou com a brisa que puxava o colete de Jason. — Essa é a terra onde eu nasci, nessa fortaleza fui Criado. Sempre terá um pedaço do meu coração, ainda que Raphael seja quem tem autoridade sobre minha lealdade.

Jason pensou nas areias rodeadas pelo Pacífico, a remota ilha que era sua, aonde ia quando queria desaparecer do mundo. Apesar de que não era o lugar onde havia nascido, era perto o bastante para que apertasse o coração. — Eu entendo.

— Rafael pensou que poderia apreciar um rosto conhecido, alguém em quem pudesse confiar para vigiar suas costas.

— Fico contente por você estar aqui — disse, pensando em uma mulher que vivia na fortaleza rodeada por centenas de outros, mas que sempre havia estado sozinha, sem nenhum dos seus.

Mesmo ele tinha lembranças do amor para mantê-lo seguindo em frente. Mahiya não tinha nada. E ainda havia esperança em seu coração e a capacidade de ternura na alma. Forte, ela era tão forte, mais forte que

ele, porque onde ele tinha se fechado para sobreviver, ela o fez para permanecer intacta.

— Então — Venom disse — Conte o que aconteceu — não vou trair seu juramento e Raphael não esperará isso de mim.

Jason jamais tinha acreditado no contrário. — Há algo errado aqui — Contou para Venom sobre os três assassinatos, dos detalhes que não encaixavam — Você ainda conhece intimamente muitas pessoas dessa corte. — Amigos com os quais o vampiro havia mantido o contato, alguns por amizade, outros por serem úteis. Venom podia ser friamente prático por debaixo de seu encanto. — Encontre a conexão se puder.

Os assassinatos levavam uma aura emocional e familiar demais para ser trabalho de diferentes entidades, e no entanto, Neha não tinha necessidade ou aparente motivo para assassinar sua dama de companhia de maneira tão violenta. Apesar de tudo, ele simplesmente não conseguia enxergá-la rompendo sua vigília junto ao corpo de Eris com o objetivo de cometer assassinato, não quando se tratava das últimas horas que passaria com ele.

Venom assentiu pensativo, deslizando seus óculos de sol seu sobre seus olhos outra vez. — Farei o que puder, mas terei que sair em três dias, no máximo. Neha não me dará sua permissão para além disso.

— Você é melhor juiz de estado de ânimo dela do que eu sou — vá quando precisar. — Recebendo um aceno de Venom, ele perguntou para o vampiro uma pergunta que não tinha nada a ver com sua tarefa na fortaleza. — Como está Sorrow? — A menina tinha sobrevivido ao ataque de

um arcanjo doido, saindo disso infectada por uma toxina que a tinha mudado de mortal para algo único, suas habilidades errantes.

A mandíbula de Venom ficou tensa, os tendões apareciam sobre a pele de seu pescoço. — Janvier se encarregou de sua formação vampírica no momento — disse, se referindo ao vampiro que tinha trabalhado diretamente para Dmitri em um número de operações, e cuja lealdade à Torre era inquestionável, ainda que até agora havia sido mais útil tê-lo fora, no mundo, como um aparente agente livre.

— Você sabe o quão bom Janvier é — Venom acrescentou — Mas vou ter que voltar periodicamente para fazer danças rápidas com ela.

Venom podia se mover com uma rapidez de serpente, Sorrow compartilhava da mesma habilidade, ainda que a dela fosse proveniente de uma fonte diferente. — Ela pode invocar isso à vontade?

— Não. E se não aprender como fazer, morrerá. — Palavras imperdoáveis — Mas Honor tem razão — ela precisa primeiro obter os conhecimentos básicos antes de começar a pressioná-la outra vez, ou ela cometerá erros estúpidos que a velocidade sozinha não pode resolver.

— Quem está encarregado de seu treinamento físico com Honor fora da cidade?

— Ashwini. — A cara de Venom relaxou e seus lábios crispavam um pouco. — Você sabe o que ela fez a Janvier a última vez que se encontraram?

— Mel estava envolvido. — Jason tinha visto a caçadora e o vampiro brigar desde seu primeiro encontro, nunca entendeu muito a relação — eram adversários num minuto, decididos a correr um atrás do outro, e

aliados no seguinte. Foi Janvier que Ashwini tinha chamado quando tinha tido que trabalhar no perigoso território de Nazarach, e era de Janvier o pingente de safira que a caçadora levava no pescoço. No entanto, até onde ele sabia, nunca tinham sido companheiros de cama.

— Por que simplesmente não dormem juntos? — Perguntou a Venom, se questionando se havia perdido uma nuance em sua relação.

O riso de Venom foi calmo, com os misteriosos olhos sob o sol enquanto empurrava seus óculos para cima. — Isso é um mistério persistente. — Levantou a cabeça. — Quem é essa mulher bonita que vem pra cá?

Jason não precisou seguir o olhar de Venom, podia sentir a presença de Mahiya como um suave calor contra suas asas. — A princesa Mahiya, e ela é minha. — Não tinha o direito de fazer tal afirmação, mas Venom tinha uma maneira de enfeitiçar as mulheres quando estava com vontade, e Jason descobriu que não desejava que Mahiya fosse enfeitiçada.

— Ah. — O vampiro girou e saltou da porta com um despreocupado descuido que fez Mahiya levar bruscamente a mão ao seu coração.

Mas Venom aterrissou agachado sob os dedos dos pés, ágil como um gato. Aterrissando ao seu lado, Jason olhou Mahiya enquanto Venom levantou e inclinou a sua mão. — Por incrível que pareça, não acredito que tenhamos nos conhecido.

O olhar fascinado de Mahiya permaneceu nos olhos de Venom quando levantou a cabeça e soltou a sua mão. — Não... mas ouvi falar do

vampiro com olhos de cobra. Você estava estabelecido na corte de Delhi, principalmente.

— Eu estava. — Venom concordou. — Mas estive aqui mais de uma vez. Você deve ter estudado no Refúgio.

— Sim. Acredito que você tinha jurado lealdade a Raphael no momento em que voltei para a Fortaleza.

Jason captou o ligeiro tremor que ondulou sobre a pele de Mahiya enquanto falava de um passado que deveria ter sido uma experiência aterrorizante para uma menina jovem, e estendeu suas asas o suficiente para roçar nas delas. Era uma intimidade, e uma que ela não tinha oferecido, mas em vez de se retrair, ela aceitou.

— É bom que finalmente tenha te conhecido. — Disse para Venom, com um genuíno calor em sua voz. — Neha sempre disse que era uma das suas mais orgulhosas Criações.

O sorriso de Venom era largo, suas palavras seguintes dirigidas a Jason. — Nos encontraremos no jantar?

— Venha ao palácio de Mahiya.

— Até, então. — Beijou a mão de Mahiya outra vez antes de partir.

Jason traçou o perfil de Mahiya com o olhar enquanto ela observava o vampiro ir embora. — Você não hesitou em permitir que ele te tocasse.

— Acho que foi devido o impacto de tudo — esses olhos... — Sacudiu a cabeça. — E então eu vi que ele era seu amigo.

Uma rachadura, algo fundamental se rompia dentro dele.

Mahiya continuou falando quando ele não respondeu. — Neha tem tentado recriar o efeito que você conhece, e algumas de suas Criações tem o menor sinal disso, mas nunca teve o mesmo êxito que conseguiu com Venom.

— Ele ficará encantado por saber que é único. — Jason disse, examinando a fissura que ela tinha criado em seus escudos, o dano profundo, a reparação não seria fácil.

Os brilhantes olhos de Mahiya sorriram. — Você vai falar com as damas de companhia?

Ele demorou tanto tempo para responder que o sorriso dela sumiu, sua expressão ficou atenta. E ele sabia que a tocaria outra vez se ela demonstrasse o mínimo interesse, seu corpo faminto não apenas pela sensação, e sim pelo mistério — quando ela baixasse a guarda — a inexplicável doçura que era Mahiya.

CAPÍTULO DEZOITO

Mahiya observava as formas negras das asas de Jason quando ele levantou no céu, os minúsculos pelos em seu braço ainda em pé em reação ao olhar que ela pegou em seus olhos. A resposta primária não foi alimentada pelo alarme ou medo, mas uma paixão que não era um simples desejo físico. Jason a fascinava em muitos níveis. Ele era uma escultura rústica, um belo homem que ela tinha a sensação que nenhuma mulher jamais chegou perto de domar.

Seria uma pena que nunca fosse acontecer. Sua selvageria era uma parte integrante dele — talvez outros não o considerassem assim, não dado com a distância fria que ele via o mundo, mas Mahiya entendia... ela carregava a mesma selvageria interna. Só porque isso tinha sido preso, confinado e controlado não significava que não estava lá. Jason usava sua natureza em sua pele, nas linhas curvas de uma tatuagem que ela queria traçar com a ponta de seus dedos... seus lábios.

Era uma admissão perigosa, mas mentir para si mesma não servia a nenhum propósito. Melhor ela aceitar que ela tinha uma vulnerabilidade onde o espião mestre impenetrável era a causa, então ela podia proteger-se contra sua fraqueza. O único problema era, Mahiya não estava certa se ela queria afastar-se da brilhante sombra da chama nascente entre eles.

Jason pousou atrás de onde Lisbeth sentava do banco de mármore em um pequeno terraço fechado no jardim fora do palácio que abrigava as damas de companhia. Homens eram estritamente proibidos na área, exceto se enviados a negócios pela própria Neha, todos os guardas — angélicos e vampíricos — femininos.

A pequena mulher levantou-se com um ofegar. — Senhor, eu percebi que você é convidado de minha senhora, mas você não pode estar aqui.

— Neha não ficará descontente com você. — Ela devia estar com Jason, mas desde que ela não tinha especificamente barrado ele de falar com as damas de companhia em seus aposentos privados, ele não quebrou nenhuma regra. — Eu desejo falar com você sobre Shabnam.

A mudança em seu rosto, uma rapidez de pensamentos. — Nós estamos perturbadas. — Seus olhos lacrimejaram, o profundo castanho tornando-se um topázio cintilante, sua beleza luminosa. Levantando um delicado lenço para seu rosto, ela limpou a cristalina pureza de suas lágrimas.

— Eu sinto muito lhe causar mais sofrimento. — Ele modulou seu tom para acalmar.

Embora ele não pudesse simular uma emoção em qualquer lugar tão bem como Lisbeth, ele era hábil em usar sua voz como uma arma. Uma vez, ele a tinha usado em canções, mas as canções em seu coração tinham sido silenciadas há muito tempo atrás, e ele sabia que um dia então seria sua voz. Um homem que não tinha nada dentro dele eventualmente não tinha nada a dizer.

Asas de azul meia noite e verde vívido, um sorriso que viu muito, coisas agitadas que não tinham sido tocadas em uma eternidade.

A voz de Lisbeth se enroscou nele com imagens inesperadas em sua mente. — Está tudo certo. — Fungando com uma delicadeza que não fez nada para estragar sua beleza, ela disse, — Você pergunta para ajudar a buscar o assassino de Shabnam?

Ele inclinou sua cabeça. — Você sabe de qualquer coisa que pudesse esclarecer o assunto?

Uma calculada hesitação antes que ela balançasse sua cabeça. — Eu estou certa que eu não posso dizer.

— Ela está morta. — Jason adicionou gentilmente, notas calorosas em sua voz. — O que você disser não pode machucá-la.

Engolindo em seco, Lisbeth colocou seus braços ao redor de si mesma como se com frio. — Não é bom falar mal dos mortos, mas... Shabnam não era fiel a seu amante. — As palavras foram formuladas com máxima sinceridade, já Jason sabia que elas eram uma mentira. Imóvel, ele permaneceu para ela continuar, querendo ver quão negro ela pintaria a vítima. — Ela era generosa com seus favores... particularmente quando vinham os guardas — eu acredito que ela pensou que facilitaria seu caminho dentro do palácio que nós estamos tencionadas a ir.

Uma ágil acusação de espionagem, talvez até mesmo traição. — Você acredita que um dos guardas pode ter se tornado ciumento? — ele perguntou, atuando obtuso de propósito.

O mais leve sinal de impaciência agitou-se em seu rosto, quebrando a até agora a ilusão impecável de bela tristeza. — Eu tenho

certeza por todo seu ar, que Shabnam era nada exceto uma diversão para eles. Mas sua família, eles eram orgulhosos. Eles devem ter considerado suas ações vergonhosas. — Um baixo recato varreu da curva dos negros cílios. — Eu não estou acusando eles de qualquer coisa, e eu tenho certeza que eles nunca iriam... mas você perguntou. E eu apenas quero.....Oh, esqueça qualquer coisa que eu disse.

— Eu aprecio sua confiança. Obrigado.

— É claro. — Ela não conseguia muito manter sua presunçosa satisfação em sua voz. — Eu apenas espero ajudar.

— Sim, muito. — Desculpando-se, Jason subiu no ar. Não demorando muito para localizar o resto das damas de companhia. Elas eram criaturas que não gostavam de ir muito além de suas habitações, temendo que outros tomariam seu lugar ou ganhariam algum favor do qual elas fossem excluídas.

Todas, exceto pela amiga com asas de pardal de Shabnam, Tanuja, tentaram difamar a vítima. Uma delas chegou a insinuar que ela tinha seduzido Eris. Entretanto, Tanuja foi inflexível que Shabnam tinha sido uma amante fiel e não espiã.

— Ela era uma pessoa boa, — Tanuja soluçou, pele de um suave marrom manchada pela aflição. — Muito boa para esse poço de víboras, e o fato que ela era uma das favoritas de Neha somente fez as outras agirem mais feio com ela. Ela costumava sorrir e dizer que elas eram bruxas invejosas, mas agora ela está morta. — Um olhar duro com olhos avermelhados. — Lisbeth pode não gostar de ficar com suas mãos sujas, mas ela veio de uma família que não se importa com sangue.

O céu era um cinza exuberante de uma noite agradável quando ele voltou a pousar no terraço do outro lado de sua suíte. Ignorando suas próprias portas, ele bateu nas de Mahiya. Ela abriu a do lado esquerdo uma fração, sua expressão cautelosa mudou no instante que ela o viu. — Oh, é você! — Sorriso alcançando seus olhos os iluminando com um brilho amarelo, ela puxou a porta totalmente aberta.

Naquele instante, Jason sentiu algo bater dentro dele, uma poderosa concretização amorfa que ele tentou capturar, para examinar, mas era como fumaça, escapando fora de sua mão ainda deixando uma impressão para trás. — Por que você estava preocupada? — ele perguntou, sentindo-se como se ele tivesse marcado de uma forma imutável.

— Eu.... — Mahiya balançou sua cabeça. — Entre em primeiro lugar. A comida está quente.

Entrando quando ela se afastou, ele fechou as portas nas suas costas. Ela não se assustou no ato, a prata trabalhada no rosa pálido de sua ajustada túnica e nas bainhas de seus tornozelos de sua calça branca de estilo harém capturava a luz dos pequenos cristais do lustre acima. O pente nos cabelos perfeitamente unidos era primorosamente trabalhado em prata com diamantes incrustados, o lenço branco transparente atirado sobre seus ombros em sua frente enfeitado com fios da mesma forma metálica no fim. — Você vestiu-se formalmente.

Tomando um assento graciosamente na plana almofada em frente à mesa, suas asas espalhadas atrás dela em uma gloriosa esmeralda e com salpicos de pavão azul, ela pegou o jarro de água. — Você precisará

vestir-se também. Neha nos convocou para um jantar formal. Mas nós temos tempo o bastante para comer e beber.

Ele tomou seu lugar oposto a ela, notando a cor de seus lábios, o uso hábil de outros cosméticos para realçar as maçãs do rosto enquanto minimizava seus olhos. Isso, também, ele pensou, era uma máscara sutil. — A comida no jantar não será agradável?

— A comida será requintada, mas a conversa coalhará meu estômago. E você estará também ocupado observando e ouvindo todos para comer mais do que uma mordida ou duas.

Ele pensou que talvez a estranha sensação em seu peito devia ser divertimento. Illium ocasionalmente incitou a mesma resposta nele, mas isso era de alguma forma mais gentil, mais terno. — Neste caso, eu agradeço a você por sua consideração.

Ela lhe deu um olhar penetrante, olhos apertados. — Seja cuidadoso ou eu pararei de alimentar você.

— Uma grande punição de fato. — E seria; esse frágil ritual de regresso a casa era importante para ele em um modo que ela não poderia compreender. — Eu poderia ter alguma água? — ele disse, distraidamente observando um pouco o saquinho de cenoura colocado na pequena mesa que continha uma lâmpada apagada, como se Mahiya tivesse colocado o saquinho para baixo, então esqueceu sobre ela.

— Já que você pediu tão gentilmente. — Lábios torcidos, ela o serviu, então retirou as tampas das bandejas que colocou entre eles. — Eu estava no humor para cozinhar, então você tem várias escolhas. Você quer tentar um pouco de cada?

— Sim. — Ele sabia que ele devia protestar contra a forma que ela o serviu, mas ela parecia ter prazer em fazê-lo... e assim ele também. Então ele esperou em silêncio, pegando o prato que ela fez para ele. Enquanto eles comiam, sua mente cascadeava com memórias de como ele tinha tentado cozinhar depois que ele estava sozinho, como ele tinha queimado todas as coisas, vivendo de frutas e raízes de mandioca crua por um tempo até seu estômago se rebelar.

Mais tarde, quando ele chegou ao Refúgio, ele pediu para ser tratado como um adulto independentemente de sua idade cronológica, e ninguém discutiu. Até Mahiya, ele não tinha percebido que tinha perdido tal indicação silenciosa de cuidado, quando alguém se preocupava em observar se ele comeu ou não.

— Agora, — ele disse, depois que eles tinham removido os pratos e ela serviu a ambos chá de menta, refrescante e forte, — diga-me se a razão de seu estômago coalhar é a mesma coisa que fez você ter medo de abrir a porta.

Mahiya olhou para ele sobre o topo de sua xícara de chá, tentáculos de vapor acariciando seus lábios. — Você é sempre tão persistente?

Ele levantou uma sobrancelha, e os lábios dela partiram-se em um silencioso riso. — É claro que você é. De que outra forma você teria se tornado o melhor espião mestre do Cadre? — Colocando suas mãos ao redor do chá, ela disse, — Arav... um homem com quem eu tive um relacionamento quando eu era um pouco mais do que uma garota — o riso

infiltrou-se para fora de seus olhos — está na fortaleza, e ele está sendo persistente, também, em uma forma indesejável.

Fogo negro, frio e mortal, formou-se em sua corrente sanguínea. — Ele tocou você?

— Só minha mão. — Largando sua xícara, ela esfregou aquela mão. — Ele pegou-me no pátio uma hora atrás quando ele não tinha motivo para estar nesse nível da fortaleza. Eu sei que ele fez isso para lembrar-me de sua presença, para intimidar, eu me afastei dele mais cedo, e ninguém faz isso.

Jason ouviu enquanto ela lhe contava de seu encontro matinal com o anjo, o fogo negro interior sem moderando uma fração de segundo quando ela adicionou, — Não deve ter sido o movimento mais esperto deliberadamente antagonizá-lo, mas foi gratificante, eu não me arrependo. — Ela endureceu sua mandíbula, como se esperando censura.

— Quando eu tinha cento e vinte três anos, — Jason disse, fazendo uma nota mental para pagar a Arav uma visita na hora mais escura da noite, lembrando o outro homem do gosto amargo do medo, — Eu pedi a Michaela para dançar. — Não porque ele estivesse bêbado por sua beleza, ele sempre viu o seu verdadeiro coração egoísta, mas porque ele queria experimentar essa embriaguez, queria sentir mais do que a remota distância que era seu modo normal de existência. — Ela não era uma arcanjo ainda, mas ainda era uma rainha, seu poder imenso.

Olhos enormes, Mahiya inclinou-se em sua direção. — Bem? — ela perguntou com exposta impaciência. — *O que aconteceu?*

— Ela ficou tão espantada com minha ousadia que disse sim. — E ele tinha sua pergunta respondida; o que quer que seja que foi quebrado nele, mesmo a proximidade da mais bela mulher no mundo não podia consertar. — Depois disso, Raphael disse-me que ela poderia muito bem ter se ofendido e me matado no local... mas eu não estava arrependido, também.

Mahiya sorriu de novo, a claridade vívida de seus olhos faiscando com manchas de ouro que o cativavam, porque ele nunca antes vislumbrou aquelas faíscas de metal brilhante. E ele pensou que talvez o rapaz tivesse sido ou poderia ter estado errado, que talvez mesmo o coração gelado pudesse um dia ser despertado.

— Certamente, — ela disse quando ela prendeu sua respiração. — você era uma lenda entre seus pares.

Jason não tinha muitos amigos naquela época, mas ele tinha Dmitri e Raphael. — Raphael serviu-me um copo de Scotch de mil anos então, junto com Dmitri, brindaram minhas bolas. — Foi mais um elo em seu relacionamento com os dois homens, um elo que tinha ficado mais forte ao longo dos anos, cada um dos outros adicionado aos Sete seus próprios pedaços para criar uma corrente que mantinha ele no mundo, na vida.

— Eu não acho que Neha nunca foi tão informal com alguém de sua corte, — Mahiya disse. — Embora eu não a conheci quando ela era tão jovem quanto Raphael deve ter sido em seu primeiro encontro.

— Eu perguntarei a Lijuan na próxima vez que nossos caminhos se cruzarem.

Os olhos de Mahiya levantaram-se, arregalados, em seguida piscaram mais uma vez. — Você sabe como rir! — Ela levantou um único dedo para seus lábios curvados com travessura. — Eu prometo que eu não contarei a uma alma.

— Ninguém acreditará em você em todo caso.

Mahiya largou sua xícara, o chá quase derramando. — Eu não posso acreditar que você me fez *rir*, — ela acusou entre goles de ar.

Ele não podia mover seus olhos longe da alegria luminosa dela, seus dedos coçando para segurar seu queixo, puxá-lo através da mesa para que então ele pudesse provar os brilhantes lábios molhados dela pelo último gole de chá. — Quem estará neste jantar? — ele perguntou, enquanto seu sorriso desaparecia para ser substituído por um rubor agitado em suas bochechas.

Engolindo em seco, ela abaixou sua cabeça com o pretexto de servir mais chá, mas ele viu seus dedos tremerem, todo seu instinto de caçador rugindo para a superfície. — Será um grupo pequeno, eu acho. — Ela passou por uma lista concisa de possíveis convidados, enquanto ele lutava para controlar o impulso primitivo de empurrar a mesa para o outro lado e saciar a sede que ele tinha por essa princesa com sua esperança teimosa e seu coração descontaminado pelo veneno e seu modo de olhar para ele que dizia que ela devia apenas ceder a todas as suas exigências.

— Se ela usar o luto branco ou não, — Mahiya adicionou sem encontrar seu olhar, — Neha chora por Eris — mesmo que ela continue a odiá-lo. Então será um grave caso.

“Eu sinto muito. Perdoe-me”.

O eco centenário era um lembrete assustador que amor e ódio eram frequentemente ligados intimamente—em uma forma que poderia ser incompreensível, mas esse homem entendia tão bem. Como se esse homem entendesse que as brasas da necessidade em suas entranhas não iriam esfriar até que ele tivesse se empanturrado na suave pele e prazeres despertados criados pela Princesa Mahiya.

— Mahiya.

Os dedos enfiando para trás uma mecha de cabelo. — Sim?

— Eu acho, — ele disse, estendendo seus dedos para acariciar seu queixo, escovando o polegar através de seu lábio inferior, — que você deve decidir algo hoje à noite.

CAPÍTULO DEZENOVE

— **M**ahiya recolheu as coisas do chá, depois que Jasou saiu para se trocar, levando até sua pequena cozinha. Onde ela serviu-se de um copo de água gelada. — Querido Deus.

Jason era...

Tremendo, girou o copo frio sobre o pescoço. Mas, apesar da chama sexual que ardia entre eles, ameaçando fundir seus ossos, ela não tinha coisas românticas turvando seu juízo, entendia que Jason era um grande predador na cadeia alimentar, com lealdade a um arcanjo rival. Mais, ele era um espião com séculos de experiência em intrigas, poderia muito bem estar jogando com ela por razões próprias.

Porém... não tinha feito promessas, e por tanto, não as estaria quebrando. Ele a escutava. Tratava-a como alguém com *valor*. E se esse valor estava somente na informação que ela poderia dar a ele, ele era verdadeiro nisso, também. Não levaria como um insulto, porque Jason estava no negócio da informação.

E quanto à falta de palavras de amor e o cortejo? Mahiya balançou a cabeça. Seria muito melhor estar com um homem que era honesto em seus desejos, que com alguém que a enganou com a brutalidade de doces mentiras de sedução. Jason era mais honrado em um só osso do seu corpo do que Arav seria em toda a sua vida.

De volta para cima, ela repôs a maquiagem antes de empurrar uma lágrima de prata brilhante entre as sobrancelhas. — Sim — ela sussurrou para o seu reflexo. — A resposta é sim.

Uma única batida soou na porta nesse momento, como se ele a houvesse escutado. Deslizando os seus pés nos sapatos de prata, respirou fundo e saiu do quarto do outro lado da sala de estar para abrir a porta, revelando a dura beleza masculina de Jason, exibia um impecável traje preto combinado com uma camisa cinza aço.

— Está maravilhoso. — *lindo*, sentiu um desejo repentino de desfazer seu cabelo que estava em um rabo de cavalo ordenado. — Neha ficará satisfeita. — A expressão de Jason não mudou, mas ela sabia. — Você não se importa com o que Neha pensa.

— Pelo contrário. — Disse, deixando-a que o guiasse pelas escadas.

Sua nuca pinicava, não em sinal de aviso, mas com a consciência de que ele via o movimento do seu corpo. Isso a fez tomar ciência, sua pele estava tensa sob a carne.

— Nunca é uma boa idéia enfurecer um arcanjo — continuou — mas enquanto ela pode exigir, Neha nunca poderá admirar a subserviência.

Mahiya negou com a cabeça enquanto saíam do palácio. — Sua opinião está colorida pela força. — Uma das vantagens, era o conhecimento que ela tinha adquirido desde muito jovem. — Você pode se dar ao luxo de despertar a ira dela, porque ela te vê, não como um igual, mas como alguém suficientemente intrigante para matar. Você não sabe o que é o medo.

— Nem sempre fui o homem que sou agora. — Jason disse, uma porta abrindo no interior de sua mente, derramando uma sombra gelada pela sua alma.

Ela o olhou do outro lado do quarto, seus olhos marrons escuros rodando sobre uma brancura que estava errada. O coto do seu pescoço era uma crosta com sangue na mesa do canto, como se houvesse sido colocado ali unicamente para esse propósito.

Ele não gritou. Nunca soube como gritar. Em vez disso, olhou para o para o pedaço de carne que tinha estado bloqueando o alçapão. Tinha uma fita de seda brilhante ametista.

Ametista. Essa era a que sua mãe sempre falava ser a sua cor favorita. Ametista.

E tinha levado muito tempo para ele dizer isso certo, e ela sempre ria com deleite quando ele usava essa palavra, seu cabelo negro brilhante sob o sol.

— Jason. — Um rosto feminino suavemente iluminado pelo calor radiante das lâmpadas no caminho, a preocupação em cada traço do seu rosto. — Você... não estava aqui. Onde foi?

Brilhantes areias brancas debaixo de seus pequenos pés, quentes. O vento agitava através das palmeiras, mandando um coco cair no areia com um golpe surdo. As gaivotas grasnavam para cima e para baixo da areia molhada, deixando marcas de três garras que o mar apagaria com sua próxima chegada.

— Jason! Vem e come o seu almoço antes que esfrie.

— Um lugar que já não existe — ele disse suavemente, e tirou a mão que ela havia colocado em seu peito... Para ajeitá-la ao redor do seu braço esquerdo, onde não atrapalharia se ele tivesse que sacar sua espada. — Sobre Arav — ele disse, enquanto ainda estavam à sós. — Não tem o que temer.

— Ele é muito forte. — A preocupação prolongada em seus olhos cresceu. — Não o subestime.

— Sei exatamente o quão forte ele é. — Ainda que não o conhecesse pessoalmente, o fato de ele ser um dos generais de Neha significava que Jason havia tirado um tempo para aprender sobre ele, e apesar de sua postura e arrogância, Arav não estava ciente de Jason. — Ele é com um pavão, estendendo suas asas e cacarejando alto para distrair o fato de que seu corpo é fraco.

Uma risada autêntica que era como um tipo de música. — Acho que um galo seria uma analogia melhor — ela sussurrou — pavoneando-se e picando qualquer um que se ponha em seu caminho. — Soltando seu braço, ela baixou a voz ainda mais ao entrar no corredor povoado por serviçais e cortesões. — Ele é apenas o primeiro. Muito virão, esperando obter o lugar de Eris, ou pelo menos, o lugar que ele teria tido se não fosse por sua incapacidade de manter controle sobre seus desejos.

Ele viu os olhares especulativos que os observavam, não fez nenhum movimento para aumentar a distância entre eles, o ocasional roçar das asas como uma carícia bem vinda. — Alguma vez você considerou Eris como um pai de verdade?

— Não depois que percebi que ele me queria morta. — Um falso sorriso para os que os observavam, mas a mulher com travessura em sua voz havia ido, arrastada pelas ondas de memória e a cruel realidade de sua vida. — Eu era uma criança. Partiu meu coração ao perceber que o homem bonito que a cada semana acompanhava Neha ao me visitar, odiava me ver. Eu não entendia, então, que ela me usava como uma arma.

Jason sempre tinha lidado com a informação, até o recolhimento era parte de sua natureza, mas esta noite desejou ter permanecido em silêncio e permitido que os olhos de Mahiya rissem um pouco mais.

— Você é próximo do seu pai? — Ela perguntou, agitando as páginas de sua memória.

— *Aqui, filho. Use a corda para puxar para frente. Vê?*

— Era. — Antes de seu pai ter sido devorado de dentro pra fora, a progressão do que Jason pensou ser uma enfermidade lenta e silenciosa que ninguém tinha visto a verdadeira profundidade dos demônios que ele combateu. — Ele está morto.

— Eu sinto muito — Os dedos pousaram por um instante em seu antebraço, e sentiu o toque até os ossos.

— Foi há muito tempo. — Havia aprendido a viver com os fantasmas. — Fale-me de Anoushka, — disse, fechando a porta das lembranças — da sua relação com Eris.

— Acredito que poderiam ter sido próximos quando ela era jovem. — Disse Mahiya lentamente, seu cheiro, uma mistura sutil de flores exóticas e algumas especiarias brilhantes que o fascinaram. — Mas quando a

conheci, ela o desprezava, considerando ele fraco e covarde. Nunca escutei ela revelar isso a Neha, no entanto.

Não, Jason pensou, Amoushka tinha sido bastante inteligente para afastar a sua mãe dessa maneira.

— Aqui estamos. — Mahiya parou diante do Palácio de Jóias.

O que pareciam ser um milhão de velas piscavam ao longo da parede exterior, em suportes especiais, cada chama refletida pelos diamantes que cravejavam o palácio, como se o edifício estivesse em chamas, uma assombrosa obra de arte. — Isso. — disse, com bastante honestidade — é impressionante. — Não é de estranhar que Neha o preferiu diante de grandes palácios ornamentados.

— Sim — foi a resposta suave de Mahiya. — Fascinava-me quando eu era uma menina.

Sentiu algo ali, uma tensão na voz. Mas, não teve nenhuma possibilidade de continuar, porque tinham sido vistos pelos guardas. Abrindo as portas, os vampiros se inclinaram profundamente ao passar. Jason não estava acostumado a tal subordinação, a Torre de Raphael funcionava de uma maneira muito diferente, mas já não era o garoto sem educação que tinha feito seu caminho até o Refúgio a sombra de outros anjos.

Seu pai tinha escolhido uma ilha fora dos usuais caminhos angelicais, e por isso era raro o anjo que havia passado sobre Jason depois que ele estava sozinho. Ele tinha tentado chamá-los aos gritos, mas era muito pequeno e fraco para voar alto o suficiente para chamar sua atenção antes de estar fora de seu alcance. Assim tinha sobrevivido, havia

ficado mais forte... e depois de um tempo, havia parado seus esforços de alertar alguém de sua existência, e simplesmente esperou até estar certo de que era forte o suficiente para voar durante o dia e noite sem falhar, pois não tinha nenhuma ilha para descansar.

No ínterim, tinha vivido em silêncio.

— *É uma pena que o menino seja mudo. Os instrumentos que ele constrói, são coisas tão virtuosas que poderia pensar que havia aprendido com o próprio Yaviel.*

Jason nunca tinha sido mudo. Só precisava lembrar como falar. E não tinha feito mais que observar e escutar. Essas habilidades o mantinham em uma boa posição esta noite. A sala da frente era quente com a luz das velas, uma mesa de madeira cor de mel com forte brilho que cintilava como âmbar, com um tapete por cima, as almofadas dos assentos em uma rica cor de vinho. Era um contraste com as cores claras escolhidas pelos convidados, a conversa silenciada, porque ninguém estava preparado para dançar sobre a tumba de Eris.

Tirando um homem que Jason identificou como Arav, e pela maneira como ficou junto a Neha, um encantador, elegante companheiro, enquanto a arcanja jogava o jogo da gentil anfitriã. Jason sabia que ela escondia uma terrível tristeza, mas em si só, não era uma mentira.

— *Nunca tinha estado em uma corte tão bela como a que Neha mantém — Dmitri brincou com a faca que estava em seus dedos, uma das três que tinha trazido do território de Neha. — Realmente acredita em dar honra a um visitante. — Jogou a faca para Jason.*

Ele se inclinou para trás quando Venom acrescentou, — Apesar de que esse convidado poderia ser perfeitamente executado enquanto a corte dorme.

A resposta de Venom foi tão certa como a de Dmitri — Neha não era um desenho bidimensional. Nenhum arcanjo era, e acreditar no contrário era se deparar com uma surpresa desagradável. Jason não tinha nenhuma intenção de cair preso a tal cegueira. Alguns mortais tentavam ver a divindade nos arcanjos, mas Jason os via como eram, criaturas de poder violento que tinham tido milênios para aperfeiçoar cada uma de suas bordas letais.

Nesse momento, a Rainha das Cobras e dos Venenos virou, encontrando o seu olhar.

Jason inclinou a cabeça, mas não se moveu para ela, e em resposta Neha devolveu a saudação antes de mudar a sua atenção para os convidados à frente dela.

— O vampiro que vem para cá — Mahiya disse em voz baixa, como se sussurrando um segredo, depois da troca silenciosa — é Rhys, um dos conselheiros íntimos de confiança de Neha.

— Eu o conheci no Refúgio. — No entanto, não conhecia ninguém na sala como Mahiya conhecia, tendo a intenção de perguntar sua opinião depois que a atividade acabar.

— Jason. — Rhys piscou para ele, antes de concentrar a sua atenção à Mahiya. — Está linda, princesa.

A resposta de Mahiya foi o suficiente calorosa para lhe indicar que gostava de Rhys. — Obrigada, senhor. Brigitte está bem?

— Está, de fato, embora você a conhece. — Um sorriso compartilhado entre ambos. — Eu temo que minha amada não seja uma criatura da Corte. — Disse a Jason — No entanto, é tão boa em seu trabalho como criptógrafa que Neha perdoa sua excentricidade.

— Conheço seu trabalho. — Todo o mundo na profissão de Jason conhecia o trabalho dela. — Inclusive tentei atraí-la uma ou duas vezes.

O outro homem riu, seus olhos brilhando. — Ah, tenho que admitir que sou consciente disso. Ela estava tão lisonjeada, mas somos leais.

Enquanto o chefe dos espões nele estava decepcionado por esse fato, o Jason que era um dos Setes, entendeu a decisão.

— Agora Neha tenta atrair você. — O tom de Rhys era quente, mas com uma frieza calculada em seus olhos, deixando claro que considerava Jason uma ameaça para a segurança da Fortaleza.

Jason não disse nada, o silêncio era, muitas vezes, uma arma melhor que as palavras. Em vez disso, optou por dirigir a atenção de Rhys para outra ameaça. — A Fortaleza hospeda um visitante que quer ser consorte, ao que parece.

Rhys não virou para olhar para Arav. — Sempre há pretendentes. — A dureza em seu tom traía o sanguinário general debaixo da máscara de cortesia, antes que pedisse licença para falar com uma mulher anjo que Jason conhecia como outro membro do Conselho interno de Neha.

— Fala-me sobre ele. — Ordenou Jason a Mahiya.

A resposta de Mahiya foi tranqüila, mas com uma nuance de aço. — Percebi o quanto você gosta de dar ordens.

Jason considerou as palavras enquanto contemplava o fluxo intrigante e a interação das pessoas na sala. — Você não é minha igual. — ele disse, e foi um teste.

Ela fechou sua mão em punho, então a flexionou até onde podia vê-la. — Eu tenho a informação que precisa sobre essas pessoas aqui. — O sorriso dela foi uma criação de tal complexidade feminina que o fez pensar que estava vendo e compreendendo só a metade dela. — Ao menos por agora — uma sombra passou por seus olhos, — eu tenho as cartas.

Jason não tinha uma referência de como se comportar com uma mulher que não era sua amante e, no entanto já a conhecia melhor que qualquer amante que possuía. Essa intimidade, pensou, era uma coisa de dar e receber, um constante equilíbrio.

— *Dança comigo.*

— *Estou fazendo o café da manhã, Yavi!*

Seu pai, com os braços ao redor da cintura da sua mãe, girando ao redor da cozinha, suas asas batendo, fazendo o cabelo de Jason bater em sua cara enquanto se sentava, jogando com seus blocos no chão.

— *Abaixe-me! — Uma ordem entre risos. — Yavi, as panquecas estão queimando!*

Inclinando-a por cima de seu braço, sorrindo, seu pai pediu um beijo.
— *Diga por favor.*

— Fala-me dele... Por favor — ele disse para a mulher com quem nunca poderia dançar, mas que tinha sua lealdade apesar de tudo.

Disparando um olhar impenetrável, virou para ele, e ele pensou que tinha perdido algo, um momento, uma emoção deslizando através da

rachadura, água entre seus dedos... como a cabeça cortada de sua mãe, que uma vez tinha deslizado de sua mão para golpear o chão.

— *Eu sinto muito, mamãe.*

— Na maior parte, Rhys é o que parece. — A voz de Mahiya cortou como um golpe surdo que havia seguido através do tempo. — Tem estado com Neha durante mais de seis séculos e não é ambicioso — exceto quando alguém se atreve a ameaçar sua posição ao lado dela.

— Eris como consorte-em-nome não representava nenhuma ameaça, — Acrescentou quando o mesmo pensamento passou através da mente dele. — Rhys sabia que quando chegasse o momento de discutir política e guerra, poder e estratégia, Neha buscaria seu próprio conselho. Arav, no entanto, é um general capaz em si mesmo, tem liderado as tropas de Neha para baralha. Além disso, é tão eficaz tratando de política angelical como Rhys.

O outro homem levantou o olhar nesse momento, como Neha fez. Desta vez a arcanjo dirigiu-se para Jason. — Nunca o vi vestido assim — disse, com clara aprovação. — Todos os Setes de Raphael se vestem bem, inclusive aquele general bárbaro dele.

— Direi a Galen seu comentário — Jason disse, sabendo que o mestre das armas não se importava com qualquer grão de opinião que pensavam dele.

Mudando seu olhar para Mahiya, Neha disse em um tom bordado de gelo, — Você não cumprimentou Arav.

CAPÍTULO VINTE

— Nós nos encontramos no pátio. — Mahiya manteve a voz uniforme, recusando-se a dar a Arav a satisfação de vê-la gaguejar. Talvez sua coragem viesse de ter a força escura de Jason ao seu lado, mas ela não pensava assim. Arava era um indivíduo que poderia fazê-la esquecer a razão e andar perigosamente perto de insultar.

“Insultar um convidado é insulto para mim”.

Algo que Neha tinha dito há um tempo para a criança que Mahiya tinha sido quando ela tinha voltado para a fortaleza para visitar durante uma pausa de sua escola. Ela nunca tinha gostado daquelas visitas, seu tempo na escola com Jessamy foi o mais feliz de sua vida. A censura naquele dia em particular não tinha sido pessoal, e ainda assim a forma que a arcanjo tinha olhado para ela tinha feito os minúsculos pêlos de sua nuca formigarem em advertência.

No instante que Neha tinha saído, ela correu de volta para a babá que cuidava dela quando ela estava na fortaleza, a mesma que mais tarde tinha dito para ela que nada que ela jamais fizesse agradaria a Neha.

“Por que a senhora não gosta de mim?”

O rosto severo de sua babá definido em uma carranca antes que ela desse um curto aceno de cabeça. “Você é velha o bastante para saber. Embora você nunca deva repetir isso em público, seu pai é Eris, o consorte de Neha. Sua mãe é a irmã de Neha, Nivriti”.

Ela era pequena, não entendeu imediatamente. “Elas dividem o consorte?”

Horror preencheu a expressão da babá. “Nunca fale tal depravação, criança”. Afastando a túnica que ela estava dobrando, ela fechou o vestíbulo. “Sua mãe seduziu um homem que não era dela, e ela deu à luz ao fruto de sua feiura”.

Eu, Mahiya pensou, o fruto sou eu. “Eu sou feia?”

Um suspiro, um abrandamento no rosto de sua babá. “Você não é feia, criança, mas você lembra a minha senhora daquela feiura. É uma evidência de sua natureza doce que a você foi dado todos os direitos e privilégios de uma princesa”.

Este último, é claro, era uma mentira. Mas mesmo que Mahiya admitiria que o tratamento de Neha com ela enquanto ela tinha sido uma criança tivesse sido escrupuloso. Talvez não houvesse calor, mas não havia abuso, também. Ela tinha freqüentado a escola do Refúgio, estudado em suas bibliotecas — e lá, ela teve acesso a bondade e orientação de Jessamy, sentiu o que era ser amada, pela Professora que amava todos seus estudantes.

Então ela veio para “casa”, voltou uns cem anos... e aprendeu que a crueldade de Neha tinha simplesmente sido guardada para a adulta que aquela esperançosa, inocente criança tinha se tornado. O homem que estava ao lado de Neha era prova suficiente desta crueldade — mesmo se a arcanjo não tivesse ordenado a sedução, ela tinha avisado a Mahiya sobre o cortejo duplo de Arav, ou, se certificado que o primeiro teste de Mahiya do amor romântico seria amargo.

— Você não contou para mim que você tinha falado com Mahiya. —
A voz de Neha era seda sobre aço.

As bochechas de Arav vincaram em um sorriso que irradiava com charme. — Nós passeamos enquanto eu estava em meu caminho para falar com você. — Ele favoreceu Mahiya com um olhar condescendente de aprovação. — Eu não disse o quão alegre eu estou por ver você parecendo tão bem. — Levantando sua taça, ele sorveu um gole de vinho, o anel quadrado em seu dedo indicador brilhando um azul vívido na luz da vela, a rara pedra em forma de Turmalina.

“Ele é como um pavão, espremendo suas penas e gritando alto...”

— Obrigada, — ela disse com um sorriso tão deslumbrante, deixando Arav visivelmente surpreso.

Sons de pequenos cristais de prata através do ar enquanto as pulseiras de vidro no pulso de Neha moviam-se uma contra a outra. — Venham. Vamos nos sentar. — Seu olhar pousou em Jason. — Como convidado da Fortaleza, você senta a minha esquerda. Arav pode entreter Mahiya — eles são grandes amigos.

Mahiya sentiu uma indescritível tensão irradiar para fora do homem perto dela, embora sua expressão permanecesse opaca, e ela sabia que isso era por causa dela. Ela também sabia que ela não poderia permitir a ele se fazer um inimigo de uma arcanjo em um esforço para poupá-la das atenções de Arav. — Na verdade, — ela disse com rápido sorriso, — Eu vejo o erudito Quinn cruzar a sala. Eu acabei de ler seu mais novo tratado, e eu prometi a ele que conversaríamos sobre isso.

Neha não eriçou-se — o vampiro era um de seus favoritos. Isso importava menos que o fato de que Jason não era mais uma lâmina próxima a ser desembainhada.

— De modo geral, — Mahiya disse para Jason depois do chá que tinha servido e eles estavam se preparando para voltar a seu palácio, — Não foi um jantar tão terrível. — Quinn tinha sido uma companhia adorável, e Neha tinha estado tão absorta na conversa entre Rhys e Jason que ela tinha ignorado Arav a maioria da noite. — Arav não tem ideia com quem ele está lidando — os jogos de Neha com ele como um gato faz com um rato.

A resposta de Jason para sua murmurada suposição foi silêncio. Ela não tinha lido qualquer coisa dentro disso. Ele estava, ela pensou enquanto eles saíam e começavam a cruzar o pátio, pensando sobre o assunto antes de responder. — A temperatura está despencando. — Ainda, o ar da noite estava relativamente ameno — embora quando ela olhou para cima, estava vendo as estrelas esconderem-se por gordas nuvens que ameaçavam chuva.

Quando alguma coisa caiu daquele céu, ela pensou que devia ser um pássaro, era uma coisa tão pequena. Mas então aumentou e aumentou e — Jason!

No entanto, Jason já tinha visto. Em vez de correr em direção ao corpo que tinha acabado de cair na terra em um esguichar de sangue e ossos que pulverizou os convidados mais próximos do local do impacto,

ele disparou em linha reta no ar, perseguindo o responsável pela carnificina.

Com a boca seca, Mahiya observou ele ir, uma seta preta logo invisível contra a noite, então ela fez seu caminho até o corpo, tomando cuidado para não pisar no sangue. Ela bloqueou o som de uma mulher gritando sobre o sangue em seu rosto, as vozes mais profundas dos homens que gritavam um para o outro em pânico, o estalar do vento enquanto outros partiam em perseguição, e engolindo um nó, ela focou somente na identidade do corpo.

Aquele anel quadrado de raro azul turmalina, aquelas asas manchadas de marrom...

Por um segundo, seu cérebro não podia processar rapidamente o que era isso que estava vendo, e então todas as suas sinapses incendiaram-se, fazendo conexões e ela percebeu que o anjo sem cabeça e provavelmente sem órgãos internos era... — Arav.

Jason era rápido, um craque em decolagens verticais, mas sua presa tinha desaparecido no momento em que ele ultrapassou a camada de pesadas nuvens encharcadas. Dado o espaço de tempo limitado e a velocidade de Jason, ele pressupôs que o assassino tinha voado fora de seu alcance visual, em seguida, deu um mergulho íngreme para deslizar em um local escondido.

Inclinando o ouvido no vento, ele ouviu onde tinha sido interrompido, usava isso para rastrear como um dos caçadores nascidos poderia usar uma essência. O traço efêmero terminou abruptamente nas

montanhas logo atrás da fortaleza. Consciente de que sua presa tinha tido bastante tempo para pegar um caminho de vôo baixo, recuando enquanto Jason estava sobre as nuvens acima, ele mesmo assim pousou e começou a examinar o solo rochoso ao redor dele. Não havia nenhum sinal evidente de que alguém tivesse pousado, nada exceto escuridão—

Verde azulado cintilante captado por um raio de prata antes de a lua esconder-se atrás das nuvens novamente.

Deslizando a pena dentro de seu bolso para examinar mais tarde, ele levantou vôo e voltou para Mahiya, confiante de que não importava seu choque, ela não teria quebrado.

Ela não tinha.

Em vez disso, ela empurrou um guarda sênior para organizar um perímetro ao redor dos restos, embora Jason esperasse que o guarda pensasse em tudo por si mesmo. — Boa garota, — ele murmurou, e estava quase esperando o arquear de uma sobrancelha.

Em seguida ela balançou sua cabeça, e ele pensou que talvez eles apenas acabassem tendo uma conversa.

Guardando o momento para refletir mais tarde, ele enviou dois guardas para encontrar quaisquer lâmpadas portáteis de alta voltagem ou tochas. Enquanto eles faziam isso, ele pegou na ruína sangüenta do corpo de Arav, pesou isso contra a situação atual. O assassino de Shabnam poderia talvez ser considerado um imitador ao usar a morte de Eris como cobertura, mas e Arav?

Isso esticou o limite das coincidências que um segundo caçador tinha estado esperando para tomar vantagem das circunstâncias. Tinha

que haver uma conexão escondida entre as vítimas que ele não estava vendo. Também, dada a forma determinada que Arav tinha estado a agir como abrigo na tempestade de Neha, deve ter sido uma forte tentação o fato que o moveu para dentro dos céus, longe daqueles que poderiam opor-se a sua proposta de ser o próximo consorte de Neha.

Jason considerou o modo que Arav tinha olhado para Mahiya quando ele julgava a salvo de outros olhos na direção do final do jantar, sua máscara deslizando para revelar um possessividade disforme que dizia que ele via Mahiya como nada mais do que um troféu, uma *coisa* para ser tomada e usada.

Quando Jason já tinha decidido ensinar ao outro anjo uma lição de medo que ele nunca teria esquecido, ele não estava particularmente motivado a descobrir o assassino de Arav. Entretanto, Shabnam não tinha feito nada para merecer a morte infringida a ela, e assim seria por ela que ele começaria a considerar os *comos* e os *por quês* deste crime.

Um homem tal como Arav poderia muito bem encontrar a si mesmo incapaz de controlar o impulso de tomar o que ele quisesse caso surgisse a oportunidade. Mas apesar da pena que Jason tinha achado — sido destinada a ser encontrada? — Mahiya nunca tinha deixado o campo de visão de Jason, não poderia ter atraído Arav para os céus.

Outra mulher?

Arav não seria tão estúpido, não agora.

Restava política. Era uma garantia que Arav tinha tido um espião dele mesmo na corte. Novamente, porém, o momento não fazia sentido — por que o anjo escolheria encontrar seu espião agora? Sim, ele tinha

desaparecido do lado de fora para um charuto, mas tinha estado claro para Jason que o outro homem estava apenas passando o tempo até que Neha terminasse de falar com seus convidados.

Com Rhys tendo saído mais cedo, Arav tinha tido um prazo evidente para prolongar-se a ser o último convidado a permanecer. Ele nunca teria arriscado a perder aquela oportunidade e a privacidade associada para fazer avançar sua corte embrionária, independentemente de quaisquer tentações da carne.

Rhys?

Tinha surpreendido Jason quando o general sênior de Neha tinha ganhado sua permissão enquanto Arav ainda estava movimentando-se em torno da arcanjo, mas o movimento faria sentido se Rhys tivesse planejado uma emboscada. Rhys não teria sequer se preocupado sobre desviar a atenção dos guardas. Ele era um general conhecido por manter a lealdade de seus homens — por essa razão ele não se importou de ficar com sangue em suas próprias mãos.

— Você estava aqui quando Arav saiu? — ele perguntou ao guarda mais próximo, um anjo que estava imóvel, em guarda e atento, virado em direção ao corpo.

— Não, Senhor. Eu estava passando voando quando ele caiu, vim ver se eu podia ajudar. — Uma pequena pausa quando ele olhou ao redor para o outro guarda presente. — Eu acho que Ishya e Gregor, que foram buscar uma lanterna, teriam estado na porta no momento.

Jason falou com a pequena, competente Ishya em seguida, que disse que sim, ela e Gregor tinham visto Arav sair para o lado de fora para

um cigarro. — Entretanto, — a vampira disse, — ele não permaneceu no palácio. Eu ouvi ele comentar com outro convidado que ele tinha que sair do jantar enquanto ele esperava para falar com a Senhora Neha. — Ishya assentiu em direção ao jardim no pátio, deixando uma pesada escuridão como uma moldura para o brilho do Palácio de Jóias. — Como nossas tarefas eram monitorar a porta, nós não seguimos seu caminho. Jian estava do outro lado do pátio, deve ter visto mais.

— Eu vi o brilho de seu cigarro no escuro, — Jian confirmou, seus olhos inclinados falando da beira do território de Neha, onde esbarrava contra o de Lijuan, suas asas um pó branco salpicado nas bordas com âmbar. — Uma vez que eu o reconheci como um convidado, eu continuei a checagem de meu perímetro. Ele tinha desaparecido pelo tempo de minha próxima passagem.

Gregor voltou com as lâmpadas portáteis lá fora em seguida, e Jason esperou até que a fonte de luz forte fosse ligada para falar com o vampiro. Ele apoiou a estória de Ishya, mas adicionou, — Eu vi alguém voar baixo em direção a Arav quando ele desapareceu fora de vista, mas ele não suscitou um alarme então eu pensei que devia ser um amigo. — Quando pedi por detalhes sobre o segundo anjo, tudo que ele pode dizer foi, — Uma mulher...talvez. ou um homem esguio.

— Obrigado. — Deixando para trás os retos mutilados iluminados pelo brilho berrante, vermelho corrente e rosa úmido sobre as penas quebradas de manchas marrons, ele balançou a cabeça para Mahiya ter certeza que ninguém perturbasse a cena, e caminhou ao lado do Palácio

de Jóias. Neha caminhou para dentro, sua raiva tão frígida que os espelhos congelaram.

Então.

— Jogos, — ela sibilou. — Alguém está jogando jogos em minha corte.

Sim. Era apenas um padrão que estava se mostrando evasivo. Eris tinha sido o consorte de Neha, Audrey a mulher que pensavam trair uma arcanjo, Shabnam um dama de companhia que Neha tinha lamentado com genuíno sofrimento, e Arav um pretendente da arcanjo que tinha estado jogando uma trela para sua própria diversão.

Jason aceitou que sua conclusão inicial tinha sido falsa; Neha era inocente dos assassinatos de Eris e Audrey. Em vez disso, ela tinha sido moldada com astúcia que tinha enganado ambos, ele e Mahiya. Um oponente esperto, então, e um com habilidade e poder suficiente para iludir guardas da elite e trair ambos, uma dama e um experiente general para suas mortes.

“Uma mulher...talvez. Ou um homem esguio”.

Ainda poderia ser qualquer um. A atração não tinha que ser sexual, não quando imortais jogavam jogos de poder.

— Você encontrará a pessoa responsável, — Neha ordenou, sua respiração branca no ar gelado. — Você tem os recursos da fortaleza a seu comando.

Ele entendeu que estava sendo dada a ele liberdade além do que tinha sido na primeira oferta. — Você está ciente de qualquer razão pela qual Arav devesse ter sido um alvo?

— Ele nem sequer pretendia estar aqui, — Neha disse, asas varrendo através da geada que delineava o chão, seus lábios brilhando com machas de gelo rompidas. — Ele veio para prestar seus respeitos depois de ouvir sobre a morte de Eris, ficou para pressionar seu galanteio. — Ela balançou a cabeça, sua voz tornando-se estranhamente calma. — Ele devia ter acreditado no frio do meu coração de fato, para pensar que eu apreciaria ser cortejada quando eu estava de vigília ao longo da pira funerária de meu marido, apenas essa manhã.

O assassino de Arav tinha sido uma oportunidade ao acaso, então, nenhum plano ajustado. — Isso levará mais tempo do que eu inicialmente estimei, — ele disse. — Eu devo ter que deixar seu território por um período para cuidar de outros assuntos.

Os olhos de Neha acertaram ele com força total, sua pele incandescente com o poder letal que a tornou uma do Cadre.

CAPÍTULO VINTE E UM

— Não quebre sua palavra e minha fé, Jason.

Eu nunca menti para você. — ele disse, notando o gelo que havia começado a subir nas paredes, assim como Mahiya havia descrito. Dominar os elementos, nunca fizera parte do repertório de Neha.

Parecia que muitos arcanjos estavam evoluindo.

— Não. — ela disse por fim, o frio no local se retraindo uma fração. — Inesperado para um mestre espião, mas você tem honra. É por isso que aceitei seu voto de sangue. — Nesse instante, ela era a antiga Neha, antes de Eris, antes de Anoushka. Uma imortal fatal, mas com uma mente encoberta por rancor e ira. — Se você realmente precisa se ausentar, faça isso rápido.

— Vou tentar anular a necessidade. — já pensando em como isso poderia ser feito, ele se retirou para descobrir que Rhys havia chegado, junto com um time forense, que era muito moderna para a fortaleza.

Ele preferiria seu próprio time, mas seus instintos discutiam contra o envolvimento de Rhys nos assassinatos. Jason havia estudado o homem, entendia que ele era um anjo de outro tempo. Embora ele fosse sem dúvida capaz de matar Shabnam, ele não a deixaria com os seios expostos. — Algum sinal de vida? — Arav era um imortal poderoso, ele podia de forma plausível regenerar sua cabeça, braço faltando e uma asa dilacerada.

Rhys sacudiu a cabeça. — Nós daremos a noite, mas seu sangue vai começar a cristalizar. Ele não está levantando disso.

Jason sentia o mesmo. A ofensa pela queda de alta velocidade havia obliterado o outro dano, mas ele tinha a sensação de que os órgãos internos de Arav haviam sido estraçalhados, junto com sua coluna espinhal. Jason poderia sobreviver a tamanho dano ao seu corpo, tinha certeza de que Rhys podia também, mas Arav não estava nessa categoria. — É a mesma equipe forense que cobriu a morte de Shabnam?

— Sim, o relatório estaria pronto esta noite, mas não pode ser por isso. — Rhys respondeu. — No entanto, Neha não permitiu que tocassem em Eris. Ele foi cremado sem qualquer exame forense.

Antes, quando todos os sinais pareciam apontar para Neha, esse descuido não importou. Agora... — Eu preciso deles para recuperar outro corpo. — ele disse, decidindo arriscar em confiar no outro homem. — E preciso que todos fiquem calados a respeito disso.

Os olhos de Rhys escureceram. — Minha Senhora....

— Não pode saber. — Jason disse à Rhys o que ele suspeitava a respeito da mulher no qual o corpo amassado havia ficado exposto aos elementos por tempo demais.

Rhys passou uma mão tremula por seu cabelo. — *Tolos!* — era um julgamento cuspidor em um tom baixo que não alcançaria além de Jason. — Audrey era uma mulher de pouca inteligência, mas tirar sarro de um arcanjo? Se tivesse descoberto, Neha teria... — ele mordeu suas palavras, de repente o general de rosto sombrio que era leal à Neha.

— Isso... — Jason acenou para o corpo de Arav. — ...muda as coisas.
Eu não acredito que ela esteja envolvida em qualquer dos assassinatos.

Uma exalação estremecida que se parecia com alívio. Jason não entendeu a reação, não quando Neha era um arcanjo, violência parte de sua natureza, até Rhys dizer: — Não importa a sua ira, se ela tivesse assassinado Eris, eventualmente a teria deixado louca. Minha Senhora amou de verdade.

Jason havia visto a loucura por amor de primeira mão, esfregado sua marca vermelha nas paredes, cheirado os restos chamuscados do inferno, sabia o dano que poderia fazer. Era a mais perigosa e destrutiva emoção de todas.

— O mundo. — Rhys adicionou. — ...não pode arcar com um segundo arcanjo insano.

Lijuan, Jason completou silenciosamente, era mais do que suficiente.

Tendo deixado sua vigilância do corpo uma vez que Jason havia chegado, Mahiya retornou aos seus aposentos, sua pele pegajosa com o cheiro de morte. Levou vinte minutos embaixo do pulsante jato de água quase escaldante antes que ela finalmente se sentisse limpa. Vestida em uma simples camisa negra e uma calça apertada de um azul profundo que ecoava parte de suas asas, ela secou e prendeu seu cabelo antes de ir para a sacada.

Era impossível pensar em outra coisa a não ser o massacre que transformou o forte em um matadouro, imagens da carne violada de

Shabnam e do corpo brutalmente esmagado de Arav estavam queimadas em suas íris. Sem a evidencia do que restou das asas de Arav, assim como um pesado anel que havia sobrevivido em um dedo milagrosamente inteiro, ela nunca saberia que era ele.

Uma queda silenciosa.

Inclinando-se, ela viu um servo caminhando ao longo da passagem iluminada abaixo, e gritou para ele parar. Quando ela desceu para se juntar a ele, perguntando se os servos haviam ouvido alguma coisa sobre Arav, seu rosto se fechou, sua expressão formal. — É com grande tristeza que soubemos da morte do General Arav.

— Ninguém irá te punir por falar mal dele. — ela disse. — Pelo menos eu. — todos sabiam de sua humilhação — ela tinha gasto seu coração em sua luva durante seu envolvimento com Arav. — A fortaleza da Senhora está sendo pintada de vermelho sangue e ela quer respostas. — Mahiya não lamentava por Eris ou Arav, e Audrey havia feito sua própria cama, mas Shabnam era inocente. — Arav causou algum insulto?

Estava claro que o servo estava dividido entre obedecer às regras do arcanjo que era seu mestre e a distancia auto-protetora. O primeiro ganhou. — Ele foi visto falando com um dos leais à Rhys, oferecendo ao homem uma posição que ele não tinha a habilidade de prover com a condição que o outro trocasse de lealdade.

— Quando eu for consorte...

— Como ele foi ouvido? — Arav não poderia ter trazido o assunto de tamanha deslealdade em publico.

Cílios baixos, cabeça curvada, o servo recuou para a escuridão. No começo, ela pensou que ele estava se recusando a responder, então ela percebeu que essa *era* sua resposta. Não, Arav não tinha sido estúpido, mas havia sido arrogante, um anjo de novecentos anos que considerava invisíveis os seres mais fracos. — Rhys estava ciente das tentativas de Arav de subverter seu povo?

Outra queda de cílios. — Eu não sei.

Sim, Rhys sabia. Ele sabia de tudo que acontecia nessa fortaleza.

— Mas. — ela disse para Jason quando ele retornou muito tempo depois. — Rhys sempre foi muito mais elegante em eliminar seus inimigos. — Saindo de onde estava na sacada para onde Jason esperava, ela deu a ele o conhaque que ela deixava em uma garrafa para servir aos convidados.

— Eu acho que estou além de chá hoje à noite.

As palavras pareciam inexplicavelmente íntimas.

— Eu eliminei Rhys como suspeito antes que eu soubesse esse pedaço de informação, mas mesmo com isso, eu ainda não acredito que ele seja o assassino. — ele degustou o escuro líquido âmbar, os músculos de sua garganta trabalhando. — O modo como Shabnam estava exposta... Rhys, eu acho, não é capaz de fazer isso.

— Sim. Ele nunca trataria uma mulher com tamanho desrespeito, mesmo na morte.

Tomando outro gole, Jason alcançou atrás para pôr o copo na borda da janela atrás deles, antes de se virar e inclinar seus antebraços na balaustrada da sacada. Ele havia tomado banho e se trocado também,

usava uma blusa preta e jeans, seus pés descalços. Atrás dele, suas asas caíam graciosamente para o chão, negras como a noite. Ela nunca o havia visto assim... relaxado, como se tivesse retirado parte de sua armadura.

Seus olhos se focaram no laço em sua nuca, cor caramelo contra o incolor da noite, e ela lembrou do toque de seu polegar em seu lábio inferior.

“Eu acho que você precisa decidir alguma coisa esta noite.”

Seu ventre se contraiu. Ela nunca havia confiado seu corpo para um homem em uma eternidade, e Jason... ele nunca havia mentido para ela.

— Posso desfazer o laço do seu cabelo?

Ele ficou imóvel com seu suave pedido, até que ele pudesse se tornar a mais bonita gárgula já criada, suas asas de azeviche. Com o coração na garganta, ela esperou... até que ele inclinou sua cabeça para um aceno.

Seus dedos tremiam enquanto ela o alcançava. Tomando cuidado para não tocar sua nuca, para não assumir tamanha intimidade, ela desfez o laço e o deslizou fora. Uma cascata de seda negra se espalhou em seus ombros, os fios frios mas não mais encharcados, o ar da noite apenas morno o suficiente para ter tirado a umidade. Incapaz de resistir, ela correu as pontas dos dedos pelos fios delicadamente antes de deixar sua mão cair para o seu lado.

— Quão longe você iria?

Surpresa com a pergunta murmurada, ela pulou. — O que?

— Como você disse, eu sou sua única saída. Então, quão longe você iria?

Sua pele se ruborizou quente depois gelada. — Eu estava te provocando. — ela admitiu. — Mesmo para alcançar minha liberdade, eu nunca trocaria a única coisa que sempre foi minha. — seu corpo, seu desejo.

— Bom. Você tomou sua decisão?

— Sim. — ar preso em seu peito, ela levantou sua mão, hesitou.

— Toque-me, Mahiya.

Era tudo o que ela precisava. Rendendo-se à necessidade, ela correu seus dedos pelos seus cabelos. Parecia como se ela estivesse acariciando um tigre, que por suas razões, decidiu não morder a mão dela fora. Ela não tinha dúvida de que isso tinha mostrado uma rachadura nos escudos negros em volta do coração de Jason, cedendo aos sonhos de uma relação mais profunda.

Ainda... parecia bom estar perto de um homem que nunca a havia tratado como descartável. Mesmo no começo de tudo, ele a havia dado um certo respeito. Agora, ela via um verdadeiro respeito naqueles olhos negros de um luxuriante castanho. A entristeceu profundamente saber de que aquele frágil elo entre eles iria quebrar quando essa tarefa terminasse.

Jason, ela sabia sem precisar perguntar, não era um homem que permitia qualquer pessoa como uma amante se aproximar. Seu peito doía com a dor que o deve ter moldado como um solitário eterno, mas ela sabia que deveria ser muito, muito cuidadosa para não se apaixonar por ele,

não procurar mais do que a sexualidade negra que rodopiava entre eles, quente e violentamente lindo como uma tempestade no deserto.

Jason sabia que ele estava andando em um limite perigoso com Mahiya, mas ele também sabia que necessitava muito do toque dela para virar as costas. Cerrando a mandíbula para controlar seu estremecimento quando seus dedos tocaram sua cabeça, ele se forçou a se manter imóvel quando tudo o que ele queria era virar, prendê-la na parede e se impulsionar no exuberante calor do seu corpo.

Ele ouviu os ossos de sua mandíbula ranger um contra o outro quando ela acariciou novamente, e de repente, seu toque tinha ido embora. — Estou te perturbando. Desculpe-me. — uma ponta de horror em seu tom. — Eu nunca iria...

Afastando-se da balaustrada, ele interrompeu suas desculpas com o simples ato de tomar seu adorável rosto entre suas mãos. — Pare.

Sua respiração interrompida em sua garganta, seus olhos enormes. Mas ao invés de recuar com a brusca velocidade de seu toque ou empurrá-lo, ela agarrou sua blusa de algodão... e ficou nas pontas dos pés.

Tomou todo o seu controle não aceitar seu silencioso convite de uma vez. — Você precisa entender. — ele disse, sua voz áspera. — Isso não me fará ficar com você, não me fará comprometer-me. Eu não tenho essa habilidade. — para se vincular, para abrir seu coração, para ter certeza de que aquela que ele o desse não o violentaria.

A respiração de Mahiya sussurrou em seus lábios enquanto ela mantinha sua posição. — Eu sei. — palavras suaves. — Eu também sei que quero me compartilhar com um homem forte que não me corteja com mentiras, e é honesto com seu desejo.

Ele a viu engolir, sabia que ela não era tão confiante como ela queria parecer. — Tenha certeza. Você nunca será capaz de voltar atrás. — e ele não mancharia um inocente com sua escuridão, não a deixaria amargurada por sua falta.

Os lábios dela acariciaram os seus.

Pondo suas duas mãos em seu cabelo, os fios começando a se desfazer, inclinou sua boca na dela, intenção de devorar... quando ele sentiu sua coluna se tensionar.

Devagar Jason. Devagar. Ela não é uma amante que está acostumada em procurar prazer.

Levou um auto-controle profundo, mas ele suavizou o beijo, sugando seu lábio superior para a sua boca e soltando, apenas para cortejá-la com suaves beijos que provocavam mais do que exigiam.

Seus dedos se flexionaram em sua cintura, seus músculos perdendo a tensão. Voltando ao chão, ela agora se levantou em sua direção novamente, suas asas começando a se abrir. Convencendo-a com mais suaves beijos, ele a direcionou para a sala de estar, o lugar apenas iluminado pelo brilho de uma lâmpada. Ele utilizou suas habilidades para cobri-los de olhares curiosos, mas a habilidade exigia foco, e todo o foco estava em Mahiya.

Quebrando o beijo uma vez que estavam dentro, ele murmurou, —
A porta da frente.

Com o pulso acelerado em sua garganta, ela deu um aceno brusco e andou para trancar as portas para a suite dela enquanto ele fechava e trancava as que davam para a sacada. — Eu... — suas palavras interrompidas, o peito dele pressionado contra suas costas, a cabeça dele inclinada na curva de seu pescoço.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Colocando sua mão sobre seus lábios, ele manteve sua posição enquanto ele provava sua pele, enquanto ele se afogava na sensação de conexão, de ser real, mesmo que apenas uma fatia fugaz da noite que ele passaria com a mulher em seus braços. Seu cheiro, aquele pedaço selvagem, o deixava bêbado, sua pele tão suave e quente, seu corpo inteiro de graciosas curvas. Ele desejava que ela usasse um sári, então ele acariciaria com suas mãos a pele nua de sua cintura.

Suas asas, presa entre eles, deslocando-se em pequenos, agitados movimentos enquanto ele alcançava para retirar o restante dos pinos que ela usava para manter seu cabelo no lugar. Caindo sobre seus ombros em uma cascata de cachos inesperada, viçosa, espessa e suavemente acetinada. Fechando uma mão nos fios, ele puxou sua cabeça, arqueando seu pescoço para sua boca.

Um tremor abalou sua estrutura, seus dedos espalhados contra a madeira da porta.

No movimento de sua língua, o gosto intoxicante dela.

Seu pulso bateu num rápido staccato⁴, suas asas movendo-se como se em um ritmo errático. Erguendo sua mão livre para seus lábios, ele a fechou firmemente sobre a beira de sua asa esquerda e acariciou para baixo.

⁴ É uma técnica de execução instrumental ou vocal, no qual as notas e os motivos das frases musicais devem ser executadas com suspensões entre elas, ficando as notas com curta duração.

Um som abafado saiu, suas pupilas extremamente dilatadas quando seus cílios sacudiram abertos. — Jason.

Interrompendo o íntimo toque antes dele se tornar muito, ele espalhou suas mãos sobre o estômago dela. — Como faço para tirá-la disso?

— Os botões que prendem as fendas das asas fechadas. — Palavras roucas. — Há também um zíper escondido ao lado.

Querendo sua pele contra a dele mesmo, ele deu um passo longe e tirou seu cabelo fora de suas costas e de cima dos ombros. Os botões eram cristais pretos facetados, brilhando na luz suave. Deslizando fora os botões sem tocar o arco sensível de suas asas, ele alcançou abaixo e encontrou os botões correspondentes na parte inferior de suas asas.

A barra longitudinal descia nas costas, sobre a curva inferior dela e ele observou quando ele puxou a parte da frente fora de seus braços, segurando o tecido amassado em seu peito com um recato que paradoxalmente o fez queimar. Usando sua mão livre, ela estendeu a mão para o lado dela e empurrou o zíper escondido que ia de duas costelas até a parte inferior da fenda em sua túnica.

Calor encontrou seus dedos quando ele os roçou para baixo na linha central de suas costas, pequenos tremores viajaram sobre sua pele. Se ele fosse um homem melhor, ele pararia isso — Mahiya não respondia como uma mulher que teve amantes o bastante para perder sua timidez.

“...que não me corteja com mentiras, e é honesto em seu desejo.”

Seu desejo não era nenhum engano, era um soco em suas entranhas.

Sem forçar ela a liberar a frente da túnica, ele colocou suas mãos na curva de seus lábios e pressionou contra ela de novo, suas asas espalhadas abertas atrás deles. Ela estremeceu ao contato íntimo, porque enquanto ela tinha estado ocupada com sua túnica, ele tirou sua camiseta.

A suavidade de suas penas contra sua pele nua apressando informação sensorial através de sua mente, um rio derretido que o mantinha cativo. Inclinando-se para o suave declive de seu pescoço mais uma vez, ele usou um dedo para escovar para o lado uma mecha de cabelo, sentindo seu tremor em resposta no lugar onde seus corpos se conectavam. Mesmo quando ele pressionava seus lábios em sua pele sensível, ele acariciou uma mão para baixo em seu braço para fechar seus dedos sobre os punhos que ela tinha em sua frente, mantendo a túnica o lugar.

Ele não forçou, apenas deu um gentil puxão.

A menor hesitação antes que ela desenrolasse seus dedos e deixasse ele tomar uma mão, esticando-a para pressionar contra a porta. Quando ele traçou sua jornada de retorno para baixo no braço esguio, ela manteve sua mão onde ele tinha colocado. Alternando os lados, ele varreu seu cabelo para o outro lado com luxuriante lentidão... porque agora que ele estava tocando-a, a febre nele tinha se transformado numa paciência sexual escura que prometia prazer esmagador.

Ela sabia o que estava por vir desta vez quando ele acariciou seu braço para o punho restante, sua respiração rápida, superficial. Deixando os dedos sobre os seus próprios, ele alisou sua mão livre sobre a curva de

sua cintura enquanto ele lambia seu pescoço com seus lábios antes de beijar a inclinação graciosa de um ombro, seu rosto roçando sobre o arco superior de suas asas.

Tremendo, ela desenrolou seus dedos de sua túnica e permitiu a ele a descansar aquela mão que pressionava a porta, também. Ele acariciou seu caminho de volta para baixo em seu braço apenas muito lentamente, beijando a tentação de sua pele o tempo todo. Então ele colocou ambas as mãos onde a túnica amontoava-se em seus quadris e puxou.

Deslizando para baixo em uma piscina aos seus pés. Ela deu um passo para fora do tecido, chutando-o para longe. — As calças têm — um engolir, como se sua garganta estivesse seca — ganchos nos tornozelos.

— Mantenha-as, — ele disse, levantando-se para capturar numa imagem o que ela fazia, suas asas ligeiramente espalhadas, seu corpo nu da cintura para cima, os exuberantes cachos de seu cabelo caindo sobre seus ombros. — Não há necessidade de pressa. — Estendendo sua mão, ele correu seus dedos para baixo no centro nu de suas costas novamente, desta vez com mais profunda pressão, seu grito suave um punho ao redor de seu pênis. — Feche as asas.

No segundo que ela fez, ele pressionou junto e moveu sua mão ao redor do cós de sua calça de algodão afunilada para desfazer a sequência de nós que a prendia mantendo-as para cima. Permitindo somente a vestimenta deslizar para baixo de seus quadris, ele desfez o laço. Seu abdômen tremia contra a mão que ele espalhou em sua pele acetinada,

seu dedo anelar roçando a beira de suas calcinhas... que mal escondia a lisa tensão dela.

Seu corpo, espesso e quente.

Sentindo isso, ela estremeceu, mas não tentou se afastar quando ele deslizou sua mão livre sobre seu quadril até um pouco abaixo de seus seios. Ele não acariciou os pequenos, montes endurecidos, apenas roçou seus dedos ao longo da parte inferior antes de puxar um mamilo tenso.

A doce necessidade dela respondeu gritando sussurros sobre sua pele como uma carícia tátil. Recompensando-a com outro provocante roçar, outro puxão que a fez tremer, ele insinuou outra mão logo abaixo de sua cintura. Seu umbigo tencionou, relaxando com um estremecimento quando ele acariciou seu seio mais uma vez.

Beijando seu pescoço, tão mais sensível, ele moveu sua mão mais baixo, sobre a rugosidade sedosa da fina renda para tocar os delicados cachos entres suas cochas, o calor úmido dela a mais requintada tentação.

— Jason. — derrubando uma mão da porta, ela estendeu-a para tocar seu cabelo. — Beije-me. — Era um pedido sussurrado.

Ele parou sua exploração erótica e girou em torno dela, suas asas espalhadas em magnífica exibição atrás dela quando ela o encarou, uma mulher com um rubor de vermelho sobre as maçãs de seu rosto e seios tensos cobertos com mamilos escuros que ele sabia que logo provaria.

— Você, — ele murmurou, fechando seus dedos sobre um dos seios, — é adorável. — Apoiando seu braço livre ao lado de sua cabeça, enquanto seus próprios braços enrolavam-se ao redor dele enquanto ela se

levantava na ponta dos pés de novo, ele deu-lhe o beijo que ela tinha pedido. Foi uma nua, molhada fusão de bocas que ela tinha esfregado contra ele, seu abdômen deslizando sobre seu pênis.

Seu poder sobre as rédeas deslizou.

Alcançando entre os dois, ele desfez o laço de suas calças, quebrou o beijo e agarrou-as para puxar para baixo. Seu umbigo era uma isca que ele não podia resistir, o beijo que ele pressionou lá fez seus dedos fecharem em punhos em seus cabelos antes que ele passasse seus polegares sobre os ossos de seus quadris e se afastasse. — Não se mova, — ele murmurou, pressionando um beijo no interior de uma coxa sedosa.

Mahiya sugou goles desesperados de ar, a cadência de seu desejo, música em seu sangue. Intigando-lhe a urgência de arrancar fora suas calças, mas ele cerrou os dentes e aproveitou seu tempo para desfazer os ganchos, forçando a si mesmo em ir lentamente, sem sobrecarregar sua amante com sua doce paixão e vontade de confiar nele para liderar a dança.

Finalmente as calças estavam fora. Ele correu sua mão lentamente sobre suas panturrilhas, suas coxas, a renda branca que era tudo o que a cobria agora. Neste momento ele levantou-se a sua altura máxima, a essência de seu perfume almiscarado no ar. — Tire-as fora. — Ele queria ver ela nua e pronta, para saborear nela os mais eróticos beijos, mas primeiro ele teria aquela indicação de que ela permanecia uma participante voluntária.

Sua respiração prendeu... mas ela abaixou a cabeça e enfiou os polegares nas laterais do pedaço de renda. Ele afastou-se para observar

ela puxar aquela peça para baixo e para fora, porque sensação visual era uma festa — embora nada poderia jamais superar o toque disso, o prazer tátil seu único e verdadeiro vício.

Calor ardendo sobre cada centímetro de sua pele, ela empurrou a renda amassada para o lado com um esguio pé, seus cílios escondendo o olhar dela, ele estendeu a mão, correndo o dorso de um único dedo até um mamilo duro. Ela empurrou. Incapaz de resistir, ele mergulhou sua cabeça, tomando parte de seu seio dentro de sua boca, sugando.

Seus joelhos dobraram. — Jason, oh por favor...

Segurando-a para cima quando ele liberou sua carne sensível, ele a acalmou com um beijo lânguido que despejou combustível na negra tempestade de sua própria paixão. — Assim, — ele murmurou contra os lábios inchados de beijos enquanto ele continuava a seduzi-la com sua boca, — exatamente assim. — O pênis dolorosamente duro, ele deslizou um mão entre suas coxas e acariciou levemente para baixo a linha central de seu sexo com um único dedo.

Mais e mais... e outra vez.

Sua respiração se tornando suspiros irregulares, as pontas de seus dedos escorregadios com sua necessidade, suas mãos agarraram seus braços. Olhos aturdidos com ele mesmo quando ele quebrou o beijo, e ele sabia que o prazer estava construindo-se nela, uma lenta crescente.

— Voe. — Foi um estímulo rouco enquanto ele exigia outro beijo, ansiando o contato. — Eu tenho você. — Ele continuou com sua lenta, carícia implacável, tocando o núcleo no ápice de suas coxas com cada

movimento, agora que ela tinha aberto suas coxas mais em um esforço para aprofundar o contato íntimo.

Suas unhas cravadas em seus braços, seu pescoço arqueado.

Dobrando seu braço, ele tomou a parte negligenciada de seu seio em sua boca, correndo seus dentes sobre a carne tensa quando ele o liberou... ao mesmo tempo que ele capturava o núcleo sensível entre suas coxas na ponta de seus dedos e pressionava forte.

— Jason!

Erguendo a cabeça, ele retirou sua mão antes que o prazer que torturava seu corpo se tornasse doloroso. — Eu tenho você, — ele repetiu, esfregando o seu rosto contra o lado do dela. — Eu tenho você.

Somente quando ela parou de tremer ele mudou seu agarre para seus quadris e levantou ela até que ela pudesse envolver suas pernas ao redor de sua cintura. Seus olhos preguiçosos, saciados, seu beijo lânguido. Braços envoltos ao redor de seu pescoço, ela abriu-se para ele com sensual generosidade que o fez querer devorá-la, seus dedos tecendo através de seu cabelo. Ele alcançou entre eles para tirar seus jeans, agarrando seu pênis, e posicionando ele mesmo em sua entrada.

O suave suspiro dentro de sua boca quando a cabeça de seu pênis roçou contra a paixão inchada de sua carne e então ele estava empurrando dentro da sedosa recepção de seu revestimento.

— Oh! — Mahiya o agarrou mais apertado com cada parte de seu corpo, seus músculos internos continuavam a agitar-se com as ondas rastejantes de seu prazer.

Tremendo, ele derrubou a testa nela enquanto ele lutava contra o desejo de mover-se. O corpo dela estava dizendo a ele que não tinha sido usado por um longo tempo, seus músculos esforçando-se para esticarem-se ao seu redor.

— Está tudo bem, Jason. — Dedos em suas bochechas, beijos gentis e ternos e inesperados. — Eu quero muito você.

Ele puxou uma respiração irregular, empurrando uma fração mais fundo. Um pouco mais. Calor escaldante, músculos femininos pulsando em sua carne rígida. O prazer era quase doloroso, a mordida requintada. Virando sua boca para roçar contra a dela, ele continuou a trabalhar seu pênis dentro dela, lento e implacável.

— *Jason.*

Flexionando seus quadris ao som do gemido, ele forçou a si mesmo a parar. — Isso machuca? — ele perguntou sem rodeios.

Um olhar atordoado. — Queima e ainda é bom. Eu quero você em mim.

Isso era tudo que ele precisava ouvir.

Deslizando sua mão embaixo de suas coxas, ele tirou suas pernas de seus quadris e empurrou seus joelhos para cima e abertos, sua força mais que suficiente para mantê-la presa enquanto ele empurrava dentro dela para sentir suas unhas cravadas em suas costas enquanto seu corpo se contraía ao redor dele, banhando seu pênis em desejo derretido.

Então ele começou a se mover.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Honor sentou na luz do sol rica como mel langoroso, um copo de suco de laranja na mão e a camisa branca de Dmitri solta e confortável ao seu redor, observando seu marido indo e voltando através de toda a área do jardim que cercava sua casa privada. Ele segurava o telefone em sua orelha, dando ordens cortadas em um tom que dizia que ele esperava ser obedecido.

Ele perguntou se ela queria explorar o campo, mas tudo que ela queria era estar com Dmitri. Eles fizeram amor na luz do sol e no escuro, jogaram jogos no quarto que a faziam corar, e alimentaram um ao outro com guloseimas que lhes entregaram a partir de uma discreta mercearia na vila próxima. Era uma preguiçosa, nebulosa existência, e ela estava feliz por isso depois do horror pelo qual tinha passado.

É claro, Dmitri não podia desconectar-se completamente da Torre que tinha sido sua responsabilidade por séculos, nem ela esperava isso dele. O que importava era que no momento que ela olhava para ele, no modo que dizia que ela precisava de sua atenção, o telefone desligou. Não havia dúvidas em sua mente que ela era a parte mais importante da vida de seu marido... importante o bastante que ele desistiria da imortalidade se ela escolhesse uma existência mortal. Essa razão era algo que ela também entendia; seu Dmitri não escolheria continuar depois que ela morresse. Ele tinha sobrevivido uma vez, não sobreviveria de novo.

Voltou a passos largos para ela, ele colocou seu celular em cima da mesa de ferro que mantinha um prato cheio com pedaços de frutas que ela tinha cortado para eles compartilharem. — O que você está pensando? — Ele inclinou-se, mãos nos braços de sua cadeira. — Você está tensa.

E ele tinha percebido isso a metros de distância, enquanto ela acreditou que ele estava absorto em sua conversa. — Eu quase desejo, — ela disse, largando seu suco e colocando seus pés na cadeira, — que você não tivesse me dado tempo para repensar minha escolha.

Sua cabeça caiu, e foi instintivo acariciar seus dedos através de seu cabelo. — Eu sou um bastardo, Honor. — Voz feroz, seus olhos pareciam com os dela própria. — Nós dois sabemos disso. — Quando ela não falou, ele balançou sua cabeça e continuou. — Eu manipulei muito bem sua decisão original, talvez eu pensasse que eu estava dando a você uma escolha, mas ao perguntar-lhe quando eu perguntei, tenho certeza que a escolha era a única que eu queria.

Arrastando seus dedos para baixo em seu pescoço e sobre o cinza desbotado de sua camisa, ela disse, — Isso era para me chocar? Humm?

Seus lábios, tão sexys e tentadores, se curvaram. — Você percebe que a maioria das pessoas são intimidadas por mim.

— Sério? — Era uma provocação descarada. — Que estranho.

Ele sorriu, seu Dmitri que nunca tinha sorrido como isso quando eles tiveram o primeiro encontro, com a luz em seus olhos. — Você definitivamente não é Ingrede.

Ela tinha se perguntado se ele verdadeiramente entendeu que quando eles casaram, entendeu que enquanto ela carregava sua alma e as

memórias da mulher que tinha dançado com ele nos campos de flores silvestres, que ela tinha sido moldada pelos ventos de outra vida. Agora ela via o conhecimento em seus olhos, via, também, o coração perfurado de amor que ele tinha pela mulher que ela era nesta existência, uma caçadora marcada, mas não quebrada. — Oh? — ela disse com um sorriso que ela podia sentir em cada célula de seu corpo. — Eu não me lembro de sua primeira esposa aceitar cada primeira palavra sua como lei.

— Eu acho que sua memória deve estar com defeito. — Diminuindo os centímetros que separavam eles, ele reivindicou um descarado beijo sexual que derreteu seus ossos. Quando ele arrastou seus lábios sobre sua mandíbula e desceu para a pulsação em seu pescoço, ela fechou seu punho em seu cabelo.

— Beba. — Era uma oferta que ela fazia somente para Dmitri. — Você não se alimentou hoje.

Mas ao invés de afundar suas presas dentro de sua carne inclinada, ele levantou a cabeça e franziu o cenho. — Eu não quero enfraquecer você. Eu posso ter algumas bolsas de sangue entregues—

— Não. Você se alimenta de *mim*. — Ele era dela para cuidar, para adorar.

— Honor.

— Eu tenho um alto teor calórico, alto ferro, altos fluídos, alta dieta de todas as coisas por uma razão. — Ela teve uma longa conversa com um médico da Sociedade depois que eles deixaram a Itália. O homem idoso e de certo modo rabugento era acostumado a lidar com pares de humanos e vampiros e tinha lhe dado orientações a seguir se ela pretendia ser uma

daquelas “mulheres possessivas”. — Se você me disser que você prefere uma bolsa de sangue velho ao meu pescoço, — ela murmurou, — eu morderei você eu mesma.

Ele não amoleceu pela brincadeira, continuando a inclinar-se escuro e perigoso e um pouco puto acerca dela. — Eu pegarei os pacotes de sangue.

— Dmitri.....

— Eu deixarei você ter cada outra coisa que você quiser ao seu modo, mas eu não comprometerei sua saúde. — Sua voz era aço. — Eu me permitirei alimentar-me de você uma vez por semana.

Honor estreitou os olhos. — Cada dois dias.

— Isso não é uma negociação.

— Sim, é sim. É um casamento. Então negociamos.

Seus músculos dos braços tornaram-se rígidos onde ele agarrou a cadeira. — Duas vezes por semana, — ele rangeu, — e você fará um teste de ferro a cada cinco dias.

Batendo seu dedo em seu pulso, ela viu a determinação implacável em sua expressão, sabia que a negociação estava terminada. Tinha ido melhor do que ela tinha esperado — depois de tudo, Dmitri estava quase com mil anos de idade e arrogante com isso. — Tudo bem, — ela disse com uma carranca fingida, — apenas se você jamais parar de dar-me umas poucas mordidas quando nós fazemos amor. — O erótico beijo de sangue era tudo sobre sexo, não alimentação.

Dessa vez, seu sorriso era de um homem muito mal que ela tinha em sua cama três vezes ao dia pelo menos. — Oh, eu nunca pararei de

fazer isso. Se você pedir gentilmente, eu poderia até morder você naquele ponto no interior de sua coxa que você gosta tanto.

Honor estremeceu. Uma vez, a ideia de uma mordida em sua coxa teria feito ela vomitar, até mesmo Dmitri somente poderia fazer se ela estivesse em uma certa posição, onde ela pudesse chutá-lo longe se ela precisasse... mas quando isso saia correto, quando as horríveis memórias do que tinham feito a ela não a dominavam...oh uau. — Você é um perigo.

Seus olhos brilhavam. — Vamos para dentro então para que eu possa corromper você um pouco mais.

Impossível, mas ele ficava mais sexy a cada minuto que passava.

Puxando-o para baixo, ela beijou aqueles lábios sensuais, acolhendo o amante que fazia seios incharem, suas coxas apertadas. — Venha sentar comigo, — ela disse depois que esqueceu sua intenção, — então nós podemos falar sobre minha decisão.

Espalhados na cadeira um do lado do outro na mesa, ela alcançou um pedaço de pêssego branco doce com uma mão inconstante. — Não me peça para falar a você do vampirismo. Eu só sou esse ser bom porque eu não quero que você me odeie.

Ela mordiscou um pedaço de damasco. — Anotado. — Girando ao redor, ela colocou seus pés em seu colo, seus dedos dos pés, atualmente pintados de um vívido azul esverdeado, brilhando na luz do sol.

Sua mão roçando uma carícia ausente. — Você jamais será como os monstros. — ele disse calmamente, falando do seu mais profundo medo. — Nunca, Honor. Isso não está em você.

Sufocava-a um terror cego, que ela poderia tornar-se como as criaturas desalmadas que tinham causado a ela tal devastador dano, não em uma existência, mas em duas. Mas então ela olhou para o homem que tinha amado em ambas as existências, e ela viu não simplesmente a escuridão que ele usava tão perto em sua pele, mas também a verdade que ele tinha mantido com garra armazenada com honra mesmo quando ele afundava em pecado e depravação. Dmitri nunca tinha brutalizado uma mulher, e ele nunca tinha machucado uma criança... nem depois que ele teve que quebrar o pescoço de seu filho para salvar Misha de um horror inimaginável.

Ao contrário de Dmitri, ela não estaria indo para essa nova vida por meio de um ato feio de correção, quebrado e distorcido e tortuoso. Ela seria conduzida pelo homem que a adorava, passaria a eternidade descobrindo cada mudança na faceta dele. Eles nunca se tornariam cansados um do outro, nunca. Era uma verdade profundamente calma dentro dela, nascida do amor que tinha sobrevivido à morte e ao próprio tempo.

— Dmitri, — ela disse no silêncio iluminado pelo sol. — Onde está seu coração?

A pergunta poderia ter sido tomada de muitas formas, mas seu marido sabia o que ela queria dizer. — Em suas mãos, onde sempre tem estado.

Alegria luminosa em cada respiração, um senso de paz em sua alma. — E você mantém o meu. Então você vê, eu somente preocupo-me sobre o seu coração, não com o meu. — Como o coração dele era o seu

mais precioso tesouro, o dela era o dele. Ele amaria e cuidaria desse coração com cada pedaço de sua força perigosa, nunca permitiria que ela perdesse a compaixão e a humanidade que ele amava nela. — Vamos para casa, — disse ela, — começar o processo.

As mãos de Dmitri apertaram suas pernas. — É isso, Honor. Sem mais chances.

— Não, Dmitri. Agora nós teremos uma eternidade de chances.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Mahiya sentiu-se corar em lugares que sabia impossíveis de terem corado, músculos doloridos de uma forma que eles nunca tinham estado antes. Jason era... uma tempestade.

Lento.

Implacável.

Inexorável.

Ela pensou que ele estaria satisfeito depois da chocante união carnal contra a porta, mas ele tinha levado-a para sua cama, permitindo-lhe somente uma pequena pausa antes de tomá-la novamente.

Mahiya não estava reclamando. Nunca iria, desde que ele viesse para sua cama.

“...isso não me fará ficar com você, não me fará me comprometer”.

Uma pontada em seu coração enquanto ela abria a janela para a brilhante luz do sol da manhã, aquela mulher que não era somente uma serva sensual para Jason, mas que estava fascinada pelo vislumbre que ela tinha do homem atrás do espião mestre... e aquele homem, ele era uma perigosa, complexa, criatura quebrada que ela ansiava conhecer. Mas essa era uma oportunidade que ela jamais teve, era uma oportunidade que Jason não lhe daria. Ela não estava mesmo certa se ele retornaria para sua cama.

“Boa noite, Mahiya”. Olhos observadores.

Ela queria somente dormir enrolada ao redor da força e calor dele, mas ela satisfazia a si mesma com uma carícia final de suas asas sobre suas bochechas, tendo a assombrosa sensação de fixar uma selvagem criatura livre. “Eu verei você de manhã”.

“De manhã”.

Um farfalhar na porta quebrou a memória do sussurro. Então Vanhi estava se movimentando no meio do quarto, seu rico cabelo de ébano domado em um severo coque na nuca de sua cabeça, seu corpo vestindo um sári carmesim pontilhado de preto. Apenas ela podia sair com tons tão ousados enquanto o resto da fortaleza usava as desbotadas cores de semi-luto. Porque somente Vanhi tinha estado viva desde antes de Neha.

A vampira com seus olhos verdes e pele de profundo bronze tinha a aparência de uma mulher deslumbrante na casa dos trinta, mas forma e maneiras de uma avó. Ela tinha balançado Neha e Nivriti no berçário assim como ela tinha mais tarde balançado Anoushka, em seguida Mahiya. Ela era o único ser que Mahiya tinha se atrevido a amar depois da brutalização da única amiga que ela tinha feito como uma adulta.

Carmesim nas pedras, espesso e grosso, sangue encharcando as asas estendidas sem vida ao lado da forma inconsciente de uma mulher cujo real crime apenas tinha sido bondade.

Mesmo a amada égua que Mahiya tinha ajudado a criar de um potro, tinha sido doada, para a nova amante de Arav — a crueldade uma única consciência. Entretanto, Vanhi manteve a afeição de Neha e portanto era seguro para amar, embora até mesmo a vampira não fosse

permitida passar muito tempo com Mahiya sem ter a si mesma enviada de férias para outra parte do território.

— Então, — Vanhi disse agora, — aquele filhote de cabra está morto.

Mahiya não estava surpresa pelo julgamento. — Eu não estou de luto por Arav, mas a forma que ele morreu...eu não teria desejado isso para ele.

Vanhi bufou. — Ele deveria ter sido castrado pela vantagem que ele tomou de uma jovem mulher mal desenvolvida.

— Eu lhe permiti tomar vantagem, — Mahiya replicou, o velho argumento. — Eu era uma tola. — Disposta a aceitar a escória pelo ouro. — Eu não serei uma de novo.

— Oh sim? — Vanhi levantou uma sobrancelha enquanto ela capturava uma pena de azeviche do carpete. — No entanto, o espião mestre de Raphael é bem-vindo em sua cama?

— Ele não me diz mentiras.

A declaração tranquila fez com que Vanhi parasse seus movimentos energéticos ao redor do quarto enquanto ela absorvia isso, endireitava aquilo. Uma pesada sombra em sua expressão, ela pôs uma palma suave contra o rosto de Mahiya. — Eu desejo que você esperasse mais, Mahiya minha criança.

— Um dia — Mahiya prometeu, — Eu terei a chance de sonhar grandes sonhos. Até lá, eu devo trabalhar com o que eu tenho. — Falsa esperança poderia ser mais devastadora do que o pragmatismo nu e cru — ela tinha aprendido isso durante a sua tentativa de encontrar um santuário com Lijuan anos antes da evolução da arcanjo.

“— Menina boba. — As asas cinza de pomba de Lijuan varrendo o chão enquanto ela ondulava uma mão, dispensando o guarda que tinha escoltado uma exausta Mahiya dentro da cavernosa sala que ecoava com o som. — Você me pede para fazer de minha amizade com Neha uma ruína?”

— Não. Eu peço apenas um santuário.

Misteriosos olhos de um estranho cinza perolado, olhavam para ela fora do rosto com a pele tão pálida, ela imaginou que ela poderia ver a estrutura óssea atrás. — Ou você é débil mental, — Lijuan disse, — ou você está sendo hipócrita.

Mahiya lutou contra o gele invadindo seu sistema sanguíneo ao dizer — Você é muito mais poderosa do que Neha. Ela não colocaria sua amizade em risco por uma coisa tão insignificante quanto eu.

— Disso resulta que eu não tenho nenhuma necessidade de ti. Você nada me oferece. — Um sorriso que fez o estômago de Mahiya apertar, seus ossos chocalharem. — Suas asas... hummm, talvez eu mantereí você depois de tudo.

Isso foi quando Lijuan tinha “convidado” Mahiya para ver sua Sala de Coleções, observando com aquele mesmo sorriso inumano enquanto Mahiya se curvava e vomitava o pouco de comida que havia em seu estômago.

“Ju limpará isso”. O homem que se arrastou para fora da escuridão estava... errado. Empurrando-se para cima, Mahiya correu as costas de sua mão sobre a boca enquanto Ju produzia um esfregão e limpava toda a evidência de sua falta de controle, seus olhos pretos e nublados, seus movimentos os de uma marionete.

— *Ele foi um homem forte uma vez, mas eu o quebrei. Ainda assim, eu não posso deixa-lo ir. — Lijuan estendeu uma mão para acariciar as asas de Mahiya.*

Torcendo-se para longe, ela esperou ser reduzida a pó por sua insolência, mas Lijuan sorriu. — Uma pena eu não poder tomar você para minha coleção. Melhor eu acho, você retornar para Neha. Eu serei paciente, e pedirei a ela para dar-me você quando estiver morta. Eu não gostaria que tal beleza se perdesse na podridão.

Uma noite e um dia.

Esse foi o tempo que Mahiya tinha passado no reduto de Lijuan, um extenso pesadelo de horas que gelava seus ossos ao pensar nisso mesmo agora. — Vanhi, — ela disse, forçando sua mente de volta para o presente, — o que você pensa sobre a morte de Arav?

— Aquele pedaço de esterco de elefante deve ter insultado alguém, ou ele deve simplesmente ter estado no lugar errado na hora errada. — Vanhi deu de ombros, pegando um sári que Mahiya tinha deixado fora no ar.

Caminhando para pegar na outra extremidade o tecido escorregadio, Mahiya trabalhou com Vanhi para dobrá-lo. — Eu não sei. Isso tudo parece calculado de alguma forma.

— Eu digo uma coisa, Mahiya, minha criança. — Um tom solene. — Jogos é uma coisa, mas jogá-los contra Neha? — Balançando sua cabeça, Vanhi usou seus dedos para desenhar um antigo sinal que era um meio de afastar o mal. — Somente coisas ruins virão disso.

Sim.

Deixando o palácio meia hora depois de Vanhi partir, Mahiya encontrou um visitante inesperado prestes a dar passos para sua porta. — Venom.

Um charmoso sorriso preguiçoso, seus olhos escondidos de vista pelos espelhados óculos de sol que refletiam seu próprio rosto de volta para ela. Vestido em calças pretas e camisa branca, seu cabelo úmido penteado perfeitamente, ele parecia ser um dos mais perigosos cortesões — o único que tinha o cérebro para tramar e conspirar.

— Lady Mahiya.

— Apenas Mahiya — ela disse, absorvendo aquela manhã ensolarada cascadeando daquele céu de puro azul, parecia obsceno que isso poderia ainda testemunhar ainda mais carnificina. — Se você está procurando por Jason, ele está em outro lugar. — Como Neha tinha expandido seu mandato, Mahiya não era mais esperado a agir como espiã e informar sobre suas atividades.

— Jason. — *Ela saiu para a varanda, lutando com si mesma para não tocá-lo agora que a noite tinha passado, não tentar reivindicar seus direitos de posse—isso seria tanta tolice quanto tentar possuir uma tempestade.* — *Você tomará café da manhã antes de ir?*

— Não, eu tenho um encontro que eu devo ir. — *Ele espalhou suas asas, parado.* — *Eu verei você quando eu voltar.*

Talvez isso fosse uma coisa boba, mas significava muito para ela que ele tinha batido em sua porta ao invés de simplesmente desaparecer no amanhecer, seu espião mestre que sempre caminhava sozinho.

— Eu deveria ter seguido em frente — Venom disse, sua voz fraturando com a memória, seu sorriso aquele de um homem que sabia como persuadir e seduzir mulheres. — Eu posso oferecer a você uma escolta para seu próximo destino?

O flerte brincalhão a fez sorrir. — Eu vou para Neha.

— A sala de audiência privada?

— Não. — Mahiya franziu o cenho. — A mensagem pedia-me para encontrá-la perto do Guardian. — Olhando para cima, ela procurou o forte mais espartano da fortaleza que contemplava do alto a Fortaleza da Arcanjo. Era isolado, com ninguém dentro da distância para ouvir, exceto as tropas de Neha — que nada veriam e nada fariam se a arcanjo decidisse que deveria eliminar a incomoda filha ilegítima de seu consorte.

Em verdade, nada seria diferente do que estar na fortaleza. Exceto...que Jason estava aqui.

Não, ela disse a si mesma com firmeza, não prolongue esperanças no ar e uma escura sensualidade que tinha marcado seu interior profundamente. Jason tinha prometido ajudá-la a escapar, mas ela não tinha nenhuma reclamação de sua proteção. — Então você vê, — ela disse para Venom, — eu devo deixar você aqui.

O vampiro franziu a testa. — Você tem certeza que a mensagem era de Neha? Eu a vi voando em direção a cidade não muito tempo atrás.

— Sim. Nós vamos nos encontrar nas ruínas do templo apenas do outro lado das muralhas da fortaleza. — Ainda assim, inquieta com a inesperada escolha do local, ela estendeu a mão para o bolso escondido de sua túnica para recuperar um pequeno cartão. — É a sua letra.

Pegando o cartão, Venom esfregou o polegar sobre a escrita. — Sim, você está certa. Mas sua escrita não é tão ornamentada para ser impossível de ser falsificada. Eu não gosto da sensação disso.

De repente, ela sabia a razão de Venom ter vindo para o palácio, e seu coração se contorceu. — Jason disse para você cuidar de mim, — isso fez algo nela, saber que Jason se preocupava o suficiente sobre ela para ter pedido para outro dos Sete manter ela em sua visão. Ninguém tinha cuidado dela desde que ela deixou o Refúgio e a proteção daqueles que se comprometiam com o bem estar dos jovens anjos. Ela não era tão orgulhosa para refutar as emoções geradas por sua preocupação com ela.

Venom deu a ela um leve sorriso em resposta. — Isso diz que você tem quinze minutos até sua reunião.

— Eu pensei em chegar mais cedo. — *Dar a mim mesma uma oportunidade de determinar que nada do que Neha faça me picará em direção a um erro fatal.*

— Satisfaça-me, — Venom disse, — e chegue na hora exata.

Olhando para cima, ela levantou uma mão e arrancou os óculos de sol fora de seu rosto antes que ele percebesse sua intenção. A forma que ele afastou-se dela foi uma sinuosa, bela, coisa *rápida*, mas ela manteve sua posição. — Você somente tinha que pedir, — ele disse, empurrando para trás os fios de cabelo desordenados enquanto ele se erguia de seu agache pronto para o combate, seus olhos um verde vívido e hipnótico contra o deserto marrom de sua pele, quente e desta terra.

— Eu pensei em ler seus olhos. — Mahiya devolveu seus óculos de sol, uma leve impaciência de volta a sua mente. — Mas foi uma tolice, —

ela disse, a estranha sensação que ela estava perdendo alguma coisa indo antes que ela pudesse persegui-la. — Eu não conheço ninguém que possa ler tais olhos.

Deslizando os óculos de volta, Venom começou a caminhar para longe dela. — Lembre-se, de chegar na hora certa. — Então ele pegou seu ritmo e foi embora em um piscar de olhos, explosivo de movimento que não era nada humano.

No entanto, não importa o quão rápido ele era, ele não poderia chegar no Guardian antes dela. Ainda assim, ela voou até o telhado do palácio, tendo decidido dar a ele o tempo que ele pediu a ela, sua sensação de “erro” se amplificando mais quando ela pensou sobre a situação. Mas não atender ao encontro não era uma opção, não quando tinha mais provavelmente sido Neha quem enviou a nota — a arcanjo sabia que Mahiya tinha um medo doentio do Guardian... e ela sabia o motivo.

Por favor não! Por favor!

Foi a única vez que ela já tinha implorado. Foi também a única vez que ela tinha visto a expressão de horror no rosto de Neha, como se ela não pudesse acreditar na suas próprias ações. Não tinha parado ela embora... e Anoushka tinha estado em pé ao seu lado o tempo todo, os olhos frios de sua mãe.

Somente dois minutos para ir até o encontro.

Espalhando suas asas, ela voou do terraço e para cima dentro das nuvens, angulando em direção ao templo em ruínas. Nisto, Neha tinha errado. Embora o Guardian fizesse a pele de Mahiya pegajosa com o suor do medo, o templo mantinha somente memórias felizes.

Aquelas memórias em um talismã, ela percorreu acima do Guardian e seus sentinelas. Alguns distantes da fortaleza protegendo as muralhas que estavam ao sul das ruínas decadentes do templo que tinha sido construído há muito tempo para homenagear a arcanjo que tinha governado aqui antes de Neha. Neha não era a responsável pela destruição. Ele tinha simplesmente caído em desuso alguns anos depois da arcanjo em questão ter sido assassinada em uma batalha contra outro do Cadre.

Enquanto um lado inteiro entrou em colapso, o telhado tinha caído sobre um pavimento de pedras abaixo, a outra metade ficou mais ou menos em posição vertical. Dez colunas resistentes mantinham o restante do telhado, os buracos espalhando luz do sol sobre o chão abaixo criando um mosaico de luz e sombra.

Pousando do lado de fora do templo, Mahiya tomou uma respiração profunda do ar mais rarefeito da montanha e dobrou suas asas... somente um passo soou atrás dela. Ela girou seus pés para encontrar a si mesma cara-a-cara com Venom cuja pele brilhava com suor, sua camisa branca anteriormente intocada agora úmida e moldando os músculos planos, os olhos desprotegidos estreitos contra a luz do sol.

Atônita, ela olhou. — Ninguém é tão rápido.

Um cintilar de presas quando ele sorriu. — Eu peço licença para discordar.

As engrenagens do cérebro retrocedendo, ela olhou além dele para as paredes planas da fortaleza, sua cabeça estalando de volta. — Você sabia dos túneis. — Pela pouca informação que ela tinha sido capaz de

reunir, as passagens subterrâneas que conectavam as duas fortalezas tinham sido construídas ao longo de milênios, tinham que ser um labirinto.

— Talvez. — Esbarrando nela ao passar com uma velocidade que de nenhum modo era humana, ele correu para cima nos degraus do templo.

— Venom! — Ela na luz salpicada do templo em seus calcanhares... e foi dominada por um sentimento de paz. Esse tinha sido seu lugar de brincadeiras favorito quando ela tinha sido uma criança nas visitas a casa vinda do Refúgio. Ela tinha milhares de aventuras no interior de suas quebradas, caídas paredes, escrevendo seu nome com carvão em uma das colunas antes da culpa a fazer retornar e esfregá-la.

A memória tinha feito seus lábios curvarem-se nos cantos enquanto ela procurava por qualquer sinal de Neha e não encontrava nenhum. Entretanto Venom não estava muito longe a sua frente, checando uma alcova sombria. — Você tem que sair antes de você tornar-se um alvo. — Neha não toleraria o fato de que Mahiya estava sendo escoltada pelo vampiro que permanecia com algo de favorito, independentemente de sua escolha de servir Raphael. — Você pode facilmente vigiar de uma posição escondida. — Para sua ajuda ser bem vinda devia ser seu senso de erro, e não sua imaginação, prevalecendo.

— Hummm? Não, eu não penso assim.

— Eu arrastarei você fora se eu tiver que fazer. — Ele era um amigo de Jason, e Jason, ela sabia instintivamente, era um homem com poucos amigos. Venom não poderia estar autorizado a jogar sua vida fora.

A resposta de Venom era uma manifestação baixa. — Venha olhar para isso, Mahiya.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Pega pelo estranho tom de sua voz, ela cruzou por um feixe de luz solar e se deteve. Dentro da alcova na frente de Venom havia uma caixa envolta em papel dourado brilhante amarrado com um laço prateado. Quando o vampiro deslizou cautelosamente o cartão dobrado sob a fita de prata, não continha nada além de seu nome na nota ordenando-lhe para estar aqui neste momento.

— Eu posso não ser um chefe dos espões como nosso Jason, — Venom meditou, — mas eu aposto que Neha não enviou essa nota.

Mahiya tinha que concordar, sua mente tentando dar sentido as estranhas circunstâncias e falhando. — Vamos levar a caixa para fora antes de abri-la.

— Você não devia abri-la de jeito nenhum, até que Jason e eu tenhamos uma chance de...

— Como um vampiro forte, sua audição é aguda, — ela interrompeu. — Você ouve tic tac? Qualquer coisa que indique que pode conter um dispositivo incendiário? — Se uma explosão golpea-los corretamente, poderiam ser decapitados e mortos.

Venom inclinou a cabeça, finalmente deu uma sacudida relutante. — Não. Mas...

— E, há uma grande chance que você tenha um excelente olfato. — Ela o viu “provar” o ar com sua língua. — Cheira algo suspeito? — O fato

era, que ela sabia se fosse embora agora que, ou Venom ou Jason assumiria o risco. E isto, ela se recusava a permitir. — Substâncias químicas, qualquer coisa?

Dentes cerrados. — Não.

— Eu também não, e se este é o assassino, — disse ela razoavelmente, — ele ou ela não tem nenhuma razão para jogar esses jogos.

— Um anjo forte o suficiente para aniquilar a Arav poderia parti-la ao meio. — Outra pessoa poderia ter tropeçado nisto, um guarda em um intervalo, uma criança curiosa, e nenhum dos assassinatos até agora parecem ter sido aleatórios. — O último era discutível, mas suas entranhas diziam que havia uma conexão entre as quatro vítimas, e ela sabia que Jason concordava.

As pupilas negras dos olhos de Venom se estreitaram quando ele a considerou. — Eu pensei que você fosse uma princesa.

— Você deve saber que a corte de um arcanjo é muito mais perigosa do que as ruas de Nova Iorque. — Ela levantou a caixa antes dele poder tomá-la, com muito cuidado, a luz do sol. Caminhando de volta para o lado totalmente escondido do Guardian, ela colocou a caixa em um pedaço claro de grama a uns bons quinze metros do templo, na teoria de que ela não queria que as paredes desmoronassem em cima dela. — Fique distante.

Uma sobrelanceira levantada. — Eu acho que não.

— Não seja tolo, — ela disse, decidindo que gostava de Venom não só porque ele era amigo de Jason, mas porque ele olhava para ela como se

ela fosse uma criatura perigosa. — Se algo acontecer comigo, você não será afetado e será capaz de pedir ajuda. Ou você prefere ser ferido ao mesmo tempo?

Seus lábios se curvaram. — Essa lógica vale se eu for o único a abrir a caixa.

— É verdade, mas eu tenho uma chance maior de sobrevivência.

— Eu duvido. — Ele cruzou os braços. — Você pode ser um anjo, mas eu sou mais forte do que você. E Jason é mais forte do que nós dois.

Sim, e eu não vou machucá-lo, não importa se isto for uma tola decisão sentimental.

— Então, você poderia esperar por ele? — Quando ele não respondeu, ela disse, — sim, isso foi o que pensei. Esta caixa foi designada a mim, Venom. Eu não permitirei que ninguém mais a abra, para ser machucado, e você não pode me seguir até o céu se decolo com ela. Você não prefere que eu fique aqui?

Outro olhar firme. — Obviamente, eu preciso estudar mais as princesas. — Com isto, ele virou-se e correu para se agachar atrás de uma grande rocha.

Ajoelhando-se, ela desfez a fita depois de examiná-la atrás de fios escondidos, percebendo enquanto fazia isso que a caixa não estava envolta em papel dourado, o papelão era revestido de papel metálico, então uma vez que ela tirou a fita, tudo o que tinha que fazer era erguer a tampa. — Venom! Você vê alguns galhos por perto? — Havia uma árvore não longe dele.

— Espere. — Um minuto mais tarde, ele lançou um ramo resistente de pelo menos um metro e meio. — Estou feliz em saber que você não é suicida.

Não, eu planejo viver, amar, voar... e se ele me deixar, dançar novamente com um chefe de espões com asas de jato.

— Aqui vou eu.

Achatando seu corpo no chão para melhorar o choque de qualquer explosão, ela estendeu a mão com a vara e retirou a tampa.

Nada aconteceu.

Soltando uma respiração trêmula, ela se levantou e se aproximou, ciente de que Venom corria para acompanhá-la. Ambos olharam para o que havia dentro da caixa antes de Venom se agachar. — Sem cheiro. — Ele levantou uma mão quando ela ia alcançar o objeto. — Espera, deixe-me ter certeza de que isto não está sobre alguma coisa.

Mahiya esperou, paciente, até que ele acenou para ela ir em frente.

— Parece que você tem um admirador secreto, — ele murmurou enquanto ela examinava o fofo ursinho rosa com o rosto e patas brancas. — Talvez eu o assustei.

— Talvez. — Ela procurou pelo brinquedo inteiro, mas não pode encontrar nenhum compartimento escondido. — Eu admito, isto é tão estranho, uma coisa que eu não tenho nenhuma ideia do que fazer. Talvez Jason saiba.

— Se posso sugerir, eu o levo para baixo.

— Sim, é melhor se eu não for vista com isso. Se você for, irão assumir que você está cortejando uma amante.

— Eu tenho uma reputação, parece. — Uma declaração suave como a seda, mas mordaz.

— Eu teria que estar cega para não notar sua sensualidade. — Perigoso e lânguido ao mesmo tempo. — Eu tenho bastante certeza que você não tem que ir para uma cama sempre vazia a menos que você escolha. — Independentemente da "alteridade" misteriosa de seus olhos.

— Cuidado, — levando a caixa e sua carga, ele se levantou, com um movimento gracioso, — você vai deixar Jason com ciúmes.

— Não deixe que isso te arrase, mas você não faz meu tipo. — Embora ela levasse como uma piada, o fato era, ela via Neha muito profundamente em Venom. Os olhos dele eram de suas criaturas, seus mesmos movimentos, e por isso disse o seguinte, porque se recusava a permitir que Neha estragasse as amizades que poderia fazer. — Eu acho que nós seremos maravilhosos amigos.

Uma única sobrancelha levantada, sofisticada, indiferente em suas próximas palavras. — Seremos?

— Claro. Admita, você já gosta bastante de mim, mesmo se eu ganhar a nossa discussão.

Uma leve contração nos lábios de Venom. — Quando eu te conheci, não conseguia entender a atração, mas acredito que Jason encontrou sua parceira.

Esforçou-se para manter seu tom de voz firme.

— Estou indo para a cidade por um curto período de tempo. Eu te verei quando retornar a fortaleza. — Era uma memória difusa na melhor das hipóteses, de mais de dois anos atrás, mas se ela estivesse certa,

havia uma pequena chance de que pudessem dar-lhe uma resposta de algum tipo.

Venom franziu o cenho. — Jason me deu ordens rígidas para mantê-la segura.

Seu coração se apertou com a confirmação direta de seu palpite. Algumas mulheres poderiam se irritar com a proteção, mas para Mahiya, que nunca importou muito para ninguém, tal coisa não era nenhuma corrente indesejada, mas uma indicação bem-vinda de cuidado. Isso não significava que ela tinha intenção de parar de pensar por si mesma.

— É de dia, — ela disse, — eu não pretendo ficar em quaisquer becos escuros e de fato, estou em um mercado de bairro movimentado.

— Grande, princesa — Venom murmurou, mas enfiou a mão no bolso para recuperar um telefone celular. — Este é um reserva. Estou introduzindo meu número e o de Jason. Ligue se você tiver qualquer problema.

Poucos minutos depois, ela desceu sobre a cidade. Seu objetivo era um edifício amarelo ensolarado, com uma velha, mas reluzente máquina de costura de pedal na janela e uma criança empoeirada de calças curtas brincando na porta.

Seus olhos se arregalaram com a visão de Mahiya. Ele estava do lado de fora, como uma bala, no instante seguinte, correu para dentro de casa gritando, — Ma! Ma!

Sem fazer nenhum esforço para esconder seu sorriso, Mahiya esperou educadamente na rua, ciente de outros lojistas colocando suas cabeças para fora de suas pequenas lojas e/ou oficinas, e dos clientes que

se reuniram nas portas através do caminho estreito. Seis ou sete lojas abaixo, um camelo ruminava, enquanto seu proprietário brincava com uma sela que levava pequenos sinos de prata e fingia não ver Mahiya.

Anjos enchiam os céus desta cidade, mas um anjo nesta rua do mercado do bairro era uma coisa rara. Não era esnobismo que mantinha afastada sua espécie, anjos eram tão curiosos quanto mortais quando se tratava de explorar atalhos escondidos pela cidade. Era porque as lojas aqui eram minúsculas, sem espaço para asas. A única razão pela qual Mahiya sabia sobre esta em particular era por que a dona tinha sido convidada para mostrar seus produtos na fortaleza em uma exposição comercial.

Agora, a jovem mortal apareceu na entrada. Naturalmente, Mahiya pensou, a juventude era uma coisa relativa. Esta mulher havia vivido vinte e sete anos, talvez vinte e oito anos, era velha o suficiente para ter um menino se escondendo atrás de suas saias. Na mesma idade, Mahiya era uma criancinha não muito maior do que o menino.

— Minha senhora. — A fabricante de brinquedos se curvou, suas mãos agarrando em punhos seu avental. — Gostaria de recebê-la dentro, mas...

— A intenção é suficiente, — Mahiya disse com a máxima delicadeza no informal dialeto local. — Eu não vou incomodá-la por muito tempo.

— Por favor, deixe-me trazer-lhe uma xícara de chá pelo menos. — Suplicou com olhos de chocolate derretido. — Eu não posso despachar um anjo na minha porta sem cortesia.

— Obrigada. O chá seria bem-vindo.

Um sorriso trêmulo iluminou o rosto da mulher. — Eu tenho uma panela no fogão. Um minuto, não mais. — Quando ela se virou para ir, o menininho encontrou a coragem de ficar para trás, os olhos do mesmo chocolate derretido de sua mãe olhavam Mahiya com espanto.

— Olá, — Mahiya disse, e desde que ele não fugiu, perguntou, — por que você não está na escola?

Seus olhos se tornaram muito mais redondos, e ele chupou seu dedo polegar em sua boca. Quando ela não disse mais nada, ele retirou o dedo polegar com lento cuidado, como se não confiasse em seu silêncio. — Eu não sou tão grande quanto Nishi ainda. — Uma pausa, então ele adicionou, — Nishi vai para a escola, — como se quisesse ter certeza de que ela compreendia.

— Ah, — ela disse. — Você vai ter idade suficiente em breve?

Linhas apareceram em sua testa. — Não muito em breve. Talvez quase em breve.

Reprimindo seu sorriso por sua impecável lógica infantil, ela viu seus olhos irem para suas asas. — Você pode se aproximar, se quiser.

O polegar na boca de novo, ele se aproximou para ficar a poucos centímetros dela, examinando suas penas com a franqueza dos muito jovens. Quando sua mãe apareceu na entrada, xícara na mão, ela o chamou de volta, mas Mahiya balançou sua cabeça. Aceitando o chá, ela disse — Ele é inteligente e corajoso ao mesmo tempo.

— Sim. — A mulher sorriu orgulhosa, seu rosto magro bonito. — Parece com o pai dele.

Só então Mahiya fez a sua pergunta. — Eu vi alguém com um urso de brinquedo rosa e branco, com um colarinho bordado...

— São margaridas brancas. — Disse rapidamente emocionada.

— Sim, exatamente. Eu pensei que poderia ser seu trabalho. — Costurado e bordado a mão, os olhos com um cristal azul adorável, e o ponto um trabalho primoroso.

— Você se lembra se ele tinha uma pequena estrela amarela no pé esquerdo?

Mahiya recordou. — Sim.

— Então é meu com certeza. Mas me desculpe, minha senhora, eu não tenho outro.

— Oh, isso é uma pena. Você mantém muitos?

— Não, apenas um de cada tipo. — A mulher passou as mãos pelo avental. — Eu vendi Margarida uma semana atrás. Oh, deixe-me pegar sua xícara.

— Obrigada. O chá estava delicioso. — Rico, leitoso, aromatizado com cardamomo e adoçado com mel. — Você se lembra para quem você vendeu Margarida? Eu posso ver se eles estão dispostos a vendê-la para mim.

— Um vampiro. Desconhecido, talvez um convidado na fortaleza. — A mulher mordeu seu lábio, balançou sua cabeça. — Ele não deu nenhum nome, mas seu cabelo era escarlate, sua pele como porcelana fina.

— Um homem difícil de passar despercebido. — No entanto, ela não conhecia nenhum vampiro com esse cabelo e pele nas imediações.

Outro mistério.

Jason passou a manhã coletando informações em quartéis fechados para os outros, e agora aterrissou no campo sem cultivo do fazendeiro, indo para a sombra lançada por uma cabana provavelmente usada como um local de descanso durante a temporada de plantio. Ele precisava do sussurrado silêncio para pensar, para juntar as peças.

O fato era que, embora não tivesse dito nada nem para Venom ou Mahiya, ele tinha a sensação amorfa que Mahiya era a chave. Mas enquanto ela tinha relações de algum tipo tanto com Eris e Arav, nada significativo a conectava a Audrey ou Shabnam. No entanto, seus instintos persistiam, como se ele visse ou ouvisse algo que conscientemente não entendia.

Frustrado, ele pegou seu telefone, decidindo procurar a resposta com outra pergunta.

— Jason. — O calor do sorriso de Jessamy percorreu até mesmo pela tela minúscula. — É bom ver você.

— E você. — Foi Jessamy quem o tinha ajudado primeiro a lembrar o que era ser uma pessoa novamente.

De pé do lado de fora do lugar onde ele assistia os bebês anjos ir aprender as coisas, ele esperou pelo último aluno demorando a desaparecer antes dele entrar.

A mulher levantou o olhar, seus olhos gentis com uma generosidade que não era piedade. — Eu tenho algo para você, — ela disse, como se estivesse esperando por ele, como se ela soubesse que ele tinha escutado suas lições das sombras por muitos dias.

Aproximando-se, ela entregou-lhe um conjunto de livros de capa dura com letras grandes nas páginas. — Para que se lembre.

Ele tocou a capa, virou as páginas.

Uma vez teve livros como este, leu do início ao fim muitas vezes, mesmo depois que ele estava sozinho, entretanto eles se desintegraram, e depois de um tempo, ele se esqueceu que sabia ler. Até hoje, quando a mais recente lição de Jessamy tinha se transformado em uma chave em sua mente, destrancando o som da voz de sua mãe enquanto ela o ensinava as palavras.

Tomando os livros, ele saiu sem dizer uma palavra.

Levou meses para quebrar seu silêncio, mas Jessamy, com seus olhos sábios e coração amável, nunca insistia, sempre deixava espaço para respirar. — Agora —ele disse — eu tenho uma pergunta para você.

Uma inclinação de sua cabeça.

— Você sabe que Lijuan evoluiu, e Raphael ganhou uma nova habilidade. Há sinais de que algo pode estar acontecendo a Titus, embora eu ainda não possa dizer o que. — Os guerreiros arcanjos são pessoas ferozmente leais, e os espiões de Jason só puderam averiguar que Titus estava lutando contra uma doença. Como arcanjos não ficam doentes, Titus deve estar sofrendo uma transformação de algum tipo.

A habilidade de Neha para manejar gelo não era do conhecimento público, assim ele não poderia falar sobre isso sem quebrar o voto de sangue, mas ele tinha mais uma evidência de um fenômeno em todo o Cadre. — Você se lembra do comportamento irregular de Astaad. — O arcanjo tinha reduzido uma de suas amadas concubinas em polpa,

quando ele era conhecido por ser indulgente com as suas mulheres, a ponto de comprometê-lo. — O que estou ouvindo é que ele está estável e pode ter ganhado habilidades incipientes sobre criaturas do mar.

A expressão de Jessamy ficou pensativa. — No momento, seu comportamento se explica pela perturbação causada pelo despertar de Caliane.

— O despertar de um Antigo não é nada para ignorar, — Jason disse, pensando sobre a cidade perdida de Amanat se elevando em um lugar longe de sua origem. — Mas o despertar de Caliane poderia ter sido *provocado* por uma força mais dominante? — A evolução sombria de Lijuan antecedeu o despertar de Caliane por meros meses, ambos os eventos mudando o curso da história do mundo.

— Não, — Jessamy ficou em silêncio. — Espere.

Quando ela retornou, estava segurando um velho livro encadernando que segurava com tal cuidado, estava claro que era frágil.

— Esta história menciona um evento chamado a “Cascata” e afirma: “E os arcanjos não eram quem eles deviam ser, e corpos apodreciam nas ruas, e chovia sangue do céu enquanto impérios queimavam.”

Com a expressão solene, Jessamy olhou para cima. — Esta Cascata foi a mais de vinte e cinco mil anos atrás. Eu começarei a procurar nos arquivos por informações adicionais, mas apesar de sua idade exata ser discutida, eu acredito que há um arcanjo desperto que teria experimentado em primeira mão.

Caliane.

Concluindo o telefonema logo após para fazer outro, ele se levantou em uma trajetória de voo em direção a fortaleza, tendo em vista o escritório que Rhys mantinha próximo ao quartel que alojava a maior parte da guarda. O outro homem estava supervisionando um exercício de treinamento de sua sacada, mas ele tinha os relatórios das autopsias.

— Não há nada que já não soubesse, — ele disse para Jason. — Não havia nenhuma astúcia, nenhuma tentativa para esconder qualquer coisa. Audrey parece ter tido seus órgãos removidos, enquanto a cabeça de Shabnam foi arrancada. Arav, também, foi rasgado, tendões cortados, músculos rompidos.

Jason esquadrinhou os relatórios, viu a nota sobre a cabeça de Shabnam, leu que Arav tinha realmente sido rasgado, por mãos nuas. Nem uma única marca que pudesse ser atribuída a uma arma tinha sido encontrada em seu corpo. Isso disse a Jason algo importante. Muitos, muitos poucos anjos tinham força física para arrancar a coluna de outro anjo, muito menos arrancar sua cabeça.

E para fazer aquilo em voo contra um general com as habilidades de Arav? Seria necessária quase a força de um arcanjo ou um com uma nova habilidade desconhecida. Ele precisava que seu pessoal começasse a verificar secretamente a condição do poder de certos anjos, conseguir uma indicação se eles, também, estavam sendo afetados por esta estranha evolução que parecia estar afetando o Cadre.

Lançando-se para trás, ele reverificou o relatório sobre Shabnam. Embora o patologista fosse incapaz de confirmar, dada a natureza de seus ferimentos, era sua opinião ponderada que seu rosto tinha sido rasgado

com garras de algum tipo. Jason testemunhou que as unhas de Neha se prolongam em garras, mas não era uma habilidade limitada somente a ela. Ainda assim, era outro pedaço do quebra-cabeça.

— Sim, — ele disse, mantendo sua cópia do relatório da autópsia. — Não há nada importante aqui. — Rhys poderia ser o homem de Neha, mas ele não era de Jason.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Raphael considerou a discussão que acabou de ter com Jason, e tomou a decisão de ligar para Caliane. Sua mãe inicialmente tinha sido resistente a utilizar qualquer tipo de equipamento de comunicação moderno, mas depois que ele se recusou a se comunicar com ela usando pura energia, ela finalmente concordou com uma pequena suíte que Naasir e Isabel tinham instalado no lugar.

Agora, Raphael esperava enquanto o anjo em serviço foi buscar Caliane.

— Raphael. — Os olhos brilhando com amor, ela estendeu a mão em direção à tela, como sempre fazia, como se fosse tocá-lo. — Meu filho.

— Mãe. — Pensou por tanto tempo que ela estava perdida para sempre que cada vez que falava com ela, era um chute no estômago, uma dor em seu coração. — Gostaria de lhe fazer uma pergunta.

— Primeiro, você deve responder uma minha. — A ordem de um arcanjo que tinha vivido por uma era antes de seu Sono. — Quando posso esperar a próxima visita do meu filho? — Ela acenou com a mão. — E eu não quero dizer através deste dispositivo.

— Eu não posso deixar a Torre até que um dos mais velhos dos Sete retorne.

— O bonito azul. Ele certamente não é fraco.

Não, Illium não era fraco de jeito nenhum, mas seu poder estava aumentando em abalos imprevisíveis; o suficiente para que ele não conseguisse empunhar sua nova força. — Mãe, — ele disse suavemente, pois ele lhe daria sua honra até e a menos que sua terrível loucura retornasse, — eu sou seu filho, mas eu também sou do Cadre. Não tente manejar minha Torre, e eu não tentarei manejar sua cidade.

O olhar de Caliane se iluminou com uma chama azul dramática, o brilho mortal. — Eu deveria decidir visitá-lo, e então?

— Eu e minha consorte iríamos recebê-la.

— Então você pretende continuar o caso? Eu poderia quebrá-la com um estalar de dedos.

— Então eu teria que matá-la, como farei se considerá-la uma ameaça para Elena. — Sua mãe era uma Antiga, acostumada a fazer as coisas do seu jeito e a vê-lo como uma criança. Ela precisava se lembrar de que o rapaz que ela tinha deixado sangrando e quebrado e de coração partido em um campo verde longe da civilização se foi. — Não sou quem eu era antes.

O brilho se desvaneceu, melancolia em cada linha de seu rosto, e ele soube que ela revivia as mesmas memórias. — Faça a sua pergunta, Raphael.

Ele falou com ela da “Casata”, viu compreensão imediata. — Então, — um sussurro que segurava o peso de conhecimento demais, — é verdade. Eu comecei a sentir os sinais, mas esperava estar errada. — O cabelo, a sombra que ela legou-lhe caiu sobre os ombros enquanto ela balançava a cabeça.

— Você vai me contar sobre isso?

— É exatamente o que a Historiadora do Refúgio acredita que seja, uma confluência de tempo e certos eventos críticos que despertam uma onda de energia no Cadre. Alguns ganharão força, enquanto outros renascerão com novas habilidades. Não há nenhuma maneira de prever os resultados, e muitas destas habilidades serão irregulares na melhor das hipóteses, terá efeitos catastróficos na pior das hipóteses.

— O Cadre pode ser capaz de resistir a mudança com sucesso, agora que temos este conhecimento.

A expressão de Caliane de repente estava velha, tão velha que ele podia acreditar que Lijuan estava certa, que sua mãe tinha vivido 250 mil anos. — Sim, mas veja, foi durante a última Cascata que acredito que fui tocada pela loucura pela primeira vez, mas eu não sabia disso na época, pois era um intruso insidioso se escondendo dentro de mim. Não há nenhuma maneira de se proteger contra essa mudança.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Venom, as pernas penduradas por um lado e os óculos de sol espelhados no lugar, estava sentado na sacada fora do quarto de Jason quando Jason retornou ao palácio. Uma xícara fumegante de café, colocada do lado de sua mão esquerda.

— Eu tive que implorar, — o vampiro disse quando viu a direção do olhar de Jason. — Sua princesa considera o café um insulto para o paladar. — Ele levantou seu rosto para o céu, bebendo o sol com sinuoso prazer. — Já te disse que odeio o frio?

— Todo inverno. — Jason passou para Venom os relatórios das autopsias. — O que você vê?

— Força de arcanjo ou parecida... ou talvez uma habilidade de algum tipo, — Venom disse, porque ele foi treinado por Jason para ver tais coisas.

— Dá uma perspectiva totalmente nova sobre os recentes acontecimentos. Lijuan?

— Ela podia ter feito isso e ido antes de nós sabermos que estava aqui. — A Arcanjo da China tinha a habilidade de desmaterializar seu corpo, embora como Raphael mostrou na batalha sobre Amanat, ela não era tão onipotente quanto seu grande esforço para fazer todo mundo acreditar.

— Sim, — Venom disse, — mas ela sempre teve uma relação bastante cordial com Neha. E matar Eris daquela maneira? Eu vi as coisas doentes que Lijuan fez, mas isto foi pessoal.

— Sim. — Captando um indicio de alguma flor desconhecida misturada com especiarias brilhantes e opulentas, ele se virou para ver Mahiya sair de sua suíte. Parte dele ficou imóvel, esperando para ver se ela se arrependeu da paixão que eles compartilharam nas primeiras horas antes do amanhecer.

Seu sorriso iluminou seus olhos. — Eu ouvi a sua voz.

Foi necessária intensa concentração para não estender a mão, separar seus suaves lábios com os dele, saborear um sorriso que era um beijo contra seus sentidos. — O que você descobriu hoje?

Venom ficou em pé antes que Mahiya pudesse responder. — Vamos conversar do lado de dentro.

Parecia natural seguir Mahiya no fresco conforto de seus aposentos, a mesa baixa no chão com comida. — Eu pensei que você poderia estar com fome, já que passou da hora do almoço, — ela disse, mas a atenção de Jason se cravou no ursinho de pelúcia rosa sentado ao lado da luminária.

— Ah. — Venom fechou as portas e disse, — eu tenho uma história sobre isto.

Jason ficou em silêncio enquanto Venom relatava a estranha história. — Um vampiro de cabelo escarlate? — Ele perguntou a Mahiya uma vez que ela adicionou sua descoberta. Quanto a correr o risco que ela correu com a caixa, eles discutiriam aquilo em particular.

— Sim. — Um brilho ardente nos olhos. — Infelizmente, eu não podia perguntar a ninguém mais na área se eles viram o homem, teria causado muita agitação.

Jason olhou para Venom.

Sorvendo seu café, o vampiro deu-lhe um sorriso preguiçoso. — Eu fui até a cidade, fiz algumas perguntas. — Inclinando-se contra a parede, ele disse — nosso comprador não soa como se misturasse com a população em geral, no entanto, ninguém tem qualquer conhecimento dele. Então novamente, meus contatos relativamente falando, são mais jovens. Pode ser um antigo que acabou de sair do isolamento.

Anjos dormiam quando a imortalidade se tornava um fardo pesado demais. Enquanto os vampiros não tinham essa capacidade de colocar seus corpos em um estado semelhante à animação suspensa, poderiam e às vezes se retiravam em isolamento, acompanhados apenas por seu “gado”. Era como os antigos chamavam os humanos que eram viciados no beijo do vampiro e permaneciam com eles como uma pronta fonte de alimento.

Para os vampiros mais velhos, era um termo de afeto, os doadores eram tratados com o mesmo respeito que poderia se mostrar a um animal de estimação. Aquele gado, muito freqüente, era recrutado para substituição quando as décadas passavam, Jason tinha conhecido um vampiro que permaneceu em reclusão por trezentos anos.

— Ele pode ser de fora da região, — Mahiya disse.

— Ele te enviou o que pode ser um presente de cortejo. Isso diz o contrário.

De acordo com tudo o que ela disse a ele, sua viagem a fortaleza de Lijuan foi sua única incursão além das fronteiras do território de Neha desde o seu regresso do Refúgio. — Você viu alguém que possa se encaixar na descrição enquanto estava na China?

Um calafrio minúsculo ondulou através de seus ombros. — Não. Asas vermelhas, sim, cabelo vermelho, não. Ninguém com esse tom de pele, também.

— Refúgio? — Venom perguntou. — Pode ser que ele a viu quando você era mais jovem.

Mahiya balançou a cabeça.

— Alguma visita a corte de Neha prestou atenção imprópria a você ultimamente? — A cor de cabelo pode ser alterada.

A habitual bajulação sem sentido da corte. Nada que levaria a um esquema tão complicado para passar um presente.

E o presente propriamente, Jason pensou, era incomum para um imortal, a maior parte cortejaria uma mulher com jóias ou tesouros incomuns. Quanto a esta mulher em particular, ele achava que a ideia de outro homem cortejando-a incitava nele uma violência sombria que tinha passado a vida aprendendo a conter.

— *Não minta para mim, Nene!*

— *Eu não estou! Por que você não me escuta? Ele é um amigo...*

— *É por isso que desapareceu com ele por uma hora?*

— *Eu estava mostrando para ele o atol enquanto você falava com seu pai!* — *Um soluço de frustração.* — *Eu odeio este seu ciúme feio, Yavi. Está nos matando.*

As palavras proféticas de sua mãe soaram por sua mente, Jason virou para Venom. — Veja se você pode cavar mais fundo sem alcançar os ouvidos errados.

Venom se inclinou para colocar sua xícara vazia na mesa antes de ficar em pé com uma graça flexível que era uma beleza para alguns, uma indicação de perigo para outros. — Eu acho que vou pular da sacada, assustar os guardas escondidos lá fora. — Com isto, ele se foi.

Jason se aproximou de Mahiya. — Não devia ter assumido aquele risco.

— Foi considerado. — Seu tom era resoluto. — Eu faria isto novamente em um piscar de olhos. Eu não vou trocar minha vida pela sua ou a de Venom.

Segurando o queixo dela, Jason olhou com um brilhante olhar inflexível como um gato selvagem. — Eu não desejo raspar os restos do seu corpo quebrado, violado. — Era uma confissão de uma parte sua que não via a luz em uma era. — Então você deve permitir que eu mantenha você segura.

Mahiya estava pronta para lutar contra a arrogância, viu-se confusa pelo pedido calmo tão potente com as emoções não ditas. — Eu não vou correr riscos desnecessários, — ela disse, fechando os dedos sobre os ossos de seu pulso, sua pele quente debaixo do seu toque. — Eu prometo.

— Você é a mais fraca de nós, Mahiya.

— Mas, — ela sussurrou, pedindo-lhe para entender, — eu não sou fraca. Eu não posso ser e sobreviver.

Seu amante de asas pretas não disse nada por um longo momento, imóvel, antes de soltá-la. Ela se forçou a deixá-lo ir, sentindo-se desolada.

— Venha, — ela disse. — Coma comigo antes da comida esfriar.

Jason pegou seu pulso quando ela já havia se movido para a mesa. — Você não trata a comida como os outros imortais. — Seu polegar se moveu sobre suas juntas. — Diga-me por que.

As serpentes silvaram ao redor dela, afundando suas presas em sua pele, envenenando sua circulação sanguínea.

Os dedos de Mahiya se curvaram em um punho, mas ela se manteve firme. — Não, Jason. Não permitirei que roube todos os meus segredos enquanto você esconde os seus. — Ele sabia muito sobre ela, enquanto ela não sabia nem onde ele fez sua casa.

Seus dedos se flexionaram, e ele a aproximou, até que eles ficaram cara a cara. — Você conhece a história de Yaviel e Aurelani?

Era uma pergunta muito surpreendente. — Claro. — O deles foi um dos maiores romances angelicais. — Eles nasceram de famílias de diferentes lados do mundo. Yaviel era um cantor que virou artesão, Aurelani uma estudiosa ganhando renome. — Ambas as famílias estavam profundamente orgulhosas de seus filhos, mas quando os dois se apaixonaram, séculos do antigo ódio sobrecarregou a ternura de sua devoção, e eles foram dilacerados.

— Dizem que Yaviel sobreviveu a tortura por invadir a casa de Aurelani para levá-la para fugirem e que eles desapareceram para construir uma vida juntos, longe do poder maligno de suas famílias. — O romance deles a fez suspirar quando era menina. Até agora, como adulta,

sua alma doía pela ideia de ser amada com tal devoção. — Os instrumentos musicais de Yaviel continuaram a aparecer no Refúgio, por isso, havia alguns que sabiam onde os amantes viviam, mas era um segredo nunca traído.

A voz de Jason estava áspera à medida que ele disse, — Ele a chamava Nene, e ela o chamava Yavi.

Um arrepio sobre sua pele, uma visão de escuridão sufocante.

— Nene não podia suportar o frio, e Yavi a amava de forma que ele encontrou um atol desabitado nas águas quentes do Pacífico, longe, longe de quaisquer estradas do céu para a civilização. — Seus dedos apertavam o pulso dela, mas ela não se moveu, não ousou respirar. — Os amigos de confiança vieram e levaram as criações de Yavi para o Refúgio, onde eles vendiam por quantias que significava que ele podia comprar para sua Nene o que ela quisesse. Ela adorava ametistas, e ele a cobriu com elas... mas o que Nene mais amava era seu Yavi.

Uma lágrima escorreu pelo seu rosto, embora ele não tivesse dito nada terrível, mas a tristeza nele, era um peso pesado que ela pensava que poderia esmagar um homem mais fraco. — Ela deve ter amado você, também, — ela sussurrou, vendo em seu rosto a história de dois clãs diferentes que eventualmente terminaram um com o outro em um acesso de violência.

— Sim. — Os olhos assombrados encontraram os dela. — Eu fui muito amado pelos meus pais.

Mahiya queria perguntar a ele por que somente usava o tempo passado, por que carregava uma tristeza tão sombria dentro dele, o que

aconteceu com Nene se Yavi estivesse morto, mas ela não podia machucá-lo quando ele já estava tão terrivelmente ferido profundamente. — Eu nunca ignoro a comida, porque sei o que é passar fome.

A profunda tristeza em Jason mudou, se tornou uma lâmina preta lambida em chamas. Era necessário um longo tempo para um anjo mais velho passar fome, mas um anjo da idade de Mahiya permanecia vulnerável. — Quando?

Mahiya engoliu, seus dedos se fecharam em seu tórax. — Depois que Lijuan me escoltou de volta de seu território. Neha me lançou em uma cela sem janelas no Guardian, e então ela trancou a porta.

O medo que emanava dela era muito violento, algo para a lenta dor da fome. E Jason sabia. — Você não estava sozinha na cela, não é?

Lágrimas jorravam em seus olhos, os dentes cravados em seu lábio inferior, ela balançou a cabeça. Liberando seu pulso, ele prendeu seus braços ao redor dela. Mas ela não chorou, a princesa que ele segurava. Com a respiração irregular, ela disse, — Havia tantas delas. Cobras e najas, cascavéis e taipan.

Serpentes Venenosas.

Seu veneno não podia matar um anjo adulto de sua idade, mas podia causar uma dor intensa, convulsões, cegueira e paralisia temporária. — Diga-me uma coisa. — Ele segurou a parte de trás de sua cabeça, apertou sua bochecha contra sua têmpora.

— Sim?

— Se pudesse matar Neha, você iria? — Um mestre espião sabia muita coisa, como quando um arcanjo pode ser mais vulnerável a ataques de seus inimigos.

Mahiya balançou sua cabeça. — Não. — Movendo-se para ficar olho a olho, ela sussurrou, — ao fazer desse meu objetivo, eu me tornaria igual a ela, uma mulher dirigida pelo ódio até existir este laço de amargura dentro dela que infecta tudo o que ela toca.

Anoushka, Jason pensou, não se tornou quem ela era em isolamento.

— Eu vou encontrar minha vingança em viver uma vida transbordante de felicidade, — Mahiya prometeu. — Em me afogar no amor, não no ódio.

Naquele momento com seus olhos incandescentes contra o marrom dourado de sua pele, ela era a mulher mais bonita que ele já vira, e ele sabia que ela era muito boa para ele, que o negro vazio dentro dele a arruinaria. E ainda assim, ele disse, — O céu está claro hoje à noite. Você vai voar comigo?

O sorriso dela brilhou, o horror apagado por uma alegria sem medo.

As horas passaram com uma pesada lentidão. Jason refez todos os seus passos na busca pelo assassino, mas foi sua entrevista com os guardas que haviam estado na porta de Eris quando ele foi morto, que revelou ser o mais intrigante. Enquanto Jason acreditou que Neha era a

assassina, o fato de que a arcanjo disse que ela tinha despojado suas mentes e não encontrado nada não tinha sido uma surpresa.

Ele não entendeu que ela quis dizer isto literalmente.

— Eu não posso lembrar, — disse o primeiro guarda, uma expressão aflita em seus olhos. — No momento, eu não tive nenhuma consciência disto, mas mais tarde, quando fui interrogado, percebi que não tinha memória de várias horas da noite.

O segundo guarda contou a mesma história.

Jason sabia que Venom tinha a capacidade de hipnotizar pessoas, o vampiro ganhou isto durante sua conversão por Neha.

— Você sabe de qualquer outra pessoa que possui isto? — Ele perguntou a Mahiya naquela noite.

— É uma característica de família, — ela respondeu. — Minha mãe dizia compartilhá-lo com Neha, embora suas habilidades fossem diferentes. Eu não herdei isto, mas Anoushka sim. A linhagem de Neha é antiga, eu não conheço nenhum descendente direto, com Anoushka morta, mas há alguns mais velhos que vieram antes dela, que não dormem.

Jason fez alguns telefonemas, rastreou aqueles antepassados. — A relação é distante, e todos eles são muito fracos para ter matado mesmo Shabnam. — A dama de honra não tinha nenhum poder, mas como todos os cortesãos, ela tinha certo nível de força.

Mahiya franziu a testa. — Eu não consigo pensar em ninguém que seja conhecido por ter essa capacidade, mas alguns anjos são reservados sobre sua força.

Sim, Jason pensou, especialmente se o impacto da Cascata estava ondulando além do Cadre. — Descobriu alguma coisa? — Ela passou as últimas horas da tarde e as primeiras horas da noite navegando pelo labirinto de funções da corte.

— Uma sensação de mal estar, — ela disse. — Todo mundo está assustado que ela ou ele sejam os próximos alvos, e vários estão fazendo planos para deixar a fortaleza, mas isto é tudo. Neha não perdoará a deserção, e eles são muito obcecados para perder seu lugar na corte. — Ela soltou um suspiro, esfregando a testa com a ponta dos dedos. — Minha cabeça dói pela idiotice, e eu não tenho nenhum pedaço de informação para demonstrar meus esforços!

— Chega, — Jason disse. — Nós dois precisamos estender nossas asas. Venha.

Ele permitiu que Mahiya definisse o ritmo, definisse sua direção, sombreando suas asas vibrantes enquanto ela varria através dos céus com a facilidade e graça de alguém que conhecia os caprichos dos ventos nas montanhas, entendia como a terra interagia com o céu. Ela não era a voadora mais técnica, mas havia uma felicidade prolongada para cada movimento dela que era impossível perder e que era impressionante de se ver.

— Livre, — ela disse para ele quando pararam em uma colina alta com vista para as luzes brilhantes da cidade. — No céu, eu sempre fui livre.

Observando o prazer nu em seu rosto, Jason teve que lutar contra a vontade de envolvê-la em suas asas, escondê-la da visão de quem iria

transformar essa alegria em desespero, usando seu amor pelo céu para torturá-la. Tenha cuidado.

Diminuindo a pequena distância entre eles, Mahiya colocou uma mão em seu tórax em um gentil convite feminino, que ele sabia que apenas tinha que dar um passo para trás para rejeitar. Apesar de suas emoções vívidas, ela não era uma mulher que procuraria um homem que deixou claro que não a queria... ou um que sabia que ao tomá-la, poderia destruir o brilho do espírito que o prendeu em delicadas correntes, sua esperança agonizantemente dolorosa.

CAPÍTULO VINTE E OITO

— **Eu** tenho sido, — ela disse, — sempre cuidadosa, mas você... agora sei por que você é o grande mestre dos espiões.

Ele não entendeu o que ela quis dizer, o calor de seu toque se infiltrava pela fina camisa preta que vestia para ficar impregnado em sua pele. Absorvendo a sensação, passou seus dedos pelo pescoço dela, houve uma ardente satisfação em seu sangue quando ela estremeceu. Havia um profundo prazer nisso, em saber o que a fazia suspirar, aprendendo as intimidades de seu corpo. No entanto, este era um prazer que ele se negou durante centenas de anos.

— *Jason? — Olhos feridos, azuis e úmidos. — Está indo embora?*

— *Eu te disse que não podia ficar. — Não podia dar a ela seu coração.*

Apertando o punho sobre a folha que segurava contra seu peito, com lágrimas rolando por suas bochechas. — Eu pensei... quando você continuou retornando...

Ele era tão jovem então, muito bom em seu trabalho, mas muito longe de seus companheiros quando se tratava de emoções, ou relações. Ele pensou que há muito tempo atrás havia aprendido a falar a verdade, sem se importar com os sonhos secretos em seu coração. Um coração que ele partiu sem querer, sem saber sequer que tinha o poder de fazer isso. Curou muito rápido porque ela era jovem, também, e ele pensava que ela

nem sequer se lembrava do anjo com asas pretas ao qual suplicou para que ficasse com ela.

Mas ele nunca esqueceu a lição, e se perguntou se Mahiya realmente ouviu o que ele disse na noite anterior ou se ela, também albergava esperanças de reconstruir os pedaços quebrados dele. Na verdade, não importava se ela fazia, porque logo descobriria que estava tão quebrado que nada poderia curá-lo, o dano foi feito em uma idade tão jovem que se tornou uma parte de sua própria psique.

Em vez de retroceder, ele fez algo egoísta. Abaixando sua cabeça, ele reivindicou a intoxicação luxuriante de seu beijo, suas mãos enrolando-se em seu cabelo para sentir a seda preta sobre a sua pele. Ela abriu a boca para ele com uma doce generosidade sensual que não foi de propósito, mas o fez querer acariciar cada ponto secreto de prazer nela até que seu desejo brilhasse sobre sua pele e a conhecesse como nenhum outro homem jamais iria.

— *Jason? Você está partindo?*

Afastando a cabeça para trás com a mão ainda em seu cabelo, ele se forçou a liberar seus lábios inchados por seus beijos. — Abra os olhos. — Era uma ordem firme.

Os espessos cílios se levantaram para revelar olhos nublados pela paixão. — Eu o vejo, Jason.

— E o que vê? — Ele acariciou sua costela com a mão livre, esfregou o polegar suavemente de um lado para outro sobre seu mamilo sobre sua roupa.

Ficou sem fôlego, mas não rompeu o contato visual. — Um homem que é uma tempestade, que não pertence a ninguém e que nunca poderá ser domesticado. Esperar outra coisa seria pedir por uma agonizante decepção.

Ela tinha os olhos muito abertos, ele pensou. — Alguns poderiam dizer que você está tentando me seduzir a fim de me acorrentar.

Um riso cálido e assustado se incrementou. — Só um tolo tentaria conter ou dirigir uma tempestade. Eu sou extremamente esperta.

Ele beijou seus lábios, tentando beber de seu riso, roubar um pouco de seu cálido e resplandecente espírito para guardar dentro dele. Suas unhas se cravaram em seu tórax através de sua camisa, empurrado seu peito em sua mão, e seu aroma o envolveu com uma selvageria exótica.

A profunda sensação de conexão foi um choque intenso que fez com que suas terminações nervosas ardessem. Nunca havia se sentido mais verdadeiro, mais uma parte do mundo.

Rompendo o beijo somente o tempo suficiente para que ela ofegasse por ar, regressou a sua boca, lambendo e saboreando, se aprofundando no prazer carnal. Seu mamilo era um ponto duro debaixo do tecido de sua túnica, e quando o apertou entre seu indicador e polegar, ela estremeceu, afastando-se de seu toque.

Dobrando as asas que haviam se estendido totalmente, observou sua tentativa de controlar sua respiração. — Não aqui, — ela disse finalmente, seu tórax subindo e baixando em um ritmo irregular. — Você virá para minha cama?

Foi um convite tão cortês, e seus lábios ainda estavam molhados pelo seu beijo, suas bochechas coradas com uma necessidade sexual.

— Sim.

Ele disse sim, mas Jason partiu depois de escoltar Mahiya de volta para o palácio, já que recebeu uma mensagem em seu telefone que tinha que dar atenção. A frustração sensual correu por suas veias, ela decidiu que cuidaria da tarefa ela mesma e se dirigiu as habitações de Vanhi utilizando os corredores internos. Se ela era um alvo, seria difícil para alguém abordá-la.

Vanhi estava lendo quando ela chegou. Mahiya se inclinou até beijar sua bochecha sorridente antes de se sentar em uma das confortáveis poltronas na sala da vampira. — Espero não estar perturbando você.

— Você sabe que sempre é bem-vinda. — Vanhi deslizou um marcador de páginas de metal entre as páginas e colocou o livro na mesa de café. — Isso me preocupa, Mahiya, esse olhar que vejo em seus olhos.

— Vanhi...

A vampira levantou sua mão. — Eu a conheço muito bem, minha querida. Eu a ninei quando chorou, quando era bebê e quando Arav partiu seu jovem coração. — Suspirando, ela estendeu a mão para colocar as de Mahiya entre as suas, deu-lhe um aperto. — Você tem esperado sua vida inteira para amar alguém, minha doce menina. Eu não quero que você desperdice esse bonito coração com um homem que não valorizara tal presente.

— Eu o entendo, Vanhi. — Nunca poderia esquecer a terrível dor que ela sentiu com sua história de Nene e seu Yavi, até mesmo imaginar doía. — Eu não estou esperando nada, mas somente o que ele pode me dar.

— Diz isto, mas você é profundamente vulnerável pela sua generosidade, por qualquer indicio de atenção.

Um golpe emocional. — Você me faz soar como um animal ferido.

Ficando de pé, Vanhi se aproximou da sala de jantar para pegar duas taças de vinho. — Eu não invejo sua felicidade. — Foi cuidadosa em cada sílaba enquanto voltava a se sentar, depois de entregar a taça a Mahiya. — Eu somente não quero que você se machuque novamente.

Mahiya deu à outra mulher um sorriso torto. — Se a dor é honesta, eu sobreviverei. — Talvez ela passou sua vida esperando alguém para amar, e Jason... ele precisava ser amado, como uma flor silvestre precisava da luz do sol.

Vanhi balançou a cabeça. — Tenho algo de culpa nisso, me dói não ter podido estar ali para você, não podia te dar o amor que toda criança devia conhecer.

— Você fez tudo que podia. — O que Mahiya conhecia de bondade e afeto provinha de Jessamy e Vanhi. — Ela é um arcanjo. E sua lealdade é primeiro com ela. — Era uma verdade que Mahiya aceitou há muito tempo.

Uma tristeza sombria na expressão de Vanhi. — Diga-me por que você veio a mim tão tarde, querida Mahiya.

Deixando de lado a taça de vinho, Mahiya contou do ursinho, e do vampiro de cabelo escarlate e pele de porcelana. Vanhi esfregou os sulcos

que se formaram entre suas sobrancelhas. — Oh, eu o conheço. — Um som frustrado. — O nome dele está na ponta da minha língua, mas não consigo lembrar.

— Descansa um pouco. — Mahiya não queria pressioná-la, mas Vanhi tinha milhares de anos de idade, levava um milhão de fragmentos de memória. — Se não lembrar até amanhã, envie-me uma mensagem.

As linhas ainda seguiam em sua testa, Vanhi assentiu lentamente. — Ele não era importante, eu acho. Mas sempre ali, nas extremidades. É por isso que ele é tão difícil de lembrar. — Um sorriso triste. — Realmente, estou ficando velha. Tantos pedaços de recordações de minha vida, às vezes eu acho que eles se escondem em cantos secretos de minha mente.

— Gostaria que minha memória fosse tão boa quanto a sua.

O sorriso de Vanhi se desvaneceu. — Gostaria que você pudesse ter conhecido sua mãe, criança.

As costas de Mahiya ficaram rígidas. — Ela dormiu com um homem casado. Um homem que pertencia a sua irmã.

— Sim. — Vanhi assentiu solene. — Elas estavam sempre competindo, Neha e Nivriti. — Bebendo um profundo gole de seu vinho, a vampiro manteve o olhar de Mahiya com seus olhos intensamente verdes. — Eris cortejou primeiro a Nivriti.

As palavras foram como um punho que esmurrou contra suas costelas.

— Neha foi a pessoa que cometeu a traição inicial?

— Nunca foi tão simples. — Os olhos de Vanhi se fecharam, abriu-os novamente para exibir uma vontade de aço. — Eu nunca te falei antes

sobre isso, porque de que teria servido? O passado é passado, já foi. — Terminando seu vinho, ela tocou o cabo de vidro entre seus dedos. — Agora eu vejo que estava errada. Você devia saber de onde veio, se quer ser a dona de seu próprio destino. E se eu não compartilhar estes segredos com você, quem o fará?

A pele de Mahiya parecia como se fosse explodir com todas as perguntas que tinha dentro dela, mas ela manteve silêncio, tentando escutar com cada célula de seu corpo.

— Todo o mundo, — Vanhi murmurou, — sempre chamou a Nivriti a irmã mais nova, e ela era... por cinco batidas do coração.

Seu silêncio se rompeu. — Gêmeas? Como pode ser? Ninguém nunca mencionou isto.

— Neha sempre foi a mais forte, até que Nivriti foi lançada dentro das sombras. Ela também sempre foi a mais inocente das duas, e com o passar dos séculos, as pessoas se esqueceram da verdade e somente pensavam nela como a mais nova. — A voz de Vanhi era séria, cheia de histórias, enquanto continuava. — Quando eram crianças, elas nunca lutavam ou competiam, Neha costumava ter muito cuidado com Nivriti, e tinham um vínculo que nada podia romper.

Mahiya mal podia absorver o que Vanhi estava contando a ela. — O que mudou?

— A idade, o tempo, a vida. — Sacudiu a cabeça. — Talvez fosse ciúme por parte de Nivriti, arrogância de Neha, ou talvez fosse a simples rivalidade entre irmãs, mas elas começaram a jogar. Começou como uma

batalha de genialidade e declinou em algo tão feio que meu coração doeu por ser testemunha.

Os olhos de Vanhi brilhavam úmidos. — Primeiro, se Nivriti pedia a costureira para fazer um vestido especial, Neha roubava o desenho, conseguia um idêntico feito em menos tempo e o usava antes do grande evento de Nivriti. Então Nivriti tomava represálias escondendo as jóias de Neha, assim se veria obrigada a aparecer sem nada brilhante, enquanto ela resplandecia. — Depois de um momento, uma respiração profunda, — Elas começaram a jogar com pessoas como suas peças de xadrez.

A curiosidade de Mahiya formou um nó em seu estômago.

— Se uma delas fazia um amigo, a outra encantaria aquele amigo para que também fosse dela ou tinha uma relação com ele até que terminava enrolado e morria. Foi um jogo tonto, um desperdício de seus talentos e dons.

Mahiya passou um punho por sua barriga, porque sabia que estava a ponto de ficar muito pior. — Eu ouvi que minha mãe tinha uma forte habilidade com as coisas que voavam?

— Sim. — A sombra de um sorriso, os exuberantes lábios vermelhos se curvaram pela recordação. — Ela me assegurou que os pássaros falavam com ela e que podia ver através de seus olhos. Os falcões se empoleiravam em seus ombros sem agressão ou raiva... entretanto, quando sua amargura aumentou, ela deixou de desfrutar em admirá-los por sua beleza selvagem, mas começou a usá-los como armas.

Uma lágrima que Vanhi derramou rolou até seus lábios. — Uma vez a vi enviar um falcão para arrancar os olhos de um vampiro. Ele foi seu

amante, acabava de tomar uma posição na recém-formada corte de Neha. Quando o alcancei, seu rosto era uma máscara vermelha, seus gritos de agonia me perfuraram até os ossos.

Mahiya nunca acreditou que sua mãe foi a donzela injustiçada de um conto de fadas... mas ela tinha a esperança de que Nivriti fosse melhor do que Neha, que o nascimento de Mahiya não tivesse sido um ato de ódio supremo. Porém, apesar disso despedaçar seus sonhos, ansiava a verdade, ouviria tudo. — Então Eris não foi seu primeiro campo de batalha.

— Mas ele foi o primeiro que as duas amaram. — A taça de Vanhi quebrou sob a força de seu aperto, enviando uma gota de sangue abaixo de sua palma. Levantando a palma para acalmar o grito de Mahiya, Vanhi colocou os pedaços quebrados sobre a mesinha de café e limpou a ferida com um lenço. — Lamento dizer que Eris não merecia nenhuma de minhas meninas, ou das filhas que ajudei a criar.

— Vanhi, deixe-me conseguir uma bandagem.

— Silêncio, criança. Curará logo. — A repreendeu com um sorriso. — Mas você pode me servir outra taça de vinho.

Mahiya fez isso, contente por ver que a vampira realmente parou de sangrar.

— Eu cheguei a acreditar que Eris cortejou Nivriti primeiro porque ela era a mais acessível, — Vanhi disse, tomando um gole de seu vinho branco. — Neha já era um arcanjo, mas sua mãe tinha seu próprio poder, digo que nestes dias já teria entrado no Cadre se estivesse com vida. Seu fogo se desenvolvia lentamente em comparação com o de Neha.

— Uma vez que Eris ganhou sua confiança, — Mahiya adivinhou, sem ter nenhuma ilusão sobre o homem que a gerou, — ele usou aquela conexão para alcançar Neha.

— Eu não sei se ela sabia que ele pertencia a Nivriti no início. — As palavras de Vanhi eram suaves, comoventes pelo carinho pelas meninas que ela ajudou a criar. — Creio que Neha se apaixonou tão profundamente por Eris *porque* não sabia da verdade, se estivesse jogando, ela se certificaria de blindar seu coração para assim poder descartá-lo uma vez que ele deixasse Nivriti. Enquanto para Eris... o amor era moeda de troca.

Mahiya não tinha nada para dizer diante daquilo, ela conhecia seu pai muito bem.

— Naquele momento, — Vanhi disse, — Nivriti não fez qualquer tipo de confusão. Minha pobre criança tinha o coração destroçado, até deixou parte do território que governava como uma poderosa rainha, e foi embora por muitos anos para as terras que Favashi agora chama de sua. Eu nunca a vi tão derrotada. Neha, também, lamentava por sua irmã, eu suponho que ela pensou que ganhou o prêmio e isso a fazia uma pessoa melhor. Os jogos pararam.

Raiva, limpa e brilhante, borbulhou debaixo da pele de Mahiya. — Minha mãe obviamente decidiu mudar o status depois do casamento de Neha. — Tendo em conta os acontecimentos que levaram a sua filha crescer sem mãe e presa.

Mas Vanhi balançou a cabeça. — Não, não era nenhum jogo. Nivriti nunca sentiu por outro homem o que sentiu por Eris. — A vampiro baixou sua taça como se com medo de que ela quebrasse, também. — É uma das

maiores injustiças do mundo que *ele*, de todos os homens, tivesse em suas mãos os corações de duas mulheres fortes.

A ira de Mahiya se rompeu diante de uma dolorosa compreensão da mãe que nunca conheceu, porque detrás da feiura da infidelidade havia um amor duradouro. Eris não foi digno dela, mas Mahiya foi concebida com amor, pelo menos de um lado, e isso mudava muito a natureza de sua história.

— Choras. — Vanhi tocou com seus dedos as lágrimas de Mahiya, enxugando-as. — Ah, minha doce menina. Não era minha intenção deixá-la triste.

— Eu sempre me perguntei se ela se importava sequer um pouco que eu fui tirada dela, — Mahiya disse, sua visão nublada pelas lágrimas que seguiam caindo. — Agora eu acho que talvez ela tenha, que talvez eu signifiquei algo para ela.

Angústia floresceu no rosto de Vanhi.

— Você não significou algo. Significou *tudo*. — Envolvendo o rosto de Mahiya — ela disse, — eu mantive outro segredo de você, um que sua mãe me prometeu manter, porque eu estive lá em seu nascimento.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Mahiya piscou para afastar suas lágrimas, seu mundo era um caleidoscópio. — Eu não fui arrancada do útero da minha mãe?

— Não, não. — A angústia de Vanhi aumentou. — Eu me assegurei que o parto de Nivriti fosse tão fácil quanto podia ser para uma mulher que estava em uma cela. — Seus dedos trêmulos, afastaram o cabelo de Mahiya para trás. — Foi depois do seu nascimento, quando você foi tirada do lado dela, e nesse momento estive sozinha na cela com sua mãe durante uns segundos. Ela me sussurrou que deixaria um presente para sua filha, e me fez prometer dar esse presente no tempo certo.

— O que é? — Ela perguntou, tremendo diante da ideia de um vínculo com sua mãe.

O riso de Vanhi encheu o lugar.

— Mahiya, um nome tão bonito, você não acha? Um que sugeri para Neha.

Mahiya sempre achou que seu nome era uma piada cruel por parte de Neha, que significava felicidade, alegria... e às vezes, amada. — Minha mãe me deu meu nome? — Era um presente que ninguém nunca poderia tirar dela.

— Sim, mas a segunda parte, eu tive que manter em segredo, do contrário Neha não teria permitido. — A angústia de uma mulher que amou ao arcanjo, mas conhecia seus defeitos.

Mahiya se inclinou para frente, sentindo centenas de borboletas em seu sangue. — Qual é a segunda parte?

— Geet, — Vanhi sussurrou. — Seu nome é Mahiya Geet.

Alegre canção... a canção amada.

Seu coração começou a se reparar de dentro para fora. Longe de ser uma zombaria, seu nome era um tesouro, um último presente de uma mãe que não teve, ela soube sem perguntar, permissão para segurar sua filha recém-nascida. — Obrigada, — ela sussurrou para Vanhi por uma garganta fechada com emoção.

— Eu pensei em contar a você mais cedo... mas você não estava pronta, — Vanhi disse, dando-lhe um abraço. — Agora você está. Eu acredito que o mundo tremerá ao ouvir sua canção, doce menina.

Canção amada.

Mahiya segurou com força a grade da sacada e virou para olhar para o homem que era a única pessoa diferente de Vanhi que conhecia seu verdadeiro nome. Ela tinha que dizer para alguém, e Jason... ele guardaria seus segredos.

Perto da meia-noite, o céu estava vazio além dos sentinelas. Aqui, dentro dos muros da fortaleza, estava tranquilo, exceto pelos insetos noturnos, o vento ainda era como uma lagoa cristalina, o ar fresco, mas não frio. O homem ao lado dela era uma parte da noite, suas asas próximas de ser indistinguíveis nas sombras.

— Combina com você, — ele disse, uma daquelas asas acariciava a dela quando ele as estendeu atrás dela.

Reprimindo um tremor em resposta, ela riu, o som suave e íntimo na escuridão. — Eu não sou a mais talentosa das cantoras, mas eu não me importo.

Sentiu um puxão em seu cabelo, os dedos de Jason desatavam minuciosamente o penteado arrumado em sua nuca com extraordinária paciência, cada grampo dourado era colocado em ordem sobre a grade, até que eles brilharam na escuridão e seu cabelo caiu pelas suas costas e sobre suas asas. Mahiya tremeu. Ela nasceu em um tempo quando uma mulher não podia soltar seu cabelo na frente de ninguém exceto de seu amante, e em alguma parte dela ainda era aquela menina.

Era uma intimidade que compartilhavam embaixo do céu estrelado.

Quando ele deslizou sua mão debaixo de seu cabelo para fechá-la sobre sua nuca, ela esperou que ele a puxasse para beijá-la, mas ele apenas esfregou o polegar sobre sua pele antes de passar seus dedos pelo meio de suas costas e retornar a apoiar seus antebraços na sacada, sua asa repousava fortemente contra a dela. — Eu posso cantar.

Era a última coisa que ela esperava ouvir sobre ele, este homem que ameaçava desmoronar suas defesas até que se repetisse a história de sua mãe sobre um amor não correspondido. Mas agora que ele falou, sua mente sussurrou com fragmentos de lembranças de conversações escutadas.

— *Dizem que é uma voz mais bonita do que a de Caliane.*

— *...parte meu coração.*

— *Pureza, isto é a voz de Jason.*

Os locutores todos tinham mais de quatrocentos anos de idade. — Eu ouviria você, — ela sussurrou.

— Eu não cantei por muitos anos.

— Algo aconteceu para deter sua canção? — Ela perguntou, incapaz de se afastar quando essa era a primeira vez que ele espontaneamente oferecia a ela um vislumbre do mistério dele.

Sua resposta tardou em vir, mas ela não tomou seu silêncio como raiva, sabendo que Jason era um homem que não sentia a necessidade de saturar o ar com palavras. Ao invés, tentada pela forma em que estavam suas cabeças, ele se inclinou para baixo, ela alcançou o laço para desfazer o rabo que segurava seu cabelo habitualmente. Esse caiu como água preta ao redor de seu rosto, e ele não a deteve quando ela começou a ajeitá-lo sobre os ombros dele. — Você tem um cabelo tão bonito.

— Eu prefiro o seu.

Sua mão segurou o cabelo dela, colocando seus lábios em sua garganta.

Apertando suas pernas, passou os dedos sobre seu couro cabeludo.

— Então somos um bom casal.

Ele se arqueou um pouco a seu toque. — As únicas canções em meu coração eram as que faziam o Refúgio se afogar em lágrimas. Então eu parei.

Sem esperar uma resposta tão direta, ela ficou momentaneamente quieta, seus dedos ficaram imóveis. Ela tinha a sensação de pânico

quando uma chance se deslizava através dos dedos, uma oportunidade perdida para sempre.

— Doe a deixá-la? — Ela perguntou, agarrando-se a aquela chance com sombria determinação.

— Sim, — ele disse finalmente. — Era similar a cortar um membro, mas a canção não era boa para mim.

Franzindo o cenho, ela separou seus lábios para perguntar por que, então parou. Jason era um homem das sombras, para dar voz a escuridão interior... sim, não seria bom para ele submergir nela.

— Se você encontrar algo digno de cantar novamente, — ela disse, uma esperança silenciosa, feroz em seu coração para escutar sua canção, — eu espero que me convide para escutar.

Jason se afastou da grade para ficar completamente de pé, dobrando suas asas em suas costas ao mesmo tempo. Ela perdeu o peso morno contra ela, mas logo ele inclinou sua cabeça e o calor se transformou em um fogo carregado que beijou sua corrente sanguínea e se estendeu por todas as células de seu corpo.

Nunca esquecerei a Jason.

Ele a levou para o quarto, mas quando parou no pé da cama, ela levantou seus dedos para os botões de sua camisa depois de desatar a correia da bainha de sua espada através de seu tórax. A forma em que ele tomou o controle na noite anterior, a preocupava que ele não aceitasse seu desejo de descobrir o que ele quisesse, mas ele brincava com seu

cabelo enquanto ela desabotoava a camisa para exibir a beleza de seu corpo.

Cada puxão suave em seu couro cabeludo enquanto ele torcia um cacho solto, pesado ao redor de seu dedo, soltando-o, fez seu coração pular uma batida. Mas eram os cumes e vales de seu corpo que a deixava suspirando com feminino prazer enquanto ela afastava os lados da camisa para estender seus dedos sobre sua pele. Sua mão fez um punho em seu cabelo, mas ele não parou sua exploração.

Encantada, ela moldou o aço aquecido dele, acariciando o pesado músculo que falava de sua força e velocidade. Era uma peculiaridade da biologia angelical que os músculos incrivelmente poderosos necessários para apoiar o vôo não sobrecarregasse sobre a parte superior. Ao invés, eles descansavam sutil e ferozmente fortes debaixo da pele.

Mas o corpo de Jason, contava uma história diferente, a de um guerreiro que precisava fazer manobras no céu, os músculos de vôo sozinhos não se adaptavam. — Você pode usar sua espada em vôo?

— Eu seria inútil como um lutador caso contrário, — ele murmurou, erguendo seus dedos para as correias em seus ombros que ajudavam a segurar a bainha de sua espada em suas costas.

Tomando a silenciosa instrução, ela desatou a fivela elegante, mas forte, repetiu o ato no outro lado, o couro suave pelo uso. — Alguma vez não leva a sua espada?

— Não. — Removendo a bainha e a espada, ele os colocou ao lado da cama.

Ao alcance da mão.

— É minha principal arma.

— Sim, eu entendo. — Deixando de lado a camisa, ela esfregou seus dedos sobre as marcas vermelho claras criadas pelo couro. Tal coisa não seria nada grave para um anjo da força de Jason, mas ela não gostava de ver seu corpo maltratado nem mesmo de uma maneira tão mínima.

Tendo tirado fora suas sandálias na sala de estar, onde Jason tinha deixado suas botas, ela levantou-se na ponta dos pés descalços para pressionar os lábios em uma das marcas. O braço livre de Jason veio ao redor de sua cintura, mas ele não deteve seus movimentos enquanto ela beijava seu caminho através das outras marcas. — Eu poderia fazer isso por horas, — ela disse, viciada na sensação dele, no gosto dele.

A resposta de Jason foi novamente inesperada. — Se esse é seu desejo.

Isso a fez tremer, a ideia de ter este homem em sua cama, seu para explorar. Ficando em pé novamente, ela não lhe deu tempo para mudar de idéia e caminhou ao redor para desfazer os botões simples que seguravam as fendas das asas. Sua camisa caiu no chão segundos depois, os pesados arcos atordoantes de suas asas pretas.

Ela passou os dedos sobre a perfeição de suas penas, de forma tímida. Mas ele já estava desafivelando seu cinto, os sons metálicos soaram, na intimidade tranqüila do quarto. Com a respiração entrecortada, ela caminhou ao redor para assumir o comando da tarefa, seus dedos roçando os dele. — Eu faço isso. — Era um sussurro, mas a mão de Jason se afastou para... subir, desfazer os botões nos ombros de sua túnica.

Deslizando o cinto fora dos passantes, ela deixou-o cair no chão, colaborou com ele para despir sua túnica. Seus seios, pequenos como eram, não precisavam de suporte, e ela vestia somente uma camiseta por baixo. Jason demorou, mas um momento para remover aquilo do seu corpo, roçando a parte de trás de sua mão sobre um montículo tenso. — Bonito.

Um tremor ondulou sobre sua pele ante o murmúrio baixo, ela abriu o botão de sua calça jeans, passou seus dedos ao longo de seu umbigo. Seus músculos se contraíram. Ele a intoxicava, a sua resposta, ela tinha o desejo de conhecer cada toque, cada carícia que fazia esse homem forte, sensual estremecer de prazer. Engolindo com a fascinante idéia, ela passou seus dedos sobre seu zíper e o cume duro debaixo.

A boca exigente de Jason de repente estava por sua conta, seu aperto em seu cabelo, segurando-a no lugar. Ela não sabia como aconteceu, mas suas calças foram retiradas segundos mais tarde, e ela se viu deitada de costas na cama com Jason entre suas pernas, o pesado jeans de sua calça roçando contra sua pele enquanto ele devorava sua boca.

Ela enganchou uma perna em volta de seu quadril, abriu a boca para a sedução molhada de seu beijo, lambeu sua língua contra a dele no desejo derretido. Gemendo, ele se estabeleceu mais fortemente contra ela, o metal frio de seu zíper pressionando a pele de seu abdômen enquanto suas asas se espalhavam sobre ela em uma carícia da meia-noite.

— Mais tarde. — Uma palavra rouca contra seus lábios. — Você pode tocar em tudo o que desejar mais tarde.

A rouca promessa a fez derreter. — Eu pretendo.

Sua mão em seu seio, apertando muito suavemente. Talvez fosse vergonhoso, mas ela colocou a mão sobre a dele, aumentando a pressão. Sua recompensa por tal descaramento foi de penetrante prazer, seus lábios quentes e úmidos em seu pescoço enquanto ele acariciava seu seio, esfregando seu mamilo. Segurando a cabeça dela, ela se contorceu contra ele, frustrada pelo tecido que os separavam. — Jason, seu jeans.

Um súbito arrepio enquanto ele se levantava para se livrar de sua roupa restante. A visão dele no fraco luar que entrava no quarto por uma janela alta, formava finos desenhos cortados na própria pedra, roubou sua própria respiração. Ele era uma obra de arte, cada parte dele afiada como uma borda mortal. Levantando seu braço, ela estendeu sua mão, chamando-o de volta para a cama.

Ele retornou como uma onda de primitivo calor que a golpeou. Beijando seu caminho para baixo em seu corpo, ele enfiou os dedos no cetim e renda da calcinha dela para puxá-los, e jogá-los de lado.

Ele pressionou um beijo molhado logo acima de seu monte antes dele abrir suas coxas...

Mahiya se curvou na cama debaixo da crua intimidade de sua próxima carícia, sua boca saboreando sua carne mais delicada com erotismo luxuriante enquanto suas mãos a seguravam aberta para, *seu* prazer. Suas mãos agarraram os lençóis, suas asas tremeram como criaturas presas, e sua respiração se tornou um soluço.

Ele aprofundou o beijo, um de seus dedos deslizando em sua vagina.

A sensual intrusão a inclinou mais, o prazer tão intenso, roubou sua voz.

Movendo-se sobre seu corpo tremulo com uma atenção lenta ao detalhe que não deixou nenhum centímetro de sua pele intocada, seus mamilos duros como pequenas frutas para ele rolar contra sua língua, seus seios lisos e molhados para esfregar contra a beleza de seu tórax musculoso enquanto ele alcançava seus lábios finalmente.

Primeiro, ele beijou os cantos de seus olhos, saboreando o sal do prazer que brilhava sobre a pele dela. Mas quando ela virou seus lábios para ele, ele aceitou o convite com fome crua, uma de suas mãos correndo por sua cintura para segurar sua coxa, trazendo até seu quadril, abrindo-a para ele.

E logo estava empurrando dentro dela, lento e insistente. Ela ofegou, sua carne inchada, mas não havia nenhuma dor. Só uma necessidade quase dolorosa para tê-lo dentro dela. Envolvendo sua outra perna ao redor de seu corpo, ela apertou, persuadindo-o a ir mais fundo.

— *Mahiya.*

O controle do mestre espião se despedaçou.

CAPÍTULO TRINTA

Horas antes de retornar para Mahiya, Jason voou uma distância considerável fora da fortaleza para falar com um casal de anjos que acabava de regressar ao território depois de uma curta estadia no Refúgio. Tendo recebido sua mensagem, eles o pediram para se encontrarem no chalé onde descansavam, já que planejavam começar a segunda etapa de sua jornada na primeira luz do dia, para sua casa no outro extremo do território de Neha.

Teve a sorte de encontrar o casal; Eles passavam muito de seu tempo explorando o mundo, tendo ganhado um descanso de suas funções depois de milênios de serviço. Embora os dois fossem indiscutivelmente leais a sua arcanjo, eles também tinham uma afeição por Raphael.

— Nós o vimos crescer de uma criança a arcanjo. Ele nunca foi muito orgulhoso para conversar com os mais fracos, ainda quando seu poder eclipsava o nosso apesar de que não era mais que um bebê.

Aquele carinho se estendia aos Sete, e os dois estavam dispostos a responder as perguntas de Jason sobre o vampiro com cabelo escarlate, entretanto ele usou um padrão de interrogatório fazendo que a pergunta mais importante fosse uma entre muitas. Ele não queria que uma palavra descuidada assustasse sua presa. O que ele descobriu havia sido... interessante, até que ele quase podia saborear a resposta em sua língua.

Algo se moveu contra ele, os dedos de Mahiya vacilavam em seu tórax. Seu cabelo deslizou por seu braço e ombro no mesmo momento em que uma de suas asas meio que abria e fechava de seu corpo enquanto ele deitava de costas, com as mãos debaixo de sua cabeça.

— Quanto tempo eu dormi? — Ela perguntou erguendo sua cabeça de seu ombro, com a voz rouca.

Ele deu uma olhada para a luz da lua que entrava pela alta janela e disse, — Não muito. Talvez uma hora. — Tempo em que a escutou respirar enquanto dormia, enquanto traçava padrões tranquilos em sua pele e sentia seu lento ritmo cardíaco, acalmado pelo ritmo dela. Havia sido uma coisa inesperada, e causou uma resposta violenta nele, um impulso de sair, ficar livre.

Mas Jason que tinha quase setecentos anos de idade, entendia o que isso conduzia, havia examinado o abismo de sua alma, havia visto o menino solitário, esquecido e que o olhava. Ele sabia que aquele menino não confiava em nada e em ninguém, sabia que via algum tipo de vínculo emocional com suspeita, não esperava nada além da dor de tal relação.

Aquele menino, ele estava muito *assustado*.

Era uma verdade sobre si mesmo com a que havia chegado a um acordo há muito tempo. Aquele menino assustado não controlava sua mente consciente, mas estava tão incrustado em seu subconsciente que muitas vezes não sabia por que agia como fazia e sua mente clareava novamente. Essa noite, ele lutou contra o impulso de sair quando isso o golpeou. Porque estar na cama com uma Mahiya dormida era todo um prazer.

Ele gostava que seu cheiro o aquecesse e parecia penetrar em sua própria pele, gostava de poder trançar seu cabelo preguiçosamente ao redor de seus dedos e brincar com ele enquanto pensava, gostava dos pequenos ruídos que fazia e quando se aconchegava mais próxima a ele, como se ela adorasse estar com ele. Quase parecia real, como se ele fosse um homem normal, um capaz de amar uma mulher e mantê-la perto.

Era uma ilusão, mas era uma ilusão na qual estava disposto a acreditar nesta noite.

— Hmm. — Estendendo a mão, Mahiya puxou o lençol ao redor de suas coxas para sua cintura, antes de colocar sua mão sobre seu coração novamente. Sua asa subiu uma fração enquanto sua boca e mandíbula se moviam contra sua pele em um bocejo, e a luz prateada da lua beijava as penas que brilhavam como jóias.

Antes de ela adormecer, aquelas asas brilharam em sua visão durante a hora que ela passou tocando e beijando seu corpo em um prazer oculto. Bêbado pelas sensações táteis, ele teve que convencê-la para que o montasse, sua tímida Mahiya, mas uma vez ali, ela usou sua posição para acariciá-lo com doce encanto feminino.

Vivendo na ilusão, ele moveu uma mão para correr seus dedos sobre o arco sensível. Ela se estremeceu, sua asa flutuando para baixo para descansar sobre seu corpo mais uma vez.

— Você poderia me convencer a cometer grandes pecados com esses dedos, Jason.

— Não há pecado no prazer. — Era algo que Dmitri uma vez disse para ele, um giro irônico nas palavras, o escárnio dirigido para dentro.

O riso suave de Mahiya mudou essas palavras, as converteu em sensuais e brincalhonas. — Eu acho que vou torná-lo meu lema quando eu estiver livre, e viver a vida de uma hedonista descarada.

Imagens dela vestida com seda e primorosa caxemira, seu corpo acariciado e liso com cremes exóticos, seus lábios fechando-se em um delicioso pedaço enquanto ela deitava sobre lençóis de cetim, cruzaram por sua mente. Colocando as pontas dos dedos por sua espinha abaixo, ele estendeu sua mão, seus dedos roçando as curvas abaixo. — Eu ficaria feliz em dar-lhe uma massagem com óleos perfumados. — Até que sua pele brilhasse e ela ficasse débil debaixo de seu toque.

Sua risada rouca o surpreendeu dessa vez. Roçando sua bochecha contra sua pele, ela disse, — Homem perigoso, eu não tenho certeza se sobreviveria ao prazer. — Empurrando seu tórax, ela olhou abaixo nele, enquanto seu cabelo caia sobre um ombro suave, seus seios escondidos pelo lençol que havia levantado contra seu tórax. Sempre tão modesta, ainda como uma amante, ela não contradizia o que ele exigia.

— Vanhi, — ela disse, sua expressão ficando solene, — disse algo importante. Eu me esqueci de dizer a você com tudo o mais. Ela acha que pode ter visto o vampiro com pele pálida e cabelo escarlate uma vez. Há muito tempo.

Jason escutou, adicionou aquele fato às informações que já tinha.

— Então? — Ela o apressou quando ele não respondeu. — Eu sei que você estava fora fazendo o que sempre faz. O que aprendeu? — Um cenho franzido. — Não pense que deve me manter na escuridão, Jason.

Ele devia ter lembrado a ela que não possuía cartas para jogar, mas ele sabia que a machucaria, e ele não queria machucar esta princesa com seu coração forte o suficiente para sobreviver a trezentos anos com uma arcanjo que a viu somente como um meio para um fim. — Há bastante luar.

Fazendo um som exasperado, ela abaixou a cabeça para beijá-lo, afundando seus dentes em seu lábio inferior em uma mordida que não fez mais que excitar. — Esse não é momento para o humor do mestre espião.

Se fosse outra mulher, ele teria pensado que ela tentava usar o esplendor do sexo para influenciá-lo, mas essa era Mahiya, que cresceu em um ninho de mentiras, mas escolheu não usar aquelas táticas. Acariciando-a com a mão que ele tinha em suas costas, ele disse — Eu encontrei um casal que se lembra de ver um vampiro que se ajusta a descrição na corte de Neha há trezentos ou quatrocentos anos atrás.

— Eles não podem ter mais certeza? — Ela perguntou, zumbido um tipo de tensão em seu corpo.

— Com cinco mil anos de idade...

Mahiya suspirou. — Como Vanhi, suas memórias são guardadas em cantos secretos de suas mentes. — Uma pausa pensativa, antes de ela dizer, — Faz um pouco mais de trezentos, que Eris foi exilado a seu palácio, e minha mãe foi executada.

Depois de mantê-la viva, o tempo suficiente para dar à luz a criança que ela levava em seu útero.

As palavras ficaram não ditas entre eles.

— Eles não foram os únicos, — Jason disse, perguntando-se o quanto ela sabia. — Aqueles que sabiam do assunto e ajudaram Eris e Nivriti foram executados; Outros que eram simplesmente leais a Nivriti foram exilados.

Mahiya se afastou de seu tórax para se sentar, sua asa roçando através de seu corpo, o calor desaparecendo de repente. — Um homem na borda de seu círculo, — ela murmurou, — teria sido considerado um parasita. Exilado, então.

— É uma conclusão viável. — Centrar-se só em uma possibilidade quando esta ainda não era uma certeza, era criar cantos cegos onde o inimigo podia se esconder. — A pergunta é, por que ele se expôs para você?

— Um residual senso de lealdade talvez. — Os olhos de um amarelo-acastanhado como de um gato na escuridão se encontrou com os dele, o potencial bloqueado dentro de seu corpo, um brilho luminoso. — Mas existe outra pergunta.

— Qual é? — Jason intuía a mesma sensação de poder em Mahiya que ele teve quando Illium era jovem. Pode ser que levaria mais tempo que o anjo de asas azuis para crescer nesse poder, de mãe para filha talvez. Mas dando-lhe espaço para respirar e se desenvolver, Mahiya se tornaria um anjo para se levar em conta... e ele teve a idéia súbita e ofuscante que ele queria testemunhar a mudança, vê-la estender suas asas.

— Como, — ela disse agora, — ele conseguiu deixar a caixa no templo?

Era uma pergunta astuta. — Alguns vampiros podem subir como aranhas, — ele disse, tendo visto Venom escalar sorrindo a Torre uma

noite sem lua, depois que ele e Illium fizeram uma aposta, — mas as chances de ser pego seria muito alta.

— Não somente os guardas angelicais varrem a área, os sentinelas que vigiaam a Fortaleza do Guardian tem um amplo campo de visão.

— Ele podia ter usado os túneis, Venom disse que não viu nenhuma outra pegada ao longo da rota que usou, mas eu ouvi que é um labirinto.

— Eu farei que verifique novamente. — Ele agarrou o telefone celular que colocou na mesa de cabeceira depois de tirar sua calça jeans.

— Agora?

— É o melhor momento. — Ninguém se preocuparia muito por um vampiro caminhando pela noite, muito menos um conhecido de ser favorito pelas mulheres.

Como são as coisas, ele ouviu um suave suspiro feminino no fundo quando Venom respondeu. — Nenhum problema, — o outro homem disse. — Eu acabei de comer, tenho bastante energia.

Jason ouviu a satisfação no tom do vampiro, soube que ele se alimentou da veia, e com certeza de uma fêmea muito disposta.

— Cuide das suas costas. — O sexo podia nublar até a mente mais afiada, e enquanto Neha gostava de Venom, ele seguia sendo um dos Sete.

O som de rangido, como se Venom estivesse saindo da cama. — Não se preocupe. Ela é uma companheira de jogos deliciosa, mas a única coisa que ela quer é bombear meu pau, não meu cérebro.

— Você pode verificar toda a rota possível até o Guardian?

— Eu posso fazer antes do amanhecer.

Desligando logo após, Jason disse, — Você acha que a caixa foi transportada até ali? — Olhou para a mulher ao lado dele, com uma expressão pensativa.

— Sim. — Mahiya levou o lençol com ela enquanto saía da cama, os filamentos de suas penas deixavam mil beijos suaves através de sua pele. Desaparecendo em seu quarto de vestir, ela retornou vestida com uma bata azul, amarrada na cintura.

Ele já havia colocado a calça, apesar de que havia deixado sua camisa e espada, a última ao alcance, como sempre fazia. Ficando de costas na parede sólida ao lado de uma pequena janela de vidro colorido, ele a viu caminhar para abrir aquela janela e olhar além, banhada pelo luar.

— Um ursinho de pelúcia, é um presente romântico tolo, — ela sussurrou enfim, — ou o tipo de coisa que você dá a uma criança.

Ele pensou sobre a pena azul-esverdeada que encontrou na noite do assassinato de Arav, do fato que Nivriti herdou a habilidade de hipnotizar, e ele não podia descartar a impossibilidade detrás do olhar preocupado no rosto de Mahiya. — O que Neha te contou sobre a execução de sua mãe?

— Que antes de sua morte, começou a gritar e rogar por sua vida. — Seus dedos se apertaram com tanta força no batente da janela que seus ossos se marcaram, contra a pele. “— *Eu vi os órgãos da minha querida irmã derramados fora do buraco que tinha sido seu ventre e o sangue verter dos tocos de suas asas, e logo a deixei morrer de fome.*” Neha me disse quando perguntei sobre minha mãe. — Ela engoliu. — Vanhi disse que ela

mentiu sobre a forma do meu nascimento, mas Vanhi teve que fugir depois que eu nasci. Neha podia ter feito exatamente o que disse.

Calor, uma mão em sua bochecha, um polegar em sua mandíbula, fazendo pressão suave, mas inexorável. Virando-se, ela se encontrou encarando uns olhos próximos da obsidiana que ardiam com uma chama escura que fazia seu coração perder o ritmo.

O polegar de Jason se moveu suavemente inclinando seu queixo. — Mesmo vendo Eris em ti, Neha sabe como guardar rancor.

Mahiya prendeu a respiração, esperava que Jason argumentasse contra a dolorosa esperança dentro de seu peito. — Mas para ter mantido minha mãe viva todo esse tempo por despeito? — Ela balançou a cabeça. — Por que ela faria isso?

— Pela mesma razão pela qual fez com Eris, o amor e ódio entrelaçados. Disse que Nivriti era sua gêmea. Esse é um vínculo de alma.

Mahiya pensou no dia que ela viu acidentalmente Neha e Eris no pátio quando eles acreditavam estar sós. Ela devia ter dado a volta, e ido embora, mas ela foi capturada pelo quadro que contemplava: Neha, sua expressão jovem e vulnerável de um modo que Mahiya nunca viu, permitindo que Eris erguesse seu queixo com seu dedo, com um sorriso de zombaria em seus lábios.

Claro, aquele momento não durou, o passado muito esmagador para essas sementes frágeis brotarem, mas, — eu acho que se ele não tivesse morrido, Neha o teria deixado sair. Talvez até antes. — Ela se virou para Jason, sua mão se deslizando para acariciar a lateral de seu pescoço.

— A morte de Anoushka a golpeou com força. Ela começou a visitar Eris cada vez mais.

— Havia rumores de que ela estava tentando conseguir um filho.

— Eu não posso dar uma resposta sobre a verdade disto, mas acho que ela precisava do conforto do homem que havia gerado sua filha, e Eris, para seu crédito, deu-lhe aquele conforto. — O quanto foi verdadeiro, e o quanto uma fantasia criada com o fim de chegar às boas graças de Neha, ela não sabia. Em qualquer caso ele deu a Neha um pouco de trégua, e quem era Mahiya para contradizer as decisões de um homem que passou três séculos preso com bonitas correntes, ainda que ele tivesse feito sua própria cama?

Soltando seu aperto sobre ela, Jason inclinou um ombro contra a parede. — Eu não estou certo de quanto tempo pode durar qualquer liberdade. Mas posso confirmar que Audrey estava aquecendo sua cama. — Uma pausa. — Se ela foi a primeira e ele durou trezentos anos antes de se romper, — o tom de Jason deixou claro que ele pensava de outra maneira, — então ele pode ter sido um homem mais forte que nós demos crédito.

Mahiya pensou novamente naquele aspecto vulnerável no rosto de Neha e se perguntou se uma mulher com tanto amor em seu coração teria eventualmente podido perdoar qualquer transgressão. — Pouco importa agora. Eris se foi, e alguém está jogando um jogo doente comigo, ou... — As palavras se alojaram em sua garganta, muito pesadas, muito importantes para sair.

Espero que ela viva.

Jason não falou em voz alta, mas independente das muitas complicações que criaria, ele esperava que Mahiya conseguisse um milagre. Ele entendia o que era crescer sem uma mãe, mas pelo menos ele teve um sussurro de tempo com os seus.

— Jason, bebê, que diabos está fazendo?

Ele deu a sua mãe um longo olhar de sofrimento e fez uma pausa em seu trabalho. — Plantando coqueiros.

Um aceno solene. — Entendo. — Ficando de joelhos, ela pegou um dos cocos que ele recolheu. — Talvez você devesse plantá-los um pouco mais distante da praia.

Ele bateu levemente na areia sobre o coco que ele enterrou, o som das ondas rompendo na areia molhada, uma música familiar. — Por quê?

— Do contrario, o mar pode levá-los para longe.

Considerando isto, ele decidiu que ela tinha razão. — Você me ajudará a levá-los?

Seu sorriso fez sentir um calor dentro dele de uma maneira que nada mais tinha feito. — Eu estava esperando que me pedisse.

Jason mal podia lembrar como tinha sido aquele calor, o eco do amor de sua mãe se desvaneceu e perdeu seu brilho, mas era consciente que tinha sido algo bonito, tanto que penetrou no coração do menino que ele havia sido, e por isso ele sabia que tal beleza existia. Mahiya nem sequer teve isto. Pelo bem dela, ele esperava que Neha tivesse sido incapaz de executar sua gêmea, já que havia sido incapaz de executar seu consorte.

— Você dirá a Neha? — A pergunta de Mahiya foi quase um sussurro. — O que estamos considerando? Que... minha mãe pode estar viva?

CAPÍTULO TRINTA E UM

— Neha é a única que sabe a verdade sobre nossa suposição, — Jason disse, pensando no assunto, — e se estivermos certos, e sua mãe já está livre, contar a Neha não a coloca em desvantagem. — É pouco provável que o vampiro com cabelo escarlate fosse o único do pessoal que Nivriti havia encontrado e reunido. — Neha também pode ter uma ideia sobre onde Nivriti poderia ter localizado sua base...

Mahiya fez um som repentino de aperto em sua garganta. — Se for minha mãe, eu sei por que ela matou Arav.

Jason também. O homem que machucou Mahiya, machucou a filha de Nivriti, merecia castigo. Jason achava que não tinha nenhum argumento contra isto, e a compreensão o fez parar, considerar o que Mahiya era para ele. Ele não tinha nenhuma resposta para isso, mas de repente viu uma para sua pergunta anterior. — Eu não falarei com Neha sobre isso.

Mahiya se estremeceu, balançou sua cabeça. — Não. Se ela matou Shabnam, eu não posso protegê-la.

— Isto não é sobre proteger Nivriti.

Os olhos de Mahiya esquadrinharam seu rosto. — O que é? — Diminuindo a distância entre eles, ela colocou sua mão em seu tórax. Havia ternura, mas nada de propriedade ou possessividade no toque, e ele

sabia que ela dava sorrisos sem sentido, esperava nada dele, exceto o homem que era.

Algo tenso e em espera nele se relaxou. Ele não queria terminar com Mahiya, mas era uma decisão que teria sido forçado a fazer se ela tentasse reivindicá-lo, tratou de ver seu futuro, e achou que não podia construí-lo com ela. Não da maneira que Dmitri fez com Honor, Raphael com Elena.

— Um refém, — ele disse, sua mão embaixo em suas costas. — Se dermos a Neha esta informação, daremos um refém.

Os olhos de Mahiya se abriram com aflição ao compreender o significado, mas ela balançou a cabeça. — Corre o risco de quebrar o voto de sangue, Jason. — Um sussurro feroz. — Podia significar sua morte.

— Ainda há tempo. — Até que ele estivesse certo de que Nivriti vivia, isso se enquadrava no seu mandato, seu silêncio não era uma ameaça para o voto. — E eu não a colocarei em perigo. — Ele fez sua escolha, e era esta mulher com seus olhos tão brilhantes quanto uma criatura selvagem e perigosa por quem levantaria sua espada, não uma arcanjo cheia de séculos de ódio.

O lábio inferior de Mahiya tremeu. — Você não deve. — Seus dedos roçaram sua mandíbula, sua boca suave sobre a dele. — Obrigada por me colocar em primeiro lugar. Ninguém mais o fez, e eu nunca esquecerei que você fez isso. — Sua voz se partiu. — Mas você mesmo disse que Neha poderia saber onde minha mãe poderia estar. Eu não posso comprar minha vida com o sangue de Shabnam que grita por justiça. Se estivermos

certos, então minha mãe a matou assim como seguramente matou Arav. Mas desta vez, sem nenhuma razão.

— Havia uma razão, Shabnam era a favorita de Neha.

Mahiya ergueu uma mão trêmula até sua boca. — Parecido a uma criança destruindo o brinquedo favorito de um irmão por inveja ou rancor.

Um grito atravessou a fortaleza acompanhado de palavras horrorosas.

Nenhum corpo angelical ou vampiro os aguardava daquela vez, todavia houve um massacre. Espalhados através do que parecia cada centímetro do salão de audiências públicas estavam os corpos flácidos e mutilados de pelo menos vinte serpentes de estimação de Neha. As colunas que sustentavam a estrutura encontravam-se salpicadas com sangue.

— Isto levou tempo. — Mahiya se ajoelhou ao lado do corpo grosso de uma jiboia cuja pele seca e curtida continuava cintilando um verde espetacular. — As serpentes não são mansas como tais, elas vêm somente para a mão de Neha. Acompanhamento e paciência, isso exigiu ambos.

Ouvindo a tristeza em seu tom, Jason encontrou seu olhar em uma pergunta muda.

— Depois do Guardian, — ela disse com um sorriso forçado, — eu não posso evitar o medo que se espessa em meu estômago ao ver as criaturas de Neha, mas não permitirei que o medo me governe. — Uma sombria determinação. — Eu tento lembrar o que sempre soube, que

deixadas em paz, estas criaturas me evitariam enquanto eu as evitava. Elas não mereceram ser sacrificadas.

Um banho de vento, Neha vindo a terra detrás deles, a raiva em seu rosto atravessado pela dor. Sem dizer uma palavra, ela se aproximou da borda do salão de audiências públicas e simplesmente olhou, como se tomando nota de cada serpente que tinha sido massacrada. E elas foram. A jiboia que estava ao lado de Mahiya parecia uma exceção, mas um exame mais de perto mostrou que somente era a metade da serpente.

Depois de serem cortados em pedaços, os répteis foram espalhados em torno do salão de audiências públicas. Tal coisa devia ser impossível de fazer a luz do dia, mas esta área em particular, era deserta a certa hora da noite. A descoberta antes da hora aconteceu por causa de uma briga de amantes que enviou um vampiro a vagar sem objetivo pela fortaleza.

— Seus corpos te dizem algo? — Neha perguntou com fria cortesia.

Jason balançou a cabeça. — Só que a lâmina usada foi provavelmente um cutelo de açougueiro. — Um corte simples, afiado. — Há algum padrão nas serpentes mutiladas?

O olhar de Neha se demorou em várias das serpentes mutiladas. — Elas eram as mais dóceis, mais velhas mascotes que tinham começado a ficar acostumadas o suficiente com os humanos para que não deslizassem para longe ao serem abordadas. — Suas asas mantendo-a cuidadosamente fora do chão ensanguentado, ela disse, — Devo cuidar delas. — Aproximando-se de novo, ela tomou uma cesta entrelaçada da dama de companhia que havia chegado com ela.

Sem dizer uma palavra, Mahiya pegou uma segunda cesta e ajudou a Neha a recolher os restos. O silêncio era agudo, a ira de Neha como uma pulsação que quase podia sentir contra sua pele. Mas isso não era o que Jason tentava escutar ou observar. Porque ele estava quase certo que lá fora nas sombras, dentro da visão do salão de audiências públicas, estava alguém que ria da angústia de Neha.

Porém, nem mesmo seus olhos, com sua visão noturna extraordinária, podiam penetrar as negras nuvens densas que se uniram dentro dos arcos e entradas que podia ver desde esse ponto privilegiado. Iniciar uma busca pelo guarda seria sem sentido. Ele ou ela teve a vantagem de ter planejado uma rota de fuga, fugiria quando Jason se aproximasse de seu esconderijo.

Ao invés, ele permaneceu em guarda, nunca perdendo de vista onde Mahiya estava, não importando seu foco nas sombras.

— Venham. — Neha não disse nada mais enquanto ela levantou vôo, com a cesta na mão.

Mahiya subiu depois dela, e Jason as seguiu, elevando-se sobre elas a fim de vigiá-las. Porém, Neha não foi muito longe, aterrissou em um pequeno planalto de montanhas cinco minutos mais tarde. No centro do espaço aberto havia uma pedra cinza colocada sobre várias outras pedras com forma de tijolo e encaixadas para criar uma pirâmide baixa.

Colocando ambas as cestas na pedra plana, Neha se curvou e sussurrou algo tão suave, o vento levou suas palavras para longe antes delas alcançarem Jason. A primeira mecha de fumaça apareceu debaixo das cestas um segundo mais tarde.

Quando Neha se afastou da pequena pira, as chamas lambeiram fora das cestas, e ele entendeu que o arcanjo ganhou não só poder sobre o gelo, mas sobre o fogo. O gelo podia causar dano, mas o fogo... o fogo era aniquilação e violência em um nível além. E Neha agora podia soltar as chamas mortais amarelo-alaranjadas do céu.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Dmitri se assegurou de que Honor estava confortável na cama com dossel que ela havia feito com lençóis de seda branca, estampados com pequenas flores azuis. Retornando ao país com tanta cautela quanto possível, eles se dirigiram imediatamente a casa que Jason falou a Dmitri no dia de seu casamento com Honor. No instante que Dmitri viu o lugar, ele entendeu por que Jason tinha tanta certeza de que ninguém viria por eles de surpresa.

Era uma fortaleza criada pela própria natureza.

A montanha não tinha nenhuma estrada, ele e Honor caminharam sobre o atalho altamente específico que Jason compartilhou. Qualquer desvio daquele caminho os teria mandado para precipícios intransitáveis, com perigosas pedras soltas, armadilhas escondidas. Construída de pedra e madeira, a casa era uma parte do ambiente, enquanto por cima estava um dossel verde escuro que deixava passar os raios de sol enquanto ocultava a casa da visão aérea.

Adicionado a isso estava um sofisticado sistema de segurança que alertaria a Dmitri de qualquer pessoa na floresta ou no céu.

Era o lugar seguro que Jason prometeu, um lugar onde a esposa de Dmitri abraçava sua nova existência quase imortal. A toxina que a converteria em um vampiro foi introduzida em seu sistema três horas atrás, com Raphael tendo saído de Nova Iorque ao amparo da noite para

voar aqui para realizar a tarefa, uma tarefa que o arcanjo faria duas vezes mais com umas semanas de intervalo.

Dmitri não teria confiado em mais ninguém com a conversão de Honor e Raphael manteve sua confiança, tratando a Honor com extrema cortesia. Agora, só duas limpas marcas de presas em seu pulso permaneceram como uma lembrança de uma decisão que mudaria sua existência, mas Dmitri sabia que a toxina já começava a transformar suas células, ainda que ela não sentisse a queimadura do processo dentro de outros poucos minutos.

Tinha a intenção de protegê-la desse momento. Tudo estava pronto. Em um braço dourado mel corria uma gota de solução salina que ele fixou usando conhecimento médico que acumulou por curiosidade, afastando o tédio de uma imortalidade que tinha sido forçada sobre ele. Havia outra linha, uma que guiava uma gota cuidadosamente calculada de morfina, com intenção de compensar a dor da transformação.

— Durma, — ele sussurrou enquanto os olhos verdes meia-noite começaram a se abrir. — Estarei aqui quando você despertar. — Levaria aproximadamente três meses para o processo se completar desse modo, mas seria uma mudança suave, e não a agonia que o converteu em um animal acorrentado que esfregava a pele em carne viva, expondo à carne a sujeira do quarto onde ele foi mantido. — Sonhe comigo.

— Como se, — ela sussurrou com um sorriso sonolento, — eu sonhasse com qualquer outro. — Suas pestanas tremeram fechadas, sua respiração caindo até o ritmo de um sono mais profundo.

Acariciando os finos fios de cabelo de sua bochecha, ele verificou para ter certeza que seus sinais vitais estavam como deveriam estar. Agora vinha a parte mais difícil, a espera. Honor não precisaria de nenhum nutriente nos primeiros dias, e seu corpo parou de produzir resíduos no momento que a toxina golpeou sua corrente sanguínea, tudo se queimou no aumento em massa da energia necessária para iniciar a transformação.

Depois daqueles primeiros três ou quatro dias, dependendo da rapidez com que a transformação progredisse, ele a traria para uma vigília nebulosa para que pudesse beber algumas gotas dele. O beijo de sangue era um passo que ele repetiria, até que sua alimentação finalmente fosse verdadeira. Para a maioria dos Candidatos, era um processo clínico, o sangue introduzido via um tubo de alimentação, mas para Honor, seria uma jornada íntima.

Sua esposa sempre despertaria em seus braços, segura e amada.

— Volte para mim, — ele sussurrou no idioma de sua distante pátria, uma parte dele com um medo mortal agora que ele não podia ouvir sua voz, a rouca intimidade de seu riso silencioso.

Ele não sabia como ia suportar o silêncio, mas ia encontrar um modo, porque ela se machucaria se ele iniciasse um despertar prematuro. E Honor nunca, jamais seria machucada. Não enquanto Dmitri vivesse.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Duas horas e meia depois de descobrir os corpos mutilados das mascotes de Neha, Jason chamou a Raphael desde o alto de uma montanha tocada pelo amanhecer. — Um dos meus acaba de me enviar um relatório que indica a possibilidade de que Lijuan está fazendo renascidos de novo agora em determinado intervalo.

Os homens de Jason não se encontravam situados na fortaleza de Lijuan, mas em outras fortalezas da arcanjo. A distância da origem fez que cada informação que chegasse fosse suspeita, mas este rumor em particular tinha ganhado impulso durante semanas, até que o vampiro altamente inteligente estava certo que era verdade. Os boatos mais recentes tinham sido perigosamente explícitos em detalhes.

— Eu não posso acreditar que ela seja tão idiota. — A voz de Raphael era gelo puro. — Foi um de seus renascidos que a atacou em Beijing.

— Há rumores de que ela não está mais escolhendo candidatos de dentro da sua corte, mas dos camponeses, aqueles que a consideram como uma espécie de deusa. — Lijuan era uma boa imperatriz de muitas formas, seu povo sempre tinha comida suficiente, e ela sempre impunha justiça de maneira muito razoável. Porém, ela preferia manter a maioria de seu povo em um estado cultural e tecnológico que permanecia inalterado por séculos.

— *Por que eu devia criar descontentamento permitindo que eles conheçam mais coisas além de seu alcance? Não é como se eles vivessem o suficiente para que importe.*

Essas foram as palavras que ela falou para Raphael quatrocentos anos atrás enquanto Jason estava no cômodo, sua decisão era de uma arcanjo que estava viva por milênios e que considerava os mortais pouco mais que pessoas descartáveis. Mas somente a idade não desculpava sua decisão. Caliane era muito, muito mais velha, e de acordo com todos os relatórios que Jason recebia de Naasir, seu povo estava bem educado e dentro de sua cidade havia uma biblioteca aberta a todo mundo.

Não, o desejo que Lijuan tinha de manter seu povo na ignorância vinha de seu interior, assim como seu poder para reanimar os mortos a uma horrível vida. E havia a possibilidade desta arcanjo estar ensinando a Neha como manejar suas novas habilidades destrutivas. Jason tinha que descobrir o conteúdo daquelas lições.

Se Lijuan havia conseguido adotar um aliado para ajudá-la em seus jogos malignos, a Terra estava em perigo de se converter em um lugar de horrores intermináveis. Um lugar onde o fogo cairia do céu e a morte caçaria a vida, em busca de carne e sangue.

Mahiya se encontrava em um banco no pavilhão no pátio na frente de seu palácio, suas asas magníficas estavam abertas sobre o mármore detrás dela quando ele retornou de falar com Raphael. Ela não disse nada até que ele parou ao lado dela. — Eu continuo pensando nela.

Jason não precisava que ela dissesse a quem se referia. — É uma coisa natural. Nivriti era sua mãe.

Sua cabeça se ergueu, vacilou um pouco quando disse. — Sua mãe, Aurelani, está viva?

— Não.

— *Acorde, acorde, acorde!*

Escondidos de olhos curiosos graças a expansão de suas asas e as colunas do pavilhão, ela estendeu sua mão para apertá-la ao redor da dele.

— Eu sinto muito. Eu deixei você triste.

— Não, — ele disse. — Você não fez. Isso aconteceu há uma eternidade. — Suas emoções haviam envelhecido, tomaram um matiz que ele não podia descrever.

— Você me contará sobre ela? — Olhos indagadores olharam para ele, e seus cílios sombreavam suas bochechas.

Nunca havia contado a ninguém sobre sua mãe até que apareceu Mahiya, e inclusive então, havia sido na forma de conto romântico. Não sabia se poderia falar dela, da mãe que a famosa Aurelani havia sido para ele, o tecido cicatrizando em seu interior havia rasgado uma barreira.

— Volte a me pedir outro dia.

— Certo. — Com um aceno gentil, Mahiya apoiou sua cabeça contra seu corpo. — Eu pedi a Vanhi para me contar histórias sobre minha mãe esta manhã. — Seus dedos apertaram os dele. — Ela me contou muitas coisas, inclusive sobre o palácio do lago que era seu lugar favorito em toda esta terra. Não é muito longe daqui. Uma hora de vôo.

Jason baixou o olhar até a seda preta de seu cabelo, sua mente cheia com imagens de um edifício desolado coberto com musgo, com suas janelas e portas cheias de buracos. — Foi abandonado.

— Sim. Quando minha mãe foi supostamente executada. — Exalou em silêncio. — O palácio foi feito para durar. Construído com mármore das crateras de uma montanha, o lago cheio com chuvas de monções. Não sei se ainda segue ali...

— Continua. — Ele disse a ela sobre sua viagem anterior até aquele território. — Eu entrei enquanto o sol estava se pondo, só vi o brilho da água... levou um minuto para achar o edifício meio escondido pelo musgo. — Ainda coberto pelo musgo como estava, o palácio de água emergia no fundo escuro verde do lago, sua camuflagem perfeita.

— Temos o dia inteiro, — Mahiya disse, seu corpo morno contra o dele. — Neha está em reclusão, não sei por quem ela chora, se pelas pessoas perdidas ou suas mascotes, mas a vi assim antes. Ela não emergirá até o anoitecer, não pensará em perguntar onde estamos.

— Vamos, — ele disse. — Pode levar um momento para localizar o palácio.

Mahiya olhava para o edifício que havia se tornado um camaleão ao longo dos séculos, escondido da simples vista. Coberto não só pelo musgo verde escuro que combinava com a cor da água, mas pelas trepadeiras do mesmo tom, não parecia com nada além do que uma aglomeração flutuante de vegetação. Por sua posição tão desolada, poucos

anjos passavam sobre ele, e aqueles que faziam não se sentiam tentados a ficar. Foi a curiosidade de Jason que permitiu descobri-lo.

— Eu não tive tempo para aterrissar então, — ele disse, pairando ao lado dela com uma facilidade que ela invejou. — Nós não podemos contar com sua estabilidade.

— Suportará, — ela disse a ele. — Foi construído para resistir à água, suportar por séculos. — Mergulhando sem esperar por ele, ela encabeçou em direção até o que achou que uma vez foi uma sacada ou pátio grande que estava sobre a água. Uma sombra escura passou por ela um segundo mais tarde, e Jason aterrissou, suas asas dobradas para trás, antes dela aterrissar.

Uma tormenta desatou em sua íris, até se tornar um negro turbulento. — Isso não foi inteligente, Mahiya.

Fascinada, ela olhou fixamente. Ela nunca o viu bravo, e a correia que ele aprisionava sua raiva, até agora a fazia se perguntar quão profundo era seu controle. — Sabia que você era mais rápido, — ela disse. — E que me deteria se detectasse qualquer indicação de perigo.

A tempestade caiu, carregada e violenta. — Não devia ter tal fé em um inimigo mestre espião.

— Não tenho. Tenho fé em você. — Estendeu a mão para tocar sua asa, e sorriu para o homem que era um enigma que ela nunca conseguiria resolver e ainda assim, com cada respiração se enterrava mais fundo em seu coração. — Vamos explorar.

Jason devia ter mantido sua postura, forçado Mahiya a reconhecer que agiu com precipitada impaciência, mas ele pensou que soltando sua

raiva nela neste momento seria similar a quebrar o vidro mais frágil. Ele viu a confusão atrás da ânsia, viu que ela não sabia se queria sua mãe viva ou não, se Nivriti vivia, ela tinha uma raia sádica de violência.

— Mantenha-se perto. — Buscando atrás, ele sacou sua espada de sua bainha.

Mahiya levantou uma mão como se fosse tocar a lâmina obsidiana que parecia acesa com chama preta, mas baixou a mão e seguiu caminhando ao lado dele. Em vez de usar a porta coberta de trepadeiras na frente deles, ele caminhou com passos silenciosos em torno da lateral do palácio. Eles tiveram que ser cuidadosos sobre o chão, o musgo escorregadio.

O palácio tinha sido projetado para estar sobre o nível da água, mas era claro que as chuvas de monções foram fortes o suficiente para superá-lo com os anos. As marcas daqueles dilúvios eram marrons no mármore descorado do edifício. Era muito provável que o lago tivesse algum mecanismo pelo qual as águas podiam ser direcionadas para outras vias fluviais, ele viu muitos desses na terra de Neha. Mas este palácio e seus arredores não foram usados por mais de trezentos anos, assim poderia ter havido qualquer bloqueio não intencional no sistema.

Uma porta permitia que a luz solar entrasse.

— Espera. — Ele entrou com cuidado, examinando cada canto desolado antes de acenar com a cabeça para Mahiya entrar.

— Não há nada aqui. — A decepção tornou a voz dela pesada, enquanto via os escombros e musgo, junto com os restos secos de lodo que entrou quando a água subiu. Embora o ar não estivesse úmido, já que

a luz do sol conseguia entrar com muita facilidade, as camadas de terra criavam uma essência de mofo terroso que deixava muito claro que essa habitação não teve sinais de vida durante séculos. — A mobília deve ter sido feita de madeira, apodreceu.

— Sim. — Ele andou até uma entrada nas sombras que levava mais para dentro. — Se eu estivesse me escondendo aqui, escolheria o centro. — Onde a luz não entraria muito até que a noite chegasse.

A asa de Mahiya roçou a dele quando ela se deteve a seu lado mais uma vez.

Os quartos que seguiam estavam tão desolados quanto o primeiro. Vazio de mobílias, tapetes, e pinturas, junto com buracos que provocavam ecos, entretanto Mahiya podia adivinhar que as funções de alguns dos buracos eram os lugares de janelas destituídas de vidro e portas destruídas faz tempo.

— Deve ter sido magnífico quando novo, — ela sussurrou. — Como uma joia na água no anoitecer, com as luzes refletidas no lago...

Advertido pelo seu súbito silêncio, ele seguiu o olhar dela e viu cor. Carmesim. Brilhante e lustroso, uma tira que poderia ter vindo do vestido de uma mulher.

— Amantes, — Mahiya murmurou, levantando o matiz decadente que não pertencia a este palácio destituído de riso, — podem estar usando isto como um discreto lugar onde levar a cabo suas ações. — Era evidente que ela lutava contra toda esperança.

— Talvez. — Era muito velho e sem conforto para tentar alguém, mas ele conhecia anjos jovens que faziam coisas surpreendentes.

— É suave. — Ela esfregou seus dedos ao longo da tira. — Não pode ter estado aqui durante muito tempo ou a umidade teria se infiltrado, e teria deixado o cetim áspero quando secasse. — Sua voz era quase sem som, e suas asas se encontravam apertadas contra suas costas para dar a Jason tanto espaço quanto possível enquanto se moviam pelo palácio.

Dois quartos depois, ele levantou a mão em um punho.

Mahiya se deteve.

Sem mover um músculo, Jason escutou. Mas o vento, não sussurrava o nome da mãe de Mahiya, nem o advertiu de perigo. Ainda assim, ele sentiu algo, e um segundo mais tarde, ele soube o que era.

Sensualidade, exuberante e potente, e um perfume que uma mulher poderia usar.

A causa da advertência silenciosa se identificou, ele abaixou a mão, mas colocou o dedo nos lábios. Assentindo, Mahiya manteve silêncio enquanto ele caminhava para uma entrada cheia de trepadeiras... para revelar um quarto tão discrepante dos outros como um rubi era de um tumulto de pedra. Aqui, o mármore tinha sido limpo com meticuloso cuidado, até que, apesar das manchas permanentes, as paredes cintilaram.

A luz entrava por uma claraboia destituída de vidro e meio coberta por trepadeiras. A chuva podia facilmente penetrar a débil barreira verde, mas nessa época do ano representava uma ameaça quase inexistente. Certamente, quem se instalou neste quarto estava despreocupado sobre o

potencial dano da água no luxuoso tapete índigo que adornava o chão ou as almofadas de seda dourada dispersas sobre a cama no centro.

Uma pequena vaidade permanecia contra a outra parede, com presilhas e joias dispersas sobre sua superfície. Na frente estava um tamborete onde uma mulher poderia se sentar enquanto se ajeitava. — Nenhum vampiro podia ter trazido isso até aqui. — Não com a única estrada pela montanha enterrada debaixo de um deslizamento de terra velho o suficiente para ter árvores abraçadas a sua profunda inclinação.

— Jason.

Virando pelo sussurro agitado, ele viu o reflexo de Mahiya no espelho sobre a penteadeira, seus dedos apertavam algo.

Um envelope.

Escrito com uma única palavra: *Filha*

Mahiya sabia que Jason tinha razão em insistir que eles voassem para um local mais seguro antes dela abrir a carta, mas quando eles aterrissaram em um campo distante pontilhado com algumas árvores espalhadas e cercados por nada além de bolas de poeira rodando por toda a extensão, ela sentiu como se sua pele fosse se abrir por todos os lados.

Mas então eles estavam lá e era o momento. Com as costas apoiadas em uma árvore delgada que apenas proporcionava uma pequena sombra, ela olhou fixamente para o selo vermelho da carta, enquanto o anjo de asas pretas que não era mais seu inimigo permanecia em pé como um sombrio sentinela. Ele não disse nada, dando-lhe tempo para encontrar coragem suficiente para romper o selo.

Minha querida Mahiya Geet,

Eu tinha esperança de que você acharia isto. Você e sua perigosa sombra negra.

No início eu pensei em matá-lo por você...

Mahiya engoliu um grito, empurrando suas juntas contra sua boca.

...mas logo percebi depois de um tempo refletindo que ele é a única coisa entre você e Neha. E é deliberado. Então, devo dizer a você que eu aprovo. Você fez uma escolha melhor do que eu.

Seu coração se apertou pela dor inerente por trás daquela simples confissão.

Lamento não poder estar aí para te receber, minha amada filha. Mas esta parte já está feita. Foi uma prova de minha força e habilidade. Uma advertência, também, mas ambas sabemos que Neha é extremamente arrogante para escutar, para entender.

Este lugar é para você, fique aqui, é seguro. Seu mestre espião te protegerá. Se ele precisar voltar a Neha, te asseguro que me certificarei que ele voltará para você sem dano algum, depois que o verdadeiro jogo seja ganho. Você não pode ficar na corte nesse momento. Neha cortaria sua garganta e arrancaria seu coração de seu peito, só para me ferir.

Sua estadia neste lugar não será por muito tempo. Logo te segurarei como uma mãe deve segurar seu filho, enquanto Neha sangra e seu povo foge cheio de pânico e terror. Eu tive trezentos anos para planejar minha vingança.

Nivriti

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Tremendo, Mahiya se aproximou para apoiar o rosto contra as costas de Jason, suas fortes, elegantes e suaves asas em cada lado dela.

— Não sei o que pensar. — Passou a carta sem mudar de posição, encolhida em suas costas. Não a forçou a se mover, não tentou dar a volta e segurá-la nos braços, como se entendesse que só precisava se apoiar em sua força um pouco até que o mundo parasse de girar.

— Tem uma sensação de umidade na carta — disse Jason depois de escanear as letras. — Mas a cera ainda leva uma impressão de seu perfume, como o quarto.

Sua mãe não tinha ido há muito tempo para sua essência ter sido apagada do palácio. — Acredito que seu orgulho é tanto, que não a deixaria fazer o que foi feito as serpentes. — Mas não tinha nenhuma dúvida de que Nivriti conhecia a crueldade desnecessária. — Ela deve ter ido embora do palácio depois de ter matado Arav, deixando alguns dos seus atrás para causar mais desordem.

Jason voltou seu olhar para a carta. — Ela não pode planejar um ataque militar, sem importar quanto tempo tenha estado planejando, Neha é um arcanjo com uma guarnição ao seu comando.

Mahiya sabia que deveria dizer algo sobre isso, mas se sentia tão perdida em um mundo que tinha saído do eixo.

Minha mãe está viva.

Um barulho de papel, fortes asas mudando sob seu toque, e Jason estava se virando. Surpreendida, com medo de que ele a estivesse afastando quando tão desesperadamente precisava de sua companhia, necessitava *dele*, ela congelou... até que ele deslizou sua mão atrás de sua cabeça e baixando até se posicionar sobre a parte baixa de suas costas, justo o suficiente para fazê-la saber que estava ali, sua força disponível para seu uso.

Um soluço sacudiu seu corpo, e então já não pode parar, seu corpo inteiro sacudia, seus ossos ficaram frágeis de repente.

Fortes braços, lábios sobre sua têmpora, asas de cor da meia-noite se abrindo para rodeá-la, até que Jason a cobriu por todas as partes. Seu coração batia forte e calmo, suas mãos quentes sobre sua cabeça e a parte inferior de suas costas e seu calor corporal estava moldando um inferno sobre sua pele.

Negro.

Essa era a cor do poder de Jason, ela sabia sem nenhuma dúvida. Sentia como se ela estivesse rodeada por uma tempestade furiosa. A sensação deveria ser de medo, mas a tempestade não fez mais que levantar seus cabelos, enchendo-na de uma calma com tamanha calidez e proteção como nunca experimentou antes.

Não sabia quanto tempo ficou no centro da tempestade, mas depois de um tempo, pode respirar de novo. E cada respiração trazia com ela o cheiro do fogo negro. Não podia descrever a intensidade selvagem da fragrância de outra forma, mas pra ela, era a essência de Jason. Tentando

se aproximar de Jason, conseguiu inclusive colocar seus pés entre suas botas.

— Minha mãe — disse Jason, sua voz retumbou baixinho contra ela, — era minha pessoa favorita no mundo inteiro. Amava meu pai, mas minha mãe? Era até ela que eu corria quando saía da cama pela manhã. — Ele deslizou a mão pelo seu cabelo, acariciando sua bochecha contra sua têmpora – Então um dia, ela já não estava mais ali. Se o mundo mudasse repentinamente e ela estivesse na minha frente, teria corrido para seus braços como um garotinho.

Levantando sua cara manchada de lágrimas a ele, disse: — É isso que quero fazer. — Essa reação tão primitiva a tinha assustado, falando sobre uma necessidade forte que ela nunca reconheceria. — Mas nunca tive uma mãe. Nunca a conheci. Não deveria estar respondendo desta forma.

Jason passou a mão de seu cabelo a seu rosto, limpando o resto de suas lágrimas com seu dedo, sendo o toque rude e familiar. — Você sonhou com ela, pensou nela, fantasiou sobre como seria sua vida. Isso importa.

— Algumas vezes — disse engolindo o nó em sua garganta. — Quando era pequena, convenci a mim mesma de que ela era uma pessoa odiosa, horrível. Que não havia lutado por mim o suficiente. Quando estava realmente zangada, dizia a mim mesma que realmente nunca me quis, que na realidade me deu a Neha.

Esticou seus dedos sobre sua camiseta, tentando alisar as rugas que tinha feito quando tinha a agarrado enquanto chorava.

— Então, outras vezes, antes de ser o suficientemente maior para entender o que havia feito, a imaginava como um tipo de Deusa, uma mulher que era encantadora, graciosa e perfeita, alguém que iria me levar a algum lugar em que nunca iria ter medo.

Jason não riu dela. Tampouco tentou dizer que aqueles sonhos eram algo normal para a menina solitária que tinha sido. Tudo o que fez foi abraçá-la e deixá-la falar, suas asas criando um casulo protetor, mantendo seu corpo próximo ao seu calor, próximo de seus batimentos, próximo a ele.

Não te deixarei ir.

Era uma promessa. Não importa o que acontecesse, o que Jason pensasse sobre sua inabilidade de formar laços duradouros, ele era seu, e lutaria para mantê-lo. Necessitavam-se mutuamente, ele era seu anjo com as asas feitas para a noite. Ele era poderoso, tinha muito mais conhecimento sobre o mundo, mas ela tinha um coração suficientemente forte para se importar com um homem que poderia nunca abrir seu coração para ela... porque inclusive um fragmento do coração de Jason, seria uma crua, honesta, deslumbrante alegria.

Jason observou a Mahiya andar para a boca da cratera, o qual abrigava o lago que continha o palácio de Nivriti. Ela queria voltar ali, e tendo em conta o conteúdo da carta, não viu nenhuma razão para impedir. Com o uso de um nome que somente Vanhi sabia no momento, essa carta deveria ser autêntica, então este deveria ser um céu seguro

para Mahiya. No entanto, ele daria outra olhada em Vanhi, para ter certeza de que a vampira não estivesse jogando nenhum de seus jogos.

Com os olhos livres das lágrimas que antes haviam nublado seu brilho selvagem, Mahiya estava de pé ante ele com suas asas, o azul característico de pavões e o verde brilhante chamando a atenção pelo sol da montanha. Se ele estivesse só, teria escolhido um lugar mais reservado, inclusive agora, ele estava na leve sombra formada por uma grande árvore que tinha cavado suficientes raízes para nutrir a si mesma e alcançar uma grossa resistência.

Mas Mahiya, ainda que tivesse sido obrigada a aprender a navegar nas sombras de uma corte não amigável, era uma criatura da luz. Ainda que não parecesse incomodada ou repelida pela chama negra que era a manifestação do poder dele — quando a tinha abraçado, ela tentou se aproximar mais, até que sentiu cada curva suave em cada espaço de seu corpo. Enquanto pensava sobre a necessidade protetora que o tinha obrigado a abraçá-la, girou sobre seu ombro para olhar, esses olhos leoninos apontando com exatidão infalível.

— Tem uma coisa — disse ela, aproximando-se dele. — Estou de acordo que um assalto militar não é provável, mas não temos nem idéia de quanto tempo ela está livre. O ataque à Eris foi simplesmente o começo desse “teste”.

— Assim ela poderia perfeitamente ter conseguido mais reforço do que pensamos — concordou Jason. — A morte de Anoushka causou um forte impacto em Neha, poderia ter causado a sua falha na supervisão da prisão de Nivriti.

Mahiya baixou os olhos ao chão, franzindo a testa, voltou os olhos novamente acima. — Ou... Neha poderia ter deixado minha mãe para que apodrecesse na prisão por anos sem se preocupar em vigiá-la. Deixar a pessoa isolada é um castigo que ela gosta de utilizar.

Escuridão rugiu no interior dele, uma onda violenta de fogo negro. — Ninguém nunca mais irá te aprisionar — disse Jason suavemente, consciente de que aquela promessa o colocaria na mira de fogo de um arcanjo.

O rosto de Mahiya estava tão radiante que o manteve cativo.

— Eu sei.

Expandindo suas asas, ela tocou seus dedos em seu rosto, o carinho nesse gesto foi tão poderoso como uma lâmina afiada, até que ele teve a sensação de que seu mundo havia mudado para sempre.

— Me dê esta noite — ele disse, procurando calma em meio ao caos. — Eu talvez possa ser capaz de dar mais clareza a situação.

Ele possuía contatos e pessoas neste território — ele só não sabia quais as perguntas corretas para fazer até este momento.

Rompendo o toque que os havia conectado, Mahiya lhe deu um olhar cheio de humor. — Você é incrível.

Suas defesas inflamaram. — Mahiya, não veja em mim mais do que há.

Ela moveu a cabeça uma fração para o lado.

— Talvez eu seja filha de minha mãe, depois de tudo. Decidi-me por você, Jason. E se isso é uma decisão estúpida, é uma decisão que também não me arrependerei.

Ele colocou sua mão em seu pulso quando ela iria se virar a mantendo contra ele. Em vez de lutar com ele, ela ficou imóvel, seus olhos brilhando com determinação e outra emoção mais perigosa.

— Não posso te dar o que você quer — repetiu, alguma coisa desconhecida se rompendo dentro dele ante o pensamento de ter que cortar a conexão com ela, quando era a primeira vez em sua vida que ele confiou uma parte dele a uma amante.

Um suave sorriso. — Eu fiz alguma demanda, hmm? — Levantando sua mão livre, correu seus dedos sobre sua mandíbula. — Eu tenho tanto amor dentro de mim Jason. Tanto amor. E nunca me foi concedido demonstrá-lo a ninguém, ninguém o queria. Deixe-me expandir as asas do meu coração com você.

Ele pode sentir seus dedos apertando seu pulso, forçou-se a soltar seu agarre.

— Será suficiente amar sem ser amada? — questionou sabendo que era uma pergunta cruel. — Dar e nunca receber?

O sorriso dela cresceu mais luminoso ainda.

— Você não tem idéia do que você me deu.

Jason não lhe soltou o pulso. Isso só podia terminar em lágrimas, não existia outra possibilidade. Mas quando ia responder, ela pressionou seus dedos sobre seus lábios. — Não seja arrogante, e não terei que ser dura em retorno. — Palavras zombeteiras, mas sua intenção foi puro aço. — Sou uma mulher adulta, — ela disse. — Eu sei quem eu sou, e entendo as escolhas que faço, se o que você pode me dar não for o suficiente, eu

irei embora. Eu não te culpo pelas minhas escolhas, então deixe isso ser minha escolha.

Jason soltou seu pulso antes de machucar aqueles ossos tão delicados com sua força. Sem ter em conta sua eloqüente promessa, seus instintos lhe rugiam para que acabasse com isso, que a protegesse da dor que ele lhe causaria. Mas o silencioso desafio que vibrava em cada fibra do corpo dela deixava bem claro que ela não aceitaria facilmente isso. Não, essa princesa que viveu uma vida que teria destruído a maioria, saiu dela acreditando na esperança, no amor, essa princesa era feita de um material mais duro.

Mahiya lutaria para se agarrar a ele.

Uma estranha violenta emoção o atravessou... e soube que não tomaria uma decisão racional. Não quando essa decisão envolvesse Mahiya. — Eu não lhe contei algo — disse, desejando que os caminhos dentro dele não tivessem congelado pela falta de luz, que fosse capaz de lhe dar o que um homem deveria dar a sua mulher. — Venom encontrou marcas frescas em alguns outros túneis.

Não havia uma exultante vitória no rosto de Mahiya por suas palavras não ditas, somente uma silenciosa alegria que o assustava a um nível altíssimo. — E tão velhos como são os túneis — contestou ela, — algumas saídas e entradas devem ter sido esquecidas, deixadas sem vigilância.

Jason lembrou o que Venom lhe tinha dito.

— *A única razão pela qual sempre soube das entradas e saídas do labirinto é que quando fui criado, eu era... próximo da diversidade em mim.*

Não sei como outra pessoa poderia saber sobre as partes mais antigas dos tuneis, mas foi ali aonde encontrei as pegadas.

— Irmãs gêmeas — murmurou. — Uma com a habilidade com cobras, poderia transformar esses tuneis em um parquinho infantil. — Onde Neha poderia esquecer as complexidades de um sistema subterrâneo, Nivriti não teria tido todo o tempo e o continuo desejo de vingança para exercer sua memória. No entanto... — Não vejo a Nivriti usando-os para um ataque a larga escala. Levaria muito tempo para trazer seu povo um de cada vez, deixando-os vulneráveis a serem exterminados se fossem vistos.

Mahiya envolveu os braços em torno de si mesma. — Quero minha mãe viva, mas se Neha morrer, o território inteiro será lançado ao caos, milhões de vidas estão em jogo.

Jason sacudiu a cabeça. — Só outro da Cadre pode matar Neha. Se Nivriti se uniu a eles, todo o mundo teria sido testemunha — Todas as ascensões ao Cadre começaram com um fenômeno mundial que não poderia ser ignorado, como se os arcanjos estivessem presos na própria estrutura do planeta.

No dia em que Raphael cruzou essa linha, os oceanos se tornaram violentos, um tom de azul impossível, assim como cada rio e cada lago em torno do mundo. Até a chuva que caía do céu era como se fossem jóias preciosas azuis, que quando caíam deixavam resíduos brilhantes como pó de diamante na palma da mão.

— Temos que parar sua mãe — ele disse, pensando no poder que continha em cada corpo do Cadre. — Ela nunca sobreviveria a um confronto com Neha.

O arcanjo da Índia só precisaria de um simples golpe para acabar com a vida de Nivriti para sempre. — Fale com Vanhi, averigua o que mais você pode descobrir.

— Não posso dizer a ela que é possível que minha mãe esteja viva — Vanhi é leal as duas, a minha mãe e a Neha, e pode tomar para si a intenção de negociar a paz.

Suas mãos se converteram em punhos, sua pele se esticou fortemente ao redor de seus delicados ossos de seu rosto. — Só espero não ter que enterrar minha mãe antes de sequer conhecê-la.

Jason começou a contatar seus informantes inclusive enquanto eles retornavam ao forte, recolhendo pedaços de informações de todo o mundo. Venom já tinha ido embora, tendo que voltar para o Refúgio logo depois de falar com Jason sobre os túneis.

— *Eu fico mais tempo e Neha irá me considerar um espião.*

De todas as formas, outro dos Sete chegou uma hora antes do amanhecer, justo quando Jason voltava de um encontro com um vampiro que só hoje voltava de uma área a quatro horas de voo do forte.

— Aodhan — ele disse ao anjo que parecia ser feito de pedras fraturadas de luz, o brilho de diamante ia desde sua cabeça até suas asas, cujos filamentos pareciam estar cobertos de pedaços de espelhos. Só o tom bronzado de sua pele e seus olhos cristalinos de um tom azul-

esverdeados, cujas iris saíam fora da pupila, lhe salvavam de parecer uma escultura de gelo. — Não te esperava.

— Não posso ficar — Neha não permite que nenhum dos outros Sete fique aqui. Venom é uma exceção.

Jason concordou com a cabeça. — Tem algo pra mim? — Aodhan era muito, muito bom em filtrar a informação que fluía continuamente no Refúgio. Ele teria sido um excelente espião mestre se não fosse o fato de não existir um lugar no mundo aonde Aodhan não fosse visto.

Em contrapartida, o anjo tinha sido durante muito tempo a mão direita de Galen no Refúgio. Agora, foi à Nova York e à Torre, e se ocupou de muitas das funções de Dmitri enquanto o líder dos Sete ajudava a sua esposa durante a transição. Se a transformação iria funcionar, ninguém sabia. Como chefe do conjunto das operações da Torre, Aodhan teria que fazer frente a qualquer número de pessoas, mesmo quando ele era um homem que não podia suportar o contato e procurava se isolar freqüentemente.

— *Essa é a primeira vez em séculos que Aodhan manifestou o desejo de fazer parte do mundo. — Os olhos de Raphael, de um azul que só foi visto no mundo no dia em que Raphael se converteu em um dos Cadre, encontraram-se com os de Jason. — Ele deve ter a oportunidade.*

Jason estava de acordo, desejando que o anjo conseguisse.

Agora, Aodhan disse — Sei que você não pode me contar os detalhes do que está fazendo aqui, mas eu detectei um padrão que conecta essa região. Isso pode não ter relevância para sua missão, mas meus instintos me dizem outra coisa.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Antes que o outro anjo pudesse continuar, uma borboleta com as asas de um vermelho vibrante salpicado com amarelo açafrão, pousou no ombro de Aodhan. Após um segundo apareceu outra, suas marcas mais modestas, sua envergadura maior. Aodhan olhou para elas, e por um instante, ele pareceu um anjo jovem de novo, terrivelmente envergonhado pela sua mais curiosa habilidade.

— É como se pudessem sentir meu cheiro — ele murmurou, mas não afastou as criaturas. Em seu lugar, ele levantou um dedo e uma terceira borboleta apareceu do céu para pousar nele, esta, com as asas de um creme cor do pôr do sol. — Ilium disse que talvez possa usá-las para levar alguém à morte.

Jason olhou como Aodhan colocava a borboleta cuidadosamente ao lado das outras, criando um adorno vivo em sua, de outro modo, prosaica camiseta marrom escura. Não eram os únicos seres voadores frágeis que se sentiam atraídos Aodhan, há muito tempo, Jason já tinha visto outro anjo rindo dele enquanto era encoberto por uma grande variedade de aves pequenas do tom de jóias, sua atração era maior que o néctar que eles costumavam beber. — Como diria Galen — contestou — Bluebell tem as asas de uma borboleta em si mesmo.

Sabia que Ilium tinha feito muito para tirar Aodhan do abismo, que o laço de amizade entre eles cresceu muito rápido.

Sacudindo a cabeça, Aodhan voltou ao tema que estavam discutindo antes.

— Uma série de vampiros velhos e anjos têm renunciado a seus postos de trabalho sem alvoroço em várias cortes de diferentes regiões nos últimos seis meses, e logo desapareceram da grade.

Seis meses.

Tempo suficiente para estabelecer uma base bem guardada. — Quão forte são esses anjos e vampiros?

— Ninguém tão forte quanto Dmitri ou você, mas de nenhuma maneira fracos. Juntos, eles poderiam pôr em perigo a um batalhão o suficientemente poderoso para resistir a um assalto importante e prolongado.

Se, Jason pensou, a força de assalto não incluísse um arcanjo. — Eles levaram pessoas com eles? Criados de confiança que poderiam manter a boca fechada?

— Aproximadamente quinhentos, uma vez que você coloque todas as peças juntas.

Essas eram as pessoas as quais Aodhan tinha conseguido localizar. Poderia ser qualquer número de vampiros e anjos que se comprometeram a não servir a nenhuma corte, por isso voavam sob baixo radar. Porque ainda que Nivriti não fosse um arcanjo, era um anjo reconhecido, que tinha governado a uma vasta faixa de território sob comando de Neha.

Jason não tinha ouvido nada que dissesse que sua gente não tivesse sido leal. Essas lealdades persistiam, e trezentos anos não era uma

eternidade para uma vida imortal. — Conseguiu recolher qualquer informação sobre um possível destino?

— Só esse subcontinente. — Os olhos de Aodhan romperam o reflexo do rosto de Jason em inúmeros fragmentos. — É um segredo que foi muito bem guardado.

Nada surpreendente. Os seguidores de Nivriti tinham que saber que se Neha descobrisse a conspiração, ela caçaria a sua irmã antes que Nivriti estivesse pronta para a batalha, e completaria a execução que havia começado muitas vidas mortais atrás. — Um dia — ele disse ao outro anjo — vou ser capaz de lhe dizer o que acaba de me dar.

Aodhan abriu suas asas, o ar ao seu redor ocupado com peças de cor enquanto as borboletas pousadas nele tomavam vôo. — Nos vemos em Nova York.

— Sim. Boa viagem, Aodhan. — Enquanto olhava ao outro anjo empreender vôo, um pedaço fragmentado de luz no céu, já estava calculando todos os ângulos deste problema.

Não foi até a manhã seguinte, o céu ainda escuro com nuvens cinza, que ele encontrou a resposta. — É a hora de dizer a Neha sobre a ressurreição de Nivriti.

— Sim. O sangue de Shabnam... grita por justiça. — Sulcos profundos se formaram ao redor da boca de Mahiya. — O que você descobriu que você escolheu esse momento?

Quando ele começou a falar ela conteve a respiração. — Você joga roleta russa com um arcanjo.

Ele nunca temeu a morte, não por si mesmo. Mas ele não permitiria que Mahiya fosse sacrificada no altar dessa eminente guerra a ponto de estalar. Guerra esta que nasceu de uma velha vingança e uma dor antiga, retorcida e rançosa. Nivriti pode amar a Mahiya, mas ela odeia a Neha muito mais. Qualquer um preso no meio do conflito seria destruído.

Pensou em Mahiya com as asas quebradas, seu rosto desfigurado, seus olhos chorando sangue, e sabia que ia forçar a mão dela se fosse necessário, ganhar seu ódio, mas *não a veria* morrer. Não Mahiya.

— O que está pensando? — perguntou em voz baixa. — Você pareceu longe por um segundo.

Ele considerou ofuscação, decidiu, em verdade.

A resposta dela foi instantânea. — Eu *nunca* poderia te odiar. Preferia amar a Neha. — Beijando sua mandíbula com lábios doces e quentes, disse, — Bem, Jason. Você é mais experiente em assuntos de guerra, vou te obedecer quanto a isso.

Jason tinha planejado se aproximar de Neha por sua conta, mas Mahiya cruzou os braços e sacudiu a cabeça. — A conheço de maneira que você não conhece, especialmente com relação a coisas as quais Neha não é racional.

— Eu quero você segura. — Ninguém nunca foi pra ele o que Mahiya se tornou agora. — Uma simples explosão de raiva de Neha e você deixará de existir. — E ele não poderia imaginar caminhar no mundo

sabendo que nunca mais iria ver a estranha, perigosa esperança que vivia nesses olhos brilhantes como os de um gato selvagem.

— Eu aceito sua ajuda porque você é o mais forte — ela disse, com uma crua emoção em cada palavra. — porém não irei me esconder atrás das suas asas. Essa é a minha batalha e eu não vou agir como uma covarde! Não vou, Jason.

Antes que tivesse alcançado esse inexplicável equilíbrio com Mahiya, antes que ela tivesse deixado marcas nele, ele a teria incapacitado e completado a tarefa antes que ela soubesse. A raiva dela depois iria pouco importar. Agora ele compreendia como Mahiya era, entendia o que sua ação iria custar a ela, sabia que ao negar isso a ela seria tirar algo dela que poderia nunca retornar.

Assim foi como ela aterrizou junto a ele nos jardins que davam ao lago, enquanto o pôr do sol permanecia no horizonte—Jason tinha passado esse meio tempo reduzindo o provável paradeiro do exército de Nivriti, com Mahiya ajudando recolhendo toda a informação que pudesse através de sutis perguntas aos serventes mais antigos.

Neha estava de pé sozinha na borda da fortaleza aonde caía abruptamente a água, seu olhar vidrado na cidade mais além.

— Eu escutei que existem pessoas de Raphael passando um tempo livre em meu território — foi sua declaração aberta, sua voz afiada como gelo.

— Aodhan tinha informação que me ajudou na minha tarefa.

As pregas da saia verde que Neha usava fluíam ao redor de seu tornozelo enquanto ela se virava, suas asas perfeitas movimentavam em suas costas. — Tenho que implorar essa informação pra você?

— Eu nunca esperaria tal coisa. — ele disse, ciente da resoluta presença de Mahiya e consciente de que não importasse o que ele instrísse, ela não correria se isso tivesse um resultado mortal. — No entanto, as apostas mudaram.

Neha acariciou a pele da fina serpente dourada enroscada ao redor de seu antebraço como um bracelete vivo. — Eu vejo. — Um brilho perigoso nos olhos. — Você rompeu os votos de sangue.

Ele teria feito sem escrúpulos se fosse para salvar Mahiya, mas como não era este o caso, ele não precisaria fazer. — Com minha ação, eu protejo os melhores interesses da família. — Neha, Nivriti e Mahiya eram os últimos descendentes diretos de uma antiga linhagem. Com Neha e Nivriti a ponto de ir para uma guerra determinada, Mahiya se converteu na única esperança da família para um futuro.

— Você tem que procurar algo valioso, de fato, se se atreve a brincar comigo.

— Não valioso... senão intrigante. — Sabia que Mahiya estava escutando a conversa, no entanto não mediu as palavras, tendo muita fé em sua inteligência. — Minha curiosidade ainda não foi saciada.

O olhar de Neha passou dele para Mahiya, seu sorriso tão frio como o sangue da criatura ao redor de seu braço. — Não tem que negociar comigo por ela Jason. Você é bem vindo a permanecer nesta corte sempre e quando quiser.

— Sou um dos Sete de Raphael — lhe lembrou. — Logo terei que voltar, e peço que liberte Mahiya pra mim.

Os olhos de Neha se tornaram de repente pedaços de gelo. — Por que lhe daria meu brinquedo favorito? — Um simples movimento do seu pulso e Mahiya foi jogada pro ar, com o pescoço dobrado de maneira que significava que tinha que estar tendo problemas para respirar.

Raiva, escura e violenta disparou pelas veias dele, mas ele manteve isso em controle. Mostrar sequer um indício de atenção a Mahiya seria acabar com essa negociação antes que começasse, e a menos que a Cascata tivesse mudado as coisas, este aspecto do poder de Neha era muito débil. Ela não poderia segurar Mahiya por muito tempo. — Por que o que tenho a te dizer lhe proporcionara muito mais satisfação.

— Posso romper sua mente como papel de arroz das terras de Lijuan.

— Não — disse Jason. — Não pode. — Sentiu então, seu toque mental, empurrando contra seus escudos, arranhando forte.

Os olhos dela se abriram, a ira substituída por fascinação. — Incrível. É como se sua mente usasse uma carapaça de ônix.

Raphael lhe havia dito algo parecido quando tinha tentado se intrometer na mente de Jason para, bastante ironicamente, lhe ensinar a proteger seus pensamentos de uma invasão. Ninguém que eles consultaram, nem sequer Jessamy ou o Curador Keir, jamais tinha visto ou ouvido falar de algo parecido em um anjo tão jovem.

*— Talvez — os sábios olhos de Keir naquele rosto muito jovem —
você criou essa barreira muito antes de você saber que isso era possível.
Uma defesa instintiva.*

Jason sempre tinha pensado que Keir tinha razão sobre isso. Sozinho e assustado quando era pouco mais que um bebê, teve que aprender a se proteger de um mundo muito grande, perigoso e vazio. — Pode me matar — disse. Porque isso era verdade. — mas ao fazê-lo perderia a informação que tenho.

— Você me teria como inimiga por causa de uma ninharia?

Jason ouviu Mahiya cair atrás dele, sabia que tinha que estar ferida, mas ainda sim não se virou. — Não acredito que considere assim depois de ouvir o que tenho a dizer.

Mahiya aspirou dolorosos respiros de ar, pelo menos três de suas costelas quebradas. Levantando ferida do chão para uma posição sentada, ela tomou uma respiração tão profunda quanto se atreveu. Sentia como se facas estivessem perfurando seu fígado, mas a neblina em seus olhos clareou um pouco a ponto de ver Jason e Neha nitidamente enfocados. O rosto da arcanjo era frio, o de Jason era uma máscara, sua tatuagem dramática sob os raios de sol.

De repente, Neha riu, e foi uma risada verdadeira, cheia de alegria. — Sabia que tinha escolhido bem.

O sangue de Mahiya congelou, a compreensão como uma chuva gelada em suas veias.

— *Posso oferecer a Jason algo que Raphael nunca será capaz de igualar.*

Jason não perceberia, não entenderia, mas ela conhecia esse olhar no rosto de Neha, tinha visto esse olhar calculador nela antes, depois de discutir com Eris. Nada disso nunca tinha chegado a alguma coisa, mas agora *Eris estava morto*.

Engolindo a dor que ameaçava estilhaçar seus pensamentos, tentou chegar na mente de Jason. Nunca antes tinha se atrevido a isso, porque se supõe uma intimidade que ele não queria compartilhar, mas ele tinha que saber ao que enfrentava.

Quando seus pensamentos colidiram com o inquebrável brilhante negro escudo e ricochetearam de volta, o pânico tomou conta dela remexendo suas asas, mas disse a si mesma que deveria ser paciente, manter a calma; Senão não teria êxito, Jason inadvertidamente poderia insultar a Neha e, ao fazê-lo, perder sua vida.

Não vou deixar que ela te mate, Jason. Não vou.

Tomando uma profunda respiração, tentou alcançar a mente dele novamente, se deu conta com um toque de desespero que estava muito fraca para ter algum impacto sobre um escudo tão solido que ia mais além do diamante. Era improvável que ele inclusive notasse suas tentativas, especialmente quando Neha, a arcanjo, também estava tentando bater suas defesas.

Retirando-se, ela forçou cada parte de sua mente para pensar em uma maneira de obter sua atenção ou criar uma distração.

— *Está ferida?* — Uma voz, pura como um sino... dentro da sua cabeça.

Ficou tão maravilhada pelo fato dele iniciar uma conexão que poderia ter ficado paralisada senão tivesse tanto medo por ele. — *Não, estou bem,* — mentiu, podia degustar a obsidiana brilhando de fúria. — *Jason, escuta, há algo que você deve saber.*

Silêncio, mas a conexão se manteve aberta.

— *Ela não se preocupa por mim, exceto como seu brinquedo como ela mesma me chamou, mas ela quer você.*

— *Neha não é o primeiro arcanjo que quer roubar minhas habilidades.*

— *Não.* — Conteve a respiração, soltando quietamente e rápido o ar enquanto a dor apunhalava seu peito.

— *Você está ferida.*

— *Um pouco de costelas quebradas não importarão se terminarmos mortos, então me escute. Ela não quer suas habilidades, ela quer você, como seu novo consorte.*

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

A voz de Neha quebrou o silencioso intercâmbio. — Não esperava que uma criatura tão fraca o intrigasse, mas sem dúvida é um interesse passageiro. — Tão rápido, Neha dispensou Mahiya. — O que te ofereço é muito mais do que você pode imaginar.

— *Ela está louca.*

Mahiya piscou devido ao comentário de Jason. — *Não, Neha está sã. Friamente sã. Ela sabe que você será um forte, perigoso e inteligente consorte.* — Jason era um homem que qualquer mulher se sentiria orgulhosa de ter a seu lado. — *E você é lindo. Neha sempre foi atraída pela beleza de um homem.* — Ainda que Jason fosse uma folha nua contra os refinados adornos de Eris.

— *Mas seria uma loucura cega e estúpida aceitar a oferta de uma mulher que encarcerou o seu anterior consorte durante trezentos anos.*

A boca de Mahiya ameaçou cair aberta. — *Bom, quando você coloca dessa maneira...*

— Preciso de um consorte — disse Neha, caminhando até a borda do jardim uma vez mais, seu olhar no lago, cuja superfície era um espelho que tocava o céu azul com bordas de cor vermelha e laranjada. — Não te quero como amante, por isso pode manter Mahiya como uma diversão, se assim o desejás, o que estou te oferecendo é uma oferta que nunca terá na Corte de Raphael.

Jason ficou calado por um momento longo. — Não esperava tal oferta — disse ao fim, como se Neha o tivesse pegado desprevenido e precisasse de um tempo para colocar seus pensamentos em ordem.

Sim, pensou Mahiya, observando o rosto de Neha quando se voltou novamente para Jason. Era o rumo correto. Recusar tal oferta de forma pura e simples seria um insulto para a arcanjo, que não esqueceria, nunca perdoaria.

— Um consorte tem que caminhar ao lado de um arcanjo — acrescentou — Eu prefiro as sombras.

— Meu último consorte era uma criatura da luz, brilhante e bonito, mas me traiu; — Frágeis palavras.

— *Alguma ajuda, Mahiya Geet.*

Surpresa pela ternura em sua voz mental, algo que nunca escutou em sua voz falada, precisou de um segundo para responder. — *Ela ainda é apaixonada por Eris, e você é um homem bastante orgulhoso para estar com uma mulher que chora por outro.*

— *Eu sou?*

Seus lábios tremeram. A risada de Jason estava escondida muito dentro dele, aonde a luz nem sempre alcançava, mas estava ali. — *Você é* — disse com firmeza, aproveitando a preocupação de Neha por Jason para chegar a seus pés.

— Esta vez — continuou o arcanjo, — um consorte que está nas sombras me cairia bem.

Jason fez uma reverência mais profunda do que Mahiya alguma vez o havia visto fazer, suas asas se estenderam em um ângulo

impressionante, as cores do pôr do sol que em exposição se tornaram em um lenço de fogo negro. Quando se levantou de novo, sua expressão era tão impenetrável como sempre, mas sua voz era suave.

— Me sinto muito lisonjeado.

—Mas. — O fio da voz de Neha foi como uma foice.

— Apesar de ele ter te traído, Eris é o dono do seu coração.

Neha respirou forte em silêncio. — Não estou te oferecendo amor.

— Eu sei. — Jason dobrou suas asas com grande cuidado. — Mas sou um dos Sete, vi como é ser um verdadeiro consorte de arcanjo, um autêntico salto para o coração, e por isso sempre terá algo faltando.

A raiva de Neha afastava os cabelos do seu rosto, um fraco resplendor emanava de suas asas. — A consorte de Raphael deveria estar morta.

Elena, lembrou Mahiya muito tarde, tinha sido fundamental na execução de Anoushka.

— No entanto — disse Jason sem perder o ritmo. — Raphael destruiria o Cadre antes de permitir qualquer dano a sua consorte. Você não faria o mesmo por mim.

Neha o olhou fixamente, uma pequena confusão em sua expressão. — Não esperava um coração romântico da sua parte, Jason. — Seu olhar desviou bruscamente para Mahiya. — Espera encontrar amor *nisso*?

Mahiya sentiu crescer uma turbulência contra seus sentidos, se deu conta de que não eram suas próprias emoções que estava sentindo. *Jason.*

— Não espero nada que não diversão — disse Jason em um tom tão tranqüilo que se não tivesse sido inundada pela sua raiva, nunca teria imaginado sua existência, — porém quero isso a minha maneira, no meu território.

As asas de Neha varreram o gramado de veludo alimentado pelos jardineiros para uma vida exuberante, enquanto ela se afastava. — A entregarei em sua guarda, se o conhecimento que demonstra possuir provar ser tão valioso como você acredita.

Mahiya sabia que era o melhor que podiam conseguir. Neha tomaria qualquer tentativa de negociar como um ataque a sua honra. *Devemos aceitar.*

E jogar os dados. — O assassino de Eris e dos demais não está em sua corte. — Jason se dirigiu ao lado de Neha, suas asas um contraste puro com o branco pó anil da arcanjo. — Nem ela está mais pela área, mas minhas fontes dizem que voltará aqui nas horas após o pôr do sol.

O coração de Mahiya doeu ante a idéia de sua mãe tão perto. Sabia que Jason tinha sido surpreendido pela descoberta do quão breve o ataque começaria, mas fazia um brutal sentido, Neha estava sofrendo a perda de Eris, vulnerável.

Agora, o cabelo da arcanjo estalou de novo em um vento que ninguém mais podia sentir. — Uma das putas dele?

Mahiya fechou suas mãos em punhos até que suas unhas cravaram em suas palmas.

— Eu não faço julgamentos — respondeu Jason. — Mas tenho quase certeza de que até sua morte, ela não o havia tocado há trezentos anos.

Neha ficou imóvel como um ser inanimado. Era como se deixasse de existir nesse momento, no agora, e se fosse para algum outro lugar. — Você trás os mortos a vida.

Preocupada pelo efeito do eco misterioso na voz da arcanjo, Mahiya esfregou os pêlos de seus braços, todos seus sentidos em pé, em alarme.

— Não acredito — respondeu Jason. — Mas também acredito que essa mulher morta está reunindo um exército.

Neha estalou suas asas. — Vem. — Com isso, ela abandonou o jardim e atravessou o lago antes de girar para cima e para trás rumo à fortaleza.

Jason a seguiu. — *Você está ferida. Espere aqui.*

Mahiya já estava no ar. — *Posso descansar depois.* — Batendo suas asas colocando a tensão em sua caixa torácica, a agonia ameaçando leva-la para baixo, mas não podia voltar atrás.

Mahiya.

Tinha a sensação de que ele estava no extremo, de que ele podia derruba-la fisicamente se fosse necessário. — *Eu preciso saber,* — disse abrindo seu coração, o coração de uma garota que nunca tinha conhecido o destino de sua mãe.

Uma pausa. — *Então me use.*

Não tinha certeza do que ele queria dizer, no entanto ela se aferrou a força da meia noite que podia sentir através de sua mente, e aterrissou

no forte Guardian um segundo depois de Neha e Jason. A arcanjo não se deu conta de sua presença, caminhando com passos decididos até uma sessão da fortaleza que tinha permanecido fechada durante o tempo em que Mahiya tinha sido consciente disso. Tinha tentado explorar uma vez quando era menina, quando encontrou seu caminho bloqueado por escombros caídos que eram muito pesados para removê-los.

Agora, Neha tocou seus dedos nos escombros em um padrão complicado... e só uma parte da planta caiu, revelando uma escada no outro lado. O coração de Mahiya batia tão forte que ela estava certa de que a arcanjo podia ouvir. Cada batida empurrando as costelas quebradas, mas a dor forte era eclipsada pela compreensão bruta.

— *Aqui, ela estava aqui todo esse tempo.* — Era um lamento.

— *Não mais. Lembra.*

Bloqueando sua angustia sob perverso controle, Mahiya envolveu a essência de Jason ao seu redor enquanto os seguia pelas escadas e em um corredor iluminado com lâmpadas elétricas modernas fixadas em apliques de parede que emanavam uma luz cálida nas paredes de pedra. Muitas delas tinham queimado, enquanto outras estavam envoltas em teias de aranha, uma indicação silenciosa de quanto tempo tinha se passado desde que alguém caminhou por essa passagem. Metros abaixo do corredor, Neha revelou outra escada que era ainda mais inclinada em direção a terra.

As luzes aqui eram lâmpadas nuas, o corredor era terra em si...e o quarto individual no final de um buraco na terra com barras

entrecruzadas que ocultavam o reino sombrio mais além. Lançando uma mão, Neha iluminou a cela com uma chama de poder violento.

Estava vazia.

Mahiya cambaleou, teria caído se Jason não tivesse agarrado sua mão.

— *Mahiya.*

— *Estou bem.* — O ar se precipitou em seus pulmões enquanto inspirava forte e pensou no que havia visto: o metal derretido aonde deveriam estar as algemas pregadas na parede, as marcas de queimadura ao redor dos buracos na cela. Quem havia resgatado a sua mãe, tinha usado um maçarico para libertá-la. — *Prometo.*

Ele a soltou antes que Neha se girasse. — *O quanto te dói?*

— *Estou curada. Eu só... esse lugar.*

Ela teve um pouco de medo que eles estivessem errados, que sua mãe ficou presa nesse lugar de pesadelos. Uma criatura destinada aos céus tinha sido mantida tanto tempo na escuridão... — *Suas asas haviam sido em vão. Ela não poderia ter voado para fora daqui.*

— *Isso também significa que foi resgatada há muito mais que seis meses. Se eu pudesse apostar diria que seu resgate aconteceu quando Raphael executou Uram. O mundo estava um caos, e Neha constantemente tinha que estar fora da fortaleza a negócios com o Cadre.*

Um grito de raiva propagou no silêncio, Neha dava voltas em fúria, criando uma parede de gelo de um lado e fogo do outro. Mahiya mal escapou de ser queimada pelas chamas... e saindo fora da trajetória a

colocou diretamente na linha de visão de Neha. Os olhos da arcanjo a imobilizaram, frios como o inferno, e Mahiya sabia que estava morta.

O negro brilhava em sua visão até que as asas de Jason eram tudo o que podia ver.

— *Não Jason, não!* —. Nesse estado de animo, Neha o executaria independentemente de qualquer outra consideração.

— A informação — disse ele enquanto tentava mover os ombros, a empurrando fora do perigo. — Valeu a pena o preço?

Um silêncio frio, o gelo trincando e quebrando em pedaços que caíam a seus pés, o fogo vacilante deixava a parede chamuscada, o corredor estava fracamente iluminado pela única luz que havia sobrevivido. A risada de Neha desta vez foi suficientemente inumana para agitar o estômago de Mahiya e, no entanto evidenciava uma diversão determinada.

— Agora entendo, Jason. Você tem uma fraqueza pelas aves quebradas e ela seria uma bonita refém. — Isso parecia agradar a Neha. — Muito bem, você cumpriu admiravelmente o voto de sangue. Leve essa ave ferida. Continue com ela, deixe-a em algum ninho protegido, isso não importa. Não tenho necessidade de uma refém quando posso esquartejar minha irmã membro a membro com minhas próprias mãos.

Os joelhos de Mahiya quase se dobraram, só seu agarre sobre Jason a mantinha erguida. — *Sou livre... e minha mãe está prestes a morrer.*

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Dmitri era responsável por vários negócios da Torre, resolvendo tudo quanto era possível mesmo a distância, incluindo uma situação em que precisou enviar um anjo mais velho para fora do estado para fazer frente a outro anjo que pensava criar um feudo livre da supervisão da Torre.

Uma vez feito isso, falou para Illium. — Há algo mais urgente que temos para resolver?

— Não, Aodhan deve ter tempo para se instalar.

— Bom.

Dimitri era consciente de que o anjo estaria fora de seu elemento, mas confiava que tivesse a capacidade de seguir os passos de Dmitri, até certo ponto. Aodhan e Illium eram muito mais jovens, tinham menos experiência, mas juntos eram uma força perigosa. — Você sabe como me encontrar caso precisar.

— Dmitri. — Olhos dourados rodeados de cílios negros com pontas azuis encontraram com os seus. — Cuide de Honor. Prometo-te que não queimarei a Torre em sua ausência, não sei por que todo mundo fica tão emocionado com um pouco de fumaça.

Consciente de que o anjo de asas azuis estava tentando aliviar seu estado de ânimo, disse, — Estou tranquilo. Deixe-me apenas chamar os

bombeiros. — Se despediu com a risada de Illium e olhou por cima do ombro para checar Honor como tinha feito umas mil vezes em todo o dia.

Tinha transferido seu escritório para o quarto, nunca longe dela por mais de uns poucos minutos no máximo. Não queria que ela despertasse sozinha. Com a toxina causando estragos na sua corrente sanguínea, podia entrar em pânico, ficar assustada.

— *Estará aqui quando eu despertar?*

— *Sempre.*

Uma vez que teve certeza de que estava a salvo, com sua respiração constante, obrigou-se a voltar ao trabalho, as árvores mais além da janela murmuravam baixo a carícia do vento brincalhão. Dois dias mais até que pudesse despertá-la, até que pudesse ouvir sua voz novamente. *Dois dias mais.*

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Levou apenas minutos para Mahiya empacotar as coisas as quais não podia suportar ficar sem. A bolsa era lastimosamente pequena, mas ela sempre soube que um dia teria que deixar esse lugar.

— Eu não peguei nenhuma jóia exceto aquelas que são indiscutíveis presentes pessoais — disse, e não era uma questão de orgulho estúpido, senão de segurança. — Não posso me arriscar que Neha me marque como ladra, exigindo meu retorno como punição.

— Você não deve correr esse risco. — Jason concordou em sinal de aprovação para a simples túnica e calças que tinha separado para o vôo fora do território de Neha. — Vou te dar o que você precisa para começar sua nova vida.

A tensão que tinha se acumulado na suas costas na sua primeira frase, se dissolveu em um segundo. — Obrigada. — Um empréstimo fornecido com uma expectativa de que seria reembolsado, não roubaria sua liberdade recém-descoberta, fazendo-a dependente dele — Sua bolsa?

— Nada me fará falta. — Ele sacou sua espada, a checkou, deslizou-a de volta na bainha. — Me dê a sua.

— Não está pesada. — Desenhada para ser carregada na frente, dessa forma deixava suas asas livre de obstáculos.

Ele só estendeu sua mão e a tomou, levando-a em uma mão. — Suas costelas ainda não curaram completamente, por isso não discuta.

— Vou levá-la na mão como você está fazendo, pelo menos até que nós estejamos fora da fortaleza. Você precisa ter as mãos livres caso tenha que lutar. — Suas lâminas finas, seriam uteis caso eles sejam encurralados, porém uma espada usada por um mestre terminaria as coisas antes de ir longe demais.

— *Você tem uma tendência a dar ordens, princesa.* — Apesar das palavras escuras, ele devolveu a bolsa. — Vamos, temos que ir.

Mahiya saiu para a varanda, hesitou. — Vanhi, não posso ir sem dizer adeus.

— Você pode encontrá-la no Refúgio — ela visita pelo menos uma vez por ano. E Neha se preocupa muito com ela para castigá-la por ver você.

Ele saiu da varanda com essas palavras para chegar a uma aterrissagem graciosa no pátio, as asas estendidas. Surpresa, ela o seguiu em silêncio. — *O que há de errado?*

— *Não confio que Neha não nos derrube do céu.*

Mahiya tinha o mesmo temor, o telhado da fortaleza estava enriquecido com um número cada vez maior de armas para derrubar no ar, em preparação para o retorno de Nivriti. Bastaria um só “acidente” para se desfazer de um anjo inconveniente e o chefe de espiões que a protege.

— *Os túneis, disse ela. — Venom te deu um mapa?*

— *Sim. Mantenha-se o mais perto de mim quanto pode, sem emaranhar minhas asas.*

Ela descobriu a razão de sua ordem uns momentos mais tarde, quando dois guardas que iam à direção do palácio passaram perto sem sequer um gesto de assentimento, ainda que Mahiya e Jason estivessem expostos numa alcova ao lado caminho. Adivinhando que eles só tinham visto uma piscina de escuridão, ela se converteu na sombra de Jason enquanto abriam caminho através da fortaleza, com passos cautelosos, mas firmes.

Em lugar de cruzar os pátios, Jason pegou um caminho interior, passando pelos corredores desertos e através das pesadas portas até que saiu em um pequeno jardim iluminado só por um número extra de velas de mesa. Era, lembrou, um complemento a um palácio abandonado. Como era evidente pelas velas, o jardim era utilizado por alguns escassos casais que procuravam privacidade, mas ninguém se sentava nos bancos essa noite.

Jason parou na escuridão fora da porta pela qual tinham entrado, e viu sombras juntas ao redor das velas, um momento depois, eclipsando inclusive a luz tênue. — *Pode ver?*

— *Não muito bem.*

Uma mão cálida se apoderou da sua.

Movendo-se com uma graça felina de um homem em sua casa na noite sem lua, Jason a levou até o centro do jardim e o pedestal sobre o qual se alçava uma estátua de um anjo sem nome, com as asas estendidas em preparação para o vôo. Torceu o pulso direito da estátua, depois deu um puxão na asa oposta, e um lado do pedestal se abriu. A porta era estreita, esta entrada não era feita para asas, mas Mahiya

deixou pra trás sua incipiente claustrofobia e entrou, o cálido corpo de Jason transmitia uma sutil segurança, entrou justo depois dela.

Um segundo depois, a porta se fechou novamente.

Inferno, a escuridão sibilou com os fantasmas de terror, e ela pensou que podia entrar em pânico, até que uma luz suave e brilhante encheu o espaço, a bola de calor flutuando justo na frente dela. Não foi algo que tinha esperado de um homem cujo poder se expressava em tons da meia-noite, mas estava pra lá de agradecida. — *Obrigada*, — disse, capaz de respirar outra vez agora que podia ver que a pequena caixa não possuía serpentes.

Seu braço veio ao seu redor. — *Escadas nos túneis se abrirão abaixo de seus pés. Tão logo aconteça, abaixe a cabeça.* — Pressionou algo na parede e a metade do chão tremeu. — *Tão rápido quanto seja possível, princesa.*

Mahiya não precisava que explicasse o porquê. Neha podia lamentar mais tarde se ela lhes causasse dano, podia considerar uma mancha na sua honra, mas de qualquer forma já estariam mortos. Usando a luz que a rodeava como um farol, asas raspando as bordas da estreita escada, empurrou a frente para entrar em um túnel tão estreito.

Passaram talvez dois minutos, depois finalmente tropeçou em um túnel muito mais amplo.

— *Vire para a esquerda.* — Jason caminhou a seu lado com essa instrução, os dois agora capazes de permanecer na posição vertical. Um conjunto de pegadas precedia as suas em meio ao pó.

— *Venom?*

— *Ele disse que conhece esses tuneis como uma serpente conhece sua toca.*

Como se ele as tivessem chamado, duas serpentes deslizaram sinuosamente em seu caminho. Mahiya se deteve, examinando a cor de sua pele curtida e exalou um suspiro. — *Não são venenosas.* — Neha não alterava sua natureza, exceto quando tinha uma razão específica.

Jason lhe dirigiu um olhar inquisitivo. — *Você não tem medo.*

— *Não na luz,* — contestou com honestidade.

Não eram as únicas criaturas deslizantes que viram, mas na sua maior parte, as serpentes só queriam estar sozinhas ou eram curiosas. Somente uma atuou agressivamente, e morreu de uma morte rápida sob a lâmina da espada de obsidiana de Jason, seu corpo se converteu em cinzas entre uma respiração e a seguinte.

— É a espada? — perguntou em voz alta, sentindo que estavam profundo o suficiente para que o som não propagasse as palavras. — O fogo negro?

— Não. No entanto, é um condutor muito útil.

Sua resposta não foi uma surpresa, não quando já tinha sentido a chama da meia-noite nele mais de uma vez.

— Os túneis...

— Enviei uma mensagem a Rhys justo antes de sairmos.

— Bom.

Ela não queria deixar sua mãe em desvantagem, mas o fato de Jason saber sobre a utilização pratica dos túneis antes que o juramento

de sangue se completasse, permanecendo em silêncio mancharia sua honra e colocaria sua vida em risco.

— Mais rápido Mahiya.

Os músculos da panturrilha ficaram tensos enquanto os túneis começavam a inclinar constantemente para cima, conteve sua respiração e sua força até que por fim saíram... desde um alçapão no chão do templo em ruínas aonde ela tinha achado o urso de pelúcia. — Por que Venom não usou esse túnel antes? — A saída se encontrava propositalmente em um canto escuro.

— É possível que a porta estivesse dura por causa da falta de uso. Ele colocou óleo nas dobradiças da porta para nós antes de sair. — Ele foi para outra alcova e saiu com uma bolsa que supôs que Venom havia escondido. — Armas, caso precisarmos.

Tirando grãos de areia do rosto, com teias de aranha com certeza em seus cabelos, ela deixou cair a bolsa no canto e entrou no espaço aberto ainda intacto no centro do templo — Não posso ir. — As palavras simplesmente saíram da sua boca, mesmo antes que fosse consciente de que estivesse fazendo sua escolha.

— Eu sei.

Uma dor terrível floresceu no seu peito devido a sua simples aceitação.

— *Se o mundo mudasse de repente e ela estivesse na minha frente, eu correria para os seus braços bem como aquele garotinho.*

Seria mais inteligente ter permanecido em silêncio, não empurrar seus limites, mas uma vida de muros e segredos não era uma vida que

queria com seu chefe de espiões. — Você vai me contar? — Ela disse, pedindo a ele para compartilhar um pedaço de sua história com ela, mesmo se ele não pudesse compartilhar seu coração. — Como ela morreu?

Jason se apoiou contra a parede, de costas para o templo em ruínas, com as orelhas inclinadas para o vento. O vento trouxe uma simples palavra.

Nivriti.

Sem esperar muito, ele pensou, adivinhando que o anjo da vingança tinha um espião no forte que a havia informado no instante em que sua filha estivesse fora do alcance de Neha e já não corresse o risco de ser utilizada como refém.

Seus olhos se detiveram na mulher que estava de costas a uma coluna que havia sobrevivido aos caprichos do tempo, seu rosto, um estudo de resistência e vulnerabilidade entrelaçadas. Esperando sua resposta, esperando ele contar a ela um pesadelo que ele não compartilhou com nenhuma pessoa na terra. Mas essa princesa tinha pesadelos por sua própria conta.

Pode ser por isso mesmo que ele falou. Ou talvez pelo calor luminoso na parte posterior de sua mente que era a presença de Mahiya. Ele tinha que ter a bloqueado, tinha certeza de que ela não tinha se dado conta de que tinha mantido a conexão desde a primeira vez que ele lhe permitiu passar através de seus escudos. Mas ele estava relutante em cortar a conexão — sentia como se ela mesma estivesse dentro dele. Não

de maneira intrusa, e de nenhuma maneira agressiva, só enrolada contra seu corpo como ela gostava de estar na cama, com a mão em seu coração.

— A vida de minha mãe — começou a dizer, tomando força desse resplendor suave — foi roubada quando eu era um garotinho cujas asas eram ainda muito grandes para seu corpo.

Tremendo, Jason se obrigou a deixar de olhar a ferrugem que não era ferrugem, e se arrastou fora do buraco, fechando a tampa com mãos cuidadosas — e desviou o olhar — para não fazer barulho. E então ficou olhando a parede. Não queria dar a volta e ver o que tinha do outro lado, o que havia empurrado fora da parte superior da tampa. Mas a parede se encontrava salpicada com ferrugem que não era ferrugem, também. Pedacinhos disso tinham começado a se desprender, cozidos pelo sol quente que entrava pela janela no topo.

Com o estômago todo retorcido e seu coração pesado ele olhou para longe da parede e para o chão que estava manchado de um pálido marrom, seus pés fazendo pequenas marcas na madeira polida. A parte suja de dentro do buraco não estava molhada. Só depois

Depois que os gritos pararam.

Ele fechou os olhos, mas ele ainda podia sentir o cheiro de ferrugem que não era ferrugem.

E ele sabia que tinha que dar a volta.

Ele tinha que ver.

Ela o olhava desde o outro lado do quarto, seus lindos olhos castanhos escuros virados pra cima com uma brancura que estava fora de

lugar. Seu pescoço estava incrustado de sangue, assim como estava a mesa do canto, como se estivesse ali somente para esse propósito.

Ele não gritou.

Ele nunca soube gritar.

Em seu lugar, ele olhou para o pedaço de carne que estava bloqueando a tampa. Levava uma bainha de seda ametista brilhante.

Ametista. Era a cor favorita de sua mãe. Ametista.

Demorou para ele dizer isso direito, e ela sempre ria com deleite quando ele utilizava essa palavra, seu lindo cabelo negro dançando a luz do sol.

O tapete rangia abaixo de seus pés, e se deu conta de que estava se movendo, se deu conta de que arrastava o pedaço de carne com a ametista a outra parte que a corresponde, que ele estava acrescentando os braços e as pernas, as quebradas e ensangüentadas penas de suas asas branco-prateadas, com o peito palpitando pelo esforço, os pedaços muito pesados para seu pequeno corpo. Mas ele tinha que fazer isso.

O sol ainda não tinha secado os pedaços na sombra e escondidos da luz direta, e suas mãos ficaram escorregadias e de um tom vermelho-escuro uma vez mais. Quando sua cabeça se deslizou de suas mãos e golpeou o chão, ele mordeu o lábio forte e a pegou novamente, afagando o cabelo que tinha chegado a seus olhos. — Desculpe mamãe. — Ele tinha o cabelo de sua mãe, sua pele, seus olhos, ela sempre dizia. Mas hoje seus olhos não estavam bem, não sorriam como sempre faziam quando olhava pra ele.

Finalmente colocando a cabeça aonde tinha que estar em seu corpo, se ajoelhou sobre o tapete que sempre marcava padrões em seus joelhos. — Acorde agora.

Sua mãe era uma imortal, igual a ele. Só quatrocentos e sessenta e cinco anos, mas era velha o suficientemente.

Os anjos viviam para sempre.

Isso era o que sua mãe dizia que os mortais acreditavam, mas ela dizia que os anjos simplesmente viviam um tempo muito longo.

Ele sacudiu seus ombros, sua pele marrom fria em vez de brilhar com o calor. — Acorde! — Ele tentou não lembrar o que mais sua mãe dizia, mas as palavras sussurravam em sua mente, falada em uma linguagem lírica da ilha aonde ela nasceu e viveu até ir para a escola em um lugar chamado Refúgio.

— Anjos podem morrer. É difícil, mas não impossível. Especialmente anjos jovens.

Agora ele olhava para o pedaço de carne usando a seda ametista, e ele sabia o que o buraco no peito dela significava. O coração se foi, arrancado. O estômago dela também, um buraco. E a cabeça... não tinha sido muito pesada para ele levantá-la. Porque nela tinha um buraco também.

Todo o interior da sua mãe tinha ido.

Um anjo da sua idade e poder não poderia reviver sem suas entranhas, não poderia se reformar. Ainda assim ele a sacudiu, dizendo a ela: — Acorde, acorde, acorde!

Até ele perceber que ele estava gritando. Quando era suposto ele nunca, jamais gritar.

Levantando-se, mordendo o lábio outra vez até que sangrou, deu umas palmadinhas no cabelo de sua mãe em seu lugar e se levantou, colocando uma mão ensangüentada na porta para abrir. O silêncio o recebeu do outro lado. Ele seguiu o rastro do sangue seco, determinado a encontrar as entranhas de sua mãe. Se as colocasse novamente sabia que se despertaria, sabia que o faria.

Suas asas se arrastavam no chão, a sujeira e as manchas de ferrugem vermelha no chão de madeira brilhante, e sabia que sua mãe lhe repreenderia. Supunha-se que ele deveria manter as asas devidamente levantadas, por isso seus músculos de vôo cresceriam fortes, mas se sentia cansado e faminto. — Desculpe mamãe — sussurrou de novo. — Prometo que farei melhor amanhã. — Depois que ela acordasse.

No exterior, todo o poder do sol o cegava, a luz se refletia nas areias brancas no outro lado do luxuriante jardim de sua mãe, a água de um horizonte infinito azul. Piscou até que as manchas se desvaneceram e continuou sua tarefa. A trilha do sol escurecida deu a volta ao lado da casa e do que tinha sido uma pequena cabana aonde seu pai construía suas coisas, como instrumentos que seus amigos levavam para vender no Refúgio e os brinquedos que Jason costumava amar.

Antes.

Fumaça ainda emanava dos restos derrubados da cabana de trabalho de seu pai, mas o fogo tinha devorado boa parte e estava pronto para dormir, com as vigas caídas brilhando com final de algumas brasas.

Ele sabia que não podia chegar perto do fogo, mas ele foi de todos os modos. Quando as brasas queimavam a pele, as plumas chamuscadas, ele sacudiu a ferida e continuou colocando de lado as cinzas e os pedaços de madeiras chamuscados até que viu a cabeça de seu pai.

Rodava pelo chão, todos os ossos, os buracos dos olhos vazios. O corpo de seu pai, ossos negros carbonizados, estava em outra parte da pequena cabana e Jason soube então que seu pai tinha queimado as entranhas de sua mãe, assim como as suas, que tinha cortado sua cabeça com a coisa de cortar que ele tinha construído... teria cortado a de Jason, se ele tivesse feito algum som quando seu pai o chamou depois que os gritos de sua mãe pararam e o sangue começou a passar através da tampa onde estava escondido.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Mas talvez seu pai tivesse cometido um erro, pensou de repente, uma estrela de esperança brilhou em seu interior, e se as entranhas de sua mãe tivessem sobrevivido?

Ele começou a cavar entre as cinzas novamente, sua pele queimava, seu rosto enegrecido pela poeira.

Ele cavou, e procurou, deixando uma trilha vermelha, pegajosa, sua pele descascando e suas mãos sangrando. Somente quando a noite caiu que ele percebeu que não tinha nada para ser encontrado.

O interior de sua mãe tinha se transformado em cinzas.

— Somente um poderoso imortal poderia renascer das cinzas das chamas. — Olhos castanhos brilharam com alívio e preocupação. — É por isso que você nunca deve brincar com fogo, Jason; Mesmo eu não sobreviverei ao fogo se ele alcançar meu coração e minha mente, e você ainda é um bebê.

Com as asas se arrastando sob a luz da meia lua, ele caminhou para a parte mais próxima da lagoa, lavou-se na água morna e rasa. Sua mãe não gostava quando ele entrava em casa sujo, então ele lavou e lavou até que o sangue e as cinzas saíssem do seu corpo, sua pele em carne viva e seus cortes ardiam na água salgada. Carregando suas roupas sujas, ele deixou as na varanda aonde ela sempre as pegava para lavar. Suas asas

ainda estavam escorregadias com água, então ele as abriu e sacudiu antes de entrar na casa.

Mamãe sempre beijava suas bochechas e secava suas asas com um pano macio, mas hoje, ele teve que fazer isso sozinho. Foi difícil — suas asas eram maiores que seu corpo, e ele não conseguia alcançar todas as partes.

— Desse jeito, Besouro.

Escutando a memória, ele estendeu o pano no chão e deitou nele como a mãe e seu pai fizeram uma vez, os dois riam após nadar, suas asas brilhavam a luz do sol enquanto ele os circulava encantado ao redor deles como um “grande besouro”. Essa era uma boa memória, de um tempo antes de seu pai se tornar um estranho que trancava sua mãe no quarto, onde ela fazia pequenos sons, sons de dor, que faziam Jason se retorcer até que não podia respirar.

Seco, colocou sua roupa limpa, e ainda que não devesse usar sapatos dentro de casa, pensou que desta vez poderia, porque o piso estava bastante sujo. Pronto, caminhou até a porta de trás, até onde sua mãe guardava as coisas com as quais trabalhava no seu jardim. Ela gostaria de estar perto das flores de hibiscos amarelas, ele pensou, começando a cavar. Elas eram suas favoritas — quando ele a trazia uma, ela sempre a colocava atrás da orelha, aonde “brilhava como o amanhecer contra a seda negra” de seus cabelos.

Seu pai sempre dizia isso e a beijava.

Antes.

Ele era apenas uma criança. Levou dois dias para cavar o buraco. Ele não queria colocar sua mãe no chão, mas as moscas tinham começado a incomodá-la, apesar dos lençóis que tinha arrastado dos outros quartos e colocado sobre ela. Sabia que ela não gostaria. Então depois que ele usou um tapete para gentilmente colocar os pedaços dela no buraco que ele cavou, ele colocou as flores de hibisco no cabelo dela e a cobriu com seu xale de ametista favorito.

— Eu te amo mamãe.

Então ele começou a colocar a terra dentro do buraco, em cima da sua mãe. Suas lágrimas corriam silenciosamente pelo seu rosto, seu corpo tinha aprendido muito bem nunca, jamais fazer barulho. Quando o buraco já estava cheio ele sabia que nenhum pequeno animal que vivia na floresta poderia perturbá-la, ele foi à praia para coletar conchas e mais conchas, até que sua sepultura brilhasse com a curva e reviravoltas do mar, e o brilho das flores de hibiscos penduradas na cabeceira.

Então, colocou os ossos de seu pai num saco e os arrastou para um lugar úmido entre as árvores, o saco, muito pesado para ele voar. Não soube quanto tempo caminhou arrastando-o. Muito tempo. Às vezes descansava. Mas finalmente chegou à pequena lagoa cercada de recifes de corais que sobressaiam, como um gêmeo que não tinha se formado corretamente.

A diferença de sua lagoa, era que não era permitido brincar nessa. Seu pai lhe havia dito que tinha um vulcão debaixo da superfície, uma cratera profunda. Esse vulcão tinha feito algo à água, algo que queimou os olhos de Jason uma vez que ele veio por curiosidade explorar.

As batidas de seu coração golpeavam contra suas costelas devido ao esforço, elevou-se no ar até o centro da malvada lagoa e deixou cair o saco no seu escuro coração, observando como o saco afundava abaixo da superfície e na boca do vulcão escondido. Quando a lagoa devorou seu pai, e ainda que Jason quisesse odiá-lo, odiá-lo, sentiu dor em seu coração.

Lembrou como seu pai lhe ensinou sobre o coral, sobre as criaturas do mar, sobre como trabalhar com madeira para construir instrumentos que faziam músicas inquietantes e sua visão ficou borrada, até que não podia ver mais e sabia que tinha que escapar antes que caísse na lagoa malvada. Tensionando seu corpo, voou acima no ar e longe, tão rápido como seus músculos cansados e suas asas pesadas poderiam levá-lo, antes de parar olhou ao seu redor.

A pequena ilha era um anel verde esmeralda que rodeava a lagoa. Ele não podia rodeá-la em um dia ainda, mas ele planejava fazer isso quando fosse maior. Sua mãe disse que iria com ele, mostraria todos os lugares secretos que ela encontrou, mas agora ela não estava mais aqui.

Não tinha mais ninguém.

Ele estava sozinho.

O coração de Mahiya se rompeu uma e mil vezes enquanto escutava a história de Jason, enquanto pensava nesse garotinho tão sozinho e assustado e triste. Mas também sabia que o homem diante dela não era mais esse garotinho, não tinha sido esse garotinho por centenas de anos. Não podia apagar sua dor e lhe dizer que tudo ficaria bem.

Jason tinha aprendido muito bem que às vezes nada podia reparar o que se tinha quebrado.

Não foi um pensamento consciente caminhar até ele. Só pareceu ser certo. Assim como pareceu certo deslizar os braços ao redor de sua cintura e colocar a cabeça em seu peito.

Às vezes, o tato poderia dizer mais do que qualquer palavra. Por isso se agarrou a ele e sentiu frescas lágrimas em seus olhos enquanto seus braços a envolviam, a mantendo próxima a ele. Suas mãos abaixo de suas asas e as dele sob as asas dela e isso parecia como se eles sempre estivessem em um abraço, como se eles estivessem em um abraço de mil anos a partir de agora.

— Meu pai — murmurou Jason, seu rosto apoiado contra sua fronte — era um homem talentoso, impulsionado por uma natureza apaixonada. Sua Nene significava mais para ele do que tudo e todos na existência.

Asas negras a rodearam, uma carícia à meia-noite.

— Talvez seu apaixonado apego à minha mãe pudesse ter sido moderado nos permitindo viver em paz no mundo, ou talvez a escuridão foi o preço que pagou por seu talento, mas a amou até que se converteu em uma obsessão, até que um por um, afastou a todos os seus amigos com seu ciúme. Inclusive as mulheres não eram mais bem vindas, acreditava que procuravam seduzí-la para que fugisse com seus contos sobre o Refúgio.

Deixando, pensou Mahiya, mulher e filho sozinhos com um homem cujo amor se transformou em uma armadilha. — Sua mãe... — deixou de

falar, se dando conta muito tarde de que a pergunta lhe causaria uma horrível dor.

Mas ele sabia o que ela deixou sem falar. — Ela foi contra os desejos de sua família ao aceitar seu pedido, mas não foi orgulho o que a deteve de voltar para o Refúgio. Foi amor. — Seus braços se apertaram ao redor dela. — Inclusive quando seu ciúme se intensificou ao ponto de imaginar um amante secreto, quem a visitava durante o raro tempo em que voava a uma ilha próxima para colher frutos. Inclusive a machucava de maneira a não deixar marcas exceto nos olhos.

Mahiya queria gritar para a mãe dele, sacudi-la. Como ela podia não ter protegido seu filho de tanto horror? No entanto, enquanto gritava em silêncio por causa da dor que tinha forjado ao homem em seus braços, sabia que as emoções não eram tão simples.

— Sinto muito — disse, e as palavras levaram sua dor e sua raiva.

A resposta de Jason foi uma carícia de sua mão em suas costas, seu coração batendo com força e constante em sua bochecha, seu corpo emanando calor, sua força tão inexorável que deveria estar aterrorizada. Mas esse era Jason, nunca poderia machucá-la. Sabia lá no fundo, mesmo antes de lhe contar sobre um passado que a fizesse entender porque ajudava as “aves quebradas”.

Uma pontada de dor, mas mais forte era a sua necessidade de tirar Jason desse horror, para lembrá-lo que o mundo não era só uma criação de dor, sofrimento e perda. Se afastando o suficiente para que pudesse olhá-lo aos olhos, pensou no que lhe havia dito, escolheu uma pergunta oculta.

— Você sabe nadar? — perguntou em silêncio, com a quietude da noite ao seu redor, mas com o som que anunciava a presença de um lagarto inquisitivo pouco antes que sacudisse seu corpo de jóias verdes e desaparecesse em uma fissura na parede do templo. — Você disse que brincava na lagoa.

A pergunta surpreendeu a Jason. Tinha esperado que a mulher em seus braços perguntasse os detalhes de como tinha finalmente alcançado o Refúgio, mas esse tema foi uma distração agradável das lembranças ruins.

— Como um peixe. Ensinarei-te se você quiser. — Todos os anjos podiam flutuar, suas asas eram flutuantes. No entanto, essa característica de se submergir na água e nadar atleticamente, particularmente em águas profundas, é muito difícil. Os pais de Jason lhe ensinaram truques para anular o efeito, ao menos durante curtos períodos de tempo.

— Gostaria sim. — O sorriso de Mahiya descongelou o gelo que tinha se formado em seu peito quando falou das perdas que tinha alterado para sempre o curso de sua existência.

— Há — disse, a aproximando ainda mais. — Maior liberdade no mar que no céu se você souber se mover sobre ele. Sozinho e sem pais, consciente de que tinha ido muito longe, aprendeu a se esgueirar através das profundidades, pregando suas asas às suas costas.

Nivriti.

Libertou Mahiya no sussurro do vento, dobrando suas asas nas suas costas.

— Vem aqui — caminhando para fora e ao redor de um lado do templo que estava envolto em sombras, Mahiya o seguiu em silêncio, ele olhou para a fortaleza, procurando qualquer sinal de problemas.

Não viu nada... não até que dirigiu seu olhar para a direita.

A noite no céu era uma folha de cor negra, o brilho das estrelas borrados por um exército de asas. Essas asas pareciam estar “erradas” na sua visão, até que se deu conta de que eram puro jato. Já que nenhum anjo vivo que ele conhecia tinha asas similares as suas, isso significava que tinham sido pintadas como camuflagem. O guarda vampiro tinha que chegar em alguns minutos na fortaleza.

— *Isso é uma loucura.* — A voz de Mahiya estava aterrorizada. — *Inclusive com esse exército, minha mãe não pode esperar poder vencer a Neha em combate.*

Jason não podia estar em desacordo. Impressionantes como as forças de Nivriti apareceram, não eram—não em comparação com a guarnição que vivia no forte, que representava só uma pequena porcentagem dos recursos ofensivos sob o comando de Neha. — *Você não deveria ver isso.*

— *Não... eu deveria ser parte disso. Pode ser que não conheça a Nivriti, mas é minha mãe, e Neha não fez nada para garantir minha lealdade.*

Jason voltou-se para segurar seu olhar. — *Se coloque nesse campo, e não fará nada mais que distrair a sua mãe. Neha te usará, fará com que Nivriti te veja sangrar. É muito débil para ser outra coisa mais do que uma responsabilidade.*

Mahiha vacilou. — *Isso foi cruel.*

— *Às vezes a crueldade é necessária.*

— *Você é forte,* — replicou ela. — *Poderia ajudar a minha mãe, mas é um covarde e te escondes aqui.*

Ele não lhe permitiu ver o que lhe causou seu golpe mental. — *No instante que eu desse um passo nesse campo de batalha, atrairia a Raphael e toda a sua gente a uma guerra. Milhares, milhões morreriam como consequência.*

Mahiya pareceu murchar, seus olhos postos nas asas negras no horizonte. — *Desculpe. Sabia que...não devia descarregar minha raiva sobre você. Perdoe-me Jason.*

Ele podia sentir seu coração se romper. — *Está perdoada.*

Movendo-se para ficar de costas para a parede, ela deslizou para recostar-se sobre esta, com uma desolação em sua expressão que nunca antes tinha visto, essa esperança obstinada e linda próxima a se extinguir. — *Esperei tanto tempo por ela, e agora ela vai morrer.*

Jason voltou seu rosto ao céu. — *Fique aqui.* — Se elevou ao céu negro repleto de estrelas antes que pudesse questioná-lo, mesclando-se nas sombras da noite com uma facilidade que era intuitiva. Logo saiu disparado diretamente ao exercito que se aproximava a passo lento e cuidadoso sem nenhuma similaridade com sua velocidade.

Um grito emergiu apenas quando ele quis ser visto. Levantando uma mão para deter as balas de serem lançadas, uma mulher que era sem duvida parente de Neha se afastou do grupo. Sentiu seu toque mental, mas não quis reconhecê-lo.

Imperiosa e ativa deteve-se frente a ele, sacando suas asas sem pintar para manter sua posição. — Espião.

Essa mulher, ele pensou — talvez havia dado a Mahiya os ângulos delicados de seu rosto, o selvagem azul e verde de suas plumas, mas não era nada como a garotinha que ela tinha dado a luz, em seus olhos sentia uma fúria devastadora.

— Deveria falar com sua filha antes de empreender essa missão suicida.

Seus olhos se ampliaram antes de soltar uma gargalhada no ar, rouca e suave. — Ah tanta fé. — Torceu seus lábios. — Leve-me a ela.

Jason não se surpreendeu nem por sua falta de preocupação sobre uma possível emboscada, nem de sua completa indiferença por sua advertência a se retirar. Amor e ódio tinham tendência a cegar, destruir a razão.

— Ela não está longe.

O Fortaleza Guardian estava viva com atividade no momento em que voltaram ao templo, e levou uma combinação de bastante tempo e sorte para trazer Nivriti sem ser detectado. Mahiya não se encontrava aonde a tinha deixado, senão de pé sobre as escadas do templo, com uma arma na mão e em posição para disparar.

Ele quase sorriu. Ele sabia que o brilho de raiva em seus olhos eram para ele, pela forma como ele a deixou, mas isso se transformou em choque quando seu olhar se fixou em Nivriti.

O ruído surdo da arma ao cair no chão tinha tirado Mahiya de seu atordoamento. Dobrando-se reflexivamente, pegou a arma sem afastar os olhos da mulher que caminhava até ela, vestida do que parecia ser couro negro de combate, suas asas eram do modelo pelas quais as de Mahiya haviam sido feitas.

— Filha.

Uma palavra sussurrada suavemente, os dedos da mulher correram sua face a medida que em sua expressão passou uma profunda emoção que desgarrou o coração de Mahiya, sua alma.

— Sempre amada de meu coração.

Essa vez, Mahiya não se preocupou pela arma quando a deixou cair. Lágrimas caíam pelo seu rosto, se meteu nos braços de sua mãe e deixou que esses braços a abraçassem com segurança. Não importava nesse momento que Nivriti fosse um monstro, quem tinha arrancado os órgãos internos de um homem e golpeado brutalmente a uma mulher sem razão não mais do que machucar a sua gêmea. Nada importava pela primeira vez na sua vida, porque ela estava sendo abraçada com amor.

CAPÍTULO QUARENTA

Nivriti murmurou para ela, sua voz uma melodia cadenciada. — Ela pensou em me atormentar, dizendo-me como você sofreu, mas a afirmação de que minha filha preciosa vivia foi o maior presente que ela poderia ter me dado.

Segurando o rosto de Mahiya quando ela recuou, Nivriti pressionou os lábios na testa dela. — Eu lutei para permanecer viva e manter a sanidade, mesmo quando as minhas asas apodreceram e minhas memórias ameaçaram fragmentar-se, por causa de você. Eu nunca me esqueci de você.

— Nem eu de você, — Mahiya sussurrou, pois não importa o que ela disse a si mesma ao longo dos séculos sobre a sua mãe, seja bom ou ruim, a única coisa que ela não tinha feito era esquecer. — Você não tem que ir para a guerra com Neha.

A expressão de sua mãe mudou, toda a suavidade apagada. — Sim, eu tenho. Ou ela nunca vai permitir-me ter paz, minha querida irmã precisa ver que me cresceram presas. — Um sorriso que Mahiya não podia ler. — É estranho o que cresce no subsolo escuro, mesmo enquanto outras coisas apodrecem. — Com essa declaração enigmática, ela estalou a cabeça para Jason. — Eu incumbi você de tirá-la daqui.

Jason ficou imóvel, um sentinela sombrio. — Eu não sirvo a você e nem a Neha.

A resposta de Nivriti àquela declaração claramente formulada de lealdade não era de raiva, mas uma risada de puro deleite. — Eu vejo por que você está atraída por ele, — disse ela para Mahiya. — Mas lembre-se, ele é apenas um homem, e não se pode confiar. — Seus olhos brilharam com força como diamantes quando ela abriu as asas. — Eu verei você em breve, minha filha.

Mahiya olhou para o céu enquanto sua mãe ergueu-se no ar com a graça perfeita, seu corpo não mostrando nenhum sinal de seu longo cativeiro. — Minha mãe teve anos de liberdade, — disse ela, por fim. — Suas asas teriam levado pelo menos um ano para se regenerar.

— Talvez. — O tom de Jason conteve uma nota inesperada.

— O que você viu que eu não vi? — Cega pela emoção como ela estava, ela sabia que não podia confiar em seu próprio julgamento. Mas no de Jason? Sempre.

— Nivriti está muito confiante para um anjo prestes a ir para a batalha contra um dos membros do Cadre. — Ele olhou sobre o forte, acompanhando o exército de Nivriti. — E ela voa com muita força e habilidade para alguém que sofreu séculos de aprisionamento embaixo da terra.

— Como que os que a salvaram, — disse Mahiya lentamente, — até mesmo sabiam onde ela estava? — Ela não se preocupou em manter a voz baixa, o ruído no Guardian era esmagador enquanto as tropas alçavam vôo.

— Nem todas as lealdades são o que parecem. — Fios soltos do cabelo de Jason espalhavam-se suavemente em volta de seu rosto com o

vento fresco da noite. — Se Nivriti foi esperta, ela plantou pelo menos uma de suas pessoas no interior da corte de Neha quando essa corte foi inicialmente formada.

E mesmo arcanjos, Mahiya pensou tocando os dedos nos dele, podiam cometer erros de julgamento.

A mão de Jason fechou sobre a dela. — Veja.

Seguindo seu olhar, ela viu um anjo erguer-se no ar e pairar diretamente acima do Forte Arcanjo. A partir do brilhante poder letal que rodeava a forma dela, só poderia ser Neha. Mahiya virou a cabeça para a direita, na esperança de que sua mãe estivesse protegida na massa de combatentes, mas não, ela pairou na linha de frente de suas tropas.

Neha começou a voar em direção a Nivriti enquanto ela voou em direção a Neha, as tropas de Neha amontoando-se acima do forte. Essas tropas eram um insulto, um esquadrão desprotegido. Enquanto as gêmeas chegavam a um impasse sobre a cidade, Mahiya sabia que a população abaixo devia estar olhando para cima com admiração assim como com medo. Porque quando um arcanjo brilhava, as pessoas morriam.

Neha e Nivriti pararam a vários metros de distância, o suficiente para que suas asas não se tocassem, porém que pudessem conversar. Mahiya teria dado qualquer coisa para estar lá em cima, neste momento, para saber o que foi que elas disseram uma a outra. Mas o que quer que fosse, parecia que sua mãe jogou a cabeça para trás e riu antes de esboçar uma reverência tão falsa, que Mahiya podia senti-la a esta distância.

O brilho de Neha intensificou... e Nivriti deixou cair o braço que ela tinha levantado acima de sua cabeça. Suas tropas pularam em direção ao

forte enquanto as forças de Neha corriam ao seu encontro. Ambos os grupos evitaram as duas mulheres no centro do caos. Neha e Nivriti continuaram a pairar em frente uma da outra, enquanto o aço entrava em confronto e dardos de besta rasgavam asas, trancadas em uma batalha de vontades que Mahiya não conseguia compreender. — *Para matar não só a sua irmã, mas sua gêmea... Eu não consigo conceber isso, Jason.*

— *Elas são tolas.* — Uma afirmação dura. — *Elas não compreendem que o que eles receberam foi um dom que não deve ser desperdiçado.*

Entendimento cantou uma melodia melancólica e assombrosa, através de seus ossos. Neha e Nivriti tinham nascido como duas metades de um todo. Se tivessem permanecido unidas na amizade e lealdade enquanto os séculos passavam, Neha teria sido um arcanjo com o mais confiável dos aliados ao seu lado. E Nivriti teria sido a segunda de um arcanjo, a posição mais forte exceto os membros do Cadre. Mais, ambas teriam alguém que pudessem confiar para dizer a verdade, não importa a questão. Essa confiança poderia muito bem tê-las salvo de cometer os erros que fizeram, dando-lhes uma vida mais feliz.

Mas elas tinham perdido esse dom, permitindo que orgulho e vaidade as separassem, até que Neha era uma mulher sem cônjuge ou filho, e prestes a matar a irmã de seu sangue. Enquanto isso, Nivriti era uma mulher tão consumida com raiva que ela optou por nunca mais ver sua filha, ao invés de se afastar de sua busca por vingança.

O brilho em torno de Neha ficou branco fulgurante.

— Fogo de Anjo, — ela sussurrou, nomeando a força mortal que pode matar até mesmo um arcanjo.

Jason sacudiu a cabeça. — Neha não pode criar fogo de anjo, mas o que ela pode criar é tão mortal quanto para os outros no Cadre. — Enquanto falava, um chicote verde estalou da mão de Neha, uma coisa perversa tão rápida quanto as serpentes que vieram com tanta facilidade para a mão da arcanjo.

Nivriti fechou suas asas e desceu quase no mesmo instante em que a pressão deixou a mão de Neha, um movimento de tal velocidade que Mahiya não poderia segui-lo com os olhos. — O que foi isso? — Ela não tinha certeza se ela estava perguntando sobre Neha ou Nivriti.

— O Cadre chama-lhe o chicote venenoso, — Jason respondeu. — Uma única batida contra a pele e libera uma toxina mortal para a corrente sanguínea. Tal como acontece com fogo de anjo, um arcanjo poderia vencer certo número de golpes de relance, mas um anjo comum iria morrer em segundos. Um ataque em cheio com o chicote no coração ou na cabeça equivale à morte total para até mesmo os arcanjos. — Os olhos de Jason acompanharam as duas mulheres enquanto Neha batia com o chicote e Nivriti esquivava, sua velocidade antinatural. — A sua mãe também tem poder sobre as cobras?

— Não, pássaros. — Os dedos dela convulsionaram nos dele quando o chicote venenoso passou ao alcance do que parecia um milímetro do rosto de Nivriti.

De repente, o céu estava tomado pelo fogo. As asas deles crepitaram, anjos gritaram e caíram, chocando-se sobre os telhados da

cidade. Jason sabia que embora seus corpos fossem quebrados e queimados, a maioria iria sobreviver. Enquanto a cabeça permanecesse ligada ao corpo e as chamas fossem extintas antes de chegarem aos órgãos internos, os restos carbonizados, enegrecidos iriam continuar a respirar, continuar a sofrer.

— Nova habilidade de Neha, — Mahiya sussurrou.

O fogo apagou-se tão rapidamente quanto tinha explodido no céu, mas as tropas de Nivriti haviam sido dizimadas, embora a própria Nivriti tenha sido rápida o suficiente para evitar o caldeirão de fogo. Agora, ela fez algo com as mãos e uma teia de ácido verde idêntico ao chicote venenoso de Neha estalou para envolver a arcanjo, asas e tudo.

Neha caiu.

Bem quando pareceu que ela se chocaria com a cidade em chamas abaixo, ela rompeu as amarras, interrompendo sua descida, mas Nivriti não cedeu, continuando a enredar-la naquela teia verde pegajosa. Pareceu que Mahiya ouviu Neha gritar de raiva enquanto a arcanjo rompia os laços de novo e de novo antes de liberar o chicote venenoso mais uma vez.

Nivriti esquivou, não foi rápida o suficiente desta vez, e o veneno tocou a borda de uma asa. No entanto, ao contrário do impacto conhecido do veneno em anjos comuns, ela não adoeceu e caiu. Em vez disso, ela disparou mais alto no céu.

Neha seguiu, suas asas chamejantes com o poder, suas mãos envoltas em verde. Nivriti girou, soltou uma rede de filamentos verdes que se enrolou em torno de Neha, envolvendo toda a sua forma. A arcanjo

lutou, uma mosca presa em uma teia, e novamente ela caiu, mas desta vez, o verde virou branco e rachou dela em peças frágeis como vidro.

Gelo.

O segundo aspecto das novas habilidades de Neha — mas como o fogo, isso parecia limitado, pois a arcanjo não tentou congelar a sua adversária para fora do céu.

— Jason. — Mahiya se inclinou para ele, as asas dele deslizando protetivamente sobre as dela. — Minha mãe deveria estar morta, não deveria?

— Sim.

No entanto, Nivriti continuou a evadir-se de Neha.

Um momento depois, ela fez mais do que isso. Ela jogou a teia pegajosa em Neha mais uma vez. Claramente confiante de que ela poderia neutralizar isso, Neha não fez nenhum esforço para se esquivar da rede. Mas desta vez, os fios verdes brilhavam incandescente, e o grito da arcanjo era de tal agonia que cada lutador no céu congelou no lugar.

Mahiya estendeu a mão, para quê ela não sabia. Pareceu terrivelmente errado que se matassem uns aos outros. Porque Neha, chamas lambendo ao redor de seu corpo, tinha quebrado a armadilha no último segundo e a mãe de Mahiya estava perto o suficiente, ela não pode evitar o ataque do chicote venenoso.

Não foi um golpe direto, mas causou danos.

Mahiya abafou seu grito de perda, mas Neha não seguiu o ataque com um segundo golpe mortal, sua trajetória de vôo errático. — Ela está gravemente ferida. — Impossível — Neha era uma arcanjo. E, no entanto...

Fogo lambeu o céu novamente, caiu sobre a cidade para estabelecer mais das chamas. Os fios verdes pegajosos que sua mãe arremessou em troca, uma das asas dela arrastando, erraram Neha para pousar na mesma cidade. Gritos levantaram-se do chão, estranhos e angustiados, a cidade começou a brilhar laranja enquanto as chamas tomavam posse.

O sangue de Mahiya encheu-se de horror, uma devastadora necessidade de fazer alguma coisa apertando sua garganta, as imagens do inocente filho da fabricante de brinquedos circulando em sua mente. Bem quando ela teria falado, Jason abriu as asas. — Eu tenho que parar com isso.

— Sim. — Entre elas, Neha e Nivriti iriam devastar a cidade e continuar indo, ambas demasiadamente irritadas e enfurecidas para desistir, embora ficou claro que elas estavam suficientemente feridas de modo que isso ainda poderia ser letal. Ignorando os comos e os porquês de como sua mãe pode ter prejudicado um arcanjo, ela apertou a mão de Jason. — Precisamos parar com isso. Por enquanto, estas são as minhas pessoas e eu não vou deixá-las queimar.

Ela se preparou para lutar, mas Jason tocou sua mandíbula em uma carícia fugaz, inesperada, antes de dar um breve aceno de cabeça. — O lado de Neha está em tão má situação quanto o de sua mãe. Vê-la machucada os desmoralizou.

— Eu tenho valor como refém novamente. — Mahiya assentiu. — Eu vou ficar perto de você. — Sangrou-a pensar em Jason ferindo-se a fim de protegê-la, mas como ele entendia a necessidade dela de fazer isso, ela

entendeu que ele era um homem que nunca permitiria que sua mulher entrasse no perigo desacompanhada e sem proteção.

— *Mahiya?*

Essa ternura de novo, algo que ela nunca ouviu em sua voz física.

— *Sim?*

— *Não se machuque.*

Era uma ordem, seguida de um beijo duro que a deixou sem fôlego. Com a intenção de levantar-se, Mahiya pegou a besta que ela derrubou, junto com um estojo de dez dardos que ela pendurava sobre seu braço. Ela tinha furtado uma besta velha do guarda várias décadas atrás, na lógica de que, ao contrário de esgrima ou combate corpo-a-corpo, era algo que ela pudesse ensinar a si mesma.

Nos anos seguintes, ela teve que roubar substituições, mas seu plano tinha funcionado. Ela conseguiu esgueirar-se na prática de alvo nas montanhas, pelo menos duas vezes por mês, até que sua última besta quebrou há cinco semanas. — *Não sou especialista,* — ela disse para Jason, — *mas eu costumo bater minha meta.*

— *Bom. Vou precisar que você vigie minhas costas.*

Com essa declaração inesperada, ele a levou por uma trajetória de voo baixa sobre o calor escaldante da cidade, até que eles estavam posicionados entre Neha e Nivriti. Ela assumiu que ele iria voar até onde elas lutavam, de alguma forma tentar parar a batalha, mas ele sacou a espada, apontou-a para baixo. Um segundo depois, um raio negro estalou ao longo de seus braços e sobre as mãos que empunhavam a espada, e ela

percebeu que ele estava empurrando o seu poder da meia-noite para baixo conduzindo através da lâmina.

Uma gota de suor escorria pelo rosto dele, seu bíceps rígido... e as sombras começaram a se aglutinar por toda a cidade, grossas e pesadas, apagando fogo, parando agonia. As pessoas gritavam no rio de preto macio, até que viram isto envolver as vítimas queimando, extinguir as chamas antes de prosseguir. Então eles tentaram direcioná-lo para suas próprias casas e lojas, mas as sombras eram guiadas pela mente de um anjo, cujo corpo continha um nível de poder que surpreendeu, e elas foram onde eram mais necessárias.

Para as pessoas. Para os animais. Para os edifícios nos quais os seres vivos estavam presos.

Quando um lutador abertamente agressivo lançou uma flecha em direção a Jason, ela não hesitou ou se preocupou em perguntar a que exército ele pertencia. Levantando a besta, ela colocou um dardo através de sua asa, enviando-o em uma espiral descontrolada que terminou com ele batendo em um telhado queimado. Mahiya estremeceu, mas encaixou um segundo dardo no arco, e quando o próximo agressor dirigiu-se a eles, ela mirou e disparou.

Talvez ela não fosse um lutador, mas ela não iria permitir que ninguém machucasse Jason.

Ela despachou o segundo anjo justamente antes que ele pudesse disparar sua própria besta, quando Jason estremeceu e levantou sua espada. — Os piores incêndios estão apagados, — disse ele, sua voz uma lixa grossa.

Maravilhada com a força dele, do jeito que ele a usou para salvar, não prejudicar, encheu a garganta dela de emoção. — Você deu-lhes uma chance de lutar. — Ela podia ver os carros de bombeiros despejando água sobre os edifícios que continuaram a queimar, as pessoas correndo para o lago para criar uma cadeia de baldes.

O rosto de Jason estava torcido quando ele se virou para ela. — Mantenha-se atirando em qualquer um que venha até você, e espere pelo meu sinal. — Com isso, ele voou direto para cima para passar entre as duas mulheres em guerra.

Confiando em suas habilidades como um guerreiro, ela não discutiu. — *Por favor, tenha cuidado.* — Uma única batida do chicote venenoso ou da rede de ácido verde da mãe dela, e ele trombaria com sua morte, mas ele não fez mais do que recuar quando as gêmeas bateram uma na outra, as batidas passando centímetros das bordas das asas dele. Quando Nivriti recuperou-se para jogar outra batida em Neha, apenas para que a rede virasse na direção de Jason quando o braço dela vacilou, ele desviou com uma tira de fogo negro que parecia uma extensão de sua espada.

— *Agora, princesa,* — ele disse, e seu título soou como um carinho. — *Elas já esgotaram sua energia para o momento.*

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Mahiya lançou suas asas para cima, certificando-se de se manter do lado da linha de batalha de sua mãe, de modo a não fornecer a Neha um alvo fácil. Jason deu-lhe um aceno quase imperceptível, quando ela o alcançou, e ela sabia que ele estava cedendo as rédeas, um reconhecimento de que as jogadoras eram muito melhores do que ele, ela compreendeu.

— Você está destruindo a cidade, — disse ela para Neha. — Você está matando seu próprio povo.

Asas continuando a brilhar, Neha olhou para baixo, franziu a testa, e acenou com a mão. Uma fina camada de gelo se formou sobre os lugares onde o verde nocivo da rede de Nivriti tinha começado a borbulhar através de telhados e paredes... e pessoas. Congelou, depois pareceu quebrar em pedaços inertes. Neha acenou com a mão novamente, mas o fogo de Jason não se extinguiu, continuavam a queimar, a capacidade da arcanjo para criar gelo aparentemente exaurida.

Não foi só a fadiga que marcou as duas mulheres.

As asas e o corpo de Neha suportavam feridas esfoladas pelo mesmo ácido, seu rosto cortado de um lado revelando seu maxilar, sua asa esquerda ostentando um buraco do tamanho da palma de uma mão que teria aleijado a maioria dos anjos. Enquanto isso, o sangue quase

preto vazava do nariz e das orelhas de Nivriti, até os cantos dos olhos, o veneno em sua corrente sanguínea atacando-a de dentro para fora.

— Suas forças estão dizimadas, — disse ela a sua própria mãe, querendo que Nivriti se virasse para ver como muitos de seu povo foram mortos ou feridos violentamente. — E você está enfraquecendo.

Nivriti varreu a mão, os vasos sanguíneos estourados em seus olhos, virando seu olhar carmesim. — Saia do caminho, criança.

— Eu não sou a criança aqui. — Mahiya manteve sua posição, falando com ambas. — Vocês estão em um beco sem saída, e logo, estarão lutando entre si no chão, com os mortais observando como fariam em um número de circo.

Gélido silêncio de ambas, Neha e Nivriti.

Em seguida, sua mãe começou a rir, era como uma inundação de prazer quase louco. — Isso certamente não exaltaria a sua dignidade, querida irmã.

— Se adequaria muito bem, — foi a resposta cortante de Neha, sulcos de dor marcando sua boca quando um dos tendões menores em sua asa esquerda pareceu ceder. — Você sempre quis se exhibir.

Nivriti encolheu os ombros, limpou o nariz sangrando em sua manga. — Pelo menos eu não acreditei como verdadeira a grande atuação de tomar um homem que não me amava como meu consorte.

— Não, você só carregou a criança dele e permaneceu fiel enquanto ele chafurdava como um gato no cio.

Mahiya teve a estranha sensação de ser apanhada no meio de uma briga entre irmãs. Só que esta briga já tinha custado centenas, talvez

milhares de vidas. — Meu pai, — disse ela com uma deliberação destinada a equilibrar o diálogo delas movido a emoção, — era um homem bonito o suficiente para encantar o coração de uma pedra, mas ele não era forte, não era digno de qualquer uma de vocês.

— Minha filha fala a verdade. — Uma grande amargura na expressão de Nivriti, uma coisa feia que poderia comer uma pessoa de dentro para fora. — Eu te fiz um favor, irmã. Ele estava levantando as saias de uma das suas, sem dúvida, muitas prostitutas dentro de sua fortaleza quando vim para resgatá-lo. Então retornei com alguns presentes.

Neha assobiou e estalou o chicote venenoso, mas debilitada como ela estava, ele não foi longe. — Não era da sua competência fazer um julgamento.

— Você ousa dizer isso? — Nivriti tentou pulveriza-la com o ácido, falhando. — Depois que você atuou como juiz e júri?

— *Jason, você deve falar. Elas não vão me ouvir, não importa o quanto eu tenha razão.* — O fato era que elas consideravam-na como uma criança. — *Seu orgulho é o ponto mais fraco para ambas.*

Jason se mexeu. — Se vocês desejam duelar até a morte, — disse ele em uma voz calma, férrea que exigia atenção, — vamos sair do caminho, mas em sua condição atual, vocês vão acabar lutando no chão, para diversão dos mortais. Estou certo de que nenhum arcanjo ou anjo morreu tão ignominiosamente.

Silêncio.

Então Nivriti levantou o braço e o restante de suas tropas ficou em formação ao seu redor, mesmo quando as tropas da própria Neha estavam baixando. Os lábios da arcanjo torceram-se em um sorriso frio. — Corra enquanto pode, irmãzinha. Vou me certificar de que nos encontremos de novo.

O sorriso de resposta de Nivriti era tão escuro quanto o sangue escorrendo de seus olhos. — Tenha a certeza de que eu estarei esperando. — Com isso, ela varreu em volta, suas tropas fechando atrás dela em uma guarda negra. — Mahiya.

Mahiya partiu ao comando de sua mãe, mas aquele choque não era nada quando ouviu a voz de Jason em sua mente. — *Vá com ela. É o lugar mais seguro para você.*

Ela queria discutir, queria sacudi-lo, dizer-lhe que seu lugar era ao lado dele, mas ele já estava voltando-se para Neha. Muito mais, ela percebeu, estava em jogo do que as necessidades e desejos de uma princesa que nunca teve um reino para governar ou um homem para amar, até que ela deu seu coração a um espião inimigo com asas de meia-noite.

Mesmo assim, ele poderia ter tomado um instante para tranquilizá-la de que ele iria encontrá-la.

Agonia torceu através dela ao vê-lo ficar mais longe a cada batida de asa. Mordendo os lábios, ela acalmou a vontade de gritar com ele. Ela já tinha colocado o seu coração aos pés dele, ela não iria mendigar. Porque enquanto ela não esperava que Jason—suas cicatrizes profundas

na alma—a amasse como ela o amava, ela entendeu que ele deve escolher para estar com ela, livre de qualquer outra consideração.

Não era o suficiente, nunca seria o suficiente, se tudo o que ele sentia era a responsabilidade de cuidar dela porque ela não tinha mais ninguém. Agora que isto já não era verdade... Engolindo em seco, ela o alcançou pela última vez com sua mente e o libertou. — *Cuide de si mesmo, Jason.*

O esquadrão de sua mãe se abriu para deixá-la ir ao centro, fechando atrás dela para formar um muro impenetrável.

Jason se forçou a não virar e observar Mahiya. Ele sabia que, neste momento, ele era o conhecido, o familiar. Se ele pedisse a ela que fosse com ele, ela o faria. Uma vez que ela passasse um tempo com Nivriti, no entanto...

Não, ele não roubaria a relação familiar que ela tinha a oportunidade de forjar, nem mesmo se causou um vazio angustiante dentro dele perder a conexão mental com ela quando ela voasse fora de alcance, protegida pelo povo de sua mãe. Ele iria dar-lhe tempo e espaço suficiente para ela decidir se queria caminhar ao lado dele agora que a vida dela tinha uma dimensão totalmente nova.

Tendo voado para escoltar Neha enquanto Rhys se certificava da retirada de Nivriti, ele manteve um olho na asa danificada da arcanjo enquanto ela veio pousar em frente ao Palácio de Jóias. Quando ela inclinou para o lado enquanto ela entrava, ele deliberadamente pousou muito próximo a ela, de modo que o tropeço dela seria atribuído a falta de

jeito dele em vez de ser tomado como um sinal de fraqueza pelos outros que desembarcavam em torno deles.

Orgulho, como Mahiya tinha dito, era um componente integral da natureza de Neha.

Ajeitando-se enquanto empurrava o corpo dele, ela o ignorou quando entrou em seus aposentos privados, mas ele sabia que partir agora seria desfazer qualquer bem que ele havia feito. Então ele saiu para o pátio para ajudar a lidar com os feridos — apenas porque os anjos e vampiros eram difíceis de matar não significa que eles não se machucavam. Um homem que soubesse injetar morfina e outros medicamentos de alívio da dor era sempre útil em condições de batalha.

Quando o guarda particular de Neha o convocou duas horas mais tarde, o pátio estava quase desobstruído, os feridos removidos para os quartos internos. Despedindo-se do curador com quem ele estava trabalhando, ele entrou no palácio para encontrar Neha sentada no trono na ponta da sala central. A arcanjo tinha tomado banho e estava vestido com roupas frescas, suas feridas enfaixada.

Essas ataduras disseram-lhe ao mesmo tempo que as feridas estavam cicatrizando a um ritmo muito mais lento do que deveriam e que Nivriti já não era um anjo comum.

— Então, agora você é um pacificador? — O tom de Neha estava perigosamente neutro.

— Você é um dos arcanjos mais racionais, — disse ele, e apesar de seus atos após a morte de Anoushka, as palavras eram verdadeiras. — Perder você poderia criar mais problemas do que resolver.

— Exatamente quão racional você acredita que eu seja? — Um olhar sutilmente calculado.

— O suficiente para pegar e usar o que Lijuan poderia ensiná-la sobre acelerar o surgimento de suas novas habilidades, — disse ele, — sem permitir-se cair na teia dela. — Foi um feroz tiro no escuro.

— Finalmente, — disse Neha num sussurro sinuoso, — chegamos a isso. Foi por isso que você estava tão ansioso para me ajudar, não foi?

— Eu sou um espião.

O sorriso de Neha era frio. — E pedir-lhe para agir de outra forma seria o mesmo que pedir a uma águia para não comer um coelho. — Pegando uma víbora filhote que tinha deslizado pelo chão para ela, ela colocou sobre seus ombros, acariciando distraidamente sua pele amarelo alaranjado. — Sim, Lijuan tem sido mais sociável nos últimos tempos.

Jason podia adivinhar. O trauma da morte de Anoushka tinha deixado Neha como um alvo preferido para um predador como Lijuan. — Fico imaginando uma coisa, — disse ele.

Neha levantou uma sobrancelha.

— Se Lijuan pode de alguma forma desviar poder, ou está tentando aprender a fazê-lo, de outros no Cadre. — Foi uma teoria tão incipiente, que não tinha sequer mencionado a Raphael. — A oferta dela de ajudar-te, então, faz mais sentido.

— Bem, bem, bem. — Neha levantou-se e desceu os degraus rasos abaixo de seu trono sacudindo a cabeça. — Um desperdício que você nunca vai governar. Sim, a prestativa Lijuan pensou em jogar comigo. —

Um flash de dentes. — Mas ela se esquece, eu joguei este jogo há milênios, também, e eu sei como conseguir o que eu quero.

Jason estava certamente perto de que não havia, na verdade, nenhum verdadeiro segredo em acelerar o desenvolvimento do poder, e que Lijuan simplesmente tinha aproveitado o efeito Cascata. Com pelo menos nove mil anos de idade, ela teve milênios para garimpar a biblioteca do Refúgio por tais segredos, mesmo se ela não tivesse entrado em seu poder no tempo em que vários Antigos ainda se sentavam no Cadre. Eles poderiam muito bem ter dito a ela sobre o efeito Cascata.

Tal plano conviria à inteligente Arcanjo da China de mente tortuosa, mas trazer isso a tona agora faria com que Neha parecesse tola, assim ele manteve silêncio e considerou reportar a Raphael. Embora ele não pudesse falar da conexão Lijuan-Neha, ele poderia agora discutir as novas habilidades de Neha — sua exibição sobre a cidade tornou-as públicas.

— Se você quiser manter minha simpatia, Jason, — disse Neha, sari sussurrando ao longo do tapete enquanto ela caminhava para a janela que dava para o jardim do pátio, — você descobrirá como Nivriti foi capaz de fazer o que ela fez, e depois você vai me dizer.

— Eu faço isso e me torno parte de sua guerra pessoal. Raphael não ficaria satisfeito.

— Você sempre faz o que agrada Raphael?

Jason sabia que a maliciosa pergunta era para alfinetar seu orgulho, mas o fato era: ele servia a Raphael por escolha, não por coação.

— Eu deixarei o seu território esta noite — disse ele, seu tom uniforme.

As asas de Neha flamejaram, os filamentos índigo captando a luz, antes de dobrar perfeitamente às suas costas quando ela se virou para manter seu olhar. — Diga-me, quando você ganhou a habilidade de usar as sombras de tal forma?

Ele não disse nada, porque ela poderia esperar nenhuma resposta. A verdade era, o que ele tinha feito esta noite foi apenas um aspecto de sua força — ele poderia usar o relâmpago negro de uma forma muito mais violenta. — Você deseja que eu leve uma mensagem a Raphael?

Um suspiro, um leve sorriso. — Diga-lhe que o serviço impecável de seu espião me fez repensar a nossa briga. Eu digo que Raphael não mais é meu inimigo. — Ela permitiu que a víbora rastejasse para baixo de seu braço, enrolando-se sobre sua pele. — Boa viagem, Jason. Vou tentar não ferir tanto Mahiya quando eu encontrá-la.

— *Eu vou tentar não ferir tanto Mahiya quando eu encontrá-la.*

Jason compreendeu que as palavras de Neha foram ditas para atormentá-lo. Não era a primeira vez que alguém havia tentado tal coisa, mas era a primeira vez que tinham atingido o alvo. Não importa a sua decisão de dar a Mahiya tempo com sua mãe, ele sabia que não era o que ele iria fazer, mesmo que parte dele dissesse que estava usando a provocação de Neha como desculpa.

Voando alto e rápido, ele certificou-se de que ninguém o seguiu a partir do forte. Só quando ele estava totalmente certo de que estava sozinho nos céus, ele aterrizou sobre a grama iluminada pela madrugada de um topo de montanha irregular, os ventos cortantes tentando arrancar

seu cabelo de seu laço. Ignorando o chicote frio do ar, ele pegou seu celular e fez uma chamada para Raphael.

Raphael foi mais rápido que Neha, talvez porque ele foi diretamente afetado pelos acontecimentos daquela primavera. — O mundo estava em tumulto quando Caliane acordou, — disse ele no instante em que ouviu falar da capacidade de Nivriti ferir Neha. — O caos foi derrubado ante a perturbação causada por seu despertar, mas e se foi a confluência de dois eventos, o reaparecimento de uma Antiga ocultando o surgimento de um arcanjo?

— Eu pensei o mesmo, — Jason disse, recordando as violentas tempestades que atingiram o mundo, o mar subindo em fúria, as placas tectônicas se deslocando, gelo caindo quando deveria estar a muito tempo descongelado, — mas eu não senti a mesma profundidade de poder em Nivriti que eu sinto no Cadre. — A consciência formigando por estar na presença de algo diferente.

— E Neha teria sabido se sua irmã havia se tornado do Cadre, — disse Raphael. — Um arcanjo sempre reconhece outro, mas a partir do que você diz, parece que ela está no escuro sobre a origem das habilidades de Nivriti.

— Sim. Pode ser que como irmã gêmea de Neha, Nivriti tem a capacidade para prejudicá-la que nenhum outro anjo possui, juntamente com certa resistência à própria capacidade de Neha. — Gêmeos eram além de raros na população angelical, e Neha era a primeira arcanjo que ele sabia que havia nascido com outra. — Nós não temos nenhuma diretriz em relação a como julgar o vínculo que as liga uma a outra.

Uma pausa curta. — Nivriti acreditando-se parte do Cadre, ela vai buscar participar do nosso número em breve, — disse Raphael, pensativo. — Ao contrário de Neha, o resto de nós não está em desvantagem por uma conexão de sangue—não vai levar mais do que uma única reunião para responder a questão sobre a força dela. Por enquanto, continue a ter o seu povo mantendo uma vigilância sobre ela, sobre as duas.

— Sire. — Terminando a chamada, Jason virou seu ouvido para o vento, para ouvir os ecos de desvanecimento de um exército em retirada... e a cintilante, teimosa esperança de uma princesa, cuja presença ele perdeu comprimindo contra sua mente.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Mahiya não sabia o que esperava da base de sua mãe, mas não um complexo palaciano fortificado escondido em um vale montanhoso há quatro horas completas de voo. No entanto, fez perfeito sentido — Nivriti não poderia ter voado secretamente uma frota no escuro a uma distância muito maior. As tropas vampíricas terrestres, sua jornada mais longa, tinham viajado para a cidade em veículos que não se destacariam nas estradas e agora se retiraram da mesma forma.

Trouxeram com eles os mortos e os feridos menos críticos do exército de Nivriti, Rhys e o general sênior de Nivriti tinham negociado uma pequena janela em que os caídos pudessem ser recuperados. Enquanto Nivriti foi obrigada a sair da cidade imediatamente, ela mandou metade de seu batalhão angelical ao chão — supervisionados pelos homens de Rhys — para resgatar e levar para casa os piores feridos, tanto vampiros quanto anjos. Essa unidade estava aproximadamente duas horas atrás deles, os veículos terrestres quase metade de um dia.

— Este complexo, — Nivriti disse a Mahiya depois que pousaram no escuro antes do amanhecer sob o olhar atento do pequeno esquadrão que ela tinha deixado para ficar de guarda, que uma vez tinha sido dela e agora era novamente. — Neha permitiu que caísse em ruínas. — Uma declaração satisfeita. — A aldeia circundante secou sem fregueses do palácio, e assim a área é um estéril matagal abandonado.

— Um lugar perfeito para esconder um exército. — Entrando no palácio, Mahiya examinou as tapeçarias antigas, assim como as pinturas que tinham sido criadas usando as próprias paredes como uma tela, de elefantes e cavalos montados por espadachins guerreiros vampiros, e donzelas angelicais com tímidos sorrisos, mas com armas em suas mãos.

As cores que uma vez foram brilhantes, agora eram pálidos fantasmas, as joias usadas por guerreiros e donzelas eram rochas enfadonhas. Ficou claro que as tapeçarias e tapetes que cobriam o chão de pedra eram tão antigos quanto às pinturas, mas as peças sobreviventes tiveram o pó removido delas para revelar obras de esplendor desvanecido. As paredes e pisos do palácio em si também foram limpos até que a beleza do edifício, cheia de entalhes e janelas rendilhadas, fez dos adornos adicionais uma indulgência, não uma necessidade.

— A maior fraqueza de Neha sempre foi a arrogância, — disse Nivriti depois de verter água em um copo de um jarro perto, bebendo-a. — Ela nunca acreditou que eu poderia ser igual a ela, e assim ela não me vigiou ou os lugares que sempre foram, e sempre serão, meus. — Palavras tão duras quanto as pedras da sua fortaleza. — Agora ela aprendeu melhor.

Um anjo, sua asa esquerda arrastando, como resultado de uma queimadura em toda a sua metade superior, entrou em seguida. — Minha senhora, — disse ele. — Lamento interromper, mas temos de falar sobre nossos planos de defesa, com tantos feridos.

Acenando para o homem, Nivriti dispensou Mahiya. — Vá encontrar um lugar para descansar, criança. — Seus olhos caíram para a

besta ainda na mão de Mahiya. — Você não vai precisar disto aqui, mas estou feliz que a minha filha não é um ornamento inútil. — Com isso, ela se foi.

Mahiya teve a oportunidade de explorar o palácio. O que ela descobriu foi que ele estava tão perto de uma fortaleza inexpugnável, quanto você poderia ter e ainda ser um lugar que era claramente lar para Nivriti e seu povo. Paredes altas no perímetro, mas tapetes macios no chão. Armas onde quer que ela olhasse, mas uma cozinha que permeou os quartos com cheiros deliciosos.

Quando ela fez seu caminho para uma varanda na parte de trás do palácio, viu a ambos funcionando bem e saudavelmente, uns jardins de frutas e vegetais no interior das muralhas defensivas. Embora o céu ainda estivesse cinzento, um vampiro já tinha começado a trabalhar nos jardins, e ele disse a ela que a água do poço era proveniente de um reservatório subterrâneo. — Não há jeito de ninguém envenená-lo.

Tais precauções não iriam proteger a fortaleza contra um ataque aéreo, mas as montanhas em torno do vale foram preenchidas com armamento antiaéreo, Mahiya adivinhou, que estava escondido até o ataque à Neha, e só havia uma estrada que conduzia ao local. Era um lugar destinado a manter-se sob um cerco, pensou enquanto caminhava de volta para dentro do palácio.

Embora ninguém parecesse estar prestando atenção a ela, guardas saiam do nada para redirecionar seu caminho quando ela tentou ir por um determinado corredor. Eles também levaram sua besta, dizendo que iriam limpá-la para ela.

Usando o seu melhor sorriso de princesa, ela disse, — É claro, — e saiu sem argumentar.

Levou uma hora de observação e de espera, mas os guardas remanescentes foram finalmente chamados para outra tarefa, e levou a ela não mais de dez segundos para alcançar as portas e atravessar. As salas além foram bloqueadas com ferrolhos e cadeados antigos, grades nas janelas pequenas talhadas nas portas.

Um frio repentino em seus ossos, ela olhou para a primeira janela.

Um anjo encharcado de sangue e inconsciente estendido no interior, suas asas presas ao chão por pinos martelados através das penas, tendões e músculos. Horror era um peso esmagador sobre o peito, ela se forçou a caminhar para a próxima cela para encontrar um vampiro pendurado em seus pulsos por grossas correntes, espancado e ensanguentado, sua cabeça caída para frente em seu peito. Ela reconheceu a ambos do Forte Arcanjo. Nem eram poderosos o suficiente para serem imediatamente procurados, mas ambos tinham idade suficiente para ter conhecimento do funcionamento interno do forte.

— Mahiya.

Tendo ouvido os passos das botas de Nivriti, ela não se assustou.
— Você quebrou essas pessoas.

— Neha faria o mesmo com as minhas. — Gelo, rígido e brutal. — Ela fez muito pior para mim.

Foi nesse instante que Mahiya admitiu o pensamento que ela tinha alimentado em um canto secreto do seu coração — que os assassinatos de Eris e Audrey, Shabnam e Arav, tinham sido uma aberração, que sua mãe

não abrigava a feiura da crueldade em seus ossos. — Você vai liberá-los agora?

— Não — Nivriti alcançou através das barras para enrolar aquela rede verde pegajosa ao redor da garganta do vampiro.

— Mãe, pare. — Ela agarrou a mão de Nivriti, puxou, mas já era tarde demais, a substância já estava no prisioneiro.

Enquanto Mahiya assistia horrorizada, a pele, músculos e ossos dele se dissolveram em borbulhas brancas até que o corpo caiu longe do pescoço. A única misericórdia era que o homem nunca alcançou a consciência. — Isso é...

— Mais misericordioso do que Neha teria feito a ele se tivesse rastejado para casa.

— Seu poder tinha a ver com as aves. — Foi o apelo de uma criança desesperada para salvar algo de seu sonho de sua mãe. — Com coisas vivas. — Não esta morte sádica.

O sorriso que tocou os olhos de Nivriti era tingido de verde ácido. — A habilidade morreu, — disse ela, sem rodeios. — Mas enterrada na terra, encontrei conforto em outras criaturas. — Ela deslocou-se para a cela que abrigava o anjo. — Eles sacrificaram suas vidas quando eu precisei de sustento, e compartilharam sua força comigo.

— Não! Por favor! — Mais uma vez, Mahiya tentou deter Nivriti enquanto sua mãe, quase enfadonhamente, agitou a mortal rede verde para o anjo.

Mas sua mãe tinha mais de três mil anos de idade, seu poder vasto mesmo no rescaldo da batalha. Foi uma luta desigual, uma que Mahiya

não poderia ganhar. Tremendo, ela se forçou a assistir, para *lembrar* esta morte, como o anjo se dissolveu em nada. Ele e o vampiro tanto mereciam epitáfios, quanto mereciam não serem simplesmente apagados da existência.

Suspirando, Nivriti foi tocar Mahiya, balançou sua cabeça quando Mahiya cambaleou para trás. — Como é que você ficou tão branda sob a mão amorosa da minha irmã, hein?

Porque eu não queria acabar como ela... como você. Seu coração se partiu novamente, quando ela percebeu que alguns sonhos de infância não tinham esperança de um dia tornar-se realidade.

— Não importa. Estou aqui para cuidar de você agora. — Nivriti olhou por cima do ombro. — Acompanhe a minha filha para o quarto dela. Ela deveria descansar.

Mahiya permitiu que lhe fosse apresentado o limpo e, pelos padrões do palácio, luxuoso quarto. Estava claro que ela estava recebendo honrarias como filha de Nivriti.

— Estou aqui para cuidar de você agora.

Sentando-se na cama de dossel, mágoa um nó em sua garganta, ela colocou os dedos em torno de um dos postes de madeira esculpida que haviam sido polidos até que brilhassem, e então ela pensou. Sobre quem ela era, o que ela queria fazer com a existência imortal que se estendia indefinidamente em frente a ela.

Independentemente do que Nivriti acreditava, ela não era uma criança. Ela tinha lutado por sua liberdade com um arcanjo. Jason tinha ajudado a alcançar essa liberdade, e talvez ela nunca ganhasse tudo

sozinha, mas, mesmo diante de obstáculos aparentemente intransponíveis, mesmo depois de uma vida com um arcanjo que queria esmagar o seu espírito, ela se recusou a render-se. E com seu espião também, ela foi a única que tinha barganhado quando ela não possuía nada mais do que uma simples cartada.

— *Você precisa me dar algo em troca. Eu não posso entregar a peça mais valiosa de informação que eu tenho sem ganhar algo igualmente valioso em troca.*

Ela tinha falado essas palavras, exigiu que ele tratasse com respeito sua necessidade de liberdade.

Mas agora, mais uma vez, ela se viu em uma prisão. Não havia trancas, nem má vontade de Nivriti, mas sua mãe tinha deixado declarado que via Mahiya como um bebê. Alguém que seria mantida segura neste palácio, ter suas asas cortadas, e ficar calada ou ordenada a ficar em silêncio quando chegasse a hora de os adultos falarem. Protegida contra as duras realidades da vida.

— *Acompanhe minha filha para o quarto.*

Mahiya já podia sentir uma sensação opressiva de asfixia comprimindo sua caixa torácica. — É tarde demais, mãe, — ela sussurrou, e foi uma decisão que ela precisava fazer antes que ela pudesse continuar com sua vida. — Eu já não sou um bebê há um longo tempo.

Tristeza rasgou em suas veias por tudo que elas haviam perdido, o tempo que elas nunca poderiam recuperar. Mas havia também um doce, doce alívio, a culpa pesando em seu estômago ao pensar em abandonar

Nivriti impregnado pelo conhecimento de que para construir um relacionamento com sua mãe, ela teria que deixá-la. Era a única maneira de forçar Nivriti a vê-la como uma mulher adulta. Uma mulher que amava um espião com asas negras.

Jason sabia? Que se ela tivesse voado para longe de Nivriti no campo de batalha, ela teria sempre se perguntado como sua vida poderia ter sido com a sua mãe? Que a culpa em abandonar uma mulher que havia sobrevivido a um pesadelo, e que olhou para Mahiya com amor nos olhos dela, teria sido uma constante dor em seu peito?

Seus lábios curvaram, porque é claro que ele sabia, Jason pensava quatro passos à frente. Esperança floresceu, mas com os dedos apertando o poste, ela se forçou a ser racional, para lembrar que ele despediu-se dela sem qualquer indicação de que ele pretendia encontrá-la novamente. Mesmo que ele tenha feito isso, ele não podia adivinhar que ela teria chegado a sua decisão, estar pronta para ir embora apenas algumas horas após a chegada. Leal como ele era a Raphael, ele provavelmente já deixou o subcontinente para fazer seu relatório.

O que significava que Mahiya estava sozinha.

Respirando fundo, ela se levantou e fez um balanço de si mesma. Ela estava um pouco cansada do voo para o palácio, mas não exausta, já que o exército havia se movido a um ritmo mais lento para acomodar seus irmãos feridos. No entanto, seria inteligente descansar, recuperar sua força total, exceto que ela queria sair agora.

Mesmo as restrições mais amorosas ainda eram correntes que buscavam obstruí-la.

Saindo agora daria a ela uma pequena vantagem — a unidade angelical secundária, com sua carga de feridos, chegou quando ela estava sendo escoltada para seu quarto. Sua oferta de ajuda foi rejeitada, e pelos sorrisos condescendentes deles, ela tinha quase certeza que era porque os guardas pensavam que ela iria desmaiar quando visse o estrago, sem nunca perceberem as coisas que ela tinha testemunhado na corte de Neha.

Todo mundo que poderia ser dispensado estava cuidando dos feridos, as defesas do palácio a mais escassa que elas poderiam ser. Era a sua melhor chance de escapar, porque o fato era que ela não achava que sua mãe iria simplesmente deixá-la ir. Não quando Nivriti pensava nela como uma criança incapaz de cuidar de si mesma. Os olhos de Mahiya queimavam, e ela se perguntou se a cegueira de sua mãe era intencional, se ela tentou encontrar o bebê que havia sido roubado dela há tanto tempo atrás.

Engolindo a onda de emoção crua, Mahiya afastou as cortinas nas portas da varanda, viu que o sol da manhã era cristalino. Ela estaria destacada contra o céu azul... mas ninguém a tinha proibido de alçar vôo. Decisão tomada, ela foi até o banheiro e lavou o rosto, arrumou seu cabelo em uma trança apertada, em seguida, abriu as portas da varanda e saiu.

Havia algum número de anjos fora, e um vôou em direção a ela de uma vez, suas asas um preto tingido que disse a ela que ele tinha sido parte do ataque. — Princesa, — disse ele com a pouca cortesia de alguém que tinha coisas muito mais importantes em seu prato. — Como posso servi-la?

— Eu apenas gostaria de esticar minhas asas um pouco antes de eu descansar. — Arregalando os olhos, ela deu-lhe um sorriso hesitante. — Eu suponho que é seguro voar na área acima e ao redor do palácio?

Como ela queria, ele se concentrou sobre a segunda questão e não se incomodou em perguntar por que ela queria esticar suas asas após quatro horas de voo. — Tão seguro quanto podemos fazê-lo. — Cenho franzido, ele direcionou um trio de anjos, com um complexo conjunto de sinais de mão. — No entanto, estou certo de que Lady Nivriti preferiria que você permanecesse em segurança em seus aposentos.

Ele era um general de algum tipo, ela pensou. Havia muita autoridade em seu tom para um subalterno. Em vez de obedecer, como ele claramente esperava, ela endireitou a coluna e disse, — Você está me mandando permanecer no meu quarto? — Canalizando a falecida Anoushka em sua melhor faceta mimada. — Talvez você gostaria de me colocar na coleira e guiar-me ao redor como um animal de estimação, também?

Cansaço lavou o rosto do general, e ela teve que lutar para não estremecer de simpatia, ela não gostaria de estar lidando com esta versão de si mesma, tampouco, especialmente depois de uma batalha que lhe custou muitos de seu povo. Mas se ela não saísse agora, ela poderia ser presa neste purgatório doloroso durante semanas, até meses, sufocada por um cego amor materno para a verdade da vida para a qual Mahiya tinha sobrevivido.

— Por favor aguarde, — disse ele, não cedendo terreno diante da indignação dela, o que significava que ele não era um general, mas

provavelmente o general. — Eu vou te encontrar um acompanhante. — Virando-se, ele voôu para a esquerda.

Bem, isso foi estúpido.

Bufando diante da suposição dele de que ela ficaria onde foi colocada, ela desceu da varanda sem parapeito, varreu o pátio, e em vez de espiralar fora em círculos largos, foi direto para cima como ela viu Jason fazer muitas vezes. Se ela pudesse estar acima da fina camada de nuvem branca, antes que alguém percebesse o que estava fazendo, ela poderia confundir e talvez distrair quaisquer perseguidores tempo suficiente para fugir.

Essa perseguição veio muito mais cedo do que ela esperava; uma voz brusca ordenando-lhe para descer. Mais velho e mais forte como ele era, ela sabia que o general iria pegá-la em segundos, mas ela cerrou os dentes e continuou a bater suas asas para cima, os músculos dos ombros e costas tensos até que seus tendões se sentiram como se pudessem romper. Deixe-o pensar que ela é uma pirralha mimada; isso iria plantar a ideia errada em sua mente, talvez dar a ela outra chance depois.

Uma varredura de preto na frente dela. *Jason!* Ela estava tão chocada, que ela disparou por ele.

— Pronta para ir?, — ele perguntou quando ele veio para se juntar a ela, como se ela tivesse ido para uma visita da tarde em algum lugar. — *Você está bem, princesa?*

Ela quase caiu em prantos na ternura penetrante de sua pergunta mental. — Sim e sim, — ela disse com um sorriso trêmulo, se

perguntando se ela nunca iria entender esse homem que adorava. — Mas eu receio ter adquirido um problema.

— Eu vejo isso. — *Você pode se manter suspensa no ar?*

— *Sim.* — Seu corpo protestou pelo abuso, mas ela lidou com pior.

Situando-se ao seu lado e não na frente, Jason voltou-se atrás e retirou sua espada, segurando-a casualmente a seu lado quando o general chegou até eles. Os olhos do anjo estalaram de Jason para Mahiya, à ameaça tranquila da espada preta de Jason, e ele pareceu decidir que o silêncio era a melhor política. Então todos olharam educadamente de um para o outro até que a mãe dela alçou vôo para encará-la.

— Mahiya, — um chicote de raiva dirigida a uma prole desobediente. — Espero minha filha ao meu lado.

— Mãe, — Mahiya disse com a maior delicadeza, não querendo ferir Nivriti, mas sabendo que tinha que forçar a mãe a ver a verdade, se elas fossem alguma vez construir um relacionamento, — Eu não tenho sido uma criança durante séculos. Nunca me foi realmente permitido ser uma. Você sabe disso.

Apesar da gentileza, Nivriti se encolheu. — Eu vou matá-la pelo que ela fez.

Mahiya levantou uma mão. — Não. Não pense em me usar como desculpa em sua guerra com Neha. Eu não quero fazer parte disso. — Coração retorcendo, ela segurou aquele olhar tão familiar e tão alheio. — Trezentos e sete anos, — disse ela em um sussurro que comportava uma vida de sonhos perdidos e dor despedaçando. — Isso é o quanto eu sobrevivi. Eu não quero sobreviver por mais tempo, mãe. Eu quero voar.

Um momento de silêncio absoluto antes dos olhos de Nivriti baterem em Jason. — Se você não cuidar dela, espião, eu vou te caçar até os confins da terra. — Com essa ameaça violenta, ela e seu general caíram de volta ao palácio.

Escorregando para o lado a espada, Jason virou-se para ela. — *Ela realmente a ama, a seu modo.*

— *O suficiente para me libertar.*

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Quatro dias depois de ter dormido, Dmitri trouxe Honor de volta de seu sono drogado. — Dmitri. — Era uma pergunta lenta enquanto ele a embalava em seu colo, mas ele ouviu o pânico.

— Você está a salvo — disse. — É hora do primeiro beijo de sangue. Você se lembra? — Ele havia dito a ela cada passo do processo, de forma que não tivesse medo de acordar sem o controle total de suas faculdades, sua Honor quem uma vez tinha sido transformada em prisioneira por monstros.

Seus dedos se fecharam sobre o peito, o temor uma mancha de brilho em seu rosto. — Não posso me mover.

— Honor, baby, eu não posso te trazer totalmente. — Ela o estava rasgando por dentro. — *Por favor*, lembre-se. — Ele acariciou e beijou a mulher que fazia valer a pena viver a eternidade, abraçando-a o mais fraco que podia, pois sua pele era sensível e agora era mais fácil deixar machucados. — Eu nunca faria nada para machucar você.

A respiração contra seu pescoço, afugentando o pânico, embora sua voz ainda estivesse grossa devido às drogas. — Eu te amo.

Aliviado até que quase não pudesse respirar, permitiu-se três preciosos minutos com ela antes de usar uma de suas presas para perfurar o pulso e levá-lo até a boca dela. — Eu sei que isso não vai ter gosto bom agora — Não o faria até que a transformação tivesse mais tempo para tomar posse em seu corpo — mas você só tem que tomar

algumas gotas.

Honor torceu o nariz, mas não lutou.

— Nada sexy, — murmurou depois e o fez rir, a tensão deixando seu corpo.

— Confie em mim, vai ficar mais sexy. — Beijando-a, obrigou-se a afastá-la. — Preparada?

— Eu quero isso feito. — Ele abraçou seu corpo. — Eu quero estar com você.

Ele inclinou-se para reativar a droga do sono novamente.

— Eu vou estar aqui esperando por você quando você acordar de novo. Ele tinha esperado quase mil anos, nada o faria mover-se de seu lado. — Durma. — Eu vou te manter a salvo.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Mahiya estava sentada no telhado da casa do Enclave que era o lar do Arcanjo Raphael e sua consorte, mal acreditando que tinha se passado uma semana desde que deixou o palácio de sua mãe. A cidade resplandecente de vidro e metal brilhante que podia ver através da água a fascinava, quase tanto como o anjo com cabelo quase branco que avançava para o telhado.

Elena pousou ao lado de Mahiya com uma alegria aberta, que a fez sorrir. — Dez pontos a propósito — disse, depois de ter jogado este mesmo jogo com ela no início da semana.

— Você está sendo gentil. Eu tive que dar um passo extra para equilibrar o pouso.

— Nove ponto três, então.

— Isso eu vou aceitar, mesmo achando que você ainda está sendo legal. — Dobrando aquelas inquietantes asas da cor da meia-noite e amanhecer, Elena se sentou. — Está esperando o Jason?

— Ele está lá dentro conversando com Raphael. — Tendo crescido com um arcanjo, Mahiya não era afetada por eles como outro anjo de sua idade poderia ser, mas nunca se esquecia que eles eram diferentes e, portanto, deviam ser tratados com precaução. — Eu vim para admirar sua cidade tão movimentada e brilhante, e ouvir a água. — O rio corria mais à frente do escarpado, e não muito longe, podíamos ver dois barcos a ponto de passar.

Estendendo um joelho, Elena enganchou seu braço ao redor dele.

— Você vai ficar?

Mahiya tinha considerado isso e descartado, Nova Iorque era uma cidade deslumbrante e bela, mas com as bordas irregulares que a oprimiam. — Acredito que eu gostaria de visitá-la. — Prová-la em pequenas doses. — Mas este não é o meu lugar.

Elena assentiu. — Não é para todos, a minha cidade, mas eu a adoro. — Pegando a besta de sua coxa esquerda, ela a colocou ao seu lado no telhado.

— Você estava caçando? — Mahiya se surpreendeu que a consorte de um arcanjo fizesse uma coisa dessas, mas também ficou espantada pela forma como Raphael olhava para Elena e como Elena olhava para o Arcanjo. A profundidade abrasadora de sua conexão era algo que ela não tinha esperado, não importa o que tinha ouvido falar de sua união.

— Não, dava uma sessão de treinamento na Academia de Caçadores. Minha vez na lista. — Ela levantou seu rosto para o vento, e se sentaram em silêncio durante quase dez minutos antes que Elena a olhasse. — Jason — disse em voz baixa, — você vai cuidar dele, certo?

Surpresa, Mahiya disse — Ele não é um homem que precisa de proteção.

— Mas — disse Elena, a incisiva cor de seus olhos cinza prateado voltados para ela, — acredito que ele precisa de você.

— *Sim.* — Mas a questão era, permitiria Jason deixá-la dar o que ele precisava, ou a evitaria, como uma criatura selvagem que era? Não era a melhor das analogias, Jason sabia os caminhos da sofisticação e

civilização tão bem como qualquer cortesão masculino. Entretanto, ele não era um *deles*, parte dele ainda era aquele menino solitário sozinho no meio de um oceano. — Sinto coisas por ele — sussurrou — que me aterrorizam.

— Bom — disse Elena dando de ombros. — Você nunca entraria em nosso clube de outra forma.

Ela piscou para a declaração surpreendente. — O quê?

— É para aqueles de nós que são loucas o suficiente para se apaixonar por homens tão fodões, que mulheres mais sensíveis correriam gritando. Você já superou Honor como a mais nova membro. — Elena sorriu. — Eu vou te ensinar o aperto de mão secreto.

Mahiya riu, e foi o tipo de riso que era compartilhado como amiga. Elena era a consorte de um arcanjo, tinha acesso ao poder além da imaginação. Ela não tinha necessidade de cultivar um relacionamento com Mahiya, no entanto Mahiya sabia por que fazia isso. Não só por causa de sua bondade inerente que a fazia se sentir bem-vinda, desde o início, mas porque Jason era um dos "seus".

Mahiya não se importou de ser adotada por uma família assim. Havia alegria aqui, lealdade, e o melhor de tudo, ninguém queria usá-la como um peão em um jogo político. Oh, ela não tinha dúvidas sobre os instintos de Raphael, mas também sabia que ele iria tratá-la com a cortesia devida à amante de um dos seus Sete.

Só que ela não tinha certeza se era esta amante, que seu espião não estava apenas esperando ela encontrar suas asas. *Não vá, Jason.* Palavras que ela nunca disse, correntes que ela nunca envolveria em torno

dele, mas oh, doía pensar que nunca mais sentiria o calor duro de seu toque, nunca mais veria o fogo preto selvagem nos olhos do marrom mais profundo.

Saindo de seu estúdio ao lado de Jason, Raphael foi para a beira do precipício.

— *Olá, Arcanjo.*

Seus lábios se curvaram. — *Olá, hbeebti.* — Olhando por cima do ombro, ele viu sua companheira sentada no telhado com a princesa que Jason havia trazido para casa. As mulheres tinham os rostos voltados uma para a outra, o cabelo de Elena uma chama branca, a seda ébano de Mahiya recolhida perfeitamente em um coque na nuca.

Se alguma vez tivesse considerado a mulher que chegaria a passar pelos escudos de Jason, não teria sido esta elegante princesa da terra de Neha, com sua cortesia impecável e uma personalidade que parecia um espelho sereno sem profundidade. E, entretanto... Jason era seu chefe de espiões, hábil ao ver por trás de escudos e além das defesas. — *O que você acha da princesa de Jason?* — Perguntou a sua consorte.

— *Que ela tem uma vontade de ferro, que ama o Jason com todo seu coração, e que há muito mais nela do que nenhum de nós jamais saberá,* — disse enquanto sua atenção se voltava para Jason. — *Nada estranho nisso. Somente você conhece todas as peças sobre mim.*

Como Elena conhecia as dele, pensou enquanto ele e Jason se detiveram na encosta sobre o rio Hudson. Tantas conversas que tinha tido com seu chefe de espiões neste mesmo lugar, Jason não gostava de ser

confinado quando podia estar sob o céu.

— A Princesa — disse, — tem um santuário aqui tanto tempo quanto ela precisar.

— Obrigada, Sire, mas eu acho que ela pode viver em segurança no mundo inteiro. — Jason arrumou suas asas. — Ela terá que ser cuidadosa, mas sou da crença que as ameaças à parte, Neha é orgulhosa demais para quebrar sua palavra. Quanto à mãe da Mahiya, é uma relação que ela sozinha pode aprender a navegar.

Raphael estava de acordo com Jason sobre Neha. A arcanjo não era impulsiva como Michaela, a honra significava muito para ela, algo que ela própria vigiava. — A princesa tem um lugar para ir?

— Sim.

Raphael deixou que a brisa roçasse seu rosto, tecesse seus dedos através de seu cabelo, e esperou, sabendo que Jason tinha algo mais a dizer.

— Sire. — Jason continuou olhando para fora, em direção a Manhattan, seu tom calmo. — Eu te libero da sua promessa.

Raphael tinha vivido um milênio e meio, tendo lembranças fortes e fracas. Lembrava-se do dia exato em que cada um dos seus Sete tinha jurado fidelidade, Jason tinha sido tão jovem, e, entretanto, tinha sido uma força contida que tinha falado a Raphael. Ele tinha sabido que o menino se transformaria em homem de aço temperado. E ele sabia que o aço tinha uma falha fatal.

— *Tudo que eu peço é uma promessa pelo meu serviço.* — Palavras que Jason havia dito, sua pele lisa, nua das marcas que começariam a

aparecer em outra década. — *Eu não fui... formado corretamente. Parte de mim está prejudicada e pode um dia se quebrar. Quando ocorrer, peço-te que me execute antes de me deixar corroendo de dentro para fora.*

Raphael nunca tinha perguntado a Jason sobre seu passado, mas tinha juntado as peças, e entendeu que seu chefe de espões tinha sobrevivido a uma infância que o teria deixado muito quebrado para funcionar, e que tinha cicatrizes que nunca se apagariam. Cicatrizes... e fraturas. Assim fez essa promessa, e tinha esperado nunca mantê-la.

Agora, um vento fresco lhe beijou a pele, o sangue, o peso da promessa levantando-se de seus ombros. — Estou feliz por isso, Jason.

Ele continuou olhando por cima da água, e justamente quando Raphael pensou que Jason poderia falar de novo, ele deu um aceno quase imperceptível e não disse nada. Raphael não sabia se Jason tinha encontrado algum tipo de paz no passado, ou que a paz era apenas um vislumbre no horizonte, mas esperava que o anjo de asas negras nunca tivesse motivos para buscar tal promessa dele.

Porque mesmo um arcanjo poderia chorar.

Mahiya estava na estufa de Elena, olhando com admiração para as flores amarelas luxuriantes de uma planta com folhas verdes amplas da primavera, quando a porta se abriu. Não precisava se virar para saber quem estava de pé na soleira da porta, sua pele parecia suspirar na presença dele, sua necessidade por ele um pulso profundo que não a tinha tocado desde antes da batalha.

— Acredito que este é meu lugar favorito em toda esta terra que vi

até agora. — Tudo florescia com vida aqui, e não havia aspectos ocultos e tampouco políticas sutis.

— Você pode ter um jardim agora, se quiser.

Seu sorriso explodiu. — Sim, eu posso, né? — Era um pensamento maravilhoso, e um que colocaria em prática logo que encontrasse um lugar chamado lar. — *Sua oferta de empréstimo ainda está em aberto?* — Embora ele tivesse estado fisicamente afastado, ela não tinha perdido a esperança, porque ele nunca a tinha excluído de sua mente desde o dia em que foi autorizada a entrar.

— *É claro* — Tenho uma casa que pode satisfazê-la até que você decida o contrário — acrescentou logo após a sua confirmação mental.

Virando-se, encostou-se na bancada onde estava a vasilha com as flores amarelas, a planta à espera de ser transplantada para o vaso maior ao lado. Jason estava na porta, suas asas acariciadas por uma videira verde que se derramava de uma cesta suspensa. Ele devia se sentir muito fora de seu habitat, muito escuro para este lugar, mas de alguma forma, ele se encaixava.

Selvagem, ela pensou, ele é uma coisa tão selvagem como estas plantas. Eles estavam apenas temporariamente domados pelo efeito da estufa, sem isso, ele iria se expandir e se propagar até que as paredes de vidro ficassem um mar de verde. Jason, também, só era domesticado quando desejava ser, uma tempestade mantida ferozmente controlada.

— A casa está vazia? — Perguntou a este mistério convincente que era este homem que tinha jurado uma vez um voto de sangue a ela. Não... espere. — Jason, quem termina um voto de sangue? — Sua tarefa tinha

sido por Neha, mas foi pelo sangue de Mahiya que o voto foi feito.

Ele ficou tão quieto que quase podia acreditar que não estava mais aqui. — Por parte de quem ele é feito.

— OH, não sabia. Então eu libero você. — Eu não o queria preso a mim por uma ligação forçada de qualquer tipo. — Isso é tudo que eu preciso dizer para liberá-lo?

— Sim. — Sua quietude não diminuiu. — Os guardas sozinhos moram na propriedade, — disse, respondendo a sua pergunta anterior. — Vampiros de confiança recomendados a mim por Dmitri—eles gostariam de ver a casa ganhar vida novamente. Eles preferem morar em um lugar separado, mas é uma questão de segundos a pé.

— A propriedade, está perto daqui? — A cidade brilhando do outro lado do Enclave não era adequada para ela, mas não queria estar tão longe daqui que não pudesse cuidar das recentes amizades que tinha feito, com a Elena, com um vampiro chamado Miri que trabalha na Torre, mas que tinha estado na casa do Enclave várias vezes a semana passada. Para uma mulher que nunca tinha sido livre para ter amigos, esses eram preciosos presentes.

— Três horas de vôo a um ritmo médio, noventa minutos se você se esforçar — disse Jason. — É uma propriedade grande o suficiente para que ninguém seja capaz de chegar até você, sem violar o sistema de segurança, mas não tão isolada para que precise ficar sempre sozinha, se quiser companhia.

Parecia perfeito, mas não tinha esperado menos do melhor chefe de espiões do Cadre, o homem que conhecia as pessoas melhor do que elas

conheciam a si mesmas. Mas Jason conhecia a si mesmo? Com os lábios curvados, cruzou a distância até ele, pôs suas mãos contra seu peito, insegura de si mesma e dele neste novo lugar, mas não querendo desistir do pedido que ela havia feito.

Seus braços a rodearam sem vacilar, sem hesitação, colocando seus dedos na parte inferior das suas costas. — Quer ver a casa?

— Sim. — Era tão bom estar perto dele novamente. — Eu estou ficando mais e mais em dívida com você.

— Isto não é dívida, Mahiya. — Sua mão se moveu em um círculo suave em suas costas. — Não entre nós.

Seu coração deu um chute, e queria arrancar suas palavras e forçá-lo a explicar-se, mas tais demandas nunca funcionariam com este homem.

— Não — ela disse, — você deve de alguma forma me permitir pagar até que eu tenha fundos para liquidar o empréstimo. — Ela empurrou seu peito o suficiente para que pudesse olhar no rosto dele. — Minha casa vai ser sua, pelo tempo que você quiser que ela seja.

Um lampejo de seus olhos, mas sua resposta foi uma quieta inclinação de sua cabeça, uma aceitação.

A malícia nela, nascida da mesma vontade que tinha mantido sua personalidade todos estes anos, acordou depois de toda uma vida de moderação. — Já que eu não terei dinheiro suficiente para pagar o meu empréstimo por anos, talvez eu implore a sua indulgência com favores sexuais.

A escuridão nublava seu rosto, sua mão caindo deixando-a

despojada. — Eu não te pediria uma coisa dessas.

Rindo, ela pegou o rosto dele. — Jason, estou brincando. — Ela nunca tinha iniciado um beijo, mas encorajada pela forma como ele a havia tocado novamente, ela fez agora, bebendo e saboreando aqueles lábios firmes e bonitos até que ele a abraçou novamente. — Qualquer sensualidade que eu compartilhe com você é dada livremente, e sempre será.

Ele a puxou para mais perto de seu corpo com a mão que estava em suas costas, a mão livre levantou seu queixo exatamente como ele gostava, e em seguida, assumiu o controle do beijo, acariciando a língua dela com a sua em uma carícia que a fez dobrar os dedos, o fogo negro dele uma coisa escura e bela. — *Você não deve tirar sarro de mim, Mahiya.*

— *Alguém deve.* — Com o coração batendo loucamente diante da perfeição pecaminosa dele, ela colocou seu pé entre suas botas em um esforço para se aproximar e fazer uma pergunta que se sentia muito tímida para fazer em voz alta. — *Esta propriedade é suficientemente isolada para que possamos dançar?*

Um tremor fino percorreu a poderosa estrutura de Jason.

— *Não. Mas conheço um lugar que é.*

— *Bom.* — Porque ela queria dançar com esse espião a dança erótica sensual dos amantes angélicos que fazia parte do cortejo, parte de um teste de força e habilidade e — se feita corretamente — muito prazer. Ela nunca tinha confiado em alguém o suficiente para compartilhar dessa maneira. — *Mal posso esperar para entrelaçar asas contigo, Jason.*

Quebrando o beijo e com um toque de cor em suas bochechas,

Jason disse — Eu criei contas em seu nome e transferei os recursos que precisará para conseguir caminhar com seus pés. — Seu tom se achava despojado de ternura... mas continuou pressionando-a contra ele, suas asas curvadas em uma protetora demonstração ao seu redor até que tudo o que viu fosse o exuberante preto. — A dívida não é devida até se sentir em condições de pagar, a uma taxa de zero por cento.

— Jason! — Rindo, apertei as mãos contra o peito dele. — Este empréstimo é o mais terrível que eu já ouvi—você vai perder em cada conta.

A expressão de Jason era solene. — Não, eu não vou. Porque por mais que tenha uma dívida, eu vou ter um lar.

Tudo nela ficou em silêncio, inclusive seu pulso, até o tempo se deteve. — Então — sussurrou em uma voz rouca de amor. — É uma dívida que nunca te pagarei.

Antes que ele tivesse falado, antes que ela tivesse entendido a profundidade de sua necessidade, teria insistido em lhe pagar o empréstimo até o último centavo como sinal de sua independência. Agora sabia que isto não era sobre dinheiro ou sobre controlá-la. Jason tinha tido séculos para acumular riqueza. Isso significava nada para ele além da praticidade.

Mas, um lar?

Isso, ele não tinha tido desde que enterrou a sua mãe. Tampouco ela tinha tido, a fortaleza não era um lugar seguro para ela. Assim compreendeu o que significava para ele ter um lar, entendia também, que ele precisava do vínculo inequívoco criado pela dívida.

Um dia, ela pensou, ele não precisaria desse vínculo mais, viria a aceitar que sempre seria bem-vindo no lugar que era o lar *deles*. Então, ririam de sua dívida vencida, e talvez ela zombasse de seu anjo com asas negras por permitir a uma ingênua princesa amarrá-lo a essa terrível aliança.

Até lá, ela só o amaria. — Vamos para casa.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

A propriedade que Jason a levou tinha uma vasta extensão de vegetação interrompida por explosões selvagens de cor, a casa de pedra cinza estava rodeada de jardins que tinham crescido de forma selvagem, os guardiões tendo muito a fazer para cuidar das plantas.

— Oh! — Encantada ela tocou com os dedos uma rosa âmbar beijada pelo orvalho que florescia desafiante sem levar em conta a temporada. — Isso é maravilhoso! — Ela poderia começar a imaginar a sua nova vida aqui. — Oh, Jason, a casa é perfeita. — Não era um grande palácio ou mansão, era um prédio de dois andares projetado para ser uma casa, as pedras quentes brilhavam no sol da tarde preguiçosa.

A residência dos guardiões, criada da mesma pedra preciosa, estava em um ângulo reto com a casa. — Eu tenho que ver tudo!

Jason não sorriu, ninguém poderia ter visto, mas ela sentiu sua alegria enquanto ele a seguia pelo caminho e caminhava sem pressa enquanto ela explorava os jardins. Até agora, ela não sabia o que ia fazer com sua liberdade —embora tivesse algumas idéias, entusiasmo borbulhava em suas veias pelas infinitas possibilidades.

Virando-se para Jason, ela admitiu um segredo — Eu sempre amei os cavalos que Neha possuía.

Os anjos não poderiam confortavelmente montar a cavalo, tudo que podiam fazer era admirar os belos e fortes animais, e não mantinham apenas para os vampiros que tinham sob seu comando, gostavam deles

como animais de estimação, para uso em corridas organizadas contra outros imortais. Mahiya havia estudado o assunto por muitos anos e já que Neha tirou a égua que ela tinha acreditado ser dela, a única coisa que o arcanjo não tinha invejado era sua capacidade de aprender.

— Talvez quando eu me instalar, eu poderia construir alguns estábulos. — Ela teria que começar pouco a pouco, transformar-se em uma estudante de novo. — Quando eu aprender mais, poderia tentar criá-los, mas até então, eu poderia me oferecer para cuidar dos cavalos dos vampiros e anjos que não têm lugar para os seus animais nas cidades próximas. — Os imortais deveriam ficar receosos em confiar seus cavalos a mortais, tão injusto quando deveria ser. — Conhece qualquer outra pessoa que ofereça esse serviço?

— Não.

— Bom. — Ser cuidadora de animais não é uma posição exaltada pelos de sua espécie, mas que necessidade tinha de tal coisa? Não, ela só queria viver uma vida cheia de alegria. Apertou o braço de Jason. — Será um início glorioso para uma eternidade que eu mal posso esperar para viver. — Com este homem que fazia pulsar seu coração e o futuro parecia uma promessa deslumbrante.

Tomando sua mão, Jason levou-a de volta para a parte de trás da casa, através das relvas do jardim relativamente baixo... e além dos estábulos. Estábulos que tinham sido limpos e reparados até que eles estivessem prontos e esperando seu uso. Lágrimas ardiam em seus olhos.

— *Vou ter que trabalhar muito duro para te surpreender, espião mestre.*

— *Você me surpreende todos os dias.*

De alguma forma, ela sabia que era o amor dela que o surpreendia, que ele não esperava, não entendia completamente. Engolindo as lágrimas, ela levantou suas mãos unidas e esfregou sua bochecha contra a parte de trás da dele. — *Você vai ficar?*

— *Sim.*

Embora os guardiões, vampiros de seiscentos anos de idade, fossem reservados em sua alegria, seu deleite por terem a casa transformada em um lar era claro. Jason olhou como Mahiya ganhava sua lealdade com sua tranquilidade e coração aberto, e ele sabia que o perigoso par, treinado em alto nível ofensivo e defensivo, iria vigiá-la quando estivesse ausente. Porque um chefe de espiões nem sempre podia estar em um único lugar, e se perguntou se Mahiya entenderia.

Essa, entretanto, era uma pergunta para outro dia. Essa noite, ele jantou com uma princesa que parecia não ver nenhuma falta nele e que entendia as palavras que ele não podia, não falava. Depois de ter dado aos guardiões a noite livre, ele e Mahiya brincavam na cozinha como crianças... Até que beijou a nuca dessa mulher que o olhava com amor tão brilhante, ele quase podia acreditar que não terminaria em dor. Ela estremeceu, o corpo dela fundindo-se ao dele.

Sabendo que Mahiya não se sentiria confortável fora das portas fechadas do quarto deles, e era quarto *deles* — ela tinha deixado claro silenciosamente movendo a pequena bagagem dele da outra suíte — beijou-a de novo antes de conduzi-la pelas escadas e para o interior do quarto. Os guardiões tinham fechado as cortinas antes de partirem, mas

as estrelas brilhavam através da clarabóia.

Ele fechou a porta atrás dele e ficou em seu lugar. — Você vai fazer isso?

Seu rosto corou e ela abaixou a cabeça, antes de caminhar para a penteadeira e deslizar os braceletes de cristal verde jade com detalhes de ouro que tinha comprado para ela na mesma loja onde tinha comprado vários conjuntos de roupa nova, porque ela havia chegado à Nova Iorque sem nada mais que do que usava. Ele se esqueceu de pegar a bolsa dela do templo onde a tinha deixado cair, ele estava tão desesperado para chegar até ela, e certificar-se que ela estava segura.

Com os braceletes tilintando em seu pulso, ela retirou as simples argolas de ouro das orelhas. Com uma respiração lenta e profunda ela se afastou do espelho, ele foi até ela e estendeu a mão para desfazer os botões na parte superior de suas asas, era uma simples túnica de puro preto enfeitado com bordado verde e prata ao longo da gola mandarim. Enquanto ele a observava com uma possessividade tranqüila que se formou até que uma fome primitiva partiu de dentro, ela tirou a túnica, mesmo quando ela se voltou novamente para desfazer o cabelo para criar uma cortina de ébano.

Suas elegantes pernas ficaram visíveis quando ela retirou a calça moderna e despojada de um verde intenso e profundo. Ele se endireitou em toda sua altura, colocando o cabelo dela sobre o ombro esquerdo em um movimento que enviou uma onda de cor na pele dela... e ele viu que ela tinha retirado a última peça frágil de roupa quando ela retirou as calças, a beleza evocativa de suas asas era sua única proteção.

Com a respiração irregular e o corpo rígido, ele fechou a distância entre eles para passar uma mão pela linha central das costas e ao redor de seu quadril e deslocar para seu umbigo. Quando ela sussurrou seu nome, ele deu um beijo na batida rápida de sua garganta. — *Obrigado, princesa.*

Erguendo-a em seus braços com seu suspiro suave, levou-a para a cama e deitou-a de costas, com as asas estendidas em uma magnífica exibição. Os olhos dela deslizaram para longe, vermelho quente polvilhando as maçãs do rosto, mas embora tivesse os punhos das mãos nos lençóis, não tentou cobrir-se. E quando ele começou a desabotoar os botões de sua camisa, seus olhos voltaram a olhá-lo com uma antecipação que era uma carícia através de seus sentidos.

No momento em que ele cobriu o corpo dela com o seu, a necessidade dentro dele tinha um desejo que pulsava em cada centímetro de sua pele. Empurrando suas coxas, instalou-se entre os membros de seda que deslizaram ao seu redor para bloquear suas costas, uma prisão doce e quente e da qual não tinha nenhum desejo de escapar. Ele sentiu a maciez dela em seu pênis quando ela se arqueou para ele, rangeu os dentes contra o desejo de vir para ela. Não importa o quanto queria selar a união entre eles neste novo lugar com um ato íntimo e honesto, ele não a machucaria. — *Mahiya?*

— *Estou pronta.* — Ela abriu-se ao seu beijo sem nenhuma dúvida.
— *Vem para dentro de mim, Jason. Eu sinto sua falta.*

Tremendo de uma fome tão profunda que era dolorosa, ele começou o lento e delicioso deslizar em seu corpo. A coluna dela

arqueada, o prazer dela uma corrente viva que queimava em cada centímetro dele, as mãos dela agarrando seus braços, suas pernas mantendo-o cativo.

— *Oh!*

Ele se enterrou até o fim dentro dela enquanto seu grito apaixonado reverberou através de seus ossos, a boca dele demandando a dela. Ela deu a ele tudo o que ele pediu, e fez suas próprias reivindicações, por sua vez, as reivindicações femininas sutis que um homem tem que prestar muita atenção para ouvir, sentir, e que deu a Jason um prazer violento em atender.

Passando sua mão pelas curvas de seu corpo em uma carícia, tomou a parte posterior de sua coxa elegante e se balançou contra ela, tirando uma polegada antes de empurrar de volta para dentro. Ela rompeu o beijo para aspirar uma baforada de ar, com a cabeça girando sobre o travesseiro enquanto seu corpo ondulava em perfeito ritmo com o seu, como se tivessem estado sempre destinados a serem amantes.

Quando ele pegou com os dedos uma porção de cabelos e retomou sua boca, suas mãos deslizavam sobre seu pescoço para fechar acima dos arcos sensíveis de suas asas uma carícia que a fez gemer, sua língua duelando com a dele. Ele puxou-a mais pra si, seus seios esfregando-se contra o peito dele em uma doce tentação.

Quebrando o beijo, ele se levantou sobre um cotovelo e agarrou um dos montículos sensíveis. — *Você está além da beleza.*

— Acontece que eu acho que eu não sou a bonita nessa cama, meu amante selvagem — ela disse sem fôlego.

Ele sustentou o olhar brilhante de gato, esfregou seu mamilo e provou mais uma vez aqueles lábios que moldaram essas doces palavras.

Palavras que o transformaram, marcaram e o reclamaram. Jason deixou a confusão, marcando a reivindicação. Pela primeira vez em sua vida desde que ele enterrou sua mãe e destruiu o que restava de seu pai, deixou-se pertencer a alguém.

Então ele a amou

— Não posso criar luz — disse Jason para Mahiya mais tarde enquanto estava deitado de costas com a mão nas costas dela e ela espalhada possessivamente sobre ele. — Apenas o fogo negro.

Franzindo a testa, Mahiya se empurrou para cima da seda que era seu peito musculoso para olhar para ele. — Claro que você pode, iluminou os túneis.

Um longo olhar firme.

Sua boca se abriu — Eu? Foi eu?

— Você é muito forte, Mahiya Geet, e essa força só vai crescer. Você deve trabalhar em aprender todos os aspectos do seu poder.

Surpresa e feliz, ela sentou-se de pernas cruzadas ao lado dele, com os cabelos cobrindo os seus seios. — Você vai me ajudar? — Era tão fácil pedir a ele — ela sabia que ele nunca iria tentar lhe ferir ou humilhar.

— Sim — ele disse, colocando sua mão em suas costas de novo, forte e quente. — E quando eu não estiver aqui, eu vou pedir aos outros dos Sete que venham tão frequentemente quanto eles possam, para que

seu desenvolvimento não sofra. Raphael também está apto a tomar para si e verificar o seu progresso.

Isso, ela não esperava, mas então, Raphael e Jason tinham uma relação diferente de qualquer outra que Neha tinha com seus cortesãos e conselheiros. — Acho que vou ter que me acostumar a ter os visitantes mais poderosos por aqui. — Borboletas no estômago, nascidas da felicidade e não da preocupação.

— Depois que eu tenha tido tempo de instalar-me — disse ela, — e que Dmitri tenha voltado com sua esposa, nós deveríamos convidar nossos amigos para jantar. — Ela bem pensava que gostaria de fazer tais coisas, gostaria de ter sua casa cheia da risada dos amigos que eram sua família. — Elena iria apreciar os jardins.

Jason moveu a mão para brincar com fios de seu cabelo, seus dedos acariciando a ponta do seu seio a cada passagem. — Vamos ter que ter dois jantares deste tipo — murmurou, continuando as carícias que lhe davam um prazer indolente através de suas veias. — Eles todos não podem ficar fora da cidade ao mesmo tempo.

— Eu sei disso — disse ela com uma risada, porque ambos sabiam que não o tinha considerado. — Há tanta coisa que eu tenho que aprender e explorar Jason. — A excitação borbulhava como champagne em seu sangue.

Ele subiu sobre ela enquanto ela se deixava cair sobre a cama, Jason empurrou o lençol gentilmente para sua cintura, os dedos dele fazendo um desenho de redemoinho em seu quadril que estremecia. — Se em algum momento você decidir — disse silenciosamente, — que pretende

explorar outro...

Ela pressionou os dedos sobre seus lábios, segurando seu olhar escuro. — Eu posso ter ficado presa na fortaleza, mas não isolada do mundo. Milhares de vampiros e anjos de todas as idades e níveis de poder passaram por lá nos anos de minha existência. *Nenhum* falou ao meu coração. — Movendo a mão, tomou seu rosto. — Eu sei quem é o homem com quem quero crescer, com quem quero explorar o mundo. Você. Só você. — Ela não tinha equívocos sobre este ponto. — E eu planejo seduzi-lo tão completamente, que você se tornará meu fiel escravo.

Os lábios de Jason se curvaram no mais sutil dos sorrisos, e foi um chute no seu coração, um tesouro inestimável. — *Quem disse que eu já não sou seu escravo, princesa?* — Amorosa diversão em sua mente. — *Afinal de contas, aqui estou eu, meu corpo devastado pela sua paixão.*

Rindo baixinho com prazer do fato de que seu espião estava tirando sarro dela em troca, estendeu a mão para traçar o negro redemoinho de uma tatuagem que falava de terras de areia branca e mar azul, palmeiras balançando na brisa enquanto gaivotas lutavam acima e peixes brilhantes como jóias se lançavam nas águas pouco profundas. — Você vai me contar a história disso, um dia? — Perguntou em um sussurro íntimo entre amantes enquanto se acomodava entre suas coxas mais uma vez, o seu peso descansando em seus antebraços.

— Foi para me recordar que estava vivo — disse, as palavras austeras. — Me sentia tão pouco parte do mundo às vezes que não estava seguro de que não era uma sombra na verdade, um fantasma que não tinha nenhum impacto, não tinha lugar. A dor, e a marca indelével dessa

dor, disse-me que eu vivia, que era uma pessoa.

Irritação e tristeza se retorciam em seu interior, mas ao invés de escuridão, ela lhe deu um sorriso. — Bem — disse, esfregando o pé na sua panturrilha, — da próxima vez que você quiser se sentir vivo... Chegue em casa e me arraste para o quarto. — Ela aninhou-se em seu pescoço, corando. — *Eu não posso acreditar que eu disse isso. Sério, eu estou ficando uma descarada no que se refere a você. É muito perturbador.*

Inclinando a cabeça, seu cabelo deslizando pelo seu rosto e seu corpo deslizando no dela, Jason disse, — *Eu não vou contar,* — sua risada silenciosa era mais preciosa para ela que um milhão de pedras preciosas esculpidas.

EPÍLOGO

Mahiya sempre soube que Jason teria que partir —o chefe dos espiões não podia permanecer em um só lugar. Embora ele tenha feito muito bem tendo informação nas últimas duas semanas em que tinham ficando juntos enquanto se estabeleciam em seu lar.

— Neha e Nivriti parecem que continuarão a trégua por mais algum tempo — ele a havia dito uma semana atrás. — É impossível prever o que cada uma vai fazer... sua batalha é única.

— Sim. — Mahiya tinha visto o amor por trás do ódio, visto a necessidade de estar junto atrás da necessidade de aniquilar. — Eu me pergunto se no fundo, elas não querem matar uma a outra, se é por isso que elas terminaram feridas, mas com vida.

— Sim.

Agora, sete dias depois dessa conversa, seu amante estava ali de pé, esperando para partir a lugares desconhecidos por quantos dias, ela não sabia.

— Pode ser que não seja capaz de entrar em contato com você todos os dias — disse o homem que a acordou esta manhã com um beijo enterrado abaixo do aço obsidiana do espião. — Mas vou tentar entrar em contato com você o mais frequente que eu puder... e se você não puder entrar em contato comigo, ligue para o Raphael ou qualquer um dos Sete. Ou se você achar mais confortável conversar com uma mulher, Elena e

Jessamy serão capazes de encontrar qualquer informação relevante.

Este homem, pensou enquanto ele falava, nunca diria que a amava, nunca lhe daria flores e um bom romance. Nem sequer admitiria diante dela ou admitiria para si mesmo que ele se importava de uma forma que não era apenas uma conexão sensual, se não um vínculo emocional que fazia com que seu peito doesse.

Mas ela precisa de palavras e lisonjas? Ela cresceu cercada por mentiras e ilusões, sussurros e insinuações, milhares de intrigas e romances de uma corte. Eris disse a Neha que a amava várias vezes e tinha dito a Nivriti a mesma coisa.

Não, as palavras não importavam a Mahiya, nunca importariam.

— Eu sei — disse em resposta as instruções de Jason. — Eu tenho todos os números. — Colocando as mãos em seus ombros, ficou na ponta dos pés para reivindicar um beijo que a manteria até seu retorno. — Vou sentir saudades na sua ausência — ela sussurrou contra seus lábios depois de um tempo. — E se você não se cuidar, eu me incomodarei muito.

Seus dedos espalhados em suas costas, com a cabeça encostada na dela. — Vou voltar para casa o mais rápido possível.

As lágrimas obstruíram sua garganta ao notar que ele aceitava que este era seu lar agora, seu refúgio. Dando um passo atrás, entrelaçou seus dedos com os dele. — Caminharei contigo até a borda da minha colina. — Era uma brincadeira, esse monte de terra merecia um nome, mas ela insistiu em chamá-lo assim, até que ela acordou há dois dias para encontrar uma placa de madeira esculpida com cuidado, proclamando ser

“A Colina de Mahiya”.

Isso a fez sorrir e ficar incrivelmente apaixonada cada vez que a via.

A asa de Jason roçou a sua enquanto andavam pelos jardins, rosas selvagens aromatizando o ar com sua fragrância sensual, o calor do sol em seu rosto. Sua mãe vivia e era uma criatura letal que ela não entendia completamente. Neha ainda podia mergulhar a sua região em guerra. Lijuan começava a ressurgir novamente, e a sombra da escuridão se via no horizonte.

E, no entanto, este momento era perfeito.

A beira da pequena colina chegou muito cedo, e os dedos de Jason deixaram os dela. Nenhum dos dois falou enquanto ele estendia suas asas e partia, suas plumas resplandeceram contra a luz do sol, sua força era magnífica. Em vez de levantar-se acima das nuvens, como sempre fazia, ele fez uma grande varredura sobre ela... e então ela ouviu.

Uma voz tão pura, que não combinava. Tão serena e delicada que as aves ficaram em silêncio e o vento suspirou, tornando-se seu escravo. Seu coração se rompeu, uma dor tão profunda atravessou-a que não tinha começo nem fim. Ela não sabia que tinha caído de joelhos chorando, até que sentiu a água salgada entrando em sua boca.

“As únicas canções de meu coração foram as que fizeram o Refúgio afogar-se em lágrimas. Então eu parei de cantar”.

Esta canção não era para o Refúgio. Era para Mahiya. E as lágrimas que derramou não eram de tristeza. Porque ela estava errada. Sua tempestade selvagem disse a ela que ele a amava, a alegria de sua

música selou ela como indelevelmente dele.

— *Eu estarei em casa em breve, princesa.*

Fim